CARRILHÕES ALEMÃES SOM CATEDRAL 3 MUSICAS LUIZ XV, COLONIAL OU QUALQUER MODELO. DIRETO AO CLIENTE.

«Almeida»

RUA ANTONIO DE BARROS, 268 — TATUAPÉ

4-6-74

City

Co

O
Municíp
moverá, a
bro próxim
Extraordinário
de Contas do E
gresso da Indepe
cujo presidente de
o presidente da R
general Emílio Garrasta
dici. O conclave conta co
apoio do prefeito Figueiredo
Ferraz e dos secretários de
Turismo do Estado e Município, Pedro de Magalhães Padilha e Edenyr Machado. Os Tribunais de Contas promoverão, após debates, uma "Declaração de Princípios", cujo teor será conhecido na sessão solene de encerramento. A solenidade de instalação do congresso será realizada no dia 4 de setembro, às 14h30, no Palácio das Convenções do Parque Anhembi.

cia
hipe
talações
novo es
mercial esta
praça Monsen
ros e na inaugu
cada para as 9 hora
rão presentes autoridad
vis, militares e eclesiás
além de numerosos convidados.

CASA LEVY DE PIANOS

FUNDADA EM 1860

Pianos nacionais das melhores marcas Fritz Dobbert, Essenfelder, Halben e Schalter

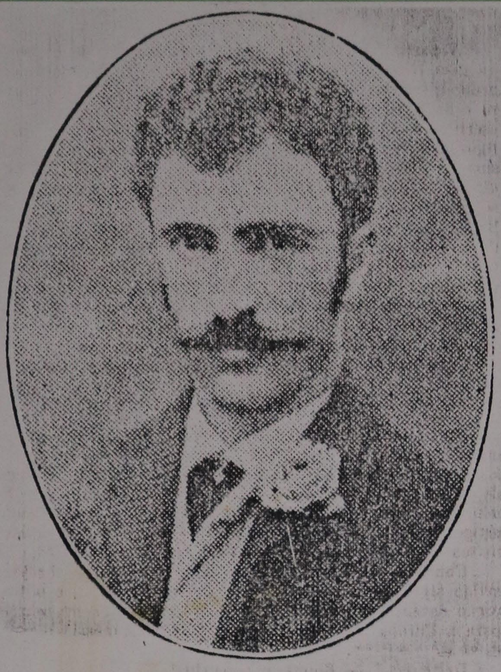
Preços a partir de Cr$ 3.200,00 ou c/financiamento até 24 meses

Temos variado estoque de pianos usados por preços de verdadeira ocasião
Mantemos oficina especializada em reparos e reforma geral.
E para sua maior comodidade permanecemos aberto as terças e quintas-feiras até às 22 horas.

Rua da Consolação, 381 - Tels.: 256-1731 e 256-3715

City

HILCO ORBITER
Mod. B-18. (23").
Circuito espacial.
A maior área de visão em TV.
APENAS 54,50 mensais igua
SEM ENTRADA
AS DO BAÚ DA FELICIDADE
um amor de crediário



Levy, o aristocrata

Scriabin, o misterioso

1872
A-42

Scriabin e Levy, duas expressões artísticas

CALDEIRA FILHO

Cabelos para trás, testa alta descendo para olhos expressivos bem separados, bigodes generosos cujas pontas encurvadas para cima rimavam com o bico de uma pera aristocratica, arde distinção e nobreza — tal era a impressão que causava Scriabin, segundo retrato da maturidade.

Nasceu em Moscou a 6 de janeiro de 1872. Estamos pois no ano de seu centenário. Devido a ter ficado orfão de mãe, e à ausencia frequente do pai diplomata, foi criado por uma tia, com excessiva proteção e mimo. Não teve convivencia com outras crianças. Passados os anos, veio a sentir-se uma personalidade frustrada, cheia de terrores, ultra emotiva, se não neurotica. Estudou no Conservatorio de Moscou, onde foi aluno de piano e composição de Zvereff, Tanieff e Arensky. Teve a proteção do editor Belaieff (1836-1904) que lhe publicou as obras, e de Kussevitzky (1874-1951) que o apoiou incluindo-lhe as peças em seus programas. Em 1914, quando planejava novas atividades, adoeceu para morrer a 27 de abril desse ano.

PERSONALIDADE

Seu espirito era poetico e mistico, interiormente exacerbado, imbuido de ideias espiritualistas e teosoficas, que chegaram para ele a ser uma obsessão. Era especulativo também. Pretendia reunir em um sistema unico e inedito elementos artisticos, sociais, filosoficos e religiosos mediante a associação das várias artes — e odores inclusive. Para tanto, idealizou uma obra complexa, que ele chamava *Misterio*, especie de resumo da historia da humanidade, de que ficou, entretanto, uma Introdução apenas esboçada.

O CRIADOR

As obras de sua primeira fase, a juventude, são romanticas, chopinianas principalmente, e tradicionalistas. Para expressão de suas ideias procurou criar sua propria linguagem sonora, a qual caracteriza a fase definitiva. Inventou novos agregados de sons, abandonou a tradicional estruturação de acordes por intervalos de 3ªs. (como *do-mi-sol-si bemol*) e a substituiu por uma superposição de 4ªs. (*do, fá sustenido, si bemol*). Criou assim o famoso *acorde mistico*, superposição de seis intervalos de 4ª, base harmonica da 5ª *Sinfonia*, intitulada (*Prometeu — O Poema do fogo*, e da 7ª *Sonata* para piano. Tentou a associação da cor na sinfonia citada, sua última obra orquestral (1909-1910) mediante o uso de um teclado luminoso, que projetava em uma tela cores correspondentes aos sons da musica em execução. A unica apresentação da peça com esse teclado deu-se em Nova York, mas os resultados fizeram que o expediente fosse abandonado.

PRODUÇÃO

A produção de Scriabin compreende principalmente *Concerto* para piano e orquestra; cinco *Sinfonias*, das quais a 3ª e a 4ª levam os titulos *O Poema Divino* e *O Poema do Extase*; numerosa produção para piano, entre *Sonatas*, *Noturnos*, *Valsas*, muitas outras peças e ainda a parte de piano da *Sinfonia n. 5*, publicada separadamente em arranjo para dois pianos sob o titulo *Prometeu*.

O conteudo idealista de algumas obras foi fixado em resumos literários, o que fez delas peças com programa ou poemas sonoros. De modo geral, a produção de Scriabin valeu como contribuição para o abandono do atonalismo, embora absorvida depois pela contribuição bem maior de Debussy, dos dodecafonistas, de Messiaen e, sem duvida, de Strawinsky.

UM ARISTOCRATA

Alexandre Levy foi um aristocrata da música, de alta linhagem artistica. O requinte da sensibilidade de que fora dotado levava-o a exprimir-se em formas perfeitas, impecáveis realizações sonoras e um senso de proporções realmente fidalgo. Tais qualidades marcam-lhe o estilo.

Passou a 17 de janeiro o 80º aniversário de sua morte, ocorrida quando contava 28 anos. Alguns meses passados na Europa — Itália e França — e breve contato com musicistas e compositores, foi tudo quanto recebeu de fora. O mais obteve-o aqui mesmo, pelo estudo, pela enriquecedora atividade que desenvolveu e pela atitude inteligentemente critica que manteve a respeito de si mesmo. O acanhado do meio tornou-o um pioneiro. Lembremos o contraste entre o S. Paulo do século passado e o de hoje. Este é uma explosão sem precedentes na América Latina. Aquele, um burgo pacato, garoento, casas de largos beirais a impedir que a chuva lhes atingisse os rasos alicerces. Mas no espirito de Alexandre Levy não havia beirais, e ele embebeu-se na música de sentimento que lhe vinha de Chopin e de Schumann, e no sentimento da musica que lhe vinha das serestas distantes e das batucadas dos negros da cidade. No fundo, manifestações diversas de um só agente: o homem, sob as aparencias do europeu culto, do boemio urbano ou do preto macumbeiro. Assim, só ele poderia ter fundido o moleque *Bitú* (Vem cá, Bitú...) e os doutos contrapontos da tecnica da variação, o *Samba* rural e as regras respeitáveis da harmonia. Daí a penetrante comunicabilidade de tudo quanto escreveu. É música que se ouve e que fica a cantar dentro da gente e por isso não é de ontem nem de hoje, é de sempre.

O momento é, portanto, oportuno para que programas de concertos apresentem suas peças, entre outras as *Schumannianas*, o *Tango Brasileiro*, as *Variações sobre um tema brasileiro (Bitú)* e a *Suite Brasileira*, para orquestra, cujo número final é aquele *Samba*, sempre contagiante, pela vivacidade do ritmo e alegria das cores orquestrais.

D.R.36

10336

"O ESTADO DE S. PAULO" Supl. Lit. 25/6/1972

Scriabin e Levy, duas expressões artísticas

CALDEIRA FILHO

Cabelos para trás, testa alta descendo para olhos expressivos bem separados, bigodes generosos cujas pontas encurvadas para cima rimavam com o bico de uma pera aristocratica, arde distinção e nobreza — tal era a impressão que causava Scriabin, segundo retrato da maturidade.

Nasceu em Moscou a 6 de janeiro de 1872. Estamos pois no ano de seu centenário. Devido a ter ficado orfão de mãe, e à ausencia frequente do pai diplomata, foi criado por uma tia, com excessiva proteção e mimo. Não teve convivencia com outras crianças. Passados os anos, veio a sentir-se uma personalidade frustrada, cheia de terrores, ultra emotiva, se não neurotica. Estudou no Conservatorio de Moscou, onde foi aluno de piano e composição de Zvereff, Tanieff e Arensky. Teve a proteção do editor Belaieff (1836-1904) que lhe publicou as obras, e de Kussevitzky (1874-1951) que o apoiou incluindo-lhe as peças em seus programas. Em 1914, quando planejava novas atividades, adoeceu para morrer a 27 de abril desse ano.

PERSONALIDADE

Seu espirito era poetico e mistico, interiormente exacerbado, imbuido de ideias espiritualistas e teosoficas, que chegaram para ele a ser uma obsessão. Era especulativo também. Pretendia reunir em um sistema unico e inedito elementos artisticos, sociais, filosoficos e religiosos mediante a associação das várias artes — e odores inclusive. Para tanto, idealizou uma obra complexa, que ele chamava *Misterio*, especie de resumo da historia da humanidade, de que ficou, entretanto, uma Introdução apenas esboçada.

O CRIADOR

As obras de sua primeira fase, a juventude, são romanticas, chopinianas principalmente, e tradicionalistas. Para expressão de suas ideias procurou criar sua propria linguagem sonora, a qual caracteriza a fase definitiva. Inventou novos agregados de sons, abandonou a tradicional estruturação de acordes por intervalos de 3ªs. (como *do-mi-sol-si bemol*) e a substituiu por uma superposição de 4ªs. (*dó, fá sustenido, si bemol*). Criou assim o famoso *acorde mistico*, superposição de seis intervalos de 4ª, base harmonica da 5ª *Sinfonia*, intitulada (*Prometeu — O Poema do fogo*, e da 7ª *Sonata* para piano. Tentou a associação da cor na sinfonia citada, sua última obra orquestral (1909-1910) mediante o uso de um teclado luminoso, que projetava em uma tela cores correspondentes aos sons da musica em execução. A unica apresentação da peça com esse teclado deu-se em Nova York, mas os resultados fizeram que o expediente fosse abandonado.

PRODUÇÃO

A produção de Scriabin compreende principalmente *Concerto* para piano e orquestra; cinco *Sinfonias*, das quais a 3ª e a 4ª levam os titulos *O Poema Divino* e *O Poema do Extase*; numerosa produção para piano, entre *Sonatas*, *Noturnos*, *Valsas*, muitas outras peças e ainda a parte de piano da *Sinfonia n. 5*, publicada separadamente em arranjo para dois pianos sob o titulo *Prometeu*.

O conteudo idealista de algumas obras foi fixado em resumos literários, o que fez delas peças com programa ou poemas sonoros. De modo geral, a produção de Scriabin valeu como contribuição para o abandono do atonalismo, embora absorvida depois pela contribuição bem maior de Debussy, dos dodecafonistas, de Messiaen e, sem duvida, de Strawinsky.

UM ARISTOCRATA

Alexandre Levy foi um aristocrata da música, de alta linhagem artistica. O requinte da sensibilidade de que fora dotado levava-o a exprimir-se em formas perfeitas, impecáveis realizações sonoras e um senso de proporções realmente fidalgo. Tais qualidades marcam-lhe o estilo.

Passou a 17 de janeiro o 80º aniversário de sua morte, ocorrida quando contava 28 anos. Alguns meses passados na Europa — Itália e França — e breve contato com musicistas e compositores, foi tudo quanto recebeu de fora. O mais obteve-o aqui mesmo, pelo estudo, pela enriquecedora atividade que desenvolveu e pela atitude inteligentemente critica que manteve a respeito de si mesmo. O acanhado do meio tornou-o um pioneiro. Lembremos o contraste entre o S. Paulo do século passado e o de hoje. Este é uma explosão sem precedentes na América Latina. Aquele, um burgo pacato, garoento, casas de largos beirais a impedir

que a chuva lhes atingisse os rasos alicerces. Mas no espirito de Alexandre Levy não havia beirais, e ele embebeu-se na música de sentimento que lhe vinha de Chopin e de Schumann, e no sentimento da musica que lhe vinha das serestas distantes e das batucadas dos negros da cidade. No fundo, manifestações diversas de um só agente: o homem, sob as aparencias do europeu culto, do boemio urbano ou do preto macumbeiro. Assim, só ele poderia ter fundido o moleque *Bitú* (Vem cá, Bitú...) e os doutos contrapontos da tecnica da variação, o *Samba* rural e as regras respeitáveis da harmonia. Daí a penetrante comunicabilidade de tudo quanto escreveu. É música que se ouve e que fica a cantar dentro da gente e por isso não é de ontem nem de hoje, é de sempre.

O momento é, portanto, oportuno para que programas de concertos apresentem suas peças, entre outras as *Schumannianas*, o *Tango Brasileiro*, as *Variações sobre um tema brasileiro (Bitú)* e a *Suite Brasileira*, para orquestra, cujo número final é aquele *Samba*, sempre contagiante, pela vivacidade do ritmo e alegria das cores orquestrais.

15.6.1976 D.R.38

"Mandala" hoje no Teatro de Dança

Quatro horas por dia de ensaio, durante seis meses, foi quanto a coreógrafa e bailarina Renée Gumiel exigiu dos seus 22 bailarinos para apreparação de "Mandala", que estréia hoje, às 21 horas, no Teatro de Dança, rua dos Ingleses, 209. É uma das poucas indicações que ela fornece a propósito desse espetáculo de dança que, mesmo assim, cria certa expectativa. Renée Gumiel, defensora radical da dança moderna é considerada pelos especialistas em balé uma profissional competente, irrequieta e sempre em busca de novos caminhos.

As explicações da coreógrafa sobre o que seja "Mandala" não disfarçam certo sentido esotérico. A palavra é de origem indiana e tem um significado múltiplo, até certo ponto intraduzível. Seria uma série de círculos e quadrados, formados de maneira concêntrica, para servir à meditação. No caso do balé, a imagem dos círculos serviria para dar plasticidade a um espectáculo que se desenvolveria para a convergência de "Mandala", a idéia dinâmica de um esforço universal para o novo equilíbrio.

Para desenvolver os princípios de "Mandala" — Renée Gumiel apresenta poucas indicações — mesmo porque "o balé como poética do gesto, independe de palavras", segundo explica.

Durante os 60 minutos de duração do espetáculo os bailarinos corporificam toda uma série de idéias com músicas que, num aspecto, guardam estreita vinculação entre si. Além das composições concretas de Pierre Henri e outras obras que misturam a orquestra tradicional e a música eletrônica, do polonês Penderecki, "Mandala" reúne excertos de Ravy Shankar e peças do francês Oliver Messisaen, este último um profundo conhecedor da cultura e da arte da Índia. Segundo Gumiel, tudo isso se explica: "Sou uma defensora radical da música contemporânea".

SEM ILUSÃO

Renée Gumiel, uma das mais antigas coreógrafas brasileiras, não nutre muitas ilusões quanto ao futuro da dança. Sabe que os espetáculos de balé ainda não são suficientes para atrair grande público. Isso talvez justifique a temporada relativamente curta do espetáculo, que só irá até o fim do mês com apresentações diárias, menos às segundas-feiras. Mas é isso também que esclarece um outro pormenor: "Mandala" segundo sua autora, justificaria seu trabalho de mais de 20 anos como professora de balé. Atualmente, ao contrário de outros tempos, a dança já não constitui tabu — atrai igualmente homens e mulheres em proporção quase igual, como um ideal profissional mais ou menos concreto. Se a isso for acrescida a contribuição que, na sua opinião, o balé do Teatro Municipal vem dando, Renée Gumiel acha que tem motivos para ser otimista. O espetáculo "Mandala", parcialmente patrocinado pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, ficará em cartaz de hoje até o fim do mês. Os ingressos para o espetáculo irão de 15 a 30 cruzeiros.

Crônica

Tempo foi bom

L.M.

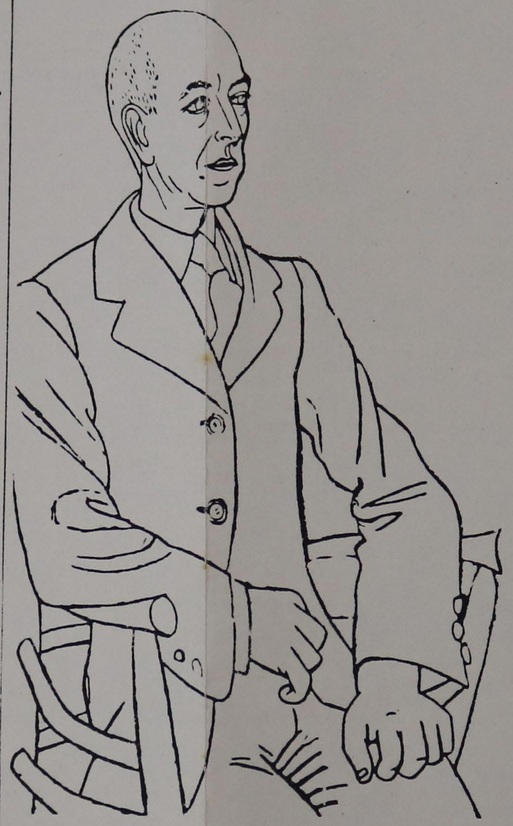
Oh! que saudades eu tenho da aurora da minha vida... Aurora, Aurora, onde estás? Não é tempo de aurora. Agora é quase o anoitecer, a indefinida, nebulosa e indecisa cor de cinza crepuscular. Tempo foi, tempo será. Banana, manga-rosa, cambaxirra, colibrinho do brejo, beija-flor, sapo-boi, caju, cajá. Era um Brasil pequeno, ameno, sereno. E no sereno (noites de luar), Iracema, a virgem (havia virgens) dos lábios de mel (havia mel), além, muito além daquela serra (serra havia, por incrível que pareça), junto a uma palmeira, olhava o mar. Nesse tempo, havia mar.

Era a infância do mundo: havia a infância, propriamente dita, e a não-dita... Tempo foi, tempo será. Naquele tempo, in illo tempore, matriz dos mitos, embrião da poesia elementar, coisas havia, hoje em dia mortas, como a conjugação do verbo amar.

"Havia jardins, havia manhãs, naquele tempo!" Era um gosto de aurora, ninho de andorinha amanhecendo, paisagem de aquarela cor de rosa, Vênus nua nas águas renascendo. O bar da madrugada — e a esperança de outro bar, outro mar, outra manhã; a nostalgia de uma estranha dança de palavras esmaecidas na lembrança: "Mais ou sont les neiges d'antan?"

Havia bar. Havia mar. Havia lar. A Via Láctea era um caminho na noite constelada de sonetos. A Via Dutra não havia. Eu fui reservista de segunda (como em tudo sou) categoria. "A direita, volver!" Eu não volvia.

— Os leitores, se têm o ouvido sensível à cadência do verso, já devem ter percebido: este pedaço de prosa é, na realidade, um trecho de poesia. Coisa curiosa: antigo poeta "bissexto", eu há muito desistí de escrever poemas. Pois uma tarde dessas, nem sei como, nem por que, de repente, sentei-me à minha mesa e, numa espécie de delírio, comecei a escrever em versos. O que acima se lê é o comecinho desse poema. Um pouco modificado: cortei certas expressões, atenuei outras. O resto é impublicável. A cesta de lixo será o destino dessa tardia manifestação das



De 1907 a 1914 de Falla viveu em Paris, onde foi retratado por Picasso.

MIS exibe filmes da década de 70

Em sua programação normal de cinema, o Museu da Imagem e do Som (MIS) vai exibir, de hoje a dia 20, domingo, sempre às 20 e 30, filmes e documentários brasileiros, produzidos na década de 70. "Paulicéia Fantástica", de João Batista Andrade, um documentário sobre o cinema paulista de 1900 a 1933, abre o ciclo desta semana, hoje à noite.

Para dia 16, quarta-feira, estão previstos dois filmes — "A Eterna Esperança", também de João Batista Andrade, continuando a história do cinema paulista — período de 1934 a 1939, e "A Companhia Cinematográfica Vera Cruz", que completa o panorama, de 1949 a 1954. "O Longo Caminho da Morte", de Júlio Calasso Júnior, será exibido no dia 18. No sábado (dia 19), mas dois filmes: "Cemitério de rio sobre a carreira artística do famoso palhaço de São Paulo, "Bexiga, Ano Zero", de Regina Jehá, retratando a vida do bairro, sua arquitetura, seus habitantes; "Retrospectiva", de Roberto Santos, documentário de 1972 realizado por ocasião do cinquentenário da Semana de Arte Moderna; e "O Curso do Poeta", de Jorge Laciete, filme que mostra a vida do poeta João Cabral de Mello Neto, premiado na Jornada de Salvador de 1974.

Karl Marx em 12 episódios para TV

O realizador soviético Lew Kulidjanov filmará na Alemanha Ocidental, em Londres e em Paris, a vida de Karl Marx

Concerto comemora o centenário de de Falla

Não se conhecem muitos lances épicos na vida do compositor espanhol Manuel de Falla. Sua vida, em contraste com sua música agitada, extremamente colorida, manteve-se sempre pacata, a despeito até mesmo da guerra civil que ensanguentou a Espanha de 1936 a 1939. Tal ambiguidade, porém, não chegou a influenciar sua obra, considerada uma das maiores expressões da Espanha de seu tempo. Tanto que, para este ano, data do centenário de seu nascimento — sua música será rememorada em todo o mundo, inclusive em São Paulo. Hoje, às 21 horas, haverá um concerto na Fundação Alvares Penteado (rua Alagoas, 903) em homenagem aos cem anos de nascimento do compositor.

No programa, que reunirá alguns dos melhores músicos de São Paulo, serão executadas três melodias sobre textos de Théophile Gautier; quatro peças espanholas para piano; "Soneto a Córdoba", para harpa e canto; "Hommage a Debussy", para violão solo; Sete canções espanholas; "Psyché", para meio soprano e pequeno conjunto instrumental e concerto para cravo e orquestra de câmara.

Manuel de Falla nasceu em Cadis, na Espanha, a 23 de novembro de 1876, tendo concluído seus estudos de piano com Felipe Pedrel, primeiro grande nome do nacionalismo espanhol. Data já desta época seu interesse pela música folclórica da Espanha (particularmente a Andalusia). Mas é só em 1907 que de Falla começa realmente a definir seu estilo. Neste ano, o compositor passa a viver em Paris, onde conhece Paul Dukas, Maurice Ravel e Claude Débussy, músicos que o irão influenciar de maneira decisiva. Com o início da Primeira Guerra Civil. O compositor não era político, mas não suportou viver na Espanha de Franco, após a vitória da Falange. Emigrou para a Argentina onde morreu em 1945, na cidade de Alta Gracia.

Para o concerto de hoje, em homenagem a de Falla, atuarão os seguintes intérpretes: Anna Maria Kiefer (meio-soprano), Regina Schlochauer e Berenice Menegale (piano), Norma Rodrigues (harpa); Eládio Perez

Haydn com calor, Levy com lirismo

CALDEIRA FILHO

ORQUESTRA SINFÔNICA DA USP (Seção de cordas). Programa: Alexandre Levy (1864—1892) Andante para cordas; Haydn (1732—1809) Concerto em dó maior para violoncelo e orquestra, solista Antonio Lauro Del Claro; Tchaikovsky (1840—1893) Serenata para orquestra de cordas op. 48. Regente Camargo Guarnieri. Dia 12.6.76, no Anfiteatro da USP.

O jovem solista Antonio Lauro Del Claro, recentemente chegado da Europa onde aperfeiçoou os estudos com vários mestres, inclusive o eminente violoncelista Pierre Fournier, apresentou o Concerto de Haydn de modo muito musical: integrou a aparente severidade do classicismo e o calor humano que informa toda verdadeira obra de arte musical, qualquer que lhe seja a época. Aí está a marca do artista autêntico, do intérprete que entrega também sua própria personalidade à realização atual da potencialidade sonora contida nas partituras. Assinalamos a qualidade do som que obtém do instrumento, caloroso mas macio e superiormente controlado; a fluência com que faz decorrer a melodia e a espontaneidade da expressão da sua musicalidade. A leveza do arco, a limpidez da sonoridade, as inflexões ricamente expressivas do discurso musical são outros tantos elementos a confirmar a poderosa personalidade artística do intérprete. Muito aplaudido, foi chamado cinco vezes ao proscênio e concedeu uma peça extraprograma. O talento que possui, do qual deu agora a prova mais recente, torna-o merecedor da continuação do apoio do poder público para o aprimoramento no exterior das suas valiosas qualidades artísticas.

A OSUSP vem sendo levada a crescente desenvolvimento técnico e artístico sob a direção competente e segura do maestro Camargo Guarnieri, que se empenha na apresentação de variado repertório e na inclusão de pelo menos um autor brasileiro em cada programa. O conjunto soa com total homogeneidade e perfeito equilíbrio e, principalmente, com extrema limpidez, fruto do valor dos professores que o compõem e do trabalho de preparação do eminente compositor que o dirige. Alexandre Levy gostaria certamente da suavidade do lirismo com que foi caracterizado o seu Andante. Nos demais autores, a qualidade da execução revelou atento cuidado com a dinâmica, o fraseado, a graduação do colorido e a funcionalidade vital do ritmo, tudo concorrente a uma recriação inegavelmente bela dos numeros inscritos no programa.

O grande êxito alcançado perante um público, que excedia a lotação do recinto, provocou várias do maestro Camargo Guarnieri que, ante a veemência dos aplausos, concedeu três números extraprograma.

RÁDIO ELDORADO
OM 700 QUILOHERTZ
FM 92.2 MEGAHERTZ

casa
cerâmica artística sul americana s/a
"onde a cerâmica se torna arte"
apresenta em seus novos "show-rooms"

Plágio

Um boi francês, às custas da nossa música

Há alguns plágios que, passando despercebidos no momento em que vêm a público, acabam assentando na poeira do tempo e se firmando como obras originais de boa qualidade. Na música popular, isto não costuma acontecer com muita frequência, porque os lesados geralmente fazem barulho até ver suas reivindicações atendidas.

Já na música chamada erudita, a coisa é mais sutil. Principalmente se o plagiário é alguém da estatura de Darius Milhaud, celebrado compositor francês a quem os brasileiros costumam reverenciar por suas referências amistosas à música nacional — exemplo desta atitude é sua suite "Saudades do Brasil".

De fato, ele aqui esteve, mais precisamente no Rio de Janeiro, entre 1917 e 1918, na condição de secretário de Paul Claudel, então nomeado embaixador da França no Brasil. E, ao que consta, além de suas funções burocráticas, Milhaud se embarafustou pelo ambiente musical carioca da época — contatou tanto com a ala erudita (Glauco Velasquez, por exemplo, cuja obra promete sair do ineditismo num LP a ser lançado dentro de alguns meses em execuções da pianista Clara Sverner) como com a chamada "galera", que incluiu tanto Ernesto Nazareth quanto o pessoal da praça Onze, e as escolas de samba, Pixinguinha e o choro, etc., etc.

De volta à França, recebeu a encomenda de compor música para uma exibição de filmes mudos de Charles Chaplin: não hesitou. Partiu para uma simples colagem do que tinha visto, ouvido e anotado no Brasil, enfeixando tudo numa suite para piano e violino. Anos mais tarde, Milhaud reformulou apenas a instrumentação desta suite, transformando-a em orquestral, dando-lhe o titulo de "Le Boeuf sur le Toit", ou, mais familiarmente aos brasileiros, "O boi no telhado". Várias gravações se fizeram desta obra, mas nenhuma gravadora jamais se interessou em lançá-la no Brasil.

Há dois anos, o incansável João Luiz Ferrete, emérito pesquisador da música brasileira, tanto popular quanto erudita — e também programador dos lançamentos clássicos da Continental — se interessou em distribuir "O boi no telhado" no Brasil.

"Começou aí uma longa luta que só terminou há pouco tempo", conta ele, "quando consegui as matrizes de uma velha gravação feita pelo próprio Milhaud regendo a Orquestra do Teatro dos Champs Elisées. Considero este um dos meus mais significativos trabalhos, pois desmistifica de vez a atitude de Milhaud para com o Brasil. Ele afirma expressamente em suas memórias que apenas "baseou-se, para a composição da suite, em ritmos brasileiros". Mas o que fez, foi um verdadeiro saque, um roubo autêntico, pois simplesmente plagiou choros, tanguinhos e até maxixes da época."

O único detalhe que Milhaud reconhecia era de que o título — "O boi no telhado" — tinha sido retirado de um samba brasileiro. "Qual é, eu nao sei, mas tenho certeza", diz Ferrete, "que pesquisadores da MPB antiga o encontrarão em seus arquivos".

O plágio fica bem caracterizado porque, sempre segundo Ferrete, o compositor francês apenas alinhavou pontes entre as músicas que copiou, acrescentando apenas, de seu, a instrumentação. Alguns dos atingidos por este roubo de sessenta anos atrás são: Arnaldo Sandim (o choro "Flor do Abacate"); Marcelo Tupinambá (o tanguinho "Maricota, sai da chuva"); Alexandre Levy ("Tango") Ernesto Nazareth (o choro "Carioca") e até um conhecidíssimo maxixe muito cantarolado na época, o "Jacaré Comprou Cadeira, Não Tem B... Pra Sentar".

Ferrete assegura que ainda há mais músicas plagiadas. "É só uma questão de ouvir com atenção e detectar. Aliás, este é um desafio que lanço à opinião pública". Quem se habilita a colaborar com esta denúncia?

Na verdade, as implicações deste lançamento — que chegará às lojas ainda este mês — são até financeiras, já que muitas gravações de "O Boi no Telhado" foram realizadas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, e muitos dos compositores brasileiros diretamente prejudicados não têm seus direitos autorais ainda prescritos. "Seria o caso", completa Ferete, "de começar a exigir pagamento por essas gravações. Porque, não há dúvida, provar o plágio é tarefa das mais simples. É só comparar as partituras".

João Marcos Coelho

Recorte e guarde este anúncio. Ele vai ser muito útil sempre que você for usar o DDI.

contece

ceitas para contornar uma possível crise no teatro

Fevereiro, foi inau- ro por mês em São o paulistano conta do gênero. E nem em. Enquanto o om "Gota d'Água" público diário de mil so Gentil, diretor de o", no "Stúdio São raše animado com a ita do número de na das últimas ses- s pessoas. Outros es- boa qualidade que essentem da falta de pone", no "Augusta" das Almas", no "Al- a", inaugurado este assim surgem novos o "Ciranda" (220 apresentando desde a comédia de Hilton da "Desligue o pro- pelo Olho Mágico", e Carlos de Simoni e nento como "grande

Aizita, a estrela do novo Ciranda

Plínio Rigon (dono do to com Nilva Landi), onômico de diversos ão significa que o al corra o risco de en- . após uma fase de resarial. Ele acha quanto mais teatros. aulistano tem as pos- lazer cada vez mais tão o teatro tem sido mbém como entre- que encoraja as pes- em teatros".

mento de tea- maravilhoso, pois de certa forma um ajudaria o outro", diz.

Essa "crença" no mercado vem da experiência do ator e da vontade que ele tinha de possuir um teatro para poder desenvolver seu trabalho com maior liberdade. Nenhum tipo de pesquisa foi realizado por Plínio e Nilva antes de investirem 700 mil cruzeiros na empresa. Os cuidados que tomaram: escolha da peça e do elenco que, pelo menos para o público, deve estar centralizado em Aizita.

A receita é conhecida: junta-se uma comédia, que em princípio

Compositores de todo mundo em São Bernardo

A integração de compositores brasileiros e estrangeiros e o debate de temas atuais da música é a proposta do "I Simpósio Internacional de Compositores", que será realizado em São Bernardo, de 4 a 10 de Setembro. Este encontro permitirá uma maior troca de experiências para os compositores brasileiros, isolados na maior parte do tempo daquilo que realmente se faz de importante em termos de pesquisa musical em outros países.

A promoção do Simpósio é do Instituto de Artes do Planalto, integrante da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" e os debates serão realizados nas instalações do Instituto (rua Princesa Maria da Glória, 176) tel: 443-3947 e no Anfiteatro Cacilda Becker, em São Bernardo. Os temas a serem debatidos são: 1) tendências atuais da música 2) educação musical em geral; 3) educação musical profissional e formação de músicos; 4) a situação do compositor na vida intelectual e relações com as demais atividades culturais; 5) direitos autorais de execução, de reprodução, etc.; 6) divulgação e permuta de músicas, partituras, idéias e informações.

Além de compositores que vivem e trabalham no Brasil, o Simpósio contará com a participação de representantes do Canadá, Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Argentina e há também a possibilidade da vinda de músicos de outros países latino-americanos e europeus.

Entre os convidados que já confirmaram sua presença no Simpósio está o professor Max Deutsch, último aluno vivo da Escola de Música de Viena, dirigida

Cine/onde

ARCADES Av. Ipiranga, 808. King Kong. 10a. 9, 11h30, 14, 16h30, 19, 21h30 e 24. Av. Rio Branco, tel. 220-4584. Kung Fu Irmãos Dinamite. Josephine Confissões de uma Escolar. 18a. 9, 12h15, 15h30, 18h45 e 22 horas.

AROUCHE ESTÚDIO A Largo do Arouche, 426. Os Recrutas Birutas, livre. 14, 16, 18, 20 e 22 horas. Sábado 24 horas.

AROUCHE ESTÚDIO B Largo do Arouche, 426. As 12h30, 14h40 e 16h30. O Azarento, 10a. As 18h10, 20h10 e 22h10. Ana e os Lobos. 18a. Sábado 24 horas.

AUGUSTUS Av. Rio Branco, 200, tel. 221-0225. King-Kong, 10a. 9h30, 12, 14h30, 17, 19h30 e 22 horas. Sábado 24 horas.

ÁUREA STRIP SHOW Rua Aurora, 522. Tel. 222-8337. No palco show de strip-tease ao vivo. Na tela: Com o Sexo na Cabeça. As Fêmeas do Golden Saloon. 18a. desde 8 horas.

AVENIDA Av. São João, 1.335. Tel. 34-6493. A Fuga de King-Kong. 14a. 12, 14, 16, 18, 20 e 22 horas. Sábado 24 horas.

ART-PALÁCIO SALA SÃO JOÃO — Av. São João, 419. Tel. 239-3073. O Negócio é dar no pé. A Guerra de Tróia. 10a. desde 9 horas.

ART-PALÁCIO SALA SÃO PAULO — Av. São João, 419. Tel. 34-1426. Jecão um Fofoqueiro no Céu. Livre. 11h45, 13h30, 15h15, 17, 18h45, 20h30 e 22h15.

BARÃO Rua Barão de Itapetininga, 255. Tel. 32-1157. King-Kong. 10a. 14h30, 17, 19h30 e 22 horas. Sábado 24 horas.

BELAS ARTES CENTRO 1 Rua Aurora, 720. Testa de Ferro por Acaso. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

BELAS ARTES CENTRO 2 Rua Aurora, 720. Tel. 220-1694. O Homem que Caiu na Terra. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

BELAS ARTES SALA VILA LOBOS Av. Paulista, esq. com Consolação. Tel. 282-3184. O Homem que Caiu na Terra. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

BIJOU Praça Franklin Roosevelt, 172. Tel. 257-3184. O Garoto. Os Ociosos. livre. 14, 16, 18, 20 e 22 horas. Sábado 24 horas.

BIJOU — SÉRGIO CARDOSO Praça Roosevelt. Tel. 256-9298. A Bela da Tarde. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas. Sábado 24 horas.

BELAS ARTES CENTRO Rua Aurora, 720. Tel. 220-1694. 20.000 Léguas Submarinas. Livre. 14, 16h30, 19 e 21h30.

BELAS ARTES CENTRO 2 Rua Aurora, 720. Tel. 220-1694. A Sauna dos Loucos. 16a. 14h15, 16h10, 18h05, 20 e 22 horas.

CAIRO Rua Formosa, 401. Tel. 35-0530. Macho e Fêmea. Dois Missionários do Barulho. 18a. 9, 12h40, 16h20 e 20hs.

CENTRAL UM Avenida Ipiranga, 752. King Kong. 10a. 9h30, 12, 14h30, 17, 19h30, 22 e 24 horas.

CENTRAL DOIS Av. Ipiranga, 752. King Kong. 10a. 12h30, 15, 17h30, 20, 22h30 e 1 hora da manhã.

CINESPACIAL Av. São Joa

PEDRO II Rua dos Timbiras, 144. Tel. 221-0639. Mulheres Condenadas em Fuga. Shao Lin o Terremoto Chines. 18a. desde 9h.

PREMIER Av. Rio Branco, 62. Tel. 34-1409. Ambição Erotica. 18a. desde 12 horas.

RANCHO Rua Gen. Couto Magalhães, 140. Emanuelle de Tóquio. Torturadas pelo Sexo. O Grito da Carne. 21a. das 9 até às 2 da manhã.

REGINA A z São João, 1140. Tel. 220-2737. A Nova Transa da Pantera Cor de Rosa. 10a. 12, 14, 16, 18, 20 e 22 horas. Sábado 24 horas.

REPÚBLICA Praça da República, 365. Tel. 220-4164. Gigantes do Karatê. livre. 12, 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

RIO BRANCO SALA AZUL Av. Rio Branco, 500. Tel. 221-4867. A Nudez de Alexandra. Fuga Audaciosa. Inferno no Asfalto. 18a. desde 9hs.

RIO BRANCO SALA VERMELHA Av. Rio Branco, 500. Tel. 221-4867. Jeca um Fofoqueiro no Céu. Livre. 11h45, 13h30, 15h15, 17, 18h45, 20h20, 22h15.

SACY Av. São João, 285. Tel. 34-6493. Noites das Fêmeas. Karatê Mortal contra Corvo Dourado. 18a. desde 9 horas. sábado 24hs.

TEXAS Rua Roberto Simonsen, 88. Tel. 36-3856. O que Vocês Fi Fizeram com Solange. Cem Rifles. 18a. das 9 às 24 horas.

WINDSOR Av. Ipiranga, 974. As Loucuras de um Sedutor. 18a. 12, 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

AUTOS CINES

CHAPARRAL Av. Marginal Tietê, 2000. Tel. 295-7277. O Vingador Anônimo. 18a. 20 e 22 horas.

MOON AUTO CINE E MOON MOTEL Av. Interlagos, 1.570. Tel. 246-3803. Velocidade, Caminho da Morte. Com Giuliano Gemma. 18a. 20 e 22 horas.

POPP'S AUTO CINE Final da Av. Pacaembú. Tel. 220-4270. Corrida de Loucos. 18a. 20 e 22 horas. Sábado 24 horas.

LAZCO
Cintos e Carteiras

PAULISTA AUGUSTA E JARDINS

ASTOR Av. Paulista, 2073. Tel. 289-1780. 20.000 Léguas Submarinas. Livre. 12, 14h30, 17, 19h30 e 22 horas.

BELAS ARTES SALA MARIO DE ANDRADE Av. Paulista, esq. com Consolação. Tel. 282-3184. A Herança dos Ferramonti. 18a. 13h15, 15h30, 17h45, 20 e 22h15.

BELAS ARTES SALA PORTINARI Av. Paulista, esq. Consolação. Tel. 881-1603. Testa de Ferro por Acaso. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

VENEZA Rua Augusta, 2822. Tel. 851-8079. Shampoo. 18 a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas. Sexta-feira e sábado 24 horas.

VITRINE Rua Augusta, 2.530. A Nova Transa da Pantera Cor de Rosa. 10a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas. Sexta-feira e sábado 24 horas.

BAIRROS

ABAETÉ Rua Garibaldi, 292. Tel. 64-54090. A Vitória de Entebe. 14a. 20h15.

ALADIM Av. Celso Garcia, 3.749. Tel. 295-4955. Gigantes do Karatê. Zorro Ataca de Novo. 10a. 14h15, 18 e 21h45.

AMAZONAS Rua Ped. Jamico, 67. Tel. 63-7731. Praça Padre Damião, 67. Tel. 63-7731. Gigantes do Karatê. Tempos Modernos. livre. 14h30, 18h10 e 21h40.

ALPIN-ARTE Praça Belchior Baro, 18. Vila Alpina. Dragão Chinês. Quando as Mulheres Faziam Dim Dom. 18a. 19h30.

ANCHIETA Rua Silva Bueno, 1404. Tel. 173-6542. O Menino da Porteira. Potro Vermelho. livre. desde 14h10.

BRÁS Av. Celso Garcia, 605. Helena, a Insaciavel. Os Intocaveis Chineses do Karatê. 18a. 14, 17h50 e 21h50.

CAPRI Rua Domingos de Morais, 8. O Menino da Porteira. Desafio a Bola. livre. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

CENTER-LAPA Rua Guaicurus, 1465. Tel. 65-7625. A Nova Transa da Pantera Cor de Rosa. 10a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

CIC Av. Celso Garcia, 5322. Tel. 296-4080. O Menino da Porteira. 10a. desde 14 horas.

CINEMAR Av. Adolfo Pinheiro, 104. Tel. 246-0486. King-Kong. 1a. 9, 11h30, 14, 16h30, 19 e 21h30.

CONTINENTAL Barroco Av. Cofifeu de Azevedo Marques, 5.300. King Kong. 10a. 12, 14h30, 17, 19h30, 22 e 24 horas.

CONTINENTAL II Versalles. Av. Corifeu de Azevedo Marques, 5.300. King Kong. 10a. 12h30 e 1 hora da manhã.

ESTORIL Rua dos Autonomistas, 2992. Tel. 478-8920. A Profecia. Os Ultimos Machões. 18a. desde 19h30.

ESTRELA Av. Bosque da Saude, 183. Tel. 275-7225. A Fuga de King Kong. O Santo contra a Filha de Frankenstein. 18a. desde 19h30.

FESTIVAL Rua Dep. Lacerda Franco, 60. Tel. 210-1460. O Homem mais Forte do Mundo. livre. 14h15, 16h10, 18h05, 20 e 22 horas.

FIAMMETTA Rua Fradique Coutinho, 361. O Mulherengo. Pelos meus Direitos. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

FLORENÇA Rua Espírito Santo, 422. Tel. 278-0674. King Kong. 10a. 14h30, 17, 19h30 e 22 horas.

FLORIDA Rua Turiassu, 734. Tel. 262-0110. A Nova Transa da Pantera Cor de Rosa. 10a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

FONTANA PALACIO DO CINEMA (Sala Ouro Branco) Av. Celso Garcia, 243. King Fu, o Invencivel. Quando o Sexo é Pecado. 18a. desde 9 horas.

FONTANA PALACIO DO CINEMA

CAMPINAS

AUTO CINE SCORPIOS Rua Francisco José Camargo de Andrade, 599. Tel. 9-4642. Xico da Silva. 18a. 20 e 22 horas.

ALVORADA Rua Regente Feijó, 377. Tel. 37-4171. Shampoo. 18a. 14h30 e 20 horas.

BRASILIA Rua Regente Feijó, 455. Tel. 31-4529. King Kong. 10a. 14, 16h30 e 21h30.

CARLOS GOMES Rua Campos Salles, 605. Tel. 9-2112. Dois Missionarios do Barulho. 10a. 14, 16, 20 e 22 horas.

JEQUITIBA Rua Anchieta. Tel. 8-4859. Pânico na Multtidão. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

OURO VERDE Rua da Conceição, 269. King Kong. 10a. 14h30, 17, 19h30 e 22 horas.

REGENTE Rua Regente Feijó, 1.305. 20.000 Léguas Submarinas. Livre. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

SÃO JOSÉ Rua Paula Bueno, 992. Jecão um Fofoqueiro no Céu. Livre. 20 e 22 horas.

MOJI DAS CRUZES

AVENIDA Av. Voluntário Fernando Pinheiro Franco, 560. Tel. 2422. Dona Flor e Seus Dois Maridos. 18a. desde 19h30.

URUPEMA Rua Dona Firmina Santos, 12. As Incriveis Peripécias do Onibus Atômico. Livre. 15, 19 e 21 horas.

RIBEIRÃO PIRES

ODEON Rua do Comércio, 127. Uma Corrida de Loucos. Desde 19h30.

RIBEIRÃO PRETO

COMODORO R. Alvares Cabral, 775. 19 mulheres e um Homem. 18a. 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

CENTRAL R. Bernadino de Campos, 3.579. Tel. 32-8518. King Kong. 10a. Desde 14 horas.

Lojas SARÚ MODAS INFANTIS
SÍMBOLO DE GARANTIA

SANTO ANDRÉ

CARLOS GOMES Rua Senador Flaquer, 110. Tel. 444-4110. O Homem de Hong Kong. Desde 20h30.

STUDIO CENTER Rua Dr. Campos Sales, 58. Tel. 449-6609. King Kong. 10a. 14, 16h15, 19 e 21h15.

SÃO BERNARDO

HAWAI Rua Olavo Bilac, 40. King Kong. 10a. 12, 14h30, 17, 19h30 e 22 horas.

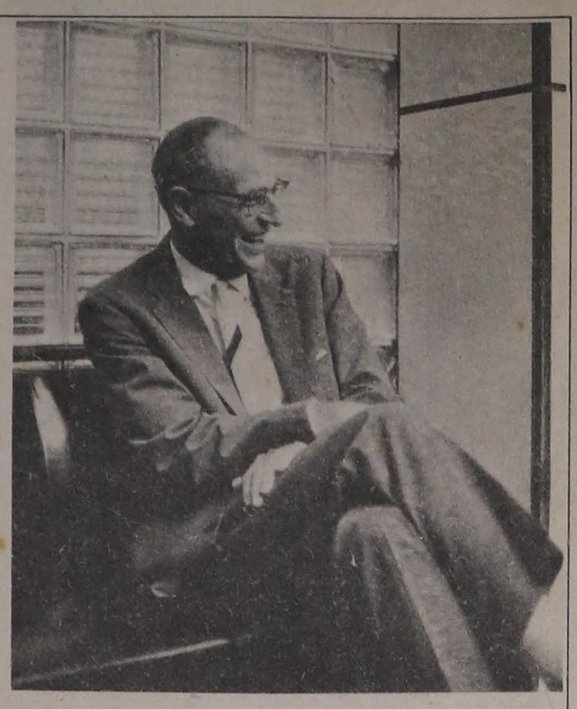
SAO BERNARDO Rua Marechal Deodoro, 1.129. Tel.

Gravações

DOIS CONCERTOS DE RAVEL, O SITAR DE RAVI SHANKAR, AS "CANÇÕES SEM PALAVRAS," DE FELIX MENDELSSOHN

Mensagem de beleza e dignidade

Fritz Jank (foto) morreu há dois anos. Seu último disco continha só música brasileira



JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

Desapareceu Fritz Jank a 8 de março de 1970. Porém, algo de sua excepcional personalidade humana e artística substitui nos discos que gravou. Com atraso injustificavel, acaba a "*Chantecler*" de editar-lhe o derradeiro: *Musica Erudita do Brasil*" (GMG-1050, monofônico).

Sim, música brasileira! Eis o traço fundamental daquele formidável bávaro de nascença, que perfilhou consicientemente nossa nacionalidade, trabalhando como poucos para o engrandecimento musical da pátria. Êle era partidário convicto do *res, non verba*: ação, jamais palavrório! Como também outro adagio latino tão famoso quão pouco praticado: "se util não se torna aquilo que cumprimos, vã a glória"! *(Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria).* Já em 1958, seu primeiro disco para a "*Odeón*" intitulava-se "*Compositores Brasileiros em Solos de Piano*" (MOFB 3.008, monofônico). A hoje raríssima placa, contendo: Alexandre Levy, "*Tango Brasileiro*"; Lorenzo Fernandez, "*Suite nº 2 (Ponteio, Moda, Catarina)*; Claudio Santoro, "*Paulistanas*" nº 3. Villa-Lobos, "*O cravo brigou com a rosa*"; "*Lenda do caboclo*", "*Polichinelo*"; "*Kankikis*"; Souza Lima, " mprovisação" nº 2; Camargo Guarnieri, "*Dança Selvagem*", "*Dança Negra*", "*Dança Brasileira*", — lutamos para reeditá-la Diva Salvatore, Zoraide Sampaio Paulo Portugal, e o autor destas linhas. Sem resultado. A indiferença acintosa dos responsáveis pela gravadora fez naufragar os esforços. Ao ofício, sequer uma resposta. Não fazem, não deixam fazer, visto como estávamos dispostos ate mesmo a financiar recopiagem por conta própria! Assim é que se cuida de música erudita neste país!

Tres anos antes de morrer, Jank voltou-se pela última vez para a música brasileira, antes de lavrar de publico e razo, seu titânico testamento artistico, as trinta e duas Sonatas de Beethoven ("*Chantecler*", CMG-5.006, 13 Lp, monofônico).

Seu recital refoge por completo ao lugar-comum repertorial. Mui ao contrario, dá-se originalidade de escôlha. Na face A, as sete "*Paulistanas*" de Claudio Santoro. Face B: sete "*Miniaturas*" de Fructuoso Vianna, "*Xango*" de Ernani Braga; "*Noturno*" de Paulo Florence.

Radicado atualmente na República Federal da Alemanha, Santoro enveredou decididamente para a vanguarda. Mas em 1953, quando compôs as "*Paulistanas*", filiava-se ao nacionalismo, com a inevitável consequência de lembrar Camargo Guarnieri, mas sempre dentro da óbvia vantagem de maior finura de estilo, penetração poética, musicalidade idiomática e o corolario lógico de menor agressividade percutiva. Permitenos Jank uma visão de conjunto do septeto pianístico, de vez que ao que me consta — jamais pertenceu ao disco, a não ser casos isolados de "*Homero de Magalhães e a Música Brasileira*", no "*Poco lento*", nº 5, (*Sinter*, SLP-1511, monofônico), e Anna Stella Schic (CBS-60 085) na '*Paulistana*" nº 7, "*Sonata em um Movimento*", convincente em sua formidanda dramaticidade.

STELLA SUPERIOR

Incidentalmente, parece-me superior em tôda linha a leitura de Anna Stella, que possui um brio, uma virtuosidade contraditória ao estilo reflexivo, estudado nos meandros de requintes cromáticos, tal como Jank os propõe. Também o registro do piano Bluethner reverbera melhormente que o Steinway and Sons do Auditoprio Itália, de que se utilizou, "*exceptions causa*", o soberbo intérprete beethoveniano, de nunca assaz querida e louvada memória.

O título "*Miniaturas*" de um dmodo geral aplica-se a Fructuoso Vianna, miniaturista número Um da música brasileira. Muitas e muitas vézes confessou-me Jank o prazer que sentia em tocar a suite minúscula. Creio que foi o primeiro a cumpri-lo na íntegra. Eurico Nogueira França sintetizou-a com rara felicidade, ao dizer que aprimeira, "*Canto Infantil*" baseia-se sôbre largo pedal dos graus principais do tom de fá maior. Singelo, porém penetrado de uma ponta de melancolia, o cântico se expande suavemente, espécie de meigo queixume. É página de caráter vocal, enquanto a que se segue adquire nítido feitio instrumental e coreográfico. Intitula-se "*Dança de Negros*". Seu vivaz movimento rítimico, pontilhado de síncopes, evoca o frenético rodopio dos africanos, em noite de festa de senzala. A Miniatura nº 3 é um "*Canto de Negros*", que se abre por um *ponteio*, isto é, um prelúdio. Sôbre essa célula de desenho uniforme, pela mão esquerda no registro médio do piano, cruza-se a direita, para cantar, uma oitava mais grave, breve linha melódica, de insistente doçura. A Miniatura nº 4, "*Canto do Trabalho*", *dolente*, profundamente expressiva, apresenta um vagar monótono, melopéia não isenta de lirismo em sua admirável harmonização. Miniatura nº 5 é uma "*Dança Caipira*", transposição pianísitca do rasguear em terças das violas sertanejas. A seguir, afingimos outra Miniatura de marcante originalidade: — "*Pregão*", em que o tema reproduz o cantar do vendedor ambulante. Nota-se hábil e rica disposição de duas vozes, intercalando-se, no trecho central, uma cantiga de carnaval. Derradeira Miniatura é um "*Tanguinho*", graça picante na trama harmônica. Por entre a variedade tonal de cada parte, aliada à pluralidade motívica, a suite guarda, no entanto, íntima unidade, constituindo-se obra representativa da música pianística brasileira.

XANGÔ

"*Xangô*" de Ernani Braga era também uma das peças preferidas do egrégio mestre-artista. Possuia a partitura original autógrafa, inédita. Nos 6'41" de duração, desenvolve-se uma tocata obstinada, agressiva, complexa, dificil agogicamente. O esquema tripartite A-B-A permite que o capítulo central inclua o famoso motivo de macumba, que Villa-Lobos ambientou criativamente para côro misto "*a cappella*"; Francisco Mignone, na esplêndia suite do bailado "*Maracatu de Chico-Rei*". Magistral a harmonização de Ernani Braga: sucessivos recitativos, entrecortados e percutivos, explorando tôda a gama cromática do pianoforte. A retomada da primeira parte se faz em forma abreviada.

"*Noturno*" de Paulo Florence põe em circulação uma figura importante da música brasileira, hoje totalmente ignota, mas que manifesta espírito criador de irrecusável originalidade, muito embora ancorada com firmeza no pós-romantismo europeu. De acôrdo com a circunstanciada biografia que tenho em mãos, Florence nasceu em Campinas, a 19 de junho de 1864, filho de um cientista e uma educadora. No Colégio Morton, foi discípulo do mestre Julio Ribeiro. Aos nove anos, principiou os estudos de piano. Juntamente com seu irmão, seguiu em 1878 para a Alemanha. Na cidade de Cassel, terra natal de sua mãe, realizou o curso de humanidades. Ao mesmo tempo, Hans Weitner ensinava-lhe Harmonia, Contraponto, Composição. Estudos conclusos, inscreveu-se (1895) como estudante de filosofia na Universidade de Lipsia, e no Conservatório da mesma cidade. Em breve tempo, a música suplantou a especulação matafísica. Na Universidade de Heidelberg, pela qual se diplomou, teve a Salamon Jadassohn como mestre de Contraponto, Cânone, Fuga. Ao sair da Universidade, foi regente de orquestra durante dois anos, nos Teatros Municipais de Kiel e Ulm. De regresso ao Brasil (1891) consagrou-se em definitivo ao ensino do piano, para (1896) tornar à Europa, com vistas a um curso de aperfeiçoamento com os professores Martucci em Bolonha; Buonamici e Scondrino.

Sua bagagem musical já nesse tempo era considerável. Foi pianista do Trio de Música de Câmara, juntamente com o violinista Rafael Dias Albertino e o violoncelista Pablo Casals.

ONZE LINGUAS

Poliglota, Paulo Florence falava e escrevia corretamente onze línguas. Em 1903, fez editar "Música e Evolução", livro vertido para o inglês e publicado em resumo pelo grande pianista Harold Bauer, no "*Musical Courier*" de Nova York. A propósito, assinalou o musicólogo germânico professor Hugo Riemann "ser um trabalho que deve ser amplamente conhecido e divulgado". Membro da Academia Brasileira de Música, foi um dos fundadores do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e do Instituto Musical de São Paulo. Faleceu a 23 de setembro de 1949, em São Paulo, aos 85 anos. Um mês antes, o eminente pianista Wilhelm Kempff, encontrando-se nesta Capital, executou várias composições de Paulo Florence no Teatro Municipal. Tomando ciência do seu passamento, Kempff dirigiu-se à sua residência na avenida Pompéia, fazendo-se anunciar como "o executante que homenageia o mestre". Assentou-se ao piano-forte, na sala contígua ao velório. Em meio à extrema emoção dos circunstantes, realizou sua "*hommage*": — um coral de Johann Sebastian Bach...

O "*Noturno*" de Paulo Florence, que a pianista paulistana Déa Orcioli divulgou entre nós, refoge ao estilo de John Field e Frédéric Chopin, uma linha melódica sonhadora, cantante, intercalada por tema contrastante, por vêzes tumultuoso e dramático, de que é exemplo o incomparável "*Noturno*" nº 13, em dó menor, op. 48 nº 1, de Chopin. Ao contrário, o corte formal aproxima-o, de certa forma, dos "*Moments Musicaux*" e "*Impromptus*", de Schubert; "*Baladas*", "*Rapsódias*", "*Intermezzi*" de Brahms. O tema primeiro procede por acordes. A idéia complementar, mais melódica. Todavia, oferece pouco desenvolvimento, sempre de caráter ornamental, trinados e "*arpeggios*". Mas é uma partitura admirável, idiomática para o pianoforte, sem qualquer traço vinculatório com os compositores europeus coevos. É um ponto deveras importante, principalmente tendo em vista que raros músicos brasileiros escapam às influências harmônicas contemporâneas. A execução de Fritz Jank pareceu-me plena sob todos os pontos de vista.

"Atraso injustificável" — ficou sublinhado nas primeiras linhas do presente comentário . De fato. A fita magnetofônica, limpa, corrigida, montada, concluiu-se por volta de 1967, muito antes do fatal enfisema pulmonar do primeiro trimestre de 1970. O rolo de fita dormiu longos meses nas estantes da gravadora, enquanto Jank perguntava-se quando estaria o disco em circulação comercial. Do absurdo, inaceitável inadimplemento resultou um Lp póstumo, destinado a todos quantos amam a música brasileira de classe. Para mim, que lhe refiz por duas vezes as notas de contracapa, por motivo de êrro na ficha repertorial, o disco adquire a dimensão afetiva ditada pelo fraterno convívio com um dos mais eminentes, cultos, integros artistas que tive ensancha de conhecer. Grande êle o foi na sua absoluta modéstia, infensa aos estardalhaços demagógicos; na impecável ética de conduta perante seus colegas de profissão, por entre os temiveis baixios do meio musical paulistano; no trabalho exaustivo e diuturno como solista, recitalista, camerista, concertista, acompanhador dos maiores interpretes vocais e instrumentais que transitam pelo Brasil; enfim, o intenso tirocínio pedagógico, a que se votou de corpo e alma.

Lacuna insubstituível, resta-nos o consôlo da música em boa hora perpetuada nas microestrias de uma placa de vinilite. Nela se encontra sua mensagem de beleza e dignidade para todos nós.

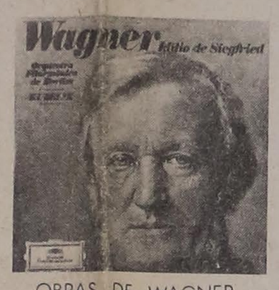
LPs

BAILADOS DE ÓPERAS — É o título do LP da "Deutsche Grammophon", edição nacional da "Phonogram", com a Orquestra Filarmônica de Berlim, dirigida por Herbert Von Karajan, interpretando uma série de "intermezzos" dançantes de diversos dramas líricos. Do "Príncipe Igor", de Borodin, "Dança das jovens Polovitzianas" e "Danças Polovitzianas"; de "Eugen Onegin", de Tchaikowsky, "Polonaise" e "Valsa"; de Verdi, diversos bailados de diversas óperas: da "Aida", "Dança das Sacedotizas", "Dança dos pequenos escravos mouros" e "Música de bailado"; do "Otelo", "Música de bailado"; da "Gioconda", de Ponchieli, a célebre "Dança das horas". Boa orquestra, bom regente e boa qualidade técnica, Cr$ 25,00.

SITAR E ORQUESTRA — Em LP recém-chegado dos Estados Unidos, gravação Angel estereofônica, obras interessantíssimas, executadas por um dos artistas mais populares que o mundo conhece hoje em dia e que nos visitará ainda êste ano: Ravi Shankar. Neste LP, Ravi Shankar e seu sitar — não confundir com a "cítara" comum: o instrumnto de Shankar é hindu — é acompanhado pela Orquestra Sinfônica de Londres, sob regência de André Previn, com Terence Emery tocando bongos. Músicas estranhas mas que já entraram nos ouvidos dos ocidentais, graças ao prestígio artistico de Ravi Shankar, que muito influenciou a música "pop" atual. LP importado: Cr$ 64,00.

CANÇÕES SEM PALAVRAS — São pequenas peças de Mendelssohn, de rara beleza, e há pianistas que as transformam em pequenas jóias. É o caso de uma Guiomar Novaes, que tem uma gravação Vox inteiramente dedicada às "Canções". Neste LP o intérprete é o grande Walter Gieseking, interpretando dezessete canções sem palavras de Mendelssohn. Gieseking nos visitou diversas vezes e foi um dos maiores intérpretes do piano que jamais existiram. Graças aos discos, os que gostam da boa música bem executada, ainda podem ouvir e "sentir" a presença de Gieseking. Como o LP é importado, seu prêço é de Cr$ 64,00.

CONCERTOS DE RAVEL — Em gravação nacional da "Deutsche Grammophon", estereofônica, dois concertos de Maurice Ravel, para piano e orquestra. Primeiro, o Concêrto em sol maior, com "Allegramente", "Adagio assaí" e "Presto". Depois, o célebre "Concêrto para a mão esquerda", em ré maior, dedicado ao pianista Paul Wittgesntein, que perdeu o braço direito num desastre. A interpretação está a cargo de Monique Haas, acompanhada pela Orquestra Nacional de Paris, sob regência de Paul Paray. São obras interessantes e bem características da maneira de compor de Ravel, que merecem consideração dos discófilos. Cr$ 25,00.



OBRAS DE WAGNER — Em LP nacional da "Phonogram", estereofônico, diversas obras importantes de óperas de Richard Wagner, pela Orquestra Filarmônica de Berlim, dirigida por Raphael Kubelik. No lado 1, "Idílio de Siegfreid", do "Lohengrin", prelúdio do 1º ato. No lado 2, Prelúdio de "Os Mestres Cantores de Nuremberg" e "Prelúdio do primeiro ato" e "Morete de Isolda", de "Tristão e Isolda". Raphael Kubelik é um dos especialistas em Wagner hoje em dia e suas interpretações descem do fundo das intenções do compositor. Gravação tecnicamente de primeira ordem. Cr$ 28,00

TRANSCRIÇÃO DA "CARMEN — O jovem compositor soviético Rodion Schedrin, tomou os temas da ópera "Carmen" de Bizet e fez uma transcrição para cordas e 47 instrumentos e percussão, transcrição livre, para uma "suite" de "ballet", que foi criada pelo corpo de baile e bailarinos solistas do Bolshoi de Moscou. Em LP estereofônico da Angel, importado, temos esta interessante obra de Schedrin, muitíssimo bem executada pela Orquestra Sinfônica do Teatro Bolshoi, sob regência de Gennady Rozhdestvensky. Naturalmente as partes incluem "Habanera" e diversos "intermezzos". A parte "O toreador e Carmen" é um "pas de deux" dificil Cr$ 64,00

VICTORIA DE LOS ANGELES — A grande intérprete espanhola, que começou sua carreira vencendo o grande concurso de Genebra, hoje em dia é uma das mais consideradas cameristas do mundo. Aparece em LP importado da Angel, interpretando uma série de músicas de autores franceses, acompanhada pela Orquestra do Conservatório de Paris, sob regência de Georges Prête. LP estereofônico, com ótimo som e excelentes interpretações. No programa do disco, "Shéhérazade", "Cinco canções populares gregas" e "Duas canções hebraicas", de Ravel; "L'inivitation au voyage" e "Phidylé", de Duparc; e "Air de Lia de "L'enfant prodigue", de Debussy. Preço do LP, por ser importado, Cr$ 64,00

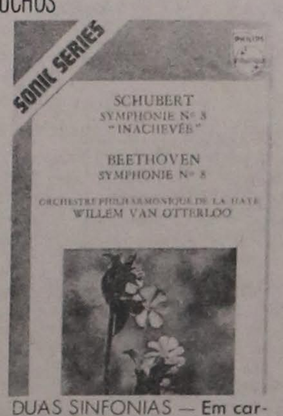
GRANDE PIANISTA — Muito amigo dos paulistas há muitos anos, é Claudio Arrau, hoje em dia, um dos cinco maiores pianistas do mundo. Chileno de nascimento, formação musical alemã, Arrau mora nos Estados Unidos mas faz "tournées" internacionais todos os anos. Aparece em LP da etiqueta "Seraphim", estereofônico, importado, com duas obras bem acessíveis e apreciadas pelo grande público: o "Concêrto nº 1, em si bemol menor", opus 23, de Tchaikowsky e "Peça de concêrto" em fá menor, opus 79, para piano e orquestra, de Weber. Os acompanhamentos estão a cargo da "Philarmonia Orchestra", sob regência de Alceo Galliera. LP importado, Cr$ 64,00.

O MELHOR DE GEORGE SHEARING — É o nome do LP estereofônico, da Capitol, importado, com George Shearing e seu quinteto, acompanhado de cordas e percussão, executando peças de diversos autores. George Shearing, embora não esteja na onda do "jazz" ultra moderno, tem uma maneira agradável de tocar seu piano ou vibrafone e suas orquestrações são, apesar de tudo, modernas. Neste LP, entre outras músicas, temos "Roses of Picardy", "Early Autumn", "Lulaby of Birdland", "September in the rain", "You stepped out of a dream" e "Honeysuckle rose". Como vemos, são músicas agradáveis Cr$ 64,00.

BOM "JAZZ" — Em LP da "Verve", distribuição nacional da "Companhia Brasileira de discos", estereofônico, dois azes do "jazz" americano atual: Jimmy Smith, que toca órgão e Wes Montgomery, um dos grandes do violão, acompanhados de conjunto instrumental. Tanto os solistas quanto o conjunto acompanhador são de primeira categoria e o repertório do LP também é de boa qualidade, com músicas de Roger Miller, Perci Faith, Ray Evans, Wes Montgomery, Mills Davis e Jummy Smith. Entre os números destacariamos "King of the road", "Call me" Cr$ 26,00.

CARTUCHOS

TRECHOS LÍRICOS — Em cartucho importado da Angel, estereofônico, as partes mais importantes da ópera "Fausto" de Gounod, com artistas de grande categoria, como Victoria De Los Angeles, no papel de Margarida; Nicolai Gedda, como Fausto; Boris Christoff, como Mefistófoles. Ainda no elenco, Ernest Blanc e Liliani Berton. Coro e orquestra do Teatro Nacional da Opera de Paris, Sob a regência de André Cluytens. Maestro do côro, René Duclos. Como vemos, é um grupo de grande categoria e os trechos do "Fausto" de Gounod, são os mais importantes e conhecidos. Como o cartucho é importado seu preço é de Cr$ 45,00.



DUAS SINFONIAS — Em cartucho da Philips, importado, estereofônico, duas Sinfonias de dois autores contemporâneos: Schubert (1797-1828) e Beethoven (1770-1827). Som tecnicamente bem trabalhado, sendo a interpretação da Orquestra Filarmônica de Haia, sob direção de Willem Van Oterloo, regente dos mais famosos da atualidade. De Schubert, a Sinfonia nº 8, chamada "Inacabada". De Beethoven, também a Sinfonia nº 8, composta de "Allegro vivace e con brio", "Allegretto scherzando", "Tempo di menuetto" e "Allegro Vivace". Cr$ 72,00.

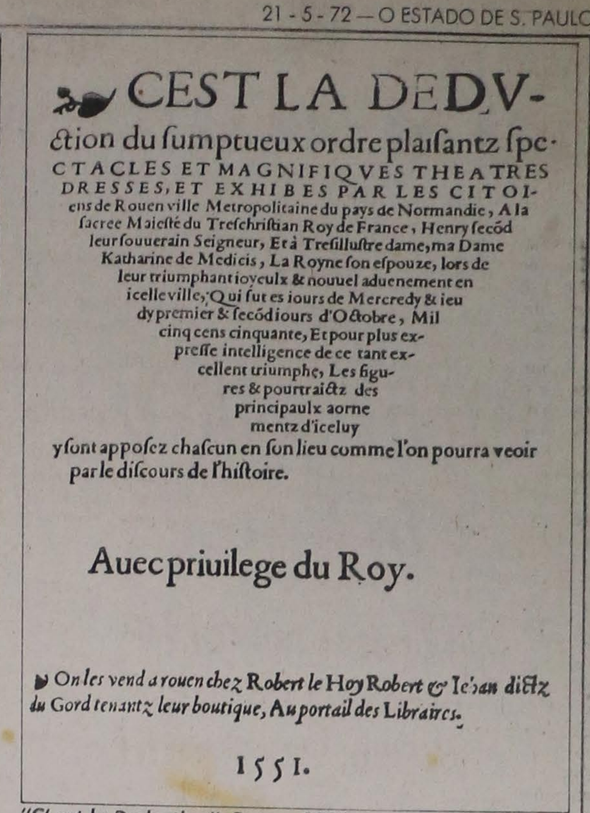
FITAS

OBRAS ORQUESTRAIS — Em fita importada da etiqueta "Tapes-Mates", com três horas de duração, gravação estereofônica em quatro pistas, temos músicas para orquestra de grandes autores, interpretadas por sinfônicas de renome internacional, dirigidas por grandes maestros. No lado "A", temos a "Suite Grand Canyon", de Von Grofé, pela "Filarmônica de Rochester", dirigida pelo autor; de Wagner, "Prelúdio" e "Morte do amôr", de "Tristão e Isolda", pela Orquestra de Munique, dirigida por Albert; Sargent, à frente da Orquestra Sinfônica de London, dirige "I Pini di Roma" e "Fontes de Roma", de Respighi; Cr$ 170,00.

ÓPERA DE VERDI — Em fita da etiqueta "Tape-Mates", com duas horas de duração, gravada em quatro pistas, estereofonica, temos uma das óperas mais populares e mais queridas do público, "La Treviata", com um elenco digno de nota. No papel principal feminino, a grande Maria Callas, que faz uma Violeta Valery pessoal e diferente das habituais. Como Alfredo Germont, temos Francesco Albanese. Ainda no elenco Ugo Savarese, Inês Marietti e Alberto Albertini. Coro sob a direção de Giulio Magliotti e Orquestra da Rádio-Televisão de Turim, sob a regência de Gabrieli Santini. Fita importada Cr$ 170,00.

A casa de José Mindlin, no antigo Brooklin Velho, em São Paulo, abriga a maior brasiliana particular do mundo. São mais de dez mil livros, raridades historicas, literarias e artisticas, relacionadas de uma ou outra forma com o Brasil. Baseando-se apenas nos depoimentos de viajantes e peças iconograficas dos seculos XVI e XVII da coleção, pode-se traçar todo o desenvolvimento do periodo colonial brasileiro. É esta biblioteca que apresentamos, com texto de Paulo de Tarso Costa, fotos Helio Melo.

Indios brasileiros: "Recueil de la Diversité des Habits", Paris, 1567



CEST LA DEDVction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres dresses, et exhibes par les citoiens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, A la sacree Maiesté du Treschristian Roy de France, Henry secód leur souuerain Seigneur, Et à Tresillustre dame, ma Dame Katharine de Medicis, La Royne son espouze, lors de leur triumphant ioyeulx & nouuel aduenement en icelle ville, Qui fut es iours de Mercredy & ieudy premier & secódiours d'Octobre, Mil cinq cens cinquante, Et pour plus expresse intelligence de ce tant excellent triumphe, Les figures & pourtraictz des principaulx aornementz d'iceluy y sont apposez chascun en son lieu comme l'on pourra veoir par le discours de l'histoire.

Auec priuilege du Roy.

On les vend a rouen chez Robert le Hoy Robert & Iehan dictz du Gord tenantz leur boutique, Au portail des Libraires.

1551.

"C' est la Deduction", Rouen, 1551

Dez mil raridades sobre o Brasil

A casa de José Mindlin é quase um museu. Não está num parque nem suas dimensões supõem um antigo palacio. Sua construção tampouco é antiga. Tem um jardim todo gramado, cercado de arvoredos e pinheirinhos, com um pé de pitanga do lado direito. Não chega a ser grande mas, como tudo nessa casa, cuja mansidão é quebrada de vez em quando com a chegada dos netos e visitas de amigos e estudiosos, reflete um cuidadoso bom gosto. Mesmo assim, essa casa não teria nada de mais. Seria apenas mais uma como outras tantas que existem desse tipo no antigo Brooklin Velho, em São Paulo. Do lado de fora nem chega a despertar maior atenção das pessoas na rua. Mas, é dentro dessa casa que está a maior brasiliana particular do mundo. São mais de 10 mil livros, verdadeiras raridades historicas, literarias e artisticas, relacionadas de uma ou de outra forma com o Brasil, não importando onde nem a lingua em que foram publicados ou escritos. Apenas para dar uma idéia, só com os depoimentos de viajantes e peças iconograficas dos séculos XVI e XVII dessa coleção, podemos traçar todo o desenvolvimento historico do periodo colonial brasileiro.

E a biblioteca não se resume simplesmente à brasiliana. Vamos encontrar tanto uma rara edição de Varnhagen — ou um manuscrito inédito do século XVI de algum viajante — ao lado dos livros de Sergio Buarque de Hollanda, como um manuscrito de Vieira, do seculo XVII, ao lado de uma coleção de Machado de Assis ou de Guimarães Rosa.

LÊ O QUE COMPRA

José Mindlin, porém, não é um colecionador comum. Lê tudo o que compra. Por isso, só compra livros nas linguas que fala: inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e russo. Português e latim não contam. A primeira porque é brasileiro. A segunda porque fez Direito num tempo em que o latim era quase fundamental para o curso. Formou-se na Faculdade do largo São Francisco em 1936.

Com isso tudo, vamos encontrar na sua biblioteca farta literatura inglesa, francesa ou italiana, e na brasiliana, desde manuscritos dos depoimentos dos primeiros viajantes aos volumes das primeiras edições impressas no Brasil.

Uma das obras mais raras da sua coleção é o *Manuscrito Quiriri*, do Padre Bernard de Nantes, do começo do seculo XVIII, ainda hoje inedito. É também uma das obras mais caras da biblioteca. Quando lhe foi oferecida, em 1963, o preço era tão alto que relutou em comprá-la. Foi em Paris. O livreiro mostrou-lhe o exemplar fazendo ares de misterio.

Há mais de 250 anos estava desaparecido. Só se sabia da sua existencia por uma breve referencia num relato escrito pelo padre Martin — padre Martins de Nantes, que tinha sido substituido numa missão religiosa na Bahia, no fim do seculo XVII, pelo padre Bernard. Dizia que o seu relatorio sobre a missão das aldeias de Aracapá e do Cavalo, na Bahia, seria concluido pelo padre Bernard, que permaneceu na região de 1686 a 1709, cujo manuscrito, porém, nunca chegou a ser encontrado.

Na ocasião, enquanto folheava aquele documento Mindlin relutava diante do alto preço pedido pelo livreiro e do pouco dinheiro que lhe sobraria para continuar a viagem.

Na relação do padre Martin, que foi impressa na França 20 anos depois da sua volta, o jesuita contava, ainda, as lutas com Garcia D'Avilla, o homem da Casa da Torre, um fidalgo muito arrogante que não aceitava a autoridade religiosa. Esse trabalho, que também está na brasiliana de Mindlin, é outra raridade da bibliografia francesa sobre o Brasil.

A luta do padre Martin com Garcia D'Avilla se estendeu durante todo o tempo em que esteve naquela missão, intercalada apenas com breves periodos de paz entre eles, pois o jesuita também não se submetia ao fidalgo.

Por isso tudo, do ponto de vista da brasiliana, aquele *Manuscrito Quiriri*, do padre Bernard, era muito importante. Além do aspecto de raridade em si, completava, junto com a relação do padre Martin, um quadro da sociedade daquela epoca.

— Dinheiro a gente ganha de novo. Essa oportunidade não vai se repetir — pensou Mindlin.

Enquanto pagava, o livreiro contou-lhe que o *Manuscrito Quiriri* tinha vindo do Japão, no meio de um lote de livros de missões de jesuitas, que comprara recentemente.

A VISITA

Logo depois de voltar ao Brasil, Mindlin recebeu a visita de um erudito portugues, frei Francisco de Faria, que fizera um estudo sobre o padre Bernar de Nantes, embora não tivesse conseguido ver o *Manuscrito*. Chegou a falar com o livreiro de Paris. Mas foi em vão.

No mercado de livros raros não pode haver consulta e muito menos aproveitamento de trechos de um texto inedito. Os livreiros acham que perde o valor.

Quando publicou seu estudo, escreveu frei Francisco de Faria na introdução: "A última vez que estivemos em Paris, não nos foi possível examinar o referido manuscrito apesar do sr. Max Besson, proprietario da Librairie Orientale et Americaine ter prometido deixar-no-lo ver, o que muito lhe agradecemos".

Uma das obras mais raras da coleção é um manuscrito do século XVIII, ainda hoje inédito

José Mindlin, como colecionador, não só não concorda com aquele tipo de política do mercado como, se pudesse, republicaria várias obras da sua biblioteca. Mesmo porque não acredita que um manuscrito ou uma edição antiga venha a perder seu valor se for impresso ou reeditado.

No *Manuscrito Quiriri*, do padre Bernard de Nantes, além da relação do seu trabalho e do modo de vida das aldeias de Aracapá, e do Cavalo, também estão os originais da versão francesa de um catecismo que o religioso chegou a publicar em 1709. Esse catecismo foi impresso em português e na lingua quiriri — dai o nome que seu manuscrito passou a ter.

A partir da visita de frei Francisco de Faria à casa de José Mindlin, onde pôde consultar aqueles originais para futuras publicações de novos estudos, os dois passaram a manter frequente correspondencia sobre questões da bibliografia luso-brasileira.

— Frei Francisco de Faria, além de grande religioso, é um dos maiores conhecedores das coisas do Brasil e de Portugal — diz Mindlin.

A igreja da Candelaria Rio, numa aquarela inglesa de 1840

1488, a 1ª edição completa de Montaigne, de 1582, com anotações manuscritas de Sainte Beuve, a edição da *Divina Comédia*, de 1520, toda ilustrada e comentada. Entre outras.

FONTE RARA

— O Maggs é mais do que a maior fonte de livros raros do mundo. É uma instituição — diz José Mindlin.

Cada vez que vai à Europa arranja sempre um pretexto para passar na Inglaterra — mesmo que esteja fora dos planos iniciais — e lá ficar, nem que sejam apenas dois dias, para vasculhar o porão do Maggs.

Sua primeira visita ao Maggs foi em 1946, a serviço da Parthenon. Foi recebido com certa reserva.

— No Maggs não deixam que as pessoas afundem entre as prateleiras logo de inicio — explica o colecionador. Levam-na primeiro para uma ante-sala. Perguntam que obra a pessoa procura em particular. Fazem como que uma sondagem. Lembro-me que naquela vez, trouxeram-me três remessas de livros. Só na segunda havia dois exemplares que interessavam. É assim que fazem para conhecer o comprador e saber com quem estão lidando: colocam apenas um ou outro livro de valor no meio de uma pilha de livros, para ver a reação.

Depois do terceiro punhado de livros que lhe puseram na frente, José Mindlin foi convidado a entrar, para escolher à vontade o que quisesse comprar.

Já hoje existe um intenso intercambio de correspondencia entre José Mindlin e o Maggs.

Há algum tempo, um dos especialistas do Maggs, que foi chamado ao Rio para avaliar uma biblioteca acabou esticando sua viagem até São Paulo para conhecer a brasiliana de Mindlin.

A BIBLIA

Depois que foi publicada a *Bibliografia Brasiliana*, de Rubens Borba de Moraes, Amsterdã, 1958 praticamente não há nenhum mistério nem tecnica especiais para um colecionador de obras raras. Esse trabalho dá uma relação descritiva de todos os livros raros do Brasil, no periodo de 1504 a 1900, tendo se tornado a verdadeira biblia dos colecionadores.

— É tão perfeito que até estragou o mercado — confessa Mindlin, brincando.

Essa *Bibliografia* de livros raros nacionais foi publicada em ingles. Explica o colecionador que, de fato, não há nem nunca houve tecnicas para se obter grandes resultados. Tudo depende fundamentalmente do proprio interesse pelos livros e uma grande dose de paciencia. Mais a constante leitura de catálogos, naturalmente. O resto decorre do proprio amadurecimento.

— Muitas vezes é uma mera questão de intuição.

Lembra, nesse sentido, o caso de uma edição de Rabelais, do seculo XVI, na qual estava muito interessado. Numa de suas visitas a Londres o diretor da Livraria Francis Edwards trouxe-me um volume de 1558. Mindlin manuseou o livro, apalpou-o com os olhos e disse desculpando-se:

— Não sei por que, mas me parece que essa edição é do seculo XVI.

— É possivel — respondeu-lhe o fleugmatico livreiro. Mas tenho-a como autentica.

Depois de verificar uma bibliografia a respeito, constataram que realmente aquele livro era de mil seiscentos e pouco, seculo XVII.

— Até hoje o livreiro supõe que eu seja um grande especialista. Nada o convenceria do contrario.

No entanto, Mindlin afirma que foi mesmo pura intuição, mostrando que essa historia de tecnica, malicia, e misterios da "arte" de colecionar nem sempre basta.

UMA HERANÇA

Enquanto seu pai, Ephim Henrique Mindlin, que era mais conhecido como "o doutor E. H. Mindlin", estava voltado mais para escultura, pintura e obras de arte em geral, José Mindlin herdou-lhe o gosto pelos livros, que foi despertado ainda muito cedo.

O primeiro livro da sua coleção foi comprado quando tinha 13 anos, uma edição de Bossuet, do seculo XVIII.

O proprio E. H. Mindlin não só se dedicava à coleção de peças de arte, como ele proprio tinha um grande dom para a pintura e escultura. Ainda hoje, na casa do seu filho, em cima da mesa da sala, há um pequeno radio de galena, com o tronco de uma figura humana, esculpida por seu pai. É uma figura de linhas voltadas para a arte do fantastico, do surrealismo, cujo braço era usado para ligar o aparelho. Há também um vaso de marfim, todo trabalhado em flores, que foram esculpidas em alto relevo pelo pai do colecionador.

Mindlin diz hoje que sua propria esposa, Guita, também acabou se contaminando com o "virus" do livro raro e chegou até a fazer um curso de encadernação, para conservar e preservar as obras da biblioteca.

— Até agora, porém, só confiei-lhe uns poucos livros bons — diz Mindlin brincando.

Acredita que a vez de dona Guita logo chegará. Por enquanto, quem continua encadernando e restaurando os livros que precisam desse trabalho é Gabriel Marti, um artesão espanhol radicado em São Paulo. Antes de descobri-lo, Mindlin mandava seus livros para a Europa.

Mindlin encontrou a "Viagem Pitoresca" numa pequena livraria de Paris, em 1946

Em geral, para a leitura e cuidados com a biblioteca, Mindlin destina uma hora e meia do seu tempo por dia. Nesse sentido, bom mesmo era na epoca da antiga Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil, a Cexim, quando pôde ler toda a coleção de Balzac enquanto esperava, nos corredores e ante-salas daquela repartição publica, às licenças de importação da Metal Leve, que estava começando a se formar. Foi em 1950.

Aproveitou o tempo para sua leitura de Balzac, uma edição da "Pleiade", 10 volumes, mais de 12 mil paginas. E, naquele tempo nem se falava ainda em leitura dinamica.

A gente tem que se divertir e tirar sempre o melhor proveito das coisas, não importando as circunstancias — diz êle.

Continua na pagina seguinte

De como uma edição de Debret foi comprada, vendida e comprada de novo por seu dono

Essa é a historia de como um livro foi comprado, vendido sem ser pago e comprado de novo por seu dono. E a própria *Historia Pitoresca do Brasil*. Não confundir com o titulo do livro. Uma edição de Debret, 1835. Também não confundir a data.

Foi no ano de 1946. José Mindlin que, de mero colecionador, tinha decidido entrar no mercado de livros raros, fundando a Parthenon com mais dois socios, viajou para a Europa a fim de preparar seu estoque inicial. Cismara que a loja precisaria ter pelo menos uma obra de grande peso para já ir adquirindo prestigio no mercado interno. Não só isso, como cismara também de comprar uma raridade em particular, a *Viagem Pitoresca ao Brasil*, de Debret, 1835.

Estava disposto a pagar até 100 mil francos. Virou Paris de cabeça-pro-ar atrás do livro. Nada. Bateu praticamente todas as livrarias especializadas da cidade. Revirou todos os catalogos existentes no mercado. Tudo em vão.

Já tinha desisitido.

Pouco antes de voltar, andando com um amigo que também era colecionador de livros raros, passou por uma pequena livraria. Uma livraria comum. Afinal, já quebrara tanto a cabeça, que mais uma não faria diferença.

O amigo puxou-o, rindo-se da sua insistencia:

— Você está louco. Não vai encontrar nada aí.

E continuaram seu caminho, conversando por mais alguns quarteirões. Até uma esquina onde cada um teria que tomar rumos diferentes. Despediram-se.

Ficou parado uns instantes, inconformado com a renuncia à obra de Debret. Acabou voltando àquela livraria. Disse o que queria, sem muita esperança.

"VOU VER"

— Não sei. Mas espere um pouco que vou ver — respondeu-lhe o livreiro.

Enquanto esperava, Mindlin chegou a achar graça da sua atitude ali parado, por uma coisa que não tinha a menor possibilidade de acontecer, apesar da boa vontade demonstrada pelo dono da pequena livraria. Se não tinha encontrado nas grandes casas especializadas, não seria ali que iria achá-lo.

Momentos depois o homem aparecia de novo com os três volumes de Debret, da sua *Viagem Pitoresca ao Brasil*.

— Olhe! E todo ilustrado — disse o livreiro com satisfação.

— Mas não é colorido? — conseguiu ainda Mindlin esboçar um falso desencanto para reprimir seu entusiasmo, enquanto perguntava o preço.

Mesmo assim, o homem encheu-se de coragem e arriscou sem muita convicção:

— Fica em 10 mil francos.

Equivalia, na epoca, a 2 contos de réis.

Mindlin gastou mais 17 mil francos comprando uma porção de outras obras do livreiro.

Mais tarde, na Parthenon, aquele Debret seria vendido de acordo com a cotação do mercado. Assim mesmo, Mindlin ficou muito aborrecido com a venda. Afinal poderia ter ido para sua brasiliana. Mas como estavam entrando no mercado, não havia outro remédio. E o comprador nunca pagou.

RECOMPRADO

Como a sorte, porém, parece andar sempre ao lado desse colecionador, anos mais tarde, quando já tinha saido da Parthenon, passando por uma livraria Mindlin voltou a encontrar o seu Debret, que foi recomprado e integrado na brasiliana. O comprador, que levara o livro da Parthenon, esquecendo-se inteiramente de pagá-lo, tinha revendido a obra.

José Mindlin foi socio da Livraria Parthenon de 1946 a 1960. Explica que a sua maior sorte quanto fundaram aquela livraria é que, dos três sócios, um não tinha nenhum interêsse em livros raros e os outros tinham o interesse voltado para ssuntos diferentes.

Toda vez que vendia algum livro, já ia dizendo ao comprador:

— Se algum dia quiser vender, avise-me que eu compro.

Com isso, conseguiu recomprar praticamente tudo o que vendeu. Pelo menos, tuo tudo o que khe interessava.

Com isso, conseguiu recompor praticamente tudo o que vendeu. Pelo menos, tudo o que lhe interessava.

Entre outras obras que foram recompradas, estão a *Cronica* de Nuremberg, de 1493, uma edição de Petrarca, de

Gravações

CARLOS GOMES, HENRIQUE OSWALD, NAZARETH, MIGNONE, VILLA-LOBOS E AS "MODINHAS" DE MARIO DE ANDRADE, AS PRINCIPAIS OBRAS DOS 100 ANOS QUE SUCEDERAM A INDEPENDÊNCIA E QUE ESTÃO NO MERCADO

E A MÚSICA BRASILEIRA
do "Guarany" a Villa-Lobos

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

1870 ficou assinalado em nossa história da música. A 19 de março, o Teatro La Scala estreava a ópera **Il Guarany** (1) de Antonio Carlos Gomes (1836-1896). Baseado no romance de José de Alencar, o melodrama alcançou êxito invulgar. Dentro do estilo operístico romântico, foi Carlos Gomes o primeiro músico a inspirar-se em obra literária de feitio tipicamente indianista e brasileiro.

Carlos Gomes dedicou-se com exclusividade à ópera. Foram aparecendo sucessivamente, **Fosca** (1873), **Salvator Rosa** (1874), **Maria Tudor** (1879), **Lo Schiavo** (1889), **Condor** (1891), o poema vocal-sinfônico, denominado **Colombo** (1892). Foi um músico de temperamento vigoroso e nobre, infelizmente mais conhecido por meio de referências do que de contato direto com sua música. **O Guarany**, **O Escravo** revelam suas preocupações com a temática inspirada no passado brasileiro. Mas não esqueçamos as incursões no terreno da modinha (**Quem sabe?**) e da música de câmara (Quinteto para cordas).

Na Europa, as três décadas finais do século XIX ficaram assinaladas por acontecimentos de extrema importância histórica para a música de arte.

Na Alemanha, Richard Wagner (1813-1883), revolucionário da ópera, concluira a tetralogia **O Anel dos Nibelungos, Tristão e Isolda, Os Mestres Cantores.** 1882 é o ano de **Parsifal**.

Giuseppe Verdi (1813-1901) alcança o ápice da glória na **Aida, Messa da Requiem, Otello, Falstaff, Quatro Pezzi Sacri.**

Com a ópera **I Pagliacci**, Milão, 21 de maio de 1892, Ruggiero Leoncavallo (1858-1919) lança o melodrama verista, enquanto Giacomo Puccini (1858-1924) obtém seus primeiros triunfos com **"Manon Lescaut"** (Turim, 1º de fevereiro de 1893), **La Bohème** (Turim, 1º de fevereiro de 1896).

Após a guerra franco-prussiana de 1870, a França põe de lado as óperas faustosas de superficial dimensão artística. Já em 1871, fundava-se a **Societé Nationale de Musique**, a fim de propagar a jovem música instrumental dos compositores franceses. Ao redor da figura patriarcal e venerável de César Franck (1822-1890) forma-se um grupo importante de músicos: Chausson, Duparc, Lekeu, D'Indy, Ropartz, Castillon e outros.

O advento do pós romantismo marcou também o despertar do sentimento nacional. Georges Bizet, antecipando o verismo, celebrou a Andaluzia na ópera Carmen; a Provença em L'Arlesienne, a exótica India em Les Pêcheurs de Perles; e Lakmé de Delibes. Nórdicos, escandinavos, eslavos começam a criar sua própria música: Franz Liszt (1811-1886), imortaliza as Rapsódias Húngaras; Bedrich Smetana (1824-1884), Antonin Dvórak (184 1904) trazem Boêmia e Morávia para a ópera e o concêrto; Edward Grieg (1843-1907) para a Noruega; Jean Sibelius (1865-1957) com seus poemas sinfônicos inspirados nas primeiras sagas nórdicas, trouxe a Finlândia ao cenário internacional da grande música; na Espanha, Isaac Albéniz (1860-1909) é a figura musical mais importante dêsse período que nos ocupa. Quanto à Rússia, após Michael Glinka (1804-1857), os compositores enveredam decididamente pelo estilo nacional, exemplificado pela música de Alexander Borodin (1834-1887), Cesar Cui (1835-1918), Mili Balakirev (1837-1910), Modeste Mussorgski (1839-1881), Nicolai Rimski-Kórsakov (1844-1909), que ficaram célebres pela denominação discutível: "Grupo dos Cinco".

Por esse tempo, assinala-se no Brasil a presença de virtuoses do piano, como Louis Moreau Gottschalk, Théodore Ritter, Sigismund Thalberg, Arthur Napoleão, os violinistas Pablo de Sarasate, Jose White; a cantora Carlotta Patti, irmã da famosíssima Adelina, e outros. Deu-se também a fundação de diversas sociedades de propagação da música sinfônica e de câmara, notadamente no Rio de Janeiro e São Paulo.

Wagner dividia conservadores e progressistas. Em 1883, Lohengrin afundava no tédio da platéia carioca. Mas Tannhauser (1892) foi um triunfo. Subia a estrela de Wagner, declinava a de Carlos Gomes. O público de elite, incluindo estudantes, passou a idolatrar França e Alemanha, a expensas da Itália. Houve com isso ampliação de perspectivas. Começaram a surgir obras de música pura, destinadas ao concêrto. Mesmo no campo do melodrama, temas nativos foram interessando alguns compositores apegados ao gênero lírico. Assim, por exemplo, Tiradentes de Manuel Joaquim de Macedo (1847-1925); Jara de José Cândido da Gama Malcher (1852-1921), lenda amazônica; Leonora de Euclydes Fonseca (1854-1929); Moema de Delgado de Carvalho (1872-1921); Calabar de Elpídio Pereira (1872).

Leopoldo Miguéz (1850-1902) foi uma extraodinária organização de músico prático, professor, regente de orquestra, violinista, animador e organizador do Instituto Nacional de Música, que substituiu o antigo Conservatório, após o advento da República. Devotou-se ao Instituto de corpo e alma, à frente de um grupo de professores de primeira ordem. Foi o autor do Hino à Proclamação da República, duas óperas, música vocal e instrumental, que manifesta desmarcada influência wagneriana.

HENRIQUE OSWALD

Henrique Oswald (1852-1931), "o Gabriel Fauré brasileiro" na feliz expressão do pianista Arthur Rubinstein, numa entrevista ao jornal carioca "A Notícia" foi, sem dúvida alguma, um dos compositores mais completos e bem formados que o Brasil já produziu. Filho de pai suíço e mãe brasileira, nasceu no Rio de Janeiro, aqui recebeu os primeiros rudimentos musicais, mas aos quinze anos fixou-se em Florença, estudando piano e composição.

Como assinala Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, as obras que produz nesse período contêm a marca do pós-romantismo, "um romantismo policiado, "parnasiano", sem as efusões delirantes do período áureo, sem o pessimismo sombrio, sem o tecido musical sobrecarregado dos mestres alemães".

E curioso observar como na obra de Henrique Oswald parece que se entrelaçam características musicais que são da escola alemã, da escola francesa e da escola italiana.

Ficou célebre pelo noturno pianístico Il neige! (2), vencedor (1902) de concurso de composição promovido pelo jornal parisiense Le Figaro.

No ano seguinte, resolveu transferir-se definitivamente para o Brasil, assumindo a direção do Instituto Nacional de Música, durante três anos, repletos de lutas, intrigas, frustrações. Tornou-se um dos maiores professores de piano e composição.

Em 1910, escreveu a **Grande Sinfonia** em dó maior (3), opus 43; o **Quinteto** em dó maior, opus 18, para piano e cordas (4); **Quartetos** (5); excelente música de câmara, como a **Sonata** para piano e violino, opus 36; **Sonata-Fantasia** para violoncelo e piano, Andante e Variações para piano e orquestra (6); óperas, música vocal, numerosas peças para pianoforte solo (7). Nos derradeiros anos da existência, música sacra: grande Missa a quatro vozes mistas, orquestra e órgão; Missa de Requiem para côro misto "a cappella", Sonata para órgão, Prelúdios e Fugas para êsse instrumento.

ERNESTO NAZARETH

Ernesto Nazareth (1863-1934), pianista e compositor carioca, "artista discreto e sóbrio de atitudes, educadíssimo e cordial, cujo piano ressoou nas casas de música, nos cinemas, em reuniões familiares e de boa sociedade para várias gerações de brasileiros", Andrade Muricy.

Foi o mestre do tango brasileiro, a valsa, o maxixe de inconfundível raiz carioca (8). A música popularesca teve também renomados cultores em Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Joaquim Antonio da Silva Callado (1848-1880), em sua saborosa espontaneidade.

No domínio artístico, deve-se a Brazilio Itiberê (1846-1913) um dos primeiros ensaios de música nacionalista (9) na peça para piano, intitulada **A Sertaneja** (10), publicada em 1869, que utiliza o motivo **Balaio meu bem balaio.**

Alexandre Levy (1864-1892), não obstante uma existência breve, ficou registrado na história da música brasileira. Paulistano de nascença, teve na infância os melhores professores. Ao partir para a Europa, já compuzera **Variações sobre um tema brasileiro**, tratando a canção **Vem cá, Bitu**, numa técnica ora mendelssohniana, ora schumanniana (11).

Em 1880 apareceram obras de características nacionais: **Tango Brasileiro** (12), **Suite Brasileira** para orquestra, subdividida em: a) **Prelúdio**; b) **Dança Rústica — Canção Triste**; c) **A beira do regato**; d) **Samba**. (13). Procurou o compositor, não obstante sua formação musical européia, fugir ao esquema corriqueiro da música saloneira, mais ou menos decalcada na superfície folclórica. Voluntária, conscientemente, busca um estilo nacional. Uma de suas últimas obras tem por título **Schumannianas**, coletânea de pequenas peças pianísticas. Desapareceu prematuramente, aos 28 anos de idade.

ALBERTO NEPOMUCENO

Nascido (1864) no mesmo ano de Levy, mas vivendo até 1920, oriundo de velha estirpe cearense, Alberto Nepomuceno residiu largos anos na Europa. Ao retornar ao Brasil, converteu-se numa figura de primeira plana no cenário nacional, emérito pianista, organista, regente de orquestra, compositor, professor. No Rio de Janeiro, por meio de várias dezenas de concertos sinfônicos, mostrou a música francesa contemporânea, além dos principais excertos orquestrais de Wagner. Teve para a época a incrível audácia de compôr diversas obras vocais sobre textos vernáculos. Como o público ainda não se acostumara a ouvir melodias em português, a reação foi violenta. O repertório vocal de Nepomuceno inclui textos sobre poesias de Juvenal Galeno Luis Guimarães, Machado de Assis, Raymundo Correia, Luiz Guimarães Filho, Frota Aguiar, Fontoura Xavier, Magalhães de Azeredo, Osório Duque Estrada, Conde de Affonso Celso, Anna N. Baptista, Affonso Lopes Vieira, Gonçalves Dias, Coelho Neto, Olavo Bilac, Orlando Teixeira e outros. (13-A).

Na Sinfonia em sol menor (14), a **Suite à l'antique**, seu estilo compositório é romântico europeu. Assinala-se a **Serie Brasileira** para orquestra, o marco inicial da orientação nacionalista, como escreve Luiz Heitor. Compreende: I — **Alvorada na Serra**, com o tema do "sapo jururu", originado na dança dramática do **Bumba meu boi** nordestino; II — **Intermédio**, de buliçosa rítmica, cunho sensivelmente coreográfico, III — **Sesta na Rede** misto de sensualidade e nostalgia; IV — **Batuque**, dança de negros, acoimado "ultraje à divina arte" pelo crítico Oscar Guanabarino, escandalizado pelo emprego do réco-réco na "paraphernalia" percutiva da grande orquestra sinfônica. (15).

Nepomuceno versou o melodrama: as óperas **Abul, Artemis, Pastoral** auto de Coelho Neto, de parceria com José Pedro de Sant'Anna Gomes, Henrique Oswald, Francisco Braga. Da projetada ópera para a novela colonial de José de Alencar, **O Garatuja** compôs apenas o excelente Prelúdio. O Trio em fá sustenido menor, para piano, violino e violoncelo (1916); a música para o poema de Jacques d'Avray, **Le Miracle de la Sémence**, cantada em quatro partes, foram suas derradeiras composições.

BRAGA E VELASQUEZ

Francisco Braga (1868-1945), discípulo de Taudon e Massenet no Conservatório Nacional de Paris, recebeu forte influência de ambos. Entre numerosas composições, mencionam-se o poema sinfônico Marabá (argumento de Escragnolle Dória), Episódio Sinfônico (poesia de Gonçalves Dias), as óperas Jupira (extraída da novela de Bernardo Guimarães), Anita Garibaldi (livreto de Osório Duque Estrada) inconclusa). Durante vinte anos, foi diretor da Sociedade de Concertos Sinfônicos do Rio de Janeiro. Despediu-se da regência com a execução da IX Sinfonia de Beethoven, e um Festival Wagner. Sua obra bem estruturada, cristalina e honesta, reflete o estilo da música pós-romantica francesa. (15-a).

No campo operístico, observa-se o esfôrço de musicar assuntos brasileiros, ao lado das sempre frustradas tentativas de nacionalizar o negócio da ópera, subtraída ao despótico domínio do empresariado italiano: temerária iniciativa, fadada ao malôgro num meio que já se familiarizara com a periódica presença das companhias líricas européias. O ituano Assis Pacheco (1865-1937) compôs Moema (São Paulo, 1889); Flora (Rio, 1898); Estella, Jaci; Francisco Braga, Jupira (1900) Leopoldo Miguéz Os Saldunes; Araujo Vianna, Carmella, Boscaiuola, Anita Garibaldi; Dom Casmurro, de João Gomes Junior, naturalmente do romance de Machado de Assis; Primizie de Abdon Milanez (1921); O Contratador de Diamantes de Francisco Mignone (1924), — para mencionar exemplificativamente algumas óperas de assunto nacional.

Por êsse tempo, renovava-se o ambiente musical brasileiro. Ao lado das obras clássicas e românticas de raiz germânica, começam a aparecer, nos programas de concêrtos, os autores russos e franceses, notadamente César Franck e discípulos, Chabrier, Debussy, Ravel, os modernos.

Glauco Velasquez (1884-1914), mal concluidos os estudos no Instituto Nacional de Música, começou a compôr febrilmente numa linha inspiracional considerada anti-tradicional e moderna. "No fundo, porém, escreve Luiz Heitor, sua música é puramente romântica; a mensagem que ela transmite é a do moço cuja existência foi destroçada pelo poder implacável do Fatum misterioso, sem conhecer o segrêdo da própria existência e sentindo o espectro implacável da tísica abater-se sôbre a sua frágil compleição, sequiosa de afeto, consumida pela chama interior de uma intensa vida espiritual". Aos vinte e sete anos, Velasquez estreou-se, bem recebido pela crítica. Deixou um acêrvo predominantemente de música de câmara, hoje, infelizmente, no olvido, apesar das opiniões insuspeitas de mestres como Darius Milhaud, Luciano Gallet, Rodrigues Barbosa, Henrique Oswald, Alberto Nepomuceno, Francisco Braga, André Messager. Sua música é melancólica, sombria e trágica, manifestando, segundo Renato Almeida, as influências de Antero de Quental, Leopardi e Camões.

COM VILLA-LOBOS
UM RITMO INDEPENDENTE

Heitor Villa-Lobos (1887-1959) inaugura a legítima expressão nacional da música brasileira. Não obstante, sua vasta obra reflete com fidelidade as correntes principais de reação anti-romântica, desde Ravel, Debussy, até Stravinsky, Scriabin, Prokofiev, Schoenberg. Foi êle indubitàvelmente um dos mais formidáveis auto-didatas de que há memória nos anais da música. Aprendeu violoncelo com o pai; violação por conta própria. Frequentou com ssiduidade as rodas boêmias dos "chorões" cariocas. Em 1913, quando abandona a vida de cigano, para fixar-se definitivamente no Rio, Villa-Lobos já compuzera algumas obras significativas: Cantos Sertanejos para pequena orquestra; óperas em um ato Aglaia, Elisa, duplo Quinteto de cordas, Pequena Suite para violoncelo e piano, peças para piano e canto. Com o correr dos anos, sua música vai adquirindo fisionomia anti-romântica, moderna, agressiva, reflexo e influência do que se compunha na Europa das duas primeiras décadas do seculo XX. Todavia, essas novas tendências não conseguiram evitar certo contágio debussysta e raveliano, em que pese a categórica, porém infundada opinião de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo: "O impressionismo de Debussy, que êle só veio a conhecer tardiamente, nenhuma influência exerceu sôbre a sua música; o clima refinado, o aristocrático abandono dessa arte, nada tinham em comum com a expressão direta e brutal do jovem compositor brasileiro".

O Trio nº2 (1915) para piano, violino e violoncelo (16) prova uma "ascendência francesa, que se manifesta nas harmonias pós-românticas, na rítmica ternária dos movimentos ímpares, na atmosfera impressionista da Berceuse-Barcarola, na abundância dos arpejos e das figurações ornamentais. Ascendência, mais do que influência direta. Em sua busca de si mesmo, Villa-Lobos percorreu, muitas vezes, caminhos já antes desbravados." Êste parágrafo de Edino Krieger resolve o impasse.

São do autor das Variações Elementares os seguintes conceitos, que não nos furtamos de transcrever: "Qualitativamente, é nessas obras de cunho camerístico que Villa-Lobos atinge alguns de seus momentos de maior grandeza e de mais completa realização, de um ponto de vista musical intrínseco. Nelas, o temperamento exuberante, a liberdade irrefreável, a imaginação fecunda, o tratamento insólito da forma, encontram o meio disciplinador, o filtro purificador de sua musicalidade imanente, que se realiza, então, em tôda sua plenitude, a imaginação e o temperamento enriquecidos pela economia dos meios, cada instrumento explorado até os limites de suas possibilidades técnicas e expressivas. Nas vozes concentradas dos pequenos conjuntos, agiganta-se a figura de músico maior de Villa-Lobos".

Choque e revolta experimentaram crítica e público, ao primeiro concêrto de 13 de novembro de 1915, dedicado a obras vocais e instrumentais. "Há nas composições do sr. Villa-Lobos a preocupação de efeito exterior, do efeito complicado, empolado, original, efeito moderno", anotou o crítico de "O Imparcial", certamente surprêso perante a complexidade harmônica da escritura, duros pedais, notas estranhas acrescentadas aos acordes, politonalidade, polirritmia, livre movimentação das partes.

Exceto Oscar Guanabarino, o implacável crítico do "Jornal do Commércio", os comentários dos jornais favoreciam com muita simpatia e bastante discernimento as primícias do então jovem compositor brasileiro, conforme registraram Luiz Guimarães e seus colaboradores, no inapreciável livro **Villa-Lobos visto da platéia e na intimidade** (1912-1935), Rio de Janeiro, 1972.

Entre 1915-1918, sua produção é de cunho deliberadamente internacional. Naquele ano (1918) surge a primeira suite **A Prole do Bebê** (17), para pianoforte solo. Cada uma das oito pecinhas é decalcada em melodia do folclore infantil. Arthur Rubinstein encarregou-se de propagar a esplêndida partitura. Um ano mais tarde, veio o **Carnaval das Crianças Brasileiras**, em oito partes, e começa a compôr as **Canções Típicas Brasileiras** (18), aproveitando textos de várias procedências, indígenas, negro-fetichistas, seresteiros; **Fantasia de Movimentos Mixtos**, para violino e orquestra (19). 1920 é o ano memorável da **Lenda do Caboclo** (20) para solo de piano, expressão acabada de um determinado aspecto da música popular brasileira, dotada de uma novidade incomparável no clima expressivo, acentuações, colorido.

Ficou célebre a presença de Villa-Lobos na Semana de Arte Moderna, de 1922, dando a conhecer seus trabalhos, em meio a conferências e poesias, bem como a tremenda assuada de manifestações de desagrado.

Tudo isso já é história.

De 1870 a 1922, a música brasileira marchou, por entre acertos e inevitáveis falhas, vacilações e desigualdades, num parcial reflexo das correntes estéticas do Velho Mundo, até a eclosão da música independente, poderosa, genial de Heitor Villa-Lobos. No ano do I Centenário da Independência, já se fixara na música artística nosso modo de ser, firmemente ancorado no espírito nacionalista. (20).

---

(1) — Gravação integral: Manrico Patassini, tenor (Pery); Niza de Castro Tank, soprano-ligeiro (Cecy); Paulo Fortes, barítono (Gonzales); José Perrotta, baixo (Antonio de Mariz); Juan Carlos Ortiz, baixo (Cacique); Côro e Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sob regência de Armando Belardi — "Chantecler", CMG-5001, 3 Lp.

(2) — Arnaldo Estrella, piano ("Festa", LDR-5004).

(3) — Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Edoardo de Guarnieri ("Festa", LDR-IG-79.021).

(4) — Conjunto de Música de Câmara de São Paulo (Fritz Jank, piano; Gino Alfonsi, Alexandre Schaffman, violinos; Johannes Oelsner, viola; Calixto Corazza, violoncelo). — "Chantecler", CMG-1024.

(5) — Quarteto em mi menor, op. 39 (Quarteto Brasileiro), Quarteto da U.F.R.J. (Santino Parpinelli, Jaques Niremberg, violinos; Henrique Niremberg, viola; Eugen Ranevsky, violoncelo). CBS — Stereo 160174; Quarteto. — Quarteto Oficial da Escola Nacional de Música (Santino Parpinelli, Henrique Morelenbaum, violinos; Jaques Niremberg, viola; Eugen Ranevsky, violoncelo). "Corcovado", CD-E-6.

(6) — Honorina Silva, piano; Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio M.E.C., regida por Alceo Bocchino. — "Angel" (Odeón), 3 CBX-415.

(7) — **Barcarola**. — Fritz Jank, piano — "Odeón", MOFB-3.008; **Impromptu** — Antonietta Rudge, piano. — Odeón C-7235-a (78rpm, 30 cms.); **Trois Etudes**. — Belkiss Carneiro de Mendonça. "Copacabana", CLP-11.641.

(8) — **Ameno Resedá, Pairando, Topázio Líquido, Coração que Sente, Quebradinha, Subtil, Cavaquinho, por quê choras?**. — Arnaldo Rebello piano. — "Corcovado", CDEM-9; **Ouro sôbre Azul; Sarambeque, Elegantíssima, Tenebroso, Ameno Resedá; Labirinto; Coração que Sente; Fon-Fon; Bambino; Batuque; Apanhei-te Cavaquinho; Confidências; Carioca; Escorregando; Duvidoso; Eponina; "Odeón"; Brejeiro; Gotas de Ouro; Nenê; Travesso; Dirce; Talismã; Atrevido; Sustenta...a Nota; Espalhafatoso; Você bem sabe; Meigo; Dora; Digo; Floraux; Expansiva; Turuna; Pinguim** — Eudóxia de Barros, piano. — "Chantecler", CMG-1017, 1034; "Odeón", **Sustenta... a Nota...; Não Caio noutra!!! Digo; Faceira, Você bem sabe; Celestial; Famoso.** Roberto Szidon, piano. "Angel-Odeón", 3 CBX-438.

(9) — Antologia da Música Erudita Brasileira, vol I. Arnaldo Estrella, piano. — "Festa", LDR-5004.

(10) — Antologia de Autores Brasileiros. Eny da Rocha, piano. RGE XRLP-100.013.

(11) — Eudóxia de Barros, piano. "Chantecler", CMG-1025.

(12) — Antonietta Rudge, piano ("Odeon", C-7235-b, 78rpm, 30cms.); Eudóxia de Barros, "Chantecler", CMG-1025; Arnaldo Estrella, "Festa", LDR-5004; Eny da Rocha, RGE, XRLP-100.013.

(13) — **Prelúdio; A Beira do Regato; Samba.** Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Souza Lima, Festa, IG.79-022.

(13-A) — **Medroso de Amor, Coração Indeciso; Trovas; Cantigas**; Cantilena; A Jangada. Maria Helena Buzelin, soprano; Orquestra Sinfônica Nacional da "Radio M.E.C"., reg. Alceo Bocchino. "Angel-Odeón", 3 CBX-415; **Trovas**, op. 39 ns. 1-2; Lenita Bruno, soprano, e orq. reg. Leo Peracchi, "Festa", LDV-6.003; Magdalena Lébeis, soprano; Fritz Jank, piano, RGE-NAC-1076.

(14) — Orquestra Sinfônica Brasileira, reg. Edoardo de Guarnieri, IG. 79.028.

(15) — Orquestra Sinfônica Brasileira, reg. Souza Lima, "Festa", LDR-5.014.

(15-A) — **Variações sôbre um Tema Brasileiro** — Orquestra Sinfônica Brasileira, reg. Eleazar de Carvalho. — "Cambridge", C E 1.

(16) — Trio Novo Pro Arte (Daisy de Luca, piano; Alberto Jaffe, violino; Iberê Gomes Grosso, violoncelo). — Philotsom — Museu Villa-Lobos, MVL-001-A/ST.

(17) — Eudóxia de Barros, piano. Ricordi. SRE-6.

(18) — Cristina Maristany, soprano; Alceo Bocchino, piano. Odeón. 3 CBX-395.

(19) — Oscar Borgerth, violino; José Vieira Brandão, piano. — RCA Victor, 12.207/10, 4 78rpm, 30cms.

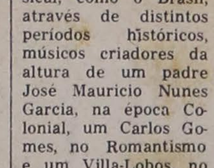
(20) — Ref. bibliogr.: Luiz Heitor, **150 Anos de Música no Brasil (1800-1950)**, Rio de Janeiro, "J. Olympio", 1956, pgs. 77-261; Vasco Mariz, **Figuras da Música Brasileira Contemporânea**, Brasília, "Editora da Universidade", 1970, 209 pgs.; Mário de Andrade, **Música do Brasil**, Curitiba, Guaira, 1941, 79pgs.; Luiz Heitor, **Música e Músicos do Brasil**, Rio, 1950, 410 pgs.; Andrade Muricy, **Caminho da Música**, Curitiba, Guaira, 2 vols.

NA CÔRTE DE D. PEDRO II

— O período de incertezas e de agitação política em que transcorreu a menoriadade de D. Pedro II e a sua mocidade, foi desfavorável à música nas suas expressões próprias. Houve um hiato, preenchido sòmente pelo movimento operístico, com a vinda de companhias italianas. Mesmo assim, houve condições para a formação de alguns compositores que deixaram obras interessantes. Na série "Angel", **Música na Côrte Brasileira**, volume 4: de Elias Alvares Lôbo, a abertura **A Louca ; de Henrique Alves de Mesquita, a abertura A noite no Castelo;** de Pedro Teixeira Seixas, a abertura **O triunfo do amôr**; de Luiz Inácio Pereira, a abertura **A Castanheira**. E, ainda, obras de Eleuterio Feliciano da Senna (**andante** para grande orquestra); de Gottschalk, **Banjo e Bamboula** e de Severio Mercadante, **Exulta, oh! Brasil**. Ao piano, Honorina Silva; Tenor, Mario Cesar de Oliveira; soprano: Ermelinda Couto. Côro da Rádio M.E.C. e Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio M.E.C., sob regência de Alceo Bocchino. Cr$ 30,00.

CARLOS GOMES

— Segundo escreveu Marlos Nobre, um dos mais importantes autores contemporâneos, "nenhum país das Américas pode apresentar ao mundo musical, como o Brasil, através de distintos períodos históricos, músicos criadores da altura de um padre José Mauricio Nunes Garcia, na época Colonial, um Carlos Gomes, no Romantismo e um Villa-Lobos, no modernismo da primeira metade do nosso século". É verdade. Carlos Gomes foi, não há dúvida, um músico que honrou o Brasil. No LP da "Angel", distribuição da "Odeon", a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do Maestro Eleazar de Carvalho, apresenta Aberturas e Prelúdios de Carlos Gomes. Entre as aberturas, de **Salvator Rosa, O Guaraní**, e **Fosca**. Prelúdio e Alvorada de Lo Schiavo e **Noturno** de **Condor**. Tanto no prelúdio de **Lo Schiavo** quanto em **Condor**, é solista de oboé, Ludmilla Jezovc. É uma pena que tenham retirado do mercado a gravação "Chantecler" da ópera completa **O Guaraní**, com elenco brasileiro, sob a regência de Armando Belardi. Cr$ 30,00.



ANTOLOGIA DA MÚSICA ROMÂNTICA BRASILEIRA

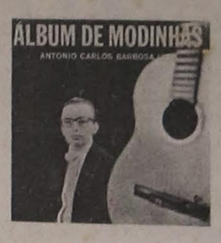
E o nome do album "Angel", com obras de Henrique Oswald, Manuel Faulhaber, Arthur Napoleão, e Alberto Nepomuceno, nomes que figuram entre os mais importantes dos músicos do século XIX. Na época romântica — como até hoje — o piano desempenhou papel importante nos meios artísticos brasileiros. Na Face "A" do LP, obras para êste instrumento, na execução de Honorina Silva. No **Andante com variações**, é acompanhada pela Orquestra Sinfônica da Rádio MEC, sob direção de Alceo Bocchino. A peça é de Henrique Oswald. De Arthur Napoleão, o **Romance** e de Manuel Faulhaber, **Valsa opus 4**. O lado "B" do disco, é todo dedicado a canções de Alberto Nepomuceno, sôbre palavras de diversos poetas. Quem canta é Maria Helena Buzelin, soprano. Entre as canções, **Medroso de amor, Trovas, Cantilena** e **A jangada**. Acompanhamentos pela Orquestra da Rádio MEC, sob direção de Alceo Bocchino. Cr$ 28,00.

SINFONIA OPUS 43

— Seu autor é Henrique Oswald, que nasceu no Rio de Janeiro em 1852. Transferindo-se sua família para São Paulo, iniciou seus estudos musicais com sua mãe, de origem italiana e, aos 15 anos, foi para a Europa, onde estudou com Buonamici, pianista formado na escola de Hans Von Buellow. Em LP da etiqueta "Festa", temos a **Sinfonia opus 43**, de Henrique Oswald, na interpretação da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Edoardo De Guarnieri. Grande parte da obra de Henrique Oswald foi composta durante sua permanência em Florença, onde conviveu com personalidades importantes do mundo musical da Europa, como Liszt e Brahams. Em 1903, Henrique Oswald retorna definitivamente ao Brasil, depois de várias visitas rápidas, para ocupar a direção do Instituto Nacional de Música, sucedendo a Leopoldo Miguez. Henrique Oswald morreu em 1931, com 79 anos de idade. A **Sinfonia opus 43** teve sua primeira audição em 1918, no Teatro Colón de Buenos Aires. E interessante e representativa de sua época. Cr$ 29,00.

MODINHAS

Em gravação da "Festa", o Collegium Musicum da Rádio Ministerio da Educação, fundado em 1961, com Priscilla Rocha Pereira, soprano; Lenir Siqueira, flautista; Antonio de Padua Guerra Vicente violoncelista; Celia Ognibene, cravista e George Kiszely, violista. Interpretam obras do século XIX, da música brasileira, principalmente a "modinha", uma das mais genuinas manifestações da canção popular brasileira. Mario de Andrade, estudioso e mestre consumado, reuniu num album de importância histórica enorme, **Modinhas Imperiais**, coletânea de obras, algumas de autores anônimos e outras assinadas. Neste LP da "Festa", o grupo do Collegium Musicum, interpreta **Boleros**, de autor anônimo; **Donzela, por piedade não perturbe**, de J. S. Arvelos; **Montenera**, peça para cravo; e, de autores anônimos, **Caxuxa e miudinho, Acaso são êstes...**, e **Lundú**. Cr$ 28,00.



ALBUM

Um dos melhores intérpretes do violão é, não há dúvida, Antonio Carlos Barbosa Lima. Além de ter técnica desenvolvida e sonoridade rica, possui um fraseado musical fora do comum e é também um artista de grande versatilidade. Num LP da "Chantecler", em solos de violão por Barbosa Lima, uma série de modinhas imperiais, do século XIX. A maioria de autores desconhecidos, reunidas por Mario de Andrade no seu trabalho **Modinhas imperiais**. São elas: **Acaso são estes, Vem a meus braços, Deixa Dália, flor mimosa**, e **Mestiça**. Ainda no disco: **Três árias números 1, 5 e 7**, de Marcos Portugal, falecido em 1830; **Busco a campina serena**, de Cândido Inacio da Silva; **Eu tenho no peito**, do padre Telles; **Que noites eu passo**, de A. J. Monteiro; **Quem sabe** e **Conselhos**, de Carlos Gomes; **Último adeus do amor**, de Emilio do Lago e **Viola Quebrada**, de Mario de Andrade, Cr$ 26.00.

ERNESTO NAZARETH

Cerca de trinta anos, de 1890 a 1920, Ernesto Nazareth ocupou um lugar de grande destaque entre os compositores brasileiros. Nazareth, além de compositor de grande talento, era também excelente executante e sua música é essencialmente brasileira pois, aproveitava todos os ritmos e maneiras da época em suas composições. Costumava dizer: "meus tangos não são maxixes". Com esta frase, que Mozart de Araujo transcreve em suas notas, Ernesto Nazareth reclamava dos seus intérpretes versões mais acuradas e o refinamento interpretativo que a sua música exigia. Este refinamento e este apuro estão no LP "Chantecler" o **Ouro sôbre azul**, com a excelente pianista Eudoxia de Barros. Entre as peças de Nazareth todas de um sabôr bem brasileiro e muitíssimo bem executadas, o "tango", que dá nome ao álbum, **Ouro sôbre azul; Elegantíssima**, valsa capricho; **Batuque, Eponina**, VVALSA E **Brejeiro**, tango. Cr$ 24,00.

DOIS QUARTETOS

— Em LP da "CBS", estereofônico, edição brasileira, dois quartetos de dois autores importantes da história da música do século XIX. Um deles, Villa-Lobos, nascido em 1887, e que morreu em 1959, Dele, neste LP, o **Quarteto nº 16**, obra do período da maturidade, com quatro movimentos: **Allegro non troppo, Molto andante, quasi adagio, Vivace (scherzo)** e **Molto Allegro**. O segundo autor do LP é Henrique Oswald, com seu **Quartetobrasileiro**, também em quatro movimentos: **Allegroagitato, Adagietto, Presto (scherzo)** e **Molto allegro**. A execução, de alto nível artístico, está a cargo do Quarteto de Cordas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, integrado pelos violinistas Santino Parpinelli e Jacques Nirenberg; Henrique Nirenberg à viola e Eugen Ranevski, violoncelista. Cr$ 26,00.

FRITZ JANK

O saudoso artista que tantos anos viveu no Brasil e apreendeu como ninguém a música, os hábitos e os costumes brasileiros, deixou um LP da "Chantecler", cujo som não é dos melhores, mas pode-se verificar suas interpretações: justas, corretas e artisticamente de primeira ordem. Só com obras de autores brasileiros. Alguns modernos, outros contemporâneos. De Fructuoso Viana, nascido em 1896, o **Canto infantil, Dança de negros, Canto de negros, Canto do trabalho, Pregão e Tanguinho.** De Ernani Braga, nascido em 1888, **Xangô** e de Paulo Florence, nascido em Campinas em 1864 e que leciono em São Paulo até a sua morte, em 1949, **Noturno**. Bem fez Fritz Jank em gravar estas peças, de grande valor histórico para quem se interessa pela música erudita do Brasil. Cr$ 25,00

TRÊS AUTORES IMPORTANTES

Francisco Mignone, nascido em 1897, Brasilio Itiberê, de 1896 e Villa-Lobos, de 1887 estão reunidos no LP da editora "Festa", com obras interessantes e pouco conhecidas do grande público. De Francisco Mignone, a **Missa em si bemol**, de escrita rigorosamente polifonica, uma obra de grande fôlego. De Villa-Lobos, **Bendita Sabedoria**, composta em Paris, teve em Nova York sua estréia mundial, em 1959. De Brasilio Itiberê e Carlos Drumond de Andrade, **Estâncias**, obra de grande interêsse e que revela um mestre no canto "acapella". Interpretações da Associação do Canto Coral do Rio de Janeiro, com a solista Yonne Guimarães, meio soprano, sob a regência de Cleofe Person de Mattos. Cr$ 28,00.

Não perca tempo procurando o disco que você quer. Vá direto a BRENNO ROSSI

LOJA 1: R. 24 de Maio, 253 - diária/até 22 hs., sábado até 19 hs., e mais 3 lojas a sua disposição.

UMA VIDA CURTA

para tantas lutas e aventuras

AUGUSTO MAURICIO

No Palácio de Queluz, na sala D. Quixote, em Lisboa, no ano de 1798, a 12 de outubro, nascia Pedro de Alcantara, filho dos infantes D. João e Dona Carlota Joaquina. Sua infancia decorreu igual à dos outros meninos — foi criado à solta, sem qualquer vestigio de realeza.

Quando a Corte, em 1808, se transportou para o Brasil por causa da invasão de Portugal pelo exercito de Napoleão, D. Pedro contava apenas 9 anos. E no Rio de Janeiro se fez homem, conheceu todos os prazeres. Era um principe real que se misturava com cavalariços, barbeiros, empregados sualternos do Paço, pelos bares das vielas da cidade colonial, e que se entregava a aventuras de todos os tipos, desde as mais sórdidas às de nivel mais elevado na escala social. O principe teve em sua vida o amor das mulheres mais vis e das mais perigosas e absorventes, desde a preta Andreza, escrava das freiras do convento de Nossa Senhora da Ajuda, e que vendia doces na Quinta da Boa Vista, até Maria Domitila de Castro Canto e Melo, que mais tarde seria viscondessa e marquesa de Santos.

Mas não se pode julgar o carater de um homem público pelas ações praticadas na mocidade, principalmente quando se sabe que os exemplos de moralidade e dignidade, na Corte em que vivia e na qual fora criado, não eram muito recomendáveis aos olhos dos puritanos. A tara erótica que herdara de seus ancestrais foi uma força que atuou relevantemente na formação do espirito do jovem Bragança. Assim D. Pedro deve ser apreciado e estudade como homem publico. Sua conduta seria banal, não fosse ele filho de rei.

A personalidade do principe começa a delinear-se com o embarque da familia real de Bragança de volta a Lisboa, em 26 de abril de 1821, quando seu pai deixou-o como regente do reino. D. João VI já previa que o Brasil não suportaria por muito mais tempo a tutela de Portugal. Por isso, a bordo do navio, despedindo-se do filho, recomendou-lhe que, se o Brasil se separasse de Portugal, tomasse para ele a Coroa.

Logo começaram a surgir demonstrações de desagrado em Lisboa pela forma amiga com que D. Pedro governava o Brasil. Surgiram intrigas politicas; adversários começaram a tramar junto ao rei a substituição do regente.

E então, a 9 de dezembro de 1821, ancorava na Guanabara a nau "Infante D. Sebastião", trazendo despachos do reino, desfavoráveis ao Brasil. O primeiro suprimia os tribunais do Rio de Janeiro, instituidos em 1808; o segundo ordenava a D. Pedro que seguisse imediatamente para Portugal, entregando o governo a uma junta.

O povo reuniu-se nas ruas; boletins e panfletos surgiram incitando os brasileiros a unirem-se contra a saida do principe.

Na residência do capitão-mor José Joaquim da Rocha, na rua da Ajuda, 64, uma comissão reuniu-se e encarregou frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio, amigo pessoal de D. Pedro, de redigir o manifesto que seria entregue ao regente. Dizia o documento:

"Senhor, A saida de Vossa Alteza Real dos Estados do Brasil será o decreto fatal que sanciona a Independência deste reino. Exige, portanto, a salvação da patria, que Vossa Alteza suspenda a sua ida até nova determinação do soberano Congresso. O partido da Independência, que não dorme, levantará o seu império, e em tal desgraça, oh! que de horrores e de sangue, que terrivel cena aos olhos de todos se levanta! (1).

O Senado da Camara funcionava na época no consistório da igreja de Nossa Senhora do Rosario e São Benedito, na rua da Vala, atual rua Uruguaiana. Lida a mensagem de frei Sampaio, que contava com cerca de oito mil assinaturas, foi designada uma comissão encabeçada por José Clemente Pereira para levá-la ao principe. Na presença do regente, José Clemente Pereira fez-lhe ver a necessidade de sua permanencia no Brasil e a confiança que os brasileiros nele depositavam. La fora, o povo aglomerado esperava a resposta de D. Pedro. Ele ouviu, orgulhoso e reconhecido a leitura da mensagem.

E toma a resolução de desobedecer à ordem real:

"Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico".

Voltando ao Senado da Camara, a comissão encarregou Inocencio da Rocha Maciel, filho do capitão-mor José Joaquim da Rocha, de transmitir ao povo a decisão do regente. Descendo à rua, sobre um pequeno monte de pedras junto à Camara, Rocha Maciel repete as palavras de D. Pedro. A multidão aplaude e dá vivas ao principe.

Era o dia 9 de janeiro de 1822.

E o principe ficou. O general Avilez, comandante da divisão portuguesa, ainda tentou convencer o regente a cumprir a ordem real. Ao encontrar resistência, imaginou um plano para levar D. Pedro, a força, para bordo de um navio. O plano foi descoberto; o general revoltou-se, ocupou com suas tropas o morro do Castelo e ameaçou bombardear a cidade.

D. Pedro apronta-se para a luta. Reunindo soldados fieis no campo de Sant'Ana, intimou Avilez a recolher-se à Praia Grande (hoje Niteroi) com seus homens. Ainda relutante, Avilez cumpriu a ordem do Principe em 15 de fevereiro. Foi a sua primeira demonstração de força.

Mas Portugal não se conformou. No dia 9 de março, entrou na Guanabara uma esquadra comandada pelo vice-almirante Francisco Maximiano de Souza, com ordens de conduzir D. Pedro a Portugal. A esquadra foi recebida com hostilidade e teve que regressar sem cumprir sua missão, deixando no Brasil cerca de 400 homens que aderiram á nova causa.

Setembro chegou entre provocações e manifestações de desagrado. No dia 7, D. Pedro estava em São Paulo quando recebeu dois correios do paço, Paulo Bregaro e Antonio Cordeiro. Os despachos eram humilhantes para o principe e para o Brasil. D. Pedro proclama ali mesmo, nos campos do Ipiranga, a Independencia do Brasil e no dia seguinte, na cidade, lança a proclamação:

"Honrados paulistanos. O amor que eu consagro ao Brasil em geral e á vossa provincia em particular, por ser aquela que, perante mim e o mundo inteiro, fez conhecer, primeiro que todas, o sistema maquiavelico, desorganizador e faccioso das Cortes de Lisboa, me obrigou a vir entre vós fazer consolidar a fraternal união e tranquilidade que vacilava e era ameaçada por desorganizadores que em breve conhecereis, fechada que seja a devassa a que mandei proceder. Quando eu, mais que contente, estava junto de vós, chegam noticias que de Lisboa os traidores da nação, os infames deputados, pretendem fazer atacar ao Brasil e tirar-lhe do seu seio seu defensor; cumpre-me como tal tomar as medidas que minha Real Imaginação sugerir; e para que estas sejam tomadas com aquela madureza que em tais crises se requer, sou obrigado a servir ao meu ídolo, o Brasil, a separar-me de vós (o que muito sinto), indo para o Rio, ouvir meus conselheiros, e providenciar sobre negócios de tão alta monta. Eu vos asseguro que coisa nenhuma poderia ser mais sensível do que o golpe que a minha alma sofre, separando-me de meus amigos paulistanos, a quem o Brasil, e eu, devemos os bens que gozamos, e esperamos gozar, de uma Constituição liberal e judiciosa. Agora, paulistanos, só vos resta conservardes a união entre vós, não só por ser esse o dever de todos os bons brasileiros, mas também porque nossa patria está ameaçada de sofrer uma guerra, que não só nos há de ser feita pelas tropas que de Portugal forem mandadas, mas igualmente pelos seus servis partidistas e vis emissarios que entre nós existam, atraiçoando-nos. Quando as autoridades não vos administrarem aquela justiça imparcial, que dela deve ser inseparavel, representai-me, que eu providenciarei. A divisa do Brasil deve ser — Independência ou Morte. Sabei que, quando trato da causa pública, não tenho amigos, e validos em ocasião alguma. Existi tranquilos: acautelai-vos dos facciosos das cortes de Lisboa; e contai em toda ocasião com o vosso Defensor Perpetuo. Paço, em 8 de setembro de 1822. a) Principe Regente."

Apesar das muitas lutas que teve que enfrentar, o governo de D. Pedro I estendeu-se até 7 de abril de 1831, quando abdicou o trono em favor de seu filho D. Pedro, então com 5 anos de idade, que viria a ser D. Pedro II.

Em 19 de março de 1831, D. Pedro I havia formado seu ministerio, assim constituído: pasta dos Estrangeiros, Francisco Carneiro de Campos; Negocios do Imperio, Bernardo José da Gama, visconde de Goiana; Justiça, Manoel de Souza França; Fazenda, Antonio Francisco de Paula Holanda Cavalcante deAlbuquerque; Guerra, José Manuel de Morais; e Marinha, Manoel José de Almeida.

Esse Ministerio exerceu suas funções até o dia 5 de abril, quando D. Pedro resolveu substituí-lo. Para a pasta do Imperio foi designado o marquês de Inhambupe; para a de Estrangeiros, o marquês de Aracati; Justiça, visconde Alcantara; Fazenda, marquês de Baependi; Guerra, conde de Lajes e Marinha, marquês de Paranaguá.

O povo não ficou satisfeito com a nomeação do novo Ministerio. Revoltou-se e exigiu que D. Pedro voltasse atrás, o que não era possivel nem admissivel. E assim ele resolveu deixar o país.

D. João VI morrera em 1826. A coroa que passara a D. Pedro, por direito de herança, foi por este oferecida á sua filha D. Maria da Gloria, então ainda uma criança, nascida na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Nomeada uma regencia para o reino de Portugal, passou a governar a infanta Isabel Maria em nome de D. Pedro IV, I do Brasil.

Ao abdicar o trono, D. Pedro nomeou seu lugar-tenente no reino, e também regente, seu irmão D. Miguel, ordenando o seu casamento com a rainha-menina. Como D. Miguel era ambicioso, não tardaria a insurgir-se contra a sobrinha para usurpar-lhe a coroa. Assim — pensava D. Pedro — casado com a rainha, governariam os dois o país. (2).

Mas D. Pedro estava enganado. O irmão, embora jurasse obediencia e prometesse casar com D. Maria da Gloria, não cumpriu a palavra. Ao contrario, instigou os portugueses contra os propositos do irmão, fomentou a revolta e apoderou-se do trono.

Logo após deixar o governo do Brasil, D. Pedro embarcou para a Europa na fragata inglesa **Warspite**. Em Belle Isle, França, organizou uma expedição de emigrados portugueses, com ela viajando para os Açores. Na Ilha Terceira fez proclamações e organizou um exercito. Com este invadiria Portugal e lutaria até reaver a coroa portuguesa para sua filha.

Com oito mil homens, D. Pedro partiu de Ponta Delgada para bater-se contra o irmão. D. Amelia, sua segunda esposa, entregou-lhe a espada que pertencera a seu pai, Eugenio de Beauharnais. Ao recebê-la, D. Pedro prometeu: "Eu t'a restituirei em Lisboa". (3).

E desembarcou na praia de Pompelido, nas cercanias do Mindelo, em 8 de julho de 1832, levando consigo a bandeira azul e branca bordada pela propria Maria da Gloria.

A luta foi uma epopeia; quando tudo terminou, estava aniquilado. A guerra o havia alquebrado completamente. Durante a luta não descansou nunca — tanto atirava nos inimigos como tomava do alvião para cavar trincheiras. Mas, ao final, sua filha estava no trono como rainha de Portugal, o absolutismo desaparecera e o reino tinha uma Carta Constitucional.

Em 24 de setembro de 1834, em Lisboa, aos 36 anos de idade, morria D. Pedro I, do Brasil, no mesmo quarto onde nascera. Fora um predestinado: vivera para a luta e para o sacrificio. (4).

A princesa Maria Leopoldina Josefa Carolina, da Casa austriaca dos Habsburgos, depois primeira Imperatriz do Brasil como esposa de D. Pedro, muito influiu no espirito de seu marido no sentido de lutar pela Independencia. A Imperatriz morreu no Rio, em 11 de dezembro de 1826, em consequencia de um parto prematuro. Suas ultiimas palavras foram: "Mãe do Céu... meus filhinhos, o Brasil."

O corpo da Imperatriz foi dado à sepultura no convento de Nossa Senhora da Ajuda, situado no largo da Mãe do Bispo, atualmente praça Floriano. Ali permaneceu até 1911, quando foi demolido o recolhimento das freiras, passando então para o convento de Santo Antonio, no largo da Carioca. Em 1955 foi transladado para o Monumento à Independencia, na colina do Ipiranga.

1 — Muitos historiadores dizem que frei Sampaio foi um dos batalhadores pela Independencia do Brasil. Entretanto, na carta acima citada, ele aconselha o principe a não se retirar porque de outro modo o Brasil faria sua libertação.

2 — D. Maria II casou-se em Lisboa em 28 de janeiro de 1835. Logo depois, no dia 28 de março, morria seu marido, o principe Augusto Carlos Eugenio Napoleão, duque de Leuchtenberg, irmão da imperatriz D. Amelia Augusta. Muito amigo de D. Pedro, tinha uma alta patente no Exercito Brasileiro e o titulo de duque de Santa Cruz. Em 9 de abril de 1836, casava-se D. Maria II, desta vez com o principe Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha.

3 — D. Amelia Augusta Eugenia Napoleona, filha dos duques de Leuchtenberg, nascida na Baviera, casou-se com D. Pedro I em 1829. Teve apenas uma filha, D. Maria Amelia, que morreu muito jovem, de tuberculose.

4 — D. Pedro foi sepultado no Panteão dos Braganças, em Lisboa, na igreja de São Vicente de Fora. O coração foi retirado do corpo e enviado á cidade do Porto, atendendo á sua vontade. A rainha D. Maria II ordenou que a reliquia ficasse para sempre guardada na igreja da Lapa, naquela cidade.

AUGUSTO MAURICIO, do Instituto Histórico e Geográfico da Guanabara, é o autor de "Algo do Meu Velho Rio" (1966), "Templos Históricos do Rio de Janeiro" (1947), "O Solar d'El Rei" (1949), "O que Ficou do Passado" (1954) e "Meu Velho Rio" (1960). Este artigo é uma condensação de outro maior, "A Volta do Grande Pedro".

Gravura de Rugendas

7 de abril de 1831 na última homenagem do povo a D. Pedro

A MARQUESA

da Versalhes Tropical

PEDRO OCTAVIO

Trazendo Domitila de Castro para o Rio de Janeiro, pouco depois da Independência, D. Pedro completou a figuração setecentista (e seiscentista, de Luis XIV) que ilustraria toda uma face do seu reinado de contrastes. Verificou-se, então, a par de novas ideias e novas práticas, uma singular sobrevivência do "regime antigo", sob uma forma aliás que o Brasil não conhecera. Entre os autores que se ocuparam do assunto não faltam referências à "Versalhes tropical", expressão de Oliveira Lima. O fato poderia levar a extensas considerações em torno do significado político e social daquela "sobrevivência", por sua vez em torno da Marquesa de Santos (deixando de lado sua estafada biografia).

O Rio daquela época, no entanto, e o "caso", de relance, que nele se instalou, valem uma tentativa de reconstituição do curioso eco da corte dos Louises de França, que, de algum modo, envolveu a cidade tropical, ainda metade africana, e em boa parte voltada para a Europa contemporânea. Despontara, aliás, anedoticamente, em São Paulo, na historieta da cadeirinha de Nha Titila, carregada pelos seus escravos, e que o príncipe, mais um oficial de sua comitiva da Independência, teriam sopesado. No Rio, é ainda uma coleção de vinhetas galantes, mas sobretudo uma teia de enlaces e desenlaces, ostentação e murmúrios, arrojados empenhos e conivências reles, e jóias, um palácio, carruagens. Bondades de coração, serviços de bondade e serviços de interesse, detalhes financeiros, lances dramáticos. A ostentação sensual, os favores desmedidos, por fim o banimento. No centro, a fulguração da tirana em seu camarote, seu rosto "regular e formoso", sua "desusada alvura da tez". Toda uma crônica de marquesa dos tempos fanados que revive na cidade que surgira da colônia, o Rio de ruas estreitas e beirais largos, de balcões floridos e linguagem de flores, grandes lanternas de azeite e os chafarizes nos largos, quitandas nos tabuleiros e negros por toda parte e sangue nos açoites.

UM RIO DE PLUMAS E DIAMANTES

O Rio do morro dos Sinais (Castelo) e dos mosteiros patriarcais, e capelinhas acesas e a banda de música para o Viático. E do tiro de canhão que marcava a alvorada e o por do sol, abertura e fechamento do porto. O mar ainda inteiro, os morros inteiros, aterro grande só o do Mangue onde surgira a Cidade Nova, caminho de São Cristóvão, mas quem não tinha carruagem continuava preferindo alugar um barco e dar a volta por fora. Caminho de São Cristóvão, lanternas del-rei medroso, que o filho não mandava acender e nem daria tempo porque ele saía disparado. E os cortejos engalanados, as procissões soleníssimas, as colchas de damasco e cetim nos dias de festa, as plumas e diamantes, o Teatro cheio toda noite. As cortezãs e as famílias, cumprimentos amáveis, os homens estalando beijos na ponta dos dedos, acenos.

Rio dos estrangeiros, importadores, marceneiros, perfumistas, cabeleireiros; dos artistas e professores franceses, e francesas modistas, ou também modistas e mercenários alemães, irlandeses, maltratados revoltados. Cativo, porém, um deles, ante a beleza e encanto da Viscondessa que conheceu em plena função de medianeira das graças do poder. (Mais uma sobrevivência de privilégios reais de épocas remotas, em vias de transformar-se em mera corrupção administrativa.) Rio dos mulatos operários qualificados, mucamas graciosas, pretos paramentados, negros e negras seminus, amarrados. Dos cabras de pé na venta, e dos misteres humildes e dos misteres de nada. Das longas sestas silenciosas pelo meio do dia. E dos tratantes pacatos, as bilhas de água fresca à tarde no Terreiro, já então Largo do Paço, hoje Praça Quinze. Dos funcionários emproados, "chapeus armados" (bicornes); patriotas férvidos, chapeus de palha; e dos moderados chapeus redondos, de coragem mais difícil naquele tempo.

GENERAIS BASTANTE CIVIS

Tempo de viscondes, marqueses, generais bastante civis, ministros, conselheiros, toda aquela genta que aparecia nos saraus da Viscondessa para merecer as graças do Imperador. Ou disputava precedencias nos banquetes da Marquesa, ao lado de padres e bispos, afeiçoados ao padrão do monarca divino que por essa época já se desmanchara na Europa ocidental. Enquanto lá fora manobravam os padres politicos, resistentes. E os parlamentares nortistas, mineiros, sulistas deputados que sabiam de cor a Revolução Francesa (que era a daquele tempo), discutindo e "brilhando", dentro e fora da Câmara. Defendiam a escravidão (como na América do Norte contemporânea) mas dela falavam o menos possivel. Defendiam idéias importadas, mas que iriam, na ocasião propicia, derrubar a situação de D. Pedro.

Rio das livrarias surgindo, e da Rua dos Pescadores onde Evaristo era ouvido; da sua Aurora atilada, dos jornais oficiosos meio bobocas e de jornais valentes, e pasquins ferozes, ingênuos às vezes, e pseudônimos pitorescos, constantemente variando, inesgotáveis. Rio dos estranhos fogos de artifício na frente das igrejas ou no Campo (de Santana) subindo e morrendo, de noite e de dia. Rio dos perfumes e dos intensos fedores. E das gostosas chácaras nos arrabaldes, de Botafogo a Mataporocos (Estácio), Dos sons de sino através das laranjeiras.

SENHORES DE SENZALAS E DOUTORES DE COIMBRA

Em Mataporcos, para os lados onde hoje Hadock Lobo, não longe de uma das casas de campo projetadas pelo "Sr. Grand Jean" (de Montigny), e de um dos palácios do Visconde de Rio Seco, tinha ido morar Domitila antes de vir para o pé da Quinta. Era a moça paulista que vinha reviver na cidade tropical, em boa parte voltada para o moderno, entre senhores de senzalas e doutores de Coimbra, uma história de tempos fanados, condenados. A moda mudara, a elegância não era tão fina, mas o delineamento e um pouco do espírito da intriga parecem o mesmo, mesmas as situações e personagens por fora. Em parte a mesma base de deferência ante o senhor absoluto. A influência na política, a nobilitação, as dádivas, a família toda favorecida e também elevada; o marido medíocre,porém filho de um senhor rural bem acabado, o marido "arrumado" e aquietado; a irmã incluida na conquista do soberano, o respectivo consorte feito barão, e até mesmo um eco de rivalidade entre as duas, um tiro misterioso numa carruagem na Glória, a lembrar crônicas reais do setecentos; e por fim as maternidades paralelas da Imperatriz e da Favorita, e o reconhecimento e elevação da Duquesinha de Goiás.

Original de D. Pedro seriam os traços pessoais, intransferiveis, que surpreendemos nas cartas e bilhetes que trançavam entre as árvores de São Cristovão. Todos os tons do erótico. E de repente, um recado carinhoso, lembrando que do paço imperial, através do parque, tinha visto Domitila chegando em casa, caminhando pela noite. ("E vinhas muito prudentemente com archote...") Pela noite perfumada, nos arredores da Quinta e do palácio da favorita o paço da Marquesa, ali ao pé do imperial e quase tão importante quanto este, pois que abrigando muitas vezes o despacho dos papéis mais importantes. Recebendo ministros em crise e embaixadores estrangeiros em missões de interêsse nacional.

Enquanto isso, quem sabe naquela mesma noite perfumada, nos sobrados do centro, nas chácaras espalhadas entre os morros, alguns homens preparavam-se para encurralar D. Pedro. Parlamentares, jornalistas, simples "patriotas", e por fim alguns militares. Não aceitavam o poder atrabiliário quem vão se dizia "constitucional". Não aceitavam, em suma, o "regime antigo", que D. Pedro também pretendia combater mas encarnava melhor do que ninguém. Regimé que teve evidentemente adeptos mais eficazes, e conscientes, do que dona Domitila, mas cujo símbolo mais expressivo, no Brasil daquele tempo, foi a situação da Marquesa.

PEDRO OCTAVIO CARNEIRO DA CUNHA historiador, ex-dirigente do Serviço de Documentação do Museu Paulista, tem diversos trabalhos em varias publicações, entre as quais numa obra que fala de "Bernanos no Brasil". Mais recentemente colaborou na "Historia Geral da Civilização Brasileira", obra que foi organizada e dirigida por Sergio Buarque de Holanda para a Difusão Européia do Livro.

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

suplemento literário

São Paulo, 10-9-72 — Número 789. Ano XVI.

A LITERATURA BRASILEIRA

no século da Independência: 1822-1922

Tudo o que houve de Gonçalves de Magalhães à Paulicéia Desvairada de Mario de Andrade nas paginas 1, 2 e 3
O Suplemento tratou no domingo passado do século que antecedeu à Independencia. Faz hoje um balanço do século seguinte: dos "Suspiros Poéticos" à Semana de Arte Moderna, situando cada autor entre os acontecimentos de sua época e o que representou. São traçadas, em linhas gerais, todas as transformações que abriram os caminhos para o pensamento brasileiro. Do radicalismo abolicionista de Raul Pompéia à renovação de Tobias Barreto. Dos contrastes de Euclides da Cunha ao Movimento Antropofágico de 22. Passando, naturalmente, pelo genio de Joaquim Maria Machado de Assis.

JOEL RUFINO DOS SANTOS

TEMPOS DE EVOLUÇÃO

Entre os **Suspiros Poéticos** de Gonçalves de Magalhães, publicados em Paris em 1836, e a **Paulicéia Desvairada,** de Mario de Andrade, correu, praticamente, um século. É o mesmo espaço de tempo que separa o burgo estreito, em cuja periferia Pedro I proclamou a Independencia, da metropole "das cem chaminés" que deslumbrava os modernistas em 1922.

Em 1889, quando o Imperador poeta retirou-se para o exilio, tinhamos mais de 70 empresas industriais, 20 bancos, três Caixas Economicas, 30 companhias de navegação a vapor, varias de mineração, oito estradas de ferro. Havia uma febre empresarial num país que se presumia e queria "essencialmente agricola". Percebia-se melhor o avanço economico no Rio e em São Paulo. O café, nos anos 40, possibilitara essas mudanças.

A velha aristocracia rural modificara-se. Os que produziam café formavam dentro dela um corpo incomodo, desligando-se rapidamente do trabalho escravo, olhando para diante. Os plantadores paulistas de café, depois de desistirem da escravidão, abandonaram o regime imperial. E é na provincia de São Paulo que o Partido Republicano torna-se realmente forte.

A classe media cresceu e se diversificou. Surgiu uma burguesia constituida de comerciantes urbanos, funcionarios publicos, profissionais liberais, militares, religiosos e pequenos produtores agricolas, geralmente imigrantes.

A classe trabalhadora também vestiu roupa nova: declinando a escravidão, já não era composta apenas de africanos e seus descendentes. Ao seu lado, crescendo sempre, apareciam os colonos de origem europeia, os assalariados e semi-assalariados.

Essas transformações, ao lado de outras menos importantes, abriram os caminhos para o pensamento e a arte brasileiros. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, critica religiosa, naturalismo, cientificismo, folclore, novos processos de critica e de história literarias, transformação da instituição do direito, politica, tudo isso chegava ao Brasil através da França.

Não mudaram só as idéias. Mudou também o aparelho que as servia.

Nasceu a Escola Politecnica, abalando o prestigio absoluto das Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife. O Museu e a Biblioteca Nacionais foram reformados; o primeiro passou a publicar trabalhos de antropologia, fisiologia, arqueologia, etnografia e historia natural, o que compensava o desmedido predominio das belas letras. Assim, a cultura foi-se democratizando.

Por que o Império caiu? Porque não soube adaptar-se a essas mudanças.

Quando o Brasil entrou na República, havia um clima de esperança. Mas, enquanto durou, a República Velha (1889-1930) frustrou sistematicamente as tentativas de aperfeiçoar-se o sistema politico, pô-lo em correspondência com as transformações alcançadas na economia, na sociedade e na cultura. No fim, a República Velha mereceu o título: parecia-se muito com o Império, sem o imperador.

Os caminhões rodando, as carroças rodando,/ rapidas as ruas se desenrolando,/ rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos.../ E o largo coro de ouro das sacas de café...

Quando Mario de Andrade escreveu isso, em 1922, São Paulo tinha 600 mil habitantes e quatro escolas superiores: as Arcadas do largo do São Francisco e as faculdades de Engenharia Medicina e Farmacia-Odontologia; um Liceu de Artes e Oficios e diversas escolas profissionais.

"São Paulo tinha, em 1922, — escreveu um memorialista — a extensão de Paris com três milhões de habitantes. Mas aqui viviam apenas 600 mil". (Oito anos depois, ouvi Le Curbusier dizer de São Paulo então com um milhão de habitantes: **Saint Paul, qui est une ville calme, a dejá ses problemes de trafic).**

Ainda não se falava em poluição, apesar de funcionarem 6.923 fabricas, dando emprego a 148 mil operários. O italianinho Meneghetti já era o mais famoso ladrão da cidade; os guardas de transito multavam muito pouco e eram todos brancos, uma das exigencias oficiais. O Jardim America e o vale do Pacaembu estavam sendo loteados por uma empresa estrangeira. A empresa, a **City,** demorou a vender seus terrenos:; o Jardim e o vale eram um inferno de mosquitos. Os ricos preferiam ainda morar nas avenidas Paulistas e Higienópolis. O Alto da Lapa era sertão.

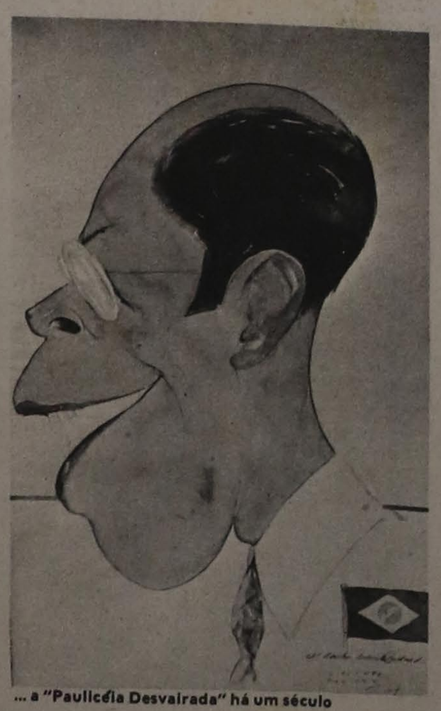
Mas já havia um arranha-céu: o Martinelli. Quem olhasse a cidade de seu terraço veria, embaixo, luzes eletricas (os lampiões a gás já tinham sido totalmente substituidos). Funcionavam aparelhos telefonicos automáticos (um pouquinho melhor que 50 anos depois).

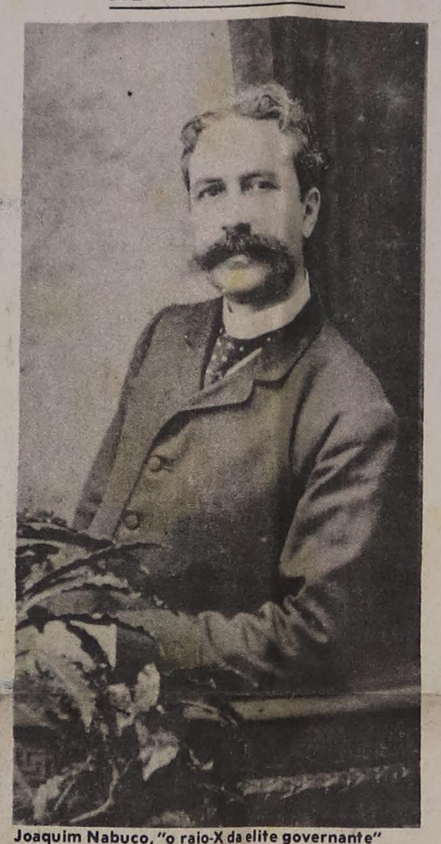
Um engenheiro inglês Billings, construira uma represa. E a usina de Cubatão fornecia energia eletrica para as fabricas da Mooca, Ipiranga, São Caetano e São Bernardo. Mas quem quisesse ir a Santos tinha que levar uma provisão de gasolina, pois em toda São Paulo havia apenas dez postos de serviço.

A lavoura de café era a maior responsavel por aquele assombro, mas seria uma simplificação responsabilizá-la sozinha pelo progresso. Depois da Primeira Grande Guerra, havia fabricas de tudo: de juta (para os sacos de café), de louças, de oleo de mamona, de material de construção, de artigos de couro, de moveis de ceramica, de calçados, de artefatos de ferro. Havia até duas linhas de montagem — da "Ford" e da "General Motors". A industrialização — e seu cortejo de causas e consequencias — teve igualmente parte neste milagre.

E com a Semana de Arte Moderna, completamos cem anos de evolução historica e cultural.

Entre os "Suspiros Poéticos" e...


... a "Paulicéia Desvairada" há um século


Joaquim Nabuco, "o raio-X da elite governante"

UMA CULTURA NACIONAL

Três jovens estudantes brasileiros em Paris publicam uma revista de poesia. Recebe o nome de **Nictheroy** e no primeiro número define sua pretensão: superar o classicismo e sua frieza de sentimentos; vencer a herança portuguesa e emancipar literariamente o Brasil. Seus nomes eram Gonçalves de Magalhães, Torres Homem e Araujo Porto Alegre. Corria o ano de 1836.

Aquêles foram anos dificeis para o Brasil. Proclamada a Independencia, forçado a abdicar o primeiro Imperador, o país demorava a aquietar-se agitado por rebeliões sociais e autonomistas. O padre Feijó renunciara dramaticamente à Regência, desencantado de conter a subversão. Os brasileiros só pareciam de acordo num ponto — sacudir fora tudo que fosse português e afirmar o que era brasileiro.

O alvo dos três jovens intelectuais brasileiros era superar a herança literária portuguesa, ao mesmo tempo que acusavam o caos social e politico que desequilibrava o país. Gonçalves de Magalhães escreveu no prefácio dos seus **Suspiros Poéticos:**

Tu vais, ó livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa patria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os nossos, e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, exceto o egoismo; tu vais como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno e talvez tenha de perder-te antes de ser ouvido, como um grito na tempestade.

Mas os suspiros de Magalhães não se perderam. Ao contrário, deflagraram no Brasil uma produção nova, moldada nos principios da Escola Romantica. Em 1838 aparece **O Juiz de Paz na Roça,** de Martins Pena; em 1843, **O Filho do Pescador,** de Teixeira e Souza; em 1844. **O Ramalhete de Flores,** de Dutra e Melo, e mais duas comedias de Martins Pena, **O Judas em Sábado de Aleluia** e **Os Irmãos das Almas;** em 1845, **Epicos Brasileiros,** de Varnhagen, e **A Moreninha,** de Joaquim Manuel de Macedo. O "doutor Macedinho" estava lançado e logo depois produz **O Moço Loiro.** Em 1846, outra estréia notável: **Primeiros Cantos,** de Gonçalves Dias. Em 1848, Macedo lança novo romance, **Os Dois Amores,** e Gonçalves Dias dois novos livros de versos, **Segundos Cantos** e **Sextilhas de Frei Antão.**

1853 foi um ano fecundo: além da edição póstuma de **Poesias,** de Alvares de Azevedo, surgiram os primeiros fascículos do **Jornal de Timon,** de João Francisco Lisboa, e as **Memorias de um Sargento de Milicias,** na seção **Pacotilha,** do "Correio Mercantil". Em 1854, **Obras Oratorias,** de Montalverne; em Paris, a **Eneida Brasileira,** de Odorico Mendes; e o primeiro volume da **Historia Geral do Brasil,** de Vernhagen. Em 1855 apareceram as **Inspirações do claustro,** de Junqueira Freire, na Bahia, Em 1856, **A Confederação dos Tamoios,** do iniciador do movimento, Gonçalves de Magalhães, provocando controversias na crítica. E em 1857, finalmente, surge a **Revista Brasileira.** Durante todo esse tempo sucederam-se reedições do romantismo mais lido, o "doutor Macedinho".

Em 1860 foram editados dois livros, um de poesia, outro de ficção, destinados a uma longa vida: **Os Timbiras,** de Gonçalves Dias, e **O Guarani,** de José de Alencar. Eram romanticos, pagavam tributo à escola vitoriosa. Mas marcavam uma mudança de rumo.

Quem era mais brasileiro?

Parece que esta pergunta nunca foi feita expressamente pelos nossos romanticos indianistas. Mas a sua produção é uma resposta clara: o mais brasileiro de todos os tipos que aqui viviam, reunidos pela colonização, era o indio.

O indio como tema literário apareceu com os árcades, principalmente Basilio da Gama e Santa Rita Durão. Mas sua promoção a heroi veio com José de Alencar e Gonçalves Dias, quando o romantismo lança, definitivamente, as bases de uma literatura brasileira independente. O indianismo pode ser sumariamente definido como a tentativa desesperada de guindar o indigena à posição de tipo brasileiro por excelência.

Desesperada e falsa.

O indio de Gonçalves Dias e Alencar era uma imagem idealizada. Eles não reproduziram o indio verdadeiro, mas o indio de Rousseau. "o bom selvagem", que possuia quase todas as virtudes e nenhum defeito aparente.

A corrrente indianista correspondia a uma solicitação profunda do sentir brasileiro. Aquele foi o instante da nossa independência literária.

OS ABOLICIONISTAS

Raul Pompéia, a voz mais radical do abolicionismo

Expressar, poeticamente, compaixão pela sorte do negro é bastante para incluir-se um autor na literatura abolicionista? Se o é, a lista será grande. E serão incluidos escritores tão distantes da campanha como Trajano Galvão, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Fagundes Varela e Gonçalves de Magalhães. Mas a lista diminui se nos atermos apenas àqueles que a serviram: Joaquim Nabuco, Luís Gama, Castro Alves, Raul Pompéia, José do Patrocinio, José Bonifacio, o Moço, Cruz e Souza.

Um lugar à parte deve ser reservado a José Bonifacio, o Velho e a Sales Torres Homem — autores de vigorosos escritos abolicionistas sem intenção literaria. Pobre literatura abolicionista. Num país que conheceu por três seculos todas as formas de escravidão, é um acervo lamentavel.

O momento decisivo do abolicionismo chega quando a sociedade brasileira deixa de considerar a escravidão necessaria — injusta e desumana ela já considerava havia algum tempo. E este momento coincidiu com a morte do "poeta dos escravos".

Em 1971, quando morreu Antonio Francisco de Castro Alves, a abolição entrou na ordem do dia. O Imperio conseguira contornar a **Questão Servil** com exito, até aquele ano. Mas com o fim da guerra do Paraguai, os incidentes que a desmobilização provocou entre escravocratas e soldos negros e a fundação do Partido Republicano, tem inicio a agitação emancipacionista, que só amainou em 13 de maio de 1888.

Um sarau de provincia. Alguém acabou de tocar ao cravo uma peça dolente. O chefe de familia silencia com um gesto damas e fidalgos que começavam a conversar. E anuncia seu afilhado, que vai recitar uns versos de sua autoria. O rapaz não demonstra acanhamento, mas sua figura destoa dos convidados:

Oh! trânsfugas do bem que sob o manto régio
manhosos, agachados — bem como um crocodilo,
viveis sensualmente à luz dum privilégio
na pose bestial dum cágado tranquilo.

Quem eram os "trânsfugas do bem" que o pretinho poeta condenava? Ele o havia dito no título do soneto: os escravocratas.

Ali estava, em gestação, a maior voz do simbolismo brasileiro. Mas na Santa Catarina de 1882, ninguém acreditava naquele negrinho esperto.

A cena serve para mostrar até que ponto a escravidão perdera suas bases morais: gente que vivia da escravidão já não ousava defendê-la e aceitava que a condenassem.

Os versos comprovam a faceta abolicionista de Cruz e Souza. Tido, erradamente, como alienado do problema crucial de sua raça, a revelação dos seus poemas agressivamente abolicionistas constitui um dos mais surpreendentes capitulos da nossa historia literaria.

A escravidão perde suas bases morais e a literatura abolicionista passa a merecer este nome. Não mais se lamenta, de longe, a sorte do escravo. Exige-se a sua liberdade numa prosa incendiária:

Dirijo-me aos escravocratas puros, quero dizer, aos mais vis; dirijo-me aos senhores de escravos que têm o desfaçamento de falar em direitos em questão de escravidão, aos que viperinamente assoalham que a propriedade escrava repousa sobre mui sólidas bases, como disse um bandido num pasquinete boçal e retrógado que se publica em Mogi-Mirim. (...) A escravidão permanecerá crime, crime crime...

O autor dessas palavras estudava na Faculdade do largo de São Francisco, em 1882 — e acabou reprovado no terceiro ano. Chamava-se Raul Pompeia e, no dizer de Graça Aranha, dos dois maiores estilos da lingua, ele possuia o mais artistico (o outro era o de Euclides da Cunha). Nome do jornal que as publicou: **Ça Ira.** Epígrafe, de Luis Gama, refletindo um ideal abolicionista:

Perante o Direito é justificável o crime de homicidio perpetrado pelo escravo na pessoa do senhor.

Luis Gama e Raul Pompeia, as duas vozes mais radicais do abolicionismo brasileiro, estavam colocados em campos opostos na escala social. Gama era filho de escrava com homem branco, que o vendeu menino, por uma bagatela, num momento de aperto; fez-se por si só. Pompeia era de uma boa e segura familia de proprietarios fluminenses; tinha um nome. A abolição aproximou-os.

Assim, eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repeli-a com toda a minha consciencia, como a deformação utilitaria da criatura, e na hora em que a vi acabar, pensei poder também pedir minha alforria, dizer o meu nunc dimittis, por ter ouvido a mais bela nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo; e, no entanto, hoje que ela está extinta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown: a saudade do escravo.

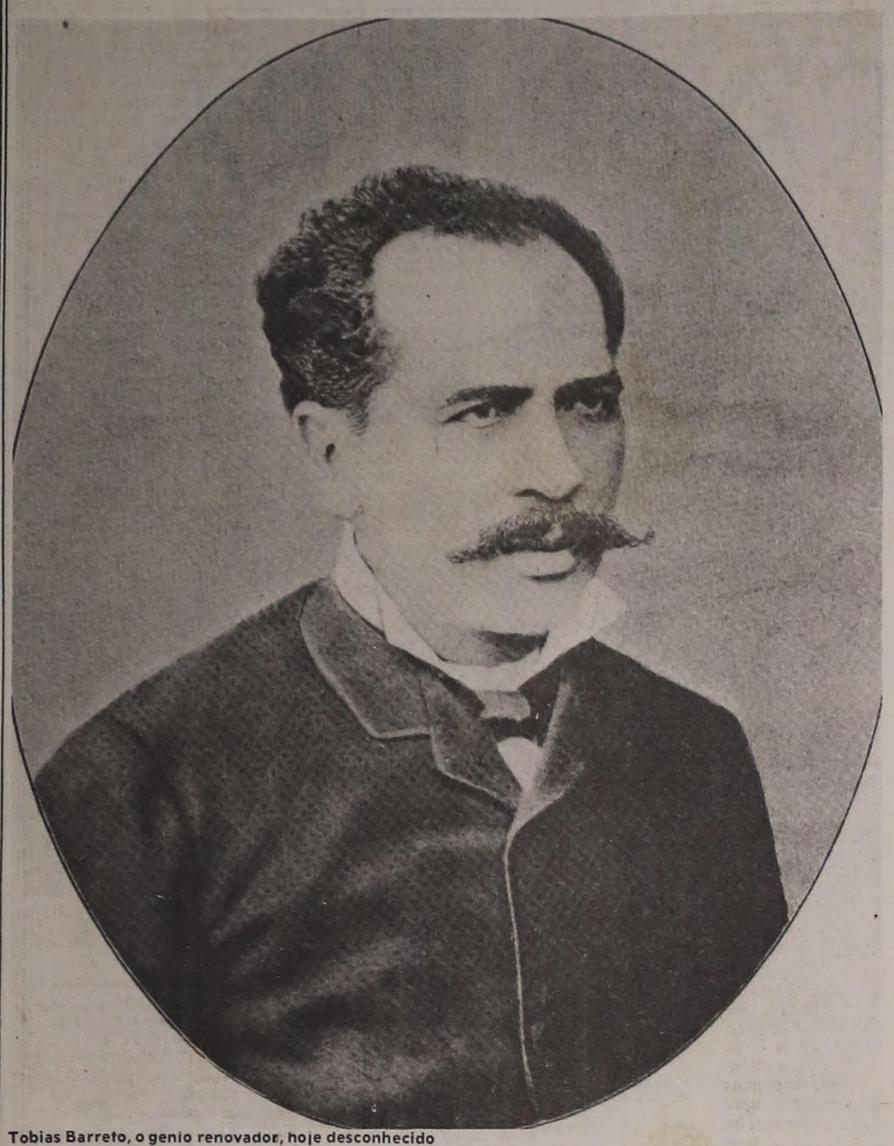
Quando Joaquim Nabuco escreveu isto, a escravidão pertencia ao passado. Neste verdadeiro exercicio de catarse que é **Minha Formação,** ele discriminou as razões profundas que o transmudaram, ele, um aristocrata, em paladino da abolição. Por mais de um titulo a obra pertence á literatura, mas pertence á Historia pelo menos por um: **Minha Formação** é o raio-X da elite governante do Brasil, na metade final do seculo XIX.

Continua na página seguinte

Continuação da página anterior

E A LUTA NACIONAL

para superar a herança literária portuguêsa dá os seus primeiros resultados



Tobias Barreto, o genio renovador, hoje desconhecido

A RENOVAÇÃO DAS IDEIAS

O salão era um dos melhores de Pernambuco, ornado de grandes espelhos. O calor do ambiente só era atenuado pelo movimento dos vistosos leques de pluma, espalhando o perfume de água-de-rosas e de cananga-do-japão. Tocava-se Counod e outros romanticos. Uma dama pediu:

— Recite, dr. Tobias. Recite.

Quem era este dr. Tobias, mulato orgulhoso, os dentes apodrecendo, agressivo e genial, recitador de saraus piegas do fim do século? Era o maior dos nossos grandes autores, hoje pràticamente desconhecido do público leitor médio. E no entanto poucos representaram tanto quanto ele, inovaram tanto, influenciaram tanto os intelectuais que lhe seguiram. Chamava-se Tobias Barreto de Menezes. Morreu aos 50 anos, em 1889, na mais absoluta miséria.

Com o sergipano Tobias Barreto de Menezes entraram no Brasil o darwinismo, o monismo, a fenomenologia, o evolucionismo. Gilberto Amado — que foi seu discipulo, como o foram Graça Aranha, Silvio Romero, Clovis Bevilacqua, Araripe Junior, Artur Orlando — deixou dele, e do seu papel renovador, naquele fim de século, um retrato impressionante:

Tudo lhe interessa, nada do que é humano e sobrehumano o deixa indiferente, em tudo quer tocar, tudo quer ver e sentir. De tudo quer entender. Para tudo tem uma opinião. Em tudo quer se meter. Sua curiosidade é universal. Sua aptidão para aprender, ilimitada. Sua capacidade de vibrar, prodigiosa na mocidade, se conserva na mesma tensão até a morte. Aos 18 anos, numa aldeia perdida no sertão de Sergipe, falava e escrevia latim, lia e ensinava francês e inglês.

Ao chegar a Pernambuco, tendo lido em Taine que toda cultura vinha da Alemanha, aprendeu alemão no interior da provincia, numa cidadezinha onde nada propiciava a cultura e o estudo. E tudo passou pelas suas mãos e tudo entrou em sua memoria (...) Começou a estudar Direito já homem feito, não para advogar, mas para saber o que era direito (...) Ao chegar á cultura alemã ficou como louco, delirante de alegria, como uma criança que encontra numa loja brinquedos em profusão... e então começou a tirar da prateleira e a arrebanhar para casa tudo o que podia para mostrar ás outras crianças que tinham ficado na aldeia e não encontraram o que ele vira e encontrara.

A propagação das suas ideias comprova o declinio do romantismo, como atitude diante da vida e do saber e como escola literária.

O Brasil estava preparado para a renovação das ideias. A ssegunda metade do seculo XIX foi toda de transformações economicas e sociais: a atividade mercantil assumira um grande destaque; a abolição do trafego de escravos pusera em disponibilidade capitais vultosos, que foram então, reinvestidos em atividades urbanas. O café abriu novas áreas de povoamento, além de propiciar os primeiros saldos na balança comercial.

Entretanto, eu tenho, neste sentido, sombrias apreensões. Talvez já seja tarde para consegui-lo. Notai bem: tarde, e não cedo. Não pertenço à escola dos teoréticos pacientes, que julgam o povo ainda não maduro para a liberdade. Como se fosse possivel aprender a nadar sem mater-se dentro d'água, ou aprender equitação sem montar a cavalo. Dislates iguais aos dos que querem que o povo passe por um tirocinio da liberdade, sem aliás, exercê-la.

Quando Tobias Barreto levantou esta voz renovadora, tinham já surgido alguns jornais de vida permanente ("A Provincia de São Paulo", "Jornal do Commercio," "O Paiz"). O teatro ganhara enorme importância, a rua começava a ter um papel na vida social, e uma sociedade velha, que alterava rapidamente seus padrões, começava a povoar os salões, a interessar-se pelas novidades, a conviver, a aparentar e a influir.

Em 1869, Tobias Barreto formou-se em Dierito pela Faculdade do Recife. E começou o terrivel combate, de sua vida inteira, contra o tradicionalismo filosofico e juridico.

O meio foi-lhe receptivo. Já não eramos um país de fazendeiros. Havia banqueiros, financistas, negociantes, importadores ligados à Inglaterra pelos laços da politica liberal, parlamentaristas radicais, protecionistas, partidarios de uma legislação mais avançada; defensores da politica imigratoria como solução ao problema do braço para o trabalho; industrialistas que clamavam pela substituição da agricultura dispersa pelas fabricas centralizadas.

No terreno propriamente intelectual, foi o maior animador de sua época. À sua volta reuniu-se o que a juventude do Nordeste podia oferecer de melhor — a "Escola do Recife". Renovador das ideias básicas e mestre da jovem intelectualidade, como poeta sua produção não tem maior significação. Condoreiro, como era moda na época, chegou a polemizar, quando estudante, num duelo famoso com Castro Alves.

E com Aluisio de Azevedo, o naturalismo

SURGE O NATURALISMO

Um negro apaixonado que vive com um jovem marinheiro loiro. Uma portuguesa grande e gorda que seduz o segundo, separando os amantes de mesmo sexo. O negro que, inconformado e solitario, vem e mata o grumete.

Este é um modelo de enredo naturalista, ao qual não faltam o **finale** de sangue, os determinismos do clima enervante, da hereditariedade compulsiva, da eugenia irremediavel. Nem tudo neste romance de Adolfo Caminha, porém, peca pela falta de originalidade. Ele retratou o complexo da cor, o homossexualismo e os castigos corporais na Marinha de seu tempo, fim do século XIX e inicio deste. E nisto foi talvez o mais original dos nossos romancistas naturalistas.

O fundador do naturalismo no Brasil foi um maranhense que considerava o oficio de escritor uma servidão. Chargista conhecido e já autor de um romance lacrimoso (**Uma Lágrima de Mulher**), Aluisio Tancredo Gonçalves de Azevedo lançou a nova escola com **O Mulato**, em 1881. Na verdade, em 1877, Ingles de Souza fizera-se pioneiro com **O Coronel Sangrado**, mas foi depois de Aluisio de Azevedo que o país despertou para a moda francesa. E desencadeou-se uma reação em cadeia: **O Lar**, de Pardal Mallet; **O Missionario**, de Ingles de Souza; **Cenas da Vida Amazônica**, de José Verissimo; **O Cromo**, de Horacio de Carvalho; **A Carne**, de Julio Ribeiro.

Na França e em Portugal, nossas matrizes culturais, naturalismo e realismo já eram dois caminhos paralelos, superpondo-se muitas vezes. Numa definição sumaria, naturalismo é a fidelidade à realidade exterior, enquanto realismo (mais uma tendencia que uma escola propriamente dita), representa o apego àquilo que a realidade tem de mais profundo, tipico, essencial.

No Brasil, realismo e naturalismo começaram juntos. E quando se afastaram revelaram-se os dois melhores escritores da epoca: Machado de Assis e Raul Pompeia. Ambos sondaram psicologicamente suas personagens, procuraram retratá-las no ponto em que os destinos individuais se encontram com o tempo e o espaço social. Sobreviveram não só por isso, mas também porque foram grandes cultores da forma. Os outros, aqueles que do realismo só conheciam a fórmula naturalista, hoje estão merecidamente esquecidos.

Do vasto acervo naturalista nacional, apenas uma meia duzia de livros conta hoje com a boa vontade do público e da critica de bom gosto: **O Cortiço** e **Casa de Pensão**, de Aluisio de Azevedo; **O Bom Crioulo**, de Adolfo Caminha; e — já com bastante favor — os romances regionalistas **O Missionario**, de Ingles de Souza, e **Luzia-Homem**, de Domingos Olimpio.

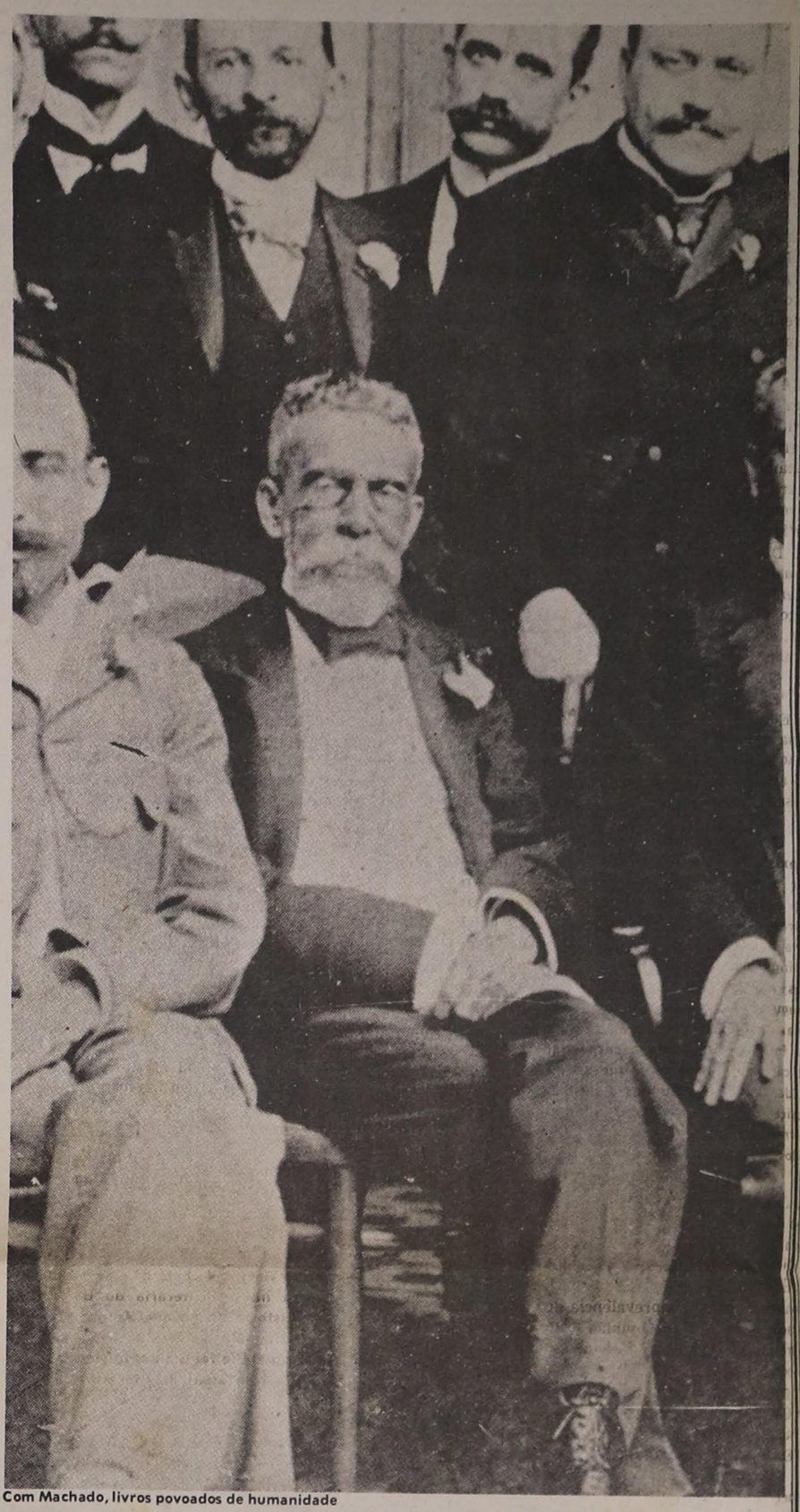
A sobrevivencia destes deve-se, paradoxalmente, a alguma qualidade destoante dos dogmas fundamentais da escola. Em Aluisio de Azevedo, por exemplo, o melhor foi o romance de costumes, o retrato em movimento da vida humilde da gente urbana. Em Adolfo Caminha, a ousadia dos temas, chocantes demais para a sociedade mal saida de um morno patriarcalismo. É esta mesma ousadia a única valia de um livro curioso, maltratado sistematicamente pela critica: **A Carne**, de Julio Ribeiro, que no entanto insiste em viver, conservado anos a fio pelo gosto duvidoso dos leitores de segunda cetagoria.

Os processos do naturalismo foram apontados pela critica contemporanea: pedantismo cientificista, confusão entre observar e inventariar e, principalmente, o esquematismo. Disse Lucia Miguel Pereira:

Em todos os escritores desta epoca notam-se, todavia, as limitações impostas pelas regras que adotaram; o fatalismo que, privando total e exageradamente de arbitrio as personagens, lhes mecaniza os conflitos, a escravização ao concreto cerceando o poder criador, o moralismo, o pedantismo, a prolixidade, a declamação.

No Brasil de fins do seculo XIX, o naturalismo realizou duas tarefas importantes: liquidou temporariamente o romantismo e prolongou o realismo, uma tendencia que assumiu, no tempo e no espaço, as mais variadas formas, como o parnasianismo em poesia e o proprio naturalismo em prosa.

Correspondeu assim a um avanço literario (até onde se pode utilizar o conceito em historia literaria), encartando-se no quadro de transformações gerais por que passou a sociedade brasileira em fins do seculo passado e inicio deste.



Com Machado, livros povoados de humanidade

MACHADO DE ASSIS, O NOME MAIOR

Em geral, diferentes criterios conduzem a diferentes juizos, Mas existe uma exceção: Joaquim Maria Machado de Assis, que, sob qualquer angulo, é o ponto mais alto da literatura brasileira. O mulato humilimo, que conferiu ao romance brasileiro "a medida maior da sua universalidade", nasceu um ano antes da elevação de D. Pedro II ao trono. Desenvolveu quase toda sua carreira literaria durante o Segundo Reinado, este largo e plácido periodo da historia brasileira. Foi contemporâneo de fatos realmente decisivos para a formação historica do Brasil, como a extinção do tráfico negreiro (velho de três séculos), as primeiras estradas de ferro, a lei do Ventre Livre, a guerra do Paraguai, o 13 de Maio, o **encilhamento**, a proclamação da Republica.

Muito pouca coisa ele transporia diretamente, sob a forma de fato histórico, para a sua obra. Não há em Machado tipos épicos, situações históricas, eventos politicos. Seus livros estão, porem, povoados da humanidade social do Imperio: barões e coroneis, citadinos e provincianos, nho-nhôs e sinhás, escravos e mucamas, deputados e magistrados, medicos e advogados, rendeiros e comerciantes, padres e sacristãos, empregados e funcionários professores e estudantes, agregados e parasitas. E atrizes, costureiras, donas de casas, moças namoradeiras, viuvas loucas para casar de novo.

O excelente contista e romancista que foi Machado de Assis começou a carreira com um livro de versos, **Crisálidas**, em 1864. E aos poucos foi se tornando conhecido, escrevendo relatos amenos, ao feitio romântico, no **Jornal das Famílias**. Apareceram então **Contos Fluminenses** (1870), **Os Deuses de Casaca** (1866), **A Mão e a Luva** (1874), **Ressurreição** (1872), **Helena** (1876), **Iaiá Garcia** (1878). E, em 1881, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, com o qual transcendeu a craveira comum. Surge, a partir daí, um novo Machado de Assis. O modesto empregado da Secretaria da Fazenda, que não queria ser senão escritor, começou a sê-lo.

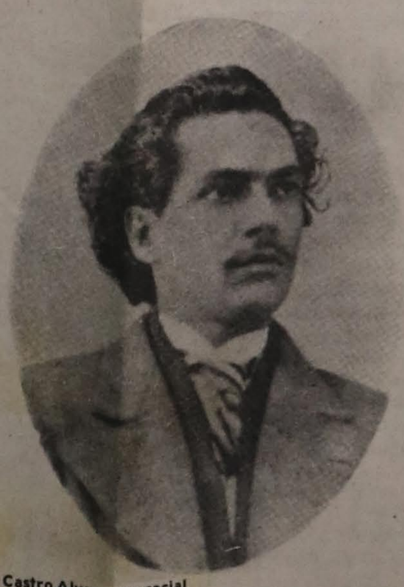
Em **A Mão e a Luva**, ele escreveu de uma personagem que lhe faltava "a força indispensável a todo o homem que põe a mira acima do estado em que nasceu". Talvez falasse de si próprio. Pois o que assinalou sua vida foi exatamente esta capacidade para ultrapassar o papel que a vida lhe destinara.

Moleque de morro, filho de um mulato pintor de paredes e de uma lavadeira açoriana, operário (por profissão tipógrafo), fêz-se por seu próprio e exclusivo esforço o maior escritor brasileiro. Burocrata pessimista, tímido, encaramujado, adorava a cena literária, desde as rodinhas na tipografia de Paula Brito até a Academia Brasileira de Letras, que fundou em 1896 e da qual foi o primeiro presidente.

Apenas mais dois contrastes para fechar a lista: marido exemplar, fidelíssimo, contido nisto como em tudo o mais, transferiu para suas personagens e para as situações que lhes armou toda a sensualidade que os biógrafos e os exegetas são unânimes em lhe apontar. Doente constitucional, viveu até perto dos 70 anos.

Num de seus livros de crítica — e ele a praticou com rara felicidade — Machado disse a respeito de Alencar: "Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das coisas".

Ao definir o outro, definia-se a si mesmo. E expressou a concepção moderníssima, que soube praticar, do nacionalismo literário: com desprezo pela face externa das coisas, o que vale é a nota íntima.



Castro Alvez, a voz social

Cruz e Souza, o símbolo e a cor

Continua na página seguinte

Alberto Nepomuceno foi pioneiro de nossa música

Do Serviço Especial

A 16 de outubro, há 50 anos, morria no Rio de Janeiro Alberto Nepomuceno. Sem ter podido alcançar a notoriedade que no seu tempo alcançou Carlos Gomes, cuja obra se liga á fase mais gloriosa da opera como genero de teatro lirico, nem á fama internacional que já na segunda década do seculo atual pôde atingir Villa-Lobos como musico moderno representativo do espirito brasileiro, Alberto Nepomuceno tem contudo o seu nome indissoluvelmente ligado á idéia de uma musica brasileira caracteristicamente nacional. Sem cair no vulgarismo da exploração do folclore musical e combatendo também o espirito de mera imitação da musica européia moderna, merece Nepomuceno o titulo de iniciador da verdadeira musica brasileira se limitarmos a expressão ao ambito da musica erudita ou de concerto, como se diz hoje vulgarmente. Ou melhor, o primeiro e original compositor do "Lied" brasileiro (o termo alemão, além de empregado universalmente, tem a vantagem de liquidar a vexatoria conotação de "canção" hoje objeto publicitario de competições internacionais), Alberto Nepomuceno, como todo compositor cuja atenção se volte para o canto em vernaculo, tinha alma de poeta. Estava ele convencido de que o povo que não canta em sua lingua estará inferiorizado e os seus artistas e musicos, longe de representar o espirito ou paixão nacional, estarão fadados á falsificação das proprias emoções. O truismo a que se reduz nos dias de hoje a declaração dessas verdades, custou, nos ultimos anos do seculo passado e nos primordios do atual, uma ingente batalha e toda ela a credito de Nepomuceno. A campanha pelo canto em vernaculo no contexto da sociedade brasileira foi ganha á força da persistencia de Nepomuceno. Destruindo o preconceito contra o canto em lingua nacional nos cursos de musica e nos programas de concertos, arrostou Nepomuceno o ridiculo com que o ameaçavam. Diziam as damas da sociedade e os elegantes frequentadores dos concertos daquele tempo: "Ora vejam! Cantar musica composta sobre motivos e poesia brasileira! E' um absurdo!"

Desde 1895, de volta da sua primeira viagem á Europa, onde estudara composição, orgão e piano em Roma, Berlim e Paris, a inspiração de Nepomuceno era vazada principalmente na forma de canção. As primeiras que editou ("Dize-me a verdade", "Amo-te muito" e "Tu és o Sol") como também as suas primeiras obras para piano e orquestra revelavam aquele instinto seguro das fontes nacionais de inspiração melodica servido por uma vasta cultura musical européia. Antes dele, diz Andrade Muricy, os temas e o tom brasileiros só por exceção tinham sido empregados por Brasilio Itiberê e Alexandre Levy. Mas como elementos de pitoresco ocasional. Nepomuceno foi mais longe: escreveu musica brasileira e não pelos canones academicos da epoca.

Pagou Nepomuceno, como musico da epoca, também o seu tributo á opera. Sua **Abul** não teve sucesso em Roma, onde foi levada no Costanzi. Em compensação foi aplaudida em Buenos Aires. De 1902 a 1916 foi diretor do Instituto Nacional de Musica. Foi casado com a pianista Walborg Bang, discipula de Grieg. Como regente, teve ocasião de dirigir concertos sinfonicos na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908, dando em primeira audição musica moderna de Dukas, Debussy e Glazunow, e em Bruxelas regeu em 1910 concertos de musica brasileira.

Alberto Nepomuceno nasceu em 6 de julho de 1864 em Fortaleza, Ceará, onde o seu pai era violinista e organista da Catedral. O escritor Oliveira Paiva, autor do romance "Dona Guidinha do Poço", foi seu tio.

Cartão postal enviado por Alberto Nepomuceno de Paris, com o seu retrato, a Felix de Otero

Cem nos concursos musicais

A Comissão Estadual de Musica vai encerrar no dia 30 as inscrições para o seu Concurso de Jovens Instrumentistas, a realizar-se no mês de novembro. Podem inscrever-se, de segunda a sexta, na rua Antonio de Godoy, 88, 3.o, violinistas, violoncelistas e clarinetistas.

Beethoven, no Rio, inscr. até dia 30. Provas em dezembro, com premios de Cr$ 10.000, 5.000, 2.500, 1.500 e 1.000. Inf. Conservatorio Bras. Musica, rua Graça Aranha, 57, 12.o andar, Rio de Janeiro.

Beethoven, em Minas (Conservatorio de Pouso Alegre). Provas nos dias 6, 7 e 8 de novembro durante Festival Beethoven-Villa-Lobos.

Em Franca, sob presidencia de Oswaldo Lacerda, realizou-se o I Concurso de Piano Pestalozzi. Juri: Roberto Schnorrenberg, Adelaide Pereira da Silva e Beatriz Cardoso Monteiro.

Petropolis promove seu I Concurso Nacional de Piano, de 19 a 24 deste mês, organizado pela ABRARTE e Soc. Cultura Artistica local, sob patrocinio da Prefeitura Municipal.

Sergio Vasconcelos Correa, para pianistas, é o concurso que o Diretoria Academico Santa Marcelina promoverá na primeira semana de novembro, á rua Cardoso de Almeida, 541 (local onde são aceitas também as inscrições).

Jorge Antunes, compositor brasileiro atualmente no Instituto Torcuato di Tella, em Buenos Aires, teve sua obra "Tartinia MCMLXX" classificada em 3.o lugar no Concurso Cidade de Trieste, na Italia.

Se V. Exa está interessado em importar produtos dispomos de um serviço para o ajudar

O Estado de Nova Iorque oferece um serviço gratuito que ajudará V.Exa. a encontrar os produtos, equipamento ou materiais necessários para a prosperidade da sua empresa.

Basta fazer o seguinte: escrever-nos, dando uma descrição pormenorizada dos produtos que interessam a V.Exa. para consumo próprio ou venda, e o modo como os deseja utilizar. Indique por favor se os deseja adquirir por conta própria ou como agente de vendas. Indique tambem por favor uma referencia bancária assim como o seu nome, nome da companhia e respectivo endereço.

Quando recebermos a sua carta, comunicaremos imediatamente aos fabricantes de Nova Iorque os produtos desejados por V.Exa. (Existem mais de 40.000 fabricantes no Estado de Nova Iorque que manufacturam praticamente todo o tipo de artigos.)

Seguidamente, os respectivos fabricantes entrarão em contacto consigo e em pouco tempo V.Exa. terá estabelecido relações de negócios com os fabricantes de Nova Iorque!

Os pedidos em inglês serão transmitidos mais rapidamente mas, no entanto, aceitamos pedidos em qualquer lingua.

A morada é a seguinte: The New York State Department of Commerce, Dept. LGOB, International Division, 230 Park Avenue, New York, N.Y. 10017, U.S.A.

NEW YORK STATE

impm propaganda

Kaneto Shindo em alto nível

IDA LAURA

Kaneto Shindo é um exemplo raro de poeta participante, no verdadeiro sentido das duas palavras, isto é, capaz de traduzir o universo lirico e mitico inseparaveis do ser humano, ao mesmo tempo que as relações diretas do individuo com o meio social em que vive. Sem estar preso ao momentaneo, caminha no intemporal e é capaz de reduzir o Homem á sua essencia, tanto no plano objetivo como no subjetivo, revelando-o de maneira completa através da Arte. Dentro desse equilibrio de observação e composição, já deu uma obra prima ao Cinema: "Onibaba".

O GATO PRETO, em cartaz no Coral, segue de perto o tema de "Onibaba", mas é inferior como resultado: não possui a mesma força, a mesma pureza, a mesma sobriedade, a mesma profundidade. Com três personagens centrais, como no primeiro filme citado (sendo que comparecem novamente duas atrizes, a excepcional Nobuo Otowa e a expressiva Kiwako Taichi), repete o tema familiar da mãe, da esposa e do homem: que se defrontam, se amam e se consomem, tornando-se simbolos das relações entre o mundo material, assolado pela guerra, pela fome e pelo sofrimento do povo, e o mundo espiritual que se revela apenas parcialmente, marcando sua existencia, mas sem se desvendar como principio religioso, expressão de fé ou sustentaculo de apoio para o ser humano abandonado entre seus instintos, paixões, necessidades e obscuros desejos.

Posterior a "Onibaba" (1965) **O Gato Preto** mostra um Kaneto Shindo ainda em alto nivel, mas em certos momentos resvalando para o gratuito, para a violencia inutil, para a concessão. O vampirismo das personagens, conservado no plano psicologico, ganharia mais potencia do que a mostra aberta das feridas onde o sangue escorre; as cabeças arrancadas, os corpos trespassados, os guerreiros antropofagicos com a boca cheia de residuos, se eliminados, realçariam o cerne da realização, que vale pelo clima sobrenatural alcançado e pela combinação do elemento fantastico com as realidades mais primitivas e evidentes do individuo, como o sexo e a luta pela sobrevivencia.

A licantropia — transformação do homem em animal — vem desde a Biblia, com Nabucodonosor, e alcança os tempos modernos, com "O Medico e o Monstro", de Stevenson, por exemplo: a parte instintiva em conflito com a parte superior do ego, talvez motivem a eternidade do assunto; o gato preto como representante de poderes extranaturais é também antigo — e vai até Allan Poe em um conto com o mesmo nome; em cinema ressurge em "Cat People" e recentemente foi exibido o nipônico "Pantano Amaldiçoado" com uma historia bastante parecida com a em exibição. A irrealidade dos fantasmas, dada pela fluidez das imagens, lembra os "Contos da Lua Vaga", de Mizoguchi. Entretanto, a arte caracteristica de Shindo está presente na belissima fotografia que explora o preto e o branco, ora em contrastes violentos, ora na diluição e gradação das sombras; e na revelação de um mundo assombroso, simultaneamente transcendental e direto, presente em um filme que, apesar das restrições, merece ser conhecido pelo espectador.

Curso Integrado de Administração da Produção

O INSTITUTO "ROBERTO SIMONSEN" (IRS) e o INSTITUTO DE ORGANIZAÇÃO RACIONAL DO TRABALHO (IDORT), com a colaboração do Departamento de Produtividade (DEPROV) e da Revista Industria e Desenvolvimento da Federação e Centro das Industrias do Estado de São Paulo, promoverão um Curso Integrado de Administração da Produção, destinado a engenheiros, técnicos e administradores, obedecendo ao seguinte calendário:

SEGUNDO PERIODO LETIVO (04-11-70 a 18-12-70)
Administração de Materiais.
Custos Industriais.
Engenharia Industrial (2.a turma).
Teoria e Prática de Administração (2.a turma).

TERCEIRO PERIODO LETIVO (15-03-71 a 03-05-71)
Planejamento e Contrôle da Produção.
Analise Econômica de Alternativas.

QUARTO PERIODO LETIVO (10-05-71 a 23-06-71)
Contrôle de Qualidade.
Diretrizes de Produção e Jôgo de Emprêsas.

As aulas serão desenvolvidas no IDORT, ás 2.as, 4.as, e 6.as-feiras, das 19:00 ás 22:00 horas, por professores formados pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica com cursos de pós-graduação e em administração de emprêsas.

Aos participantes serão fornecidas apostilas e certificados de aproveitamento.

As inscrições, até um máximo de 35 alunos, para uma ou mais matérias, deverão ser feitas na Secretaria do IDORT (Praça D. José Gaspar, 30 — 1.o andar — Fone: 36-0375, no horario comercial, sob a taxa de Cr$ 300,00 (trezentos cruzeiros) por matéria, com desconto de 20% aos associados do IDORT e do CIESP — Centro das Industrias do Estado de São Paulo.

NOVEMBRO DE 1970

LOCAL DAS AULAS:
Instituto de Organização Racional do Trabalho — IDORT.
Pça. Dom José Gaspar, 30 — 1.o andar.
SÃO PAULO.

QUEM NÃO COMPRA CARRO USADO NAS LOJAS DA RÊDE, SEMPRE SAI PERDENDO.

A BRALO - Rêde Brasileira de Lojas de Automóveis reúne as 13 mais importantes emprêsas especializadas na compra e venda de automóveis usados, num total de 36 lojas em 22 cidades brasileiras. As emprêsas, que aderiram à Rêde, adotaram o mais elevado padrão de comercialização no ramo. Representam a maior fôrça revendedora de carros usados em todo o mundo e isso traz muitas vantagens para você, quer ver? As lojas da Rêde colocam ao seu alcance os melhores carros, cercados de tôdas as garantias, com as maiores facilidades de pagamento, os melhores planos e as melhores ofertas. Carros de tôdas as marcas, todos os anos, nas côres que você quiser, com dois importantes certificados: Certificado de Procedência de Veículos e Certificado de Garantia de 6 meses sôbre o motor. Para ter essas vantagens, compre nas lojas da Rêde. Você compra carro com confiança, de gente de confiança, em qualquer das lojas integradas na BRALO - Rêde Brasileira de Lojas de Automóveis.

SÃO PAULO

CIA. SAMANTA DE AUTOMÓVEIS
Alamêda dos Maracatins, 1310
fone: 61-5401 - Indianópolis
Via Anchieta, 1895
fone: 63-7260 - Ipiranga
Rua Joaquim Floriano, 316
fone: 80-9581 - Itaim
Rua Pinheiros, 355
fone: 80-2598 - Pinheiros
Av. Rangel Pestana, 1092/1112
fone: 32-3363 - Brás
Alamêda Nothmann, 702
fones: 51-7656 - 52-4975 - Centro

BRALO - DISTRIBUIDORA DE AUTOMÓVEIS S.A.
Av. S. Gabriel, 501
fone: 80-3074 - Jardim Paulista
R. Basílio da Cunha, 389 (esq. Lins de Vasconcelos)
fone: 63-2119 - Cambuci
Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 3484
fone: 288-7666 - Jardim Paulista
Rua Visconde de Parnaíba, 388
fone: 37-8418 - Brás
Rua Martim Francisco, 387/401
fones: 51-7210 - 52-4872 - Santa Cecília
Av. Goiás, 1372 - fone: 42-4334
São Caetano do Sul
Av. Celso Garcia, 3625
fone: 295-7535 - Tatuapé
Rua Dr. Antonio Bento, 301
fone: 269-3760 - Santo Amaro
Av. Senador Flaquer, 207
fones: 44-5229 - 44-7032 - Santo André
Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 996
fone: 34-4567 - Bela Vista

DI-LORENZO - PEÇAS E VEÍCULO INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A.
Praça Souza Aranha, 105
fone: 62-7326 - Água Branca

CIA. KHABIR DE AUTOMÓVEIS
R. Cesário Motta, 192
fone: 2-3416 - Sorocaba

DALETH AUTOMÓVEIS S.A.
R. Dr. Tôrres Neves, 512
fone: 6329 - Jundiaí
R. General Osório, 873
fones: 8-3800 - 8-9710 - Campinas
R. Prudente de Moraes, 855
fone: 4778 - Piracicaba

ITURAMA AUTOMÓVEIS S.A.
R. Saldanha Marinho, 69
fone: 7576 - Rib. Prêto

NARAN AUTOMÓVEIS S.A.
R. Bernardino de Campos, 3422 (esq. Rubião Jr.)
fone: 4829 - S. J. do Rio Prêto

CIA. LAMED DE AUTOMÓVEIS
R. 1.º de Agôsto, 7/15 - fone: 6132 - Bauru
Av. Luiz Pereira Barreto, 925 - Araçatuba
R. José Foz, 505 - fone: 3391 - Pres. Prudente

NESAMA AUTOMÓVEIS S.A.
Praça Afonso Pena, 270
fone: 4807 - S. J. dos Campos

CURITIBA

CIA. ACAIANA DE AUTOMÓVEIS
R. José Loureiro, 326/336 - fone: 23-8549

GUANABARA

CIA. TETHIANA DE AUTOMÓVEIS
R. Uruguai, 297-A - fone: 238-7433 - 258-0553
R. Haddock Lôbo, 437 - fone: 234-8535 - Tijuca
R. S. Francisco Xavier, 378-A
fone: 228-9282 - Maracanã
Av. Ernani Cardoso, 220-A
fone: cetel 90-1119 - Cascadura

ESTADO DO RIO

BARINT AUTOMÓVEIS S.A.
Av. Brig. Lima e Silva, 1141 - fone: 4298 - D. de Caxias
Av. Getúlio Moura, 572/594 - fone: 2344 - N. Iguaçu
Rua Irmão D'Angelo, 22 - fone: 6013 - Petrópolis

BELO HORIZONTE

BELZON AUTOMÓVEIS S.A.
Av. Antonio Carlos, 617 - fone: 24-3998

RÊDE BRALO

BRALO-RÊDE BRASILEIRA DE LOJAS DE AUTOMÓVEIS

Bergman e Katharine Hepburn

CARLOS M. MOTTA

"Vergonha", de Bergman, "A Louca de Chaillot", com Katharine Hepburn e "As Coisas da Vida", com Romy Schneider, são as principais atrações da nova semana cinematográfica. As novas fitas são 15 ao todo, assim distribuídas por ordem de procedência: 3 francesas ("As Coisas da Vida", "Tempo de Lobos", "Marcado Para Morrer"), 3 japonesas ("O Senhor das Batalhas', "Duelo no Cabo Rujin", "Circulo do Pavor"), 3 italianas ("Africa Entre o Amor e o Odio", "O Mundo Treme", "O Justiceiro do Mar"), 2 inglesas ("A Louca de Chaillot", "Sequestrados do Espaço"), 2 norte-americanas ("Colossus 1980", "Cruéis São os Homens"), 1 sueca ("Vergonha") e 1 brasileira ("A Ilha dos Paqueras"). Uma "reprise": "A Lei do Bravo", norte-americana.

*

A VERGONHA ("Skammen") — Suécia, 1968, 103 minutos. Produção: Svenska Filmdustri. Distribuição: United. Diretor, autor: Ingmar Bergman. Fotografia: Sven Nykvist. Cenografia, P. A. Lundgreen. Montagem: Ulla Ryghe. Efeitos especiais: Evald Andersson. Assessoria militar: Stig Lindberg. Elenco: Liv Ullman, Max Von Sydow, Gunnar Bjornstrand, Birgitta Valberg, Barbro Hiort af Ornas, Sigge Furst, Hakan Jahnberg, Ingvar Kjelsson, Ulf Johanson, Rune Lindstrom, Willy Peters, Bjorn Thambert, Axel Dahlberg, Borja Ahlstedt, Bengt Eklind, Vilgo Sjoman, Frank Sundstrom, Lars Amble. Desde anteontem, exclusivamente na Sala Portinari do Cine Belas Artes.

O trigésimo filme de Ingmar Bergman. Ao que parece, com algo de "O Silêncio" (um lugar assolado por uma guerra ou ameaçado por ela) é um estudo — segundo o diretor — "de seres humanos arrolados e aprisionados pelo terror". Os protagonistas são um casal de musicos, interpretado pela norueguesa Liv Ullmann e Max von Sydow, primeiros-violinistas de uma orquestra desfeita que vão para uma ilha buscar refugio. A fita foi rodada em locação na ilha rochosa de Faro, que já servira de local para "Como num Espelho" (um dos vários filmes de Bergman absurda e injustificàvelmente inéditos no Brasil) e "Quando as Mulheres Pecam". O diretor Vilgot Sjoman faz uma rápida aparição. No elenco, ainda vários atores bergmanianos, como Bjornstrand, Birgitta Valberg e Rune Lindstrom. Um lançamento da mais absoluta importancia.

*

A LOUCA DE CHAILLOT ("The Madwoman of Chaillot") — Inglaterra, Estados Unidos, outubro de 1969, 145 minutos (versão original), 130 minutos (cópias brasileiras). Produção: Landau-Forbes-Warner-Seven. Arts. Produtor: Ely A. Landau. Direção: Bryan Forbes. Roteiro: Edward Anhalt. Da peça de Jean Girandoux. Fotografia: Burnett Guffey, Claude Renoir. Desenho de produção: Ray Simm. Direção artística: Georges Petitot. Decorações: Dario de Simoni. Indumentária: Rosine Delamare. Musica: Michael J. Lewis. Montagem: Roger Dyre. Em PanaVision e Technicolor. Elenco: Katharine Hepburn, Charles Boyer, Claude Dapuphin, Edith Evans, John Gavin, Paul Henreid, Oscar Homolka, Margareto Leighton, Giulietta Masina, Nanette Newman, Richard Chamberlain, Yul Bryner, Donald Pleasance, Danny Kaye, Jacques Marin, Henri Virkoleux. A partir de sexta-feira, exclusivamente na Sala Portinari.

Versão da peça teatral de Giraudoux (que depois teve uma versão musicada, intitulada "Dear World") com Katharine Hepburn no papel titulo secundada por extenso elenco, onde se destacam excelentes veteranos como Oskar Homolka e Fernand Gravey. O roteirista Anhalt trabalhou para Stanley Kramer e o diretor Forbes revelou talento em "A Mulher Que Não Pecou". A produção é cuidada, com desenhos de produção e dois fotógrafos como Burnett Guffey e Claude Renoir. Por Katharine principalmente, um lançamento que atrai.

*

AS COISAS DA VIDA ("Les Choses de la Vie") — França, março de 1970. Produção: Lira Filmes-Sonocam S.A. Distribuição: Fama Filmes. Produtor: Raynond Danon. Associados: Roland Girard, Jean Bolvary. Direção: Claude Sautet. Roteiro: Paul Guimard, Jean-Loup Dabadie, Claude Sautet. Dialogos: Jean-Loup Dabadie. Do romance de Paul Guimard. Fotografia: Jean Boffetty. Musica: Philippe Sarde. Em Eastmancolor. Elenco: Michel Picolli, Romy Schneider, Gerard Lartigau, Lea Massari, Boby Lapointe, Gabrielle Doulcet, Hervé Sand. Desde quinta-feira ultima, exclusivamente no Cine Gazetinha.

Produção francesa que obteve o premio Louis Delluc deste ano e representou a França no festival de Cannes. Esteve anunciada para o dia 8 ultimo mas somente quinta-feira passada é que entrou em cartaz. Sobre a mesma já foi publicada critica em nossa edição de ontem.

Giulietta, Katharine, Edith, Margaret: "A Louca de Chaillot"

COLOSSUS 1980 ("The Forbin Project") — Estados Unidos, junho de 1970, 100 minutos. Produção: Universal. Produtor: Stanley Chase. Direção: Joseph Sargent. Roteiro: James Bridges. Da novela "Colossus", de D. F. Jones. Fotografia: Gene Polito. Direção artistica: Alexander Golitzen, John J. Lloyd. Decorações: John McCarthy, Ruby Levitt. Musica: Michel Colombier. Montagem: Folmar Blangsted. Em PanaVison e Technicolor. Elenco: Eric Braeden, Susan Clark, Gordon Pinsett, William Shallert, Leonid Rostoff, George Sanford Brown, Willard Sage, Alex Rodine, Martin Brooks, Marionn Ross, Dolph Sweet, Byron Morrow. Amanhã, nos Cines Metropole e Orly.

"Science-fiction" sôbre um gigantesco computador que "enlouquece" e com calma e logica aterradoras planeja o futuro do mundo e obriga politicos e cientistas a executar suas ordens sob ameaça de destruição atomica do planeta. O diretor é meio obscuro, o elenco não traz nenhuma personalidade marcante mas o tema é suficientemente sedutor para despertar interesse.

*

SEQUESTRADORES DO ESPAÇO ("The Body Stealers") — Inglaterra, 1969, 90 minutos. Produção: Tigon British-Sagittarius. Distribuição: Metro. Produtor: Tony Tenser. Direção: Gerry Levy. Roteiro, argumento: Mike St. Clair. Fotografia: Johnny Coquillon. Direção artistica: Reg Tilsney. Musica: Winifried Arnold. Montagem: Harold Lanning. Em Eastmancolor. Elenco: George Sanders, Maurice Evans, Patryck Allen, Neill Connery, Hillary Dwyer, Robert Flemying, Lorna Wilde. Quinta-feira, no Metro e circuito.

Outro ficção cientifica. Êste inglês e girando em torno do desaparecimento em pleno ar de um grupo de mergulhadores aereos. George Sanders valoriza o elenco onde também aparece o irmão (Neil) de Sean Connery. Talvez uma boa surpresa.

*

CRUÉIS SÃO OS HOMENS ("Skrullduggery") — Estados Unidos, março de 1970, 105 minutos. Produção: Universal. Produtor: Saul David. Direção: Gordon Douglas. Roteiro: Nelson Gidding. Fotografia: Robert Moreno. Desenho de produção: Hilyard M. Brown. Decorações: George Milo. Maquilagem: Bud Westmore, Jack Young. Vestidos de Susan Clark: Edith Head. Musica: Oliver Nelson. Montagem: John Woodcock. Em PanaVision e Technicolor. Elenco: Burt Reynolds, Susan Clark, Roger C. Carmel, Paul Hubschmid, Chipps Rafferty, Alexander Knox, Patu Suzuki, Edward Fox, Wilfrid Hyde-White, William Marshall, Rhys Williams, Mort Marshall, Michael St. Clair, Booker Bradshaw. Amanhã, no Cine Art Palacio e circuito.

Historia de uma expedição que encontra uma tribo de criaturas de pele rosada coberta de pelos e cujas feições e caracteristicas não se enquadram em nenhuma classificação conhecida. Aparentemente um filme de aventuras mas na verdade realização de intenções polemicas — para o que em nada está credenciado o diretor Gordon Gouglas — e humanitarias.

*

O SENHOR DAS BATALHAS ("Shikirukai Magoichi") — Japão, setembro de 1969, 95 minutos. Produção: Daiei. Distribuição: Toho. Direção: Kenji Misumi. Roteiro: Ryuzo Kikushima. Argumento: Ryotaro Shiba. Fotografia: Kazuo Miyagawa. Direção artistica: Yashinobu Nishioka. Musica: Masaru Sato. Em DaieiScope e Daieicolor. Elenco: Kinnosuke Nakamura, Komaki Kirihara, Kojiro Hongo, Takashi Shimura, Katsuo Nakamura, Shintaro Kato, Eiko Asusa, Yoko Namikawa. Desde ontem, no Cine Joia.

Epico da Daiei ambientado no seculo 16. Narra, ao que parece em tom de satira, o levante de fiéis de uma seita que se amotinaram contra a opressão de Oda Nabunaga, que alimentava a idéia da unificação do país. O protagonista — Kinnosuke Nakamura — é ruim mas há também interpretes como Takashi Shimura, o funcionario de "Viver", o filme de Kurosawa.

*

TEMPO DE LOBOS ("Le Temps des Loups") — França, janeiro de 1970. Co-Produção: Lira Films-Paris Cannes Productions (Paris) — Seve Films (Roma). Distribuição: Fama Filmes. Produtor: Raymond Danon. Direção, argumento: Sergio Gobbi. Roteiro: Georges e André Tabet, Sergio Gobbi. Fotografia: Daniel Diot. Musica: Georges Gervarentz. Em Eastmancolor. Elenco: Robert Hossein, Virna Lisi, Charles Aznavour, Geneviéve Thenier, Albert Minski, Marcel Bazzuffi, Antonio Passalia, Madeleine Sologne, Fred Ulysse. Quinta-feira, no Cine Marrocos e circuito.

Policial do mesmo diretor de "Pecado com uma Estranha" e que deve valer principalmente pela beleza de Virna Lisi. A historia gira em torno de "gangsters" e no elenco reaparece a veterana Madaleine Sologne, do "L'Eternel Retour", de Jean Dellanoy, uma das obras mais elogiadas do cinema francês academico de então (1943).

*

DUELO NO CABO RUJIN ("Shin Abashiri Bangaichi" — "Rujin Misaki no Ketto") — Japão, 109 minutos. Produção Toei. Distribuição: Niteroi. Direção: Yasuo Furuhata. Roteiro: Akira Murao. Argumento: Hajime Ito. Fotografia: Shinichiro Hayashi. Direção artistica: Shuichiro Nakamura. Musica: Masao Yago. Em ToeiScope e Eastmancolor. Elenco: Ken Takakura, Kaneko Iwasaki, Sanae Tsuchida, Kenji Sugawara, Minoru Ooki, Takashi Shimura, Akitake Kawano, Toru Abe, Toru Yuri, Toshiaki Minami, Hideo Sunazuka, Kenji Imai, Shingo Yamashiro, Shiro Otsuji, Hirohisa Nakada. A partir de hoje, no Cine Niterói.

A partir de hoje, no Cine Niterói.

Mais um exemplar da serie sobre penitenciarios, desta vez tendo como centro um grupo de detentos conduzido a um estaleiro para trabalhar e que se envolve em varias complicações. Rotina da Toei com alguns interpretes de qualidade.

*

O CIRCULO DO PAVOR ("Kyuketsu Dokurosen") — Japão, novembro de 1968, 82 minutos. Produção: Shochiku. Produtor: Akira Inomata. Direção: Michihiro Matsuno. Roteiro: Kikuma Shizaka. Fotografia: Masayuki Kato. Musica: Noboruni Shiyama. Em Shochiku GrandScope e Eastmancolor. Elenco: Kitsuko Matsuoka, Yasunoro Irikawa, Masumi Okada, Keiko Yanagawa, Tomoo Uchida, Akira Nishimura, Kaori Taniguchi, Tomoo Koike. Desde ontem, no Cine Nippon.

Historia de vingança, onde uma jovem procura vingar a morte de sua irmã e do marido desta durante sua viagem de nupcias quando um grupo de facinoras assalta um navio mercante. A protagonista é a bela Kitsuko Matsuoka, a jovem lésbica de "A Tatuagem da Deusa". O diretor parece que se assina também Kuroki Matsuno.

MARCADO PARA MORRER ("Le Canard en Fer Blanc" — "Mercenários del Aire") — França, 1967, 88 minutos. Co-Produção: Proflegi (Paris)-P. C. Santos Alcocer (Madrid). Distribuição: Fox. Produtora: Christine Gouze-Renal. Direção: Jacques Poitrenaud. Roteiro: J. Poitrenaud, Albert Valentin, Michel Levine. Da novela de Day Keene. Diálogos: Jean Loup Debadie. Fotografia: Alain Douarinou, Miguel F. Mila. Cenografia: Juan Alberto Soler. Em Eastmancolor. Elenco: Roger Hanin, Corinne Marchand, Lila Kedrova, Francis Blanche, Jean-Marc Tenberg, Andres Mejuto, Frank Oliveras. Amanhã, no programa duplo do Cine Esplanada.

Fita de aventuras onde Roger Hanin é um pilôto que faz serviços nem sempre muito de acôrdo com a lei e que se envolve com uma "gang" que se diz ser de um movimento revolucionário. Desperdicio provável do talento de Corinne Marchand, a protagonista de "Cléo das 5 às 7". No elenco também a característica Lila Kedrova.

*

AFRICA ENTRE O AMOR E O ÓDIO ("Mal d'Africa") — Itália, 1967. Produção: Rizzoli Film. Distribuição: Art Filmes. Diretor: Stanis Nievo. Fotografia: Antonio Climati. Musica: Riz Ortolani. Em TechniScope e Technicolor. Desde ontem, no Cine Republica.

Documentário sôbre a Africa. Forjado? "Mundo Cão?" À maneira de "Africa, Adeus?". A autentnicidade parece discutível. Em todo o caso, o filme mostra "os grandes desertos e costas ocidentais, o leste, o Congo e o Zambezi, onde termina a Africa Negra e começa a Africa Branca"...

*

O JUSTICEIRO DO MAR ("Il Giustizieri dei Mari") — Italia, 91 minutos. 1961. Co-Produção Documento Film (Roma) — Louve (Paris). Distribuição: Rank. Produtor: Gianni Paolella. Roteiro seu e de Ugo Guerra. Da novela "1787-1790, a Botany Bay in Australia", de James Price. Fotografia: Carlo Bellero. Cenografia: Aldo Tomassini Barbarrosa. Indumentaria: Walter Patriarcha. Musica: Egisto Macchi. Montagem: Otello Colangeli. Em TotalScope e Eastmancolor. Elenco Richard Harrison, Michele Mercier, Roldano Lupi, Marisa Belli, Paul Muller, Carlo Hintermann, Walter Barnes, Italo Sain, Lilliane Nguyen. Desde segunda-feira ultima, no programa duplo do Cine Boulevard.

História tipo "Capitão Blood", algo antiga (nove anos), com uma Michele Mercier bem antes do êxito comercial de "Angelica". O filme esteve anunciado para segunda-feira passada mas só em cartaz.

*

O MUNDO TREME ("Black Box Affair: Il Mondo Trema" — "Amenaza Black Box") — Itália-Espanha, 1966, 96 minutos. Co-Produção: Kinesis Film (Roma) — Kalendar Films Internacional (Madrid). Distribuição: Livio Bruni. Produtor: Silvio Battistini. Direção: James Harris (Marcello Ciorciolini). Roteiro: Marcello Ciorciollini, Nino Quevedo. Fotografia: Francisco Sanchez Muñoz. Cenografia: José Algueró Raga. Musica: Gianni Ferrio. Montagem: Otello Colangeli. Elenco: Craig Hill, Teresa Gimpera, Luis Marin, Rolf Tasna, Patricia Car, George Wang, George Rigaud, Herbert Montureano, Fredi Ungar, Tony Francis, Mark Paskin. Desde quarta-feira ultima, no Cine Premier.

Fita girando em torno do misterio que cerca uma caixa preta contendo poderosa arma nuclear transportada num avião que cairá ao mar nas proximidades da costa espanhola. Qualquer semelhança com o fato semelhante ocorrido na mesma região na Espanha há quatro anos não é mera coincidencia.

*

A LEI DO BRAVO ("White Feather") — Estados Unidos, fevereiro de 1955, 102 minutos. Produção: Panoramic-Fox. Produtores: Leonard Goldstein, Robert L. Jacks. Direção: Robert D. Webb. Roteiro: Delmer Daves, Leo Townsend. Argumento: John Prebble. Em CinemaScope e Technicolor. Elenco: Robert Wagner, John Lund, Debra Paget, Jeffrey Hunter, Edward Franz, Noah Beery, Virginia Leith, Emile Meyer, Hugh O'Brien, Milburn Stone. Amanhã, no Marabá. "Reprise".

"Western" produzido pelo falecido Robert L. Goldstein, com roteiro do diretor Delmer Daves e realizado provavelmente por causa do êxito de "Flexas de Fogo" que Daves havia produzido ano antes. O diretor Webb é pouco expressivo. O filme foi lançado a 2 de agosto de 55 no Republica e depois "reprisado" em junho de 62 no Los Angeles.

BRINDES POMBO 1930 40 ANOS 1970

urgente!

Aceitamos ainda pedidos para entrega até o fim do ano!

BRINDES POMBO FONE: 267-8211

Homenagem ao senador MEM DE SÁ

Amigos e admiradores de São Paulo do senador Mem de Sá homenagearão com um jantar — no próximo dia 19, às 20 horas, à rua Maranhão, 983 — o ilustre homem público do Rio Grande do Sul por relevantes serviços prestados ao País, principalmente na defesa dos postulados democráticos.

As adesões podem ser feitas pelos telefones 257-0968 e 257-1024, no horário comercial, com dna. Ana Maria.

A Comissão Organizadora —

governador Abreu Sodré, senador Carvalho Pinto, Alfredo Cecílio Lopes, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Antônio Pereira Lima, Anésio Paula e Silva, Bartholomeu Bueno de Miranda, Caio Plínio Barreto, Carlos Guimarães Louzada, Ernesto Pereira Lopes, Herbert Levy, Julio de Mesquita Neto, Joaquim Mendonça, Luiz Rondon Teixeira de Magalhães, Mário Telles, Murilo Costa Manso, Roberto Victor Cordeiro, Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, Salvador Julianelli, Sebastião Ruy Rôllo Maciel, Silvestre Ferraz Igreja e Vicente de Paula Lima.

Agora está mais fácil ligar para a Continental.
Ela tem um nôvo telefone

256-4111 (PABX)

Continental
S.A. DE CRÉDITO IMOBILIÁRIO

Av. São Luiz, 50 - 34.º andar - São Paulo

AVALIAÇÕES INDUSTRIAIS

Fundada em 1939, a Bôlsa de Imóveis do Rio de Janeiro dedica-se com **inteira exclusividade** ao trabalho de determinação de valôres. Em 31 anos de existência já procedeu cêrca de 15 mil avaliações, desde as mais modestas unidades residenciais, até os maiores e mais complexos conjuntos industriais, **inclusive máquinas e equipamentos.**

Os laudos da Bôlsa, * **incluindo ou não máquinas e equipamentos,** têm sido solicitados e aceitos pelo Govêrno Federal, Banco do Brasil, BNDE, Caixas Econômicas Federal e Estadual, Embratur, Embratel, Petrobrás, IBRA, etc., por milhares de particulares e emprêsas nacionais e estrangeiras.

Os laudos da Bôlsa nunca sofreram contestação ou impugnação, tendo sido acatados por Decretos do Govêrno e por sentenças dos mais diversos Tribunais.

Para compra, venda, reavaliações de ativo, aberturas de capital "mergers", constituição ou liquidação de sociedades, verificações contábeis, etc. etc., consulte o SR. LUIS ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO, que está apto a fornecer orçamentos prévios, sem nenhum compromisso.

* Determinações de valôres de mercado, de custo de reposição de construções, máquinas, equipamentos e contendo em geral "valor depreciado (valor útil), estudos de viabilidade econômica para loteamentos ou projetos específicos, etc. etc....

BÔLSA DE IMÓVEIS DO RIO DE JANEIRO

São Paulo: Rua Vitorino Carmilo, 690 — Tels.: 51-5956 — 51-5931 • 51-0666
Guanabara: Avenida Rio Branco, 128 — 1.o andar — Tels.: 242-9035 — 232-7616 • 242-5152.

Ninguém respeita uma firma que manda cartas mal escritas.

Para aquêles que compreendem que uma carta é a própria imagem de quem a remete, a Olivetti criou três tipos de máquinas elétricas de escrever: Tekne 3, Tekne 4 e Editor 5.
As três têm características que nenhuma outra máquina elétrica tem: diminuem dràsticamente a margem de erros graças a automação de seus dispositivos; as hastes das teclas jamais se encavalam antes de chegar ao papel - provocando aquêle pandemônio que exige boas unhas para separá-las; comportam nos seus carros um número bem maior de cópias sem ocorrer cortes, rasuras, estrias ou quaisquer manchas de carbono; eliminam o cansaço pela leveza extraordinária de suas teclas; aumentam a produtividade graças à grande velocidade de sua escrita; não permitem letras flutuantes mesmo que o papel seja apenas um cheque; garantem limpeza e uniformidade da escrita.

olivetti elétrica

Afinal as Olivetti elétricas têm tudo. Só não têm um custo alto - menor que o das máquinas de escrever que só funcionam à base de energia muscular.
Qualquer secretária se sente hábil e melhor trabalhando com as Olivetti elétricas.
Aliás, até as secretárias vão respeitar mais a sua firma - que manda cartas tão bem escritas.

DPZ

Sua idade pode ser a juventude de seus cabelos

tratados com Loção Brilhante

Combate a seborréia
Evita a caspa
Devolve a juventude e a côr natural aos seus cabelos, tornando-os sedosos e brilhantes.

Loção Brilhante

ALVIM & FREITAS S. A. — SÃO PAULO

as
ção, An-
ne Ravache,
ança Francesa
182) — 34-7759.
e 22h30. Cr$ 50,00
ingo — 18 e 21h15. Cr$
r$ 25,00. 18 anos. Cotação:

ção
Miguel
a. **Paiol**
— 221-2462.
horas. Domingo —
Temporada popular:
único). 14 anos. Cotação:

COMÉDIA

SAI DE MIM TINHOSO — De Berthold Brecht. Músicas de Kurt Weill. Três peças escritas por Brecht em 1919, enfocando a insuficiência do poder, do sexo e do dinheiro. Adaptação, tradução e direção: Luís Antonio Martinez Corrêa. Com Renata Dobal, Deise Stocklos. **Oficina** (Jaceguai, 520) — 32-3039. Terça e sábado — 21 horas. Domingo — 18 e 21 horas. Sexta — meia-noite. Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00. 18 anos.

FEIRA DO ADULTÉRIO — Vários autores. Cinco histórias enfocando o

GENTE FINA É OUTRA COISA — De Antonio Bivar e Alcyr Costa. Uma governanta muda todo o sistema de vida de uma família. Direção, Paulo Villaça. Com Yolanda Cardoso, Angela Rodrigues. **Arena** (Teodoro Baima, 94) — 256-9463. Sábado — 20 e 22h30. Cr$ 50,00 (único). 18 e 21 horas. Cr$ 50,00 e Cr$ 30,00. 18 anos.

MUMU, A VACA METAFISICA — De Marcílio Moraes. Uma família que se apega a pequenos valores acaba por se isolar do mundo. Direção, Silnei Siqueira. Com Sônia Guedes, Tânia Alves. **Teatro Markantti** (14 de Julho, 114) — 2.ª a 6.ª — 21 horas. Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00. Sábado — 20 e 22 horas. Cr$ 50,00 (único). Domingo — 18 e 21 horas. Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00. 14 anos.

PALAVRÃO — Rolando Boldrin contando curtas histórias cômicas num tom crítico. Com a Banda do Pau e Corda. **Nações** (São João, 1737) — 220-8012. 3.ª a 6.ª — 21 horas. Cr$ 30,00 e Cr$ 20,00. Sábado — 20 e 22 horas. Cr$ 40,00 (único). Domingo —

O Ballet Siwa, hoje e amanhã, no Anchieta

Num programa que inclui músicas de Bach, Massenet, Strauss, Vivaldi, Tchaicovski, Albinoni, Paganini, entre outros, o Ballet Siwa fará quatro apresentações neste fim-de-semana, no Teatro Anchieta (Dr. Vila Nova, 245). Duas hoje, e duas amanhã, no mesmo horário (18 e 21 horas). A atração do espetáculo é o bailarino Hugo Delavalle, que já pertenceu ao Ballet de Stuttgart e do de Dusseldorf e que, ao lado de Lícia Del Nero e Cecília de Oliveira atuará no balê neoclássico "Evolução". Ingresso: Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00 (estudantes).

F
dy

PA
conta
num to
e Cord
220-8012
30,00 e C
horas. Cr$
18 e 21 ho
18 anos.

TODOS POR
— De Marília de
ao homem moder
valores. Com os
Família Castro. **Tea**
João, 1737) — 220-80
horas. Cr$ 50,00 e Cr
go — 20 horas. Cr$ 30,
14 anos.

INFANTIL

FUGA EM DO RE MI —
Nunes Goes. Uma meni
uma música numa caixin

Museus

MUSEU DE ARTE BRASILEIRA — Rua Alagoas, 903 — Pertence à Fundação Armando Alvares Penteado. O MAB foi fundado em 1961 e em seu acervo conta com obras de Anita Malfati, Di Cavalcanti, Pancetti, Clóvis Graciano, Flávio de Carvalho, Tarcilla do Amaral e Oswaldo Goeldi, entre outros. Aberto de terça a domingo das 14 às 18 horas.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO — Parque do Ibirapuera — Desde 1960 o MAM apresenta uma programação de mostras temporárias mas possui em seu acervo obras de importantes artistas nacionais e internacionais. Entre outras, estão as obras de Lathar Charouw, Oayô, Walter Levy, Maria Bonimi, Marcello Grasmann e Ismael Nery. Aberto de terça a sabado das 15h30 às 22 horas, aos sábados das 15h30 às 22 horas, aos domingos das 11h30 às 18 horas.

MUSEU DE ARTE SACRA — Av. Tiradentes, 676 — Criado em 1969, tendo sua origem no Museu da Mitra Arquidiocesana de São Paulo. O MAS foi transferido para o convento da Luz em prédio construido em 1744. Possui em seu acervo obras-primas de arte sacra brasileira. Aberto de terça a domingo, das 13 às 17 horas.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO — Av. Paulista, 1578 — Criado em 1964 por Assis Chateaubriand, o MASP possui um dos mais importantes acervos da América Latina em termos de arte no decorrer dos séculos. Mantém também um vasto programa de exposições temporárias e seus acervos podem ser vistos na Pinacoteca. Dele constam obras de El
o, Rafael Sanzio, Delacroix,
ez, Lautrec, Renois, Van
gas, Cezanne, Portinari,
t, Siqueira, entre ou-
terça a domingo das

MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA — Parque do Ibirapuera no prédio da Fundação Bienal — pertence à Universidade de São Paulo, o MAC possui o mais extenso e importante acervo de obras de artistas nacionais e estranjeiros contemporâneos, recebendo constantemente novas doações e efetuando aquisições- Entre obras que recentemente passaram a integrar o acervo do museu estão um grande óleo de Samson Flexor, de sua fase Geometrica dos anos 50, duas gravuras em metal de Milton de Casta, uma xilografia de Axel Leskeschel, uma xilografia de Roberto Magalhães, 133 desenhos de Fúlvio Pennacch (cobrindo 46 anos de sua atividade artística!, além de obras "Multimédia" de artistas nacionais e estrangeiros como Partilhos, Júlio Plaza, Josef Jankovic, Regina Valter, Altalai e Barrio. Aberto de terça a domingo das 14 às 18 horas.

MUSEU DE AERONAUTICA — Pavilhão Histórico do Parque Ibirapuera. Pertence à Fundação Santos Dumont, o museu reune um grande número de peças de valor histórico, entre elas o avião "Jahu".

MUSEU LASAR SEGALL — Aberto ao público em 1974, o MLS tem o objetivo de preservar e divulgar a obra de Lasar Segall e ainda apresenta exposições temporárias de artistas importantes na arte brasileira. Aberto de terça a sexta das 14h30 às 18h30 e, aos sábados e domingos das 15 às 18 horas.

MUSEU DE ARTE E CIÊNCIAS POPULARES — Pavilhão Histórico do Ibirapuera. Mais conhecido como "Museu do Folclore", reúne a arte e o artesanato de diversas partes do Brasil. Aberto de terça e domingo das 8 às 18 horas.

MUSEU DO PRESEPIO — Grande marquise do Ibirapuera. Reúne 23 vitrines, contendo presépios de váriosa estilos e épocas. Uma das atrações é um presépio napolitano que possui 1.500 figuras. Aberto de terça a domingo das 15 às 17 horas.

MUSEU PAULISTA — Fim da av. D. Pedro I, em frente ao monumento da Independência. Ipiranga. Inaugurado em 1895 e pertencente ao Instituto de História Antropologia da Universidade de São Paulo. Reúne peças da História Etonogia, Arqueologia. Linguistica e Numismática do Brasil. Aberto de terça a domingo de 13 às 17 horas.

PINACOTECA DO ESTADO — Av. Tiradentes, 141 (em frente à estação da Luz — metrô Estação da Luz). Conjunto de pintura, escultura, gravura e desenho de artistas nacionais de fins do século XIX e século XX, salas especiais dedicadas a Pedro Alexandrino, Almeida Junior e de integrates do movimento modernista. Também em exposição, obras de Oscar Pereira da Silva, Visconti. A. Timotheo da Costa, Batista Costa. A. Parreiras, Weigarther, Portinari, Tarsila, Volpi Malfatti, Segall, Mabe Lonelli, Tomie Ohtake. A. Henrique e Rodolfo Bernadelli, entre outros. Aberto de terça a domingo das 14 às 18 horas.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA — Cidade Universitária. Departamento de História. Dez mil peças das civilizações mesopotâmica, grega, romana, etrusca, das Américas e da Africa Negra. Aberto de segunda a sexta-feira das 11h30 às 18 horas.

MUSEU DA MICROESCULTURA — Cidade da Criança. São Bernardo do Campo. Acervo com obras esculpidas em madeira, atingindo proporções quase imperceptiveis a olho nú, expostas ao lado de telas em tamanho maior. Os temas são em maior parte de fatos históricos de nossa Pátria. Aberto de terça a sexta das 9 às 17 horas e aos sábados e domingos das 9 às 18 horas.

Artes Plásticas

RODOLFO MESQUITA — Pernambucano de Recife, apresenta-se pela primeira vez em São Paulo com uma série de desenhos — nanquim sobre papel em exposição a ser inaugurada hoje, às 14 horas, pelo Museu de Arte de São Paulo (av. Paulista, 1578). A mostra permanecerá aberta até 25 deste mês, de terça a domingo, das 14 às 18 horas.

VICTOR XAVIER — Artista nascido em Cabo Verde, na África, Victor expõe pela primeira vez no Brasil, apresentando uma série de pinturas, à av. Brasil, 1151. Aberta hoje, das 9 às 22 horas.

COLETIVA NO MASP — Até 30 de julho, o Museu de Arte de São Paulo (av. Paulista, 1578) apresenta uma exposição coletiva com obras dos seguintes artistas: Anne Miaken (artista norte-americana que já expôs duas vezes no Brasil), desenhos e pinturas; Aldo Anzaloni (desenhos), Antonello L'Abbate (esculturas); Perez Sola (esculturas) e Fang (pinturas). Aberta hoje e amanhã, das 14 às 18 horas.

UM SÉCULO DE PINTURA — Também no MASP, a exposição "Um Século de Pintura em Paris — do Impressionismo ao Contemporâneo", com obras de mestres dos diversos movimentos ocorridos nos últimos 100 anos: Renoir, Van Gogh, Picasso, Chagall, Toulouse Lautrec; para citar alguns. As obras pertencem ao Museu de Arte de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris e a galerias da França. Aberta hoje e amanhã, das 14 às 18 horas.

GILBERTO SALVADOR — Artista, arquiteto e paisagista paulista expõe 20 pinturas recentes, onde a natureza, com todos os seus elementos — homem, animais, vegetação, etc. — é o tema. As obras são executadas na técnica têmpera com vinil sobre tela. Aberta hoje, das 14 às 21 horas.

HENRIQUE BERNADELLI — A Pinacoteca do Estado (av. Tiradentes, 141) apresenta uma seleção de desenhos de Henrique Bernadelli (1857-1936), doados pelo artista pouco antes de sua morte. São 99 obras realizadas ao longo de sua carreira e de temáticas variadas. Aberta hoje e amanhã, das 14 às 18 horas.

ALBERTINI — Expõe tapeçarias abstratas e algumas peças figurativas à al. dos Aicás, 40. Aberta hoje e amanhã, das 10 às 24 horas.

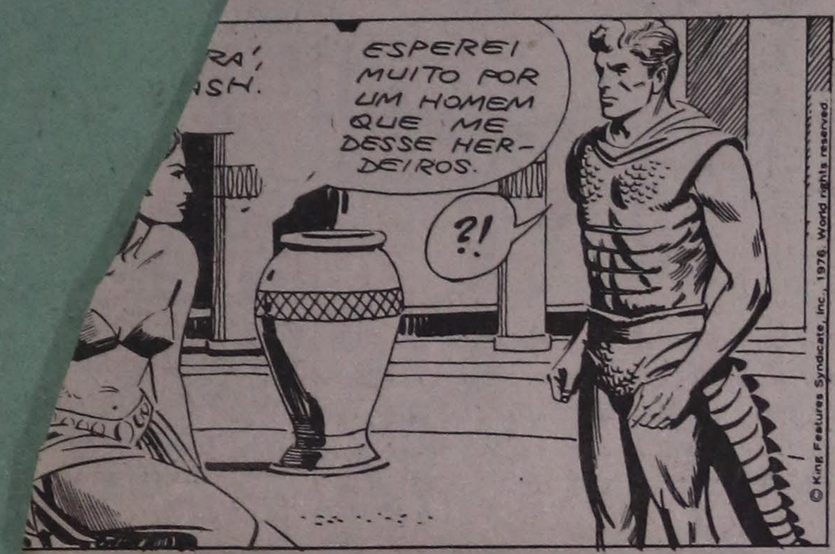
OITO MESTRES DA ARTE ABSTRATA — Exposição que reune obras de artistas, internacionalmente conhecidos como mestres da arte abstrata: Esteve, Miró, Soulages, Poliakoff, Vasarely Manessier Hartung e Zao Wou-Ki. Rua Peixoto Gomide, 1174. Aberta hoje, das 10 às 14 horas.

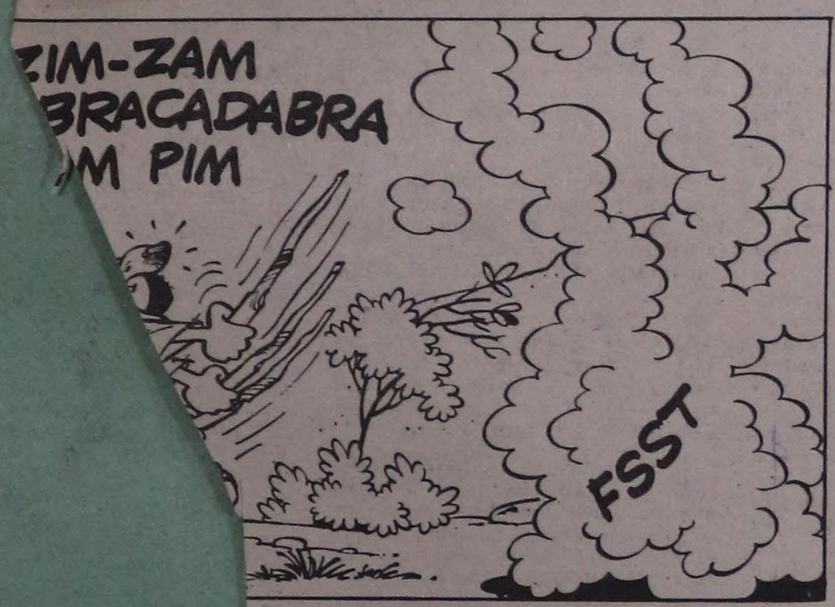
SETE ARTISTAS CONTEMPORANEOS — Outra mostra de artistas mundialmente conhecidos, incluindo-se também obras de Soulages Harting, Zao-Wou-Ki, Manessier além de Music, Alachinaky e Maryan, todos representados com gravuras. Rua Haddock Lobo, 1568. Aberta hoje, das 10 às 13 horas.

GERDA BRENTANI — Apresenta à rua Augusta, 2995, 42 desenhos coloridos sobre um único tema: bichos, Gerda parte do modelo natural (é assidua frequentadora do Museu de Zoologia de São Paulo), mas recria seus bichos com humor, ou os inventa, colocando-os entre máquinas e objetos abandonados pelo homem. Aberta hoje, das 9 às 12 horas.

CICLO DE EXPOSIÇÕES DA PINTURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA — A quarta exposição deste ciclo apresentado pelo Museu Lasar Segall, (rua Afonso Celso, 362), reunindo desta vez pinturas de artistas que participaram de três salões realizados no período de 1937 a 1940 — Salão da Família Artística Paulista, Salão de Maio e Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos — entre eles Portinari, Lasar Segall, Volpi, Rebolo, Tarsila da Costa e Pennachi. Aberto hoje, das 14h30 às 22 horas e, amanhã, das 14h30 às 22 horas às 18h30.

SALVADOR RODRIGUES
Artista seguidor do "Axiom
cola criada por Castellane e
tura academismo com m
Salvador Rodrigues Junio





ser feita **com prazer** e seriedade, e nã apenas como **um trabalho** a ser cumprido. Pelo menos era assim que eu pensava e é assim que penso até hoje.

Não sei se algum repórter em início leu o meu "Luz de Vela". E, lendo-o, compreendeu a mensagem que tentei transmitir. Dele só possuia dois exemplares, até a semana passada. Agora, um terceiro veio juntar-se à dupla.

Aconteceu assim. Depois do almoço, quando me sobra tempo, gosto de dar uma volta pela cidade, olhando as vitrinas, vendo a gente passar. De quando em quando, entro numa livraria, para conhecer as últimas novidades, ou assuntar a seção de livros usados. E foi nesta que o encontrei.

Antigamente havia os "sebos", dedicados exclusivamente à venda de livros de segunda ou mais mãos. Hoje, penso que eles não existem mais. Algumas livrarias, como esta

soltoc
— 10
Quando
cruzeiros. Con
deria deixá-lo
autêntico túmulo de
casa examinei o exemp
Quem o comprou, tratou-o
pois, embora demonstrando
folheado, permanecia relativamen
conservado.

Ficou-me, porém, a indagação: — Quem teria comprado?

E o pior: — Ele teria sido vendido por alguém em necessidade, triste por desfazer-se da obra querida (pobre de mim...), ou fora vendido a quilo, misturado a muitos e muitos outros livros rejeitados?

CHARADAS

OSCAR BORGES

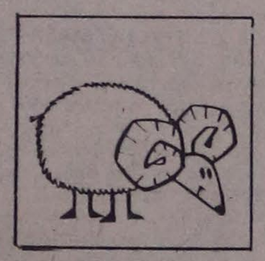
Aferesada

Um velho filósofo e viúvo que vive há meio século em hotéis, nunca precisou que lhe servissem um chá na cama e apenas uma vez pediu à sua *quarteira* que lhe levasse um comprimido, por estar com uma leve *dor nos rins* e não queria que chamasse o médico. 4-2.

Metamorfoseada

O padre nordestino aqui chegado para se empregar, teve grande dificuldade em conseguir uma *moradia* para se acomodar, pois os proprietários não simpatizavam com sua *aparência*, além do que exigiam grandes quantias que ele não podia fornecer. 4 (2).

HOROSCOPO/OMAR CARDOSO



ÁRIES 21-3 A 20-4

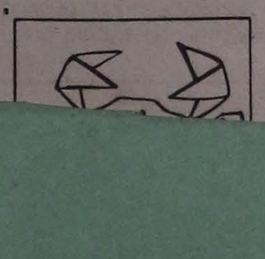
Dia dos melhores para realizar negócios com terras, propriedades de um modo geral e gêneros alimentícios, devido à boa influência astral de Saturno em sua Quarta Casa Astral. Contudo, não fuja as suas responsabilidades e dê atenção aos familiares.

TOURO 21-4 a 20-5

Neste dia, pode contar com os amigos, se precisar de ajuda para a solução de seus problemas pessoais. O dia é dos melhores às viagens, ao amor e para assinar contratos e documentos importantes.

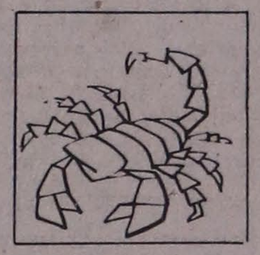
GEMEOS 21-5 a 20-6

Dia dos mais favoráveis às transações financeiras e para realizar compras de móveis e imóveis. Sua popularidade estará em ascensão e terá chances de lançar novas idéias, em seu campo profissional. Pode amar.



CANCER 21-6 a 21-7

Dia dos mais indicados para resolver questões financeiras, profissionais e

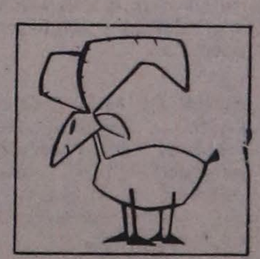


ESCORPIÃO 23-10 a 22-11

Bom dia às assinaturas de contratos e para solucionar problemas financeiros de pequeno porte, até o meio-dia. O campo profissional trar-lhe-á bons resultados e a vida familiar lhe trará muita satisfação. Pode viajar.

SAGITÁRIO 23-11 a 21-12

Não é um dia propício para solicitar favores e empréstimos e nem mesmo aos assuntos sociais e pessoais. Acautele-se e tome cuidado com acidentes e com sua saúde. Neutro ao amor.



CAPRICÓRNIO 22-12 a 20-1

Fase muito feliz ao casamento, noivado, namoro ou união, principalmente com pessoas mais velhas do que você. Bom também ao comércio e à indústria de produtos alimentícios.

cam
rno

enação do trabalho
omos brasileiros fica
Sociedade Astrono-
ecife, que no mo-
providenciando o
nformações detalha-
odos os estudiosos
parão das observa-
Nordeste foram aler-
nomos de Fortaleza,
a, Campina Grande,
nda, Salvador, Feira
e Jequié; em Minas
de Belo Horizonte,
ora, Matias Barbosa
ncisco de Oliveira.
ntidade pernambuca-
viando sugestões pa-
ulo, Paraná e Rio
Sul, seguindo as
s tomadas em rela-
ntistas dos Estados
Maranhão, cobrindo
a costa brasileira.

ômica

NOITE DE AUTÓGRAFOS

da consagrada pianista

EUDÓXIA DE BARROS

para o lançamento do disco contendo obras do compositor nacional LUIZ LEVY, amanhã, dia 11, às 19:00 horas, em

BRUNO BLOIS

RUA 24 DE MAIO, 215

Aposentadoria proporcional tem votação adiada

Da Sucursal de
BRASÍLIA

Por "absoluta falta de quorum", como anunciou o presidente do Senado, Magalhães Pinto, o Congresso adiou ontem a votação de emenda à Constituição que permite a aposentadoria voluntária do servidor publico federal, com vencimentos proporcionais, depois de 30 (para o homem) ou 25 (para a mulher) anos de serviço. Sendo o governo contrário à emenda, a Arena pode se recusar a rejeitá-la, para não criar uma imagem antipatica do partido. Então, a Arena deve provocar o seu arquivamento por falta de quo-

tanto, o deputado Angelino Rosa, de Santa Catarina, chegou ontem a defender a rejeição da emenda, proposta na Camara por iniciativa do deputado Santos Filho, arenista do Paraná.

Quadro suplementar

O deputado Raul Bernardo, da Arena de Minas Gerais, teve de redigir dois pareceres para julgar a mensagem do Executivo que permite a aposentadoria voluntária dos funcionários publicos de quadros suplementares em decorrência do plano de classificação de cargos. No primeiro, onde colocou seu próprio ponto de vista, o deputado mineiro aceitou várias das 23 emendas apresentadas ao projeto do governo; no segundo, depois de uma ordem expedida pelo DASP, to- foram rejeita-

Trabalho preten saber como é vi dos assalariados

Da Sucursal de
BRASILIA

Para conhecer melhor o padrão de vida dos trabalhadores assalariados e como se vêm modificando seus hábitos em relação ao custo de vida, o Ministério do Trabalho fará uma pesquisa de ambito nacional, no início do próximo semestre, da qual será incumbida a Secretaria de Emprego e Salário.

Como parte deste trabalho, está prevista uma avaliação da variação real do salário mínimo, dos registros coletivos de salário no custo de vida e dos reflexos dos aumentos de salário no custo da

No Ministério da cia Social, um asses nistro informou q pretende aumenta em 20 por cento a do programa de profissional, devend zembro serem realiz ximadamente dois atendimentos especia

Em 1975, o INPS 1,5 bilhão de cru acidentes do trabalh relatório da emprê cessamento de dad vidência Social. também informou ro de acidentados sado foi de 1,9 mi

Musicália

A.C. REGIS VITA

Um LP com o melhor de Les Brown

SAXOFONISTA E REGENTE de orquestra, Les Brown — Lester Raymond Brown — começou a estudar piano aos oito anos. Mais tarde, porém, influenciado pelo pai — que era saxofonista — iniciou os estudos neste instrumento, surpreendendo seus mestres. Chegou a formar, nos tempos de estudante, um conjunto, o **Blue Devils**, que durou quatro anos, tendo, inclusive, gravado alguns discos. Extinto o grupo, Les Brown dedicou-se a fazer arranjos para outros grupos e orquestras, já tendendo para o **swing**. "Foi dos primeiros, aliás — nos diz o pesquisador J. L. Ferrete — a conciliar premeditação e espontaneidade nos arranjos, mantendo-se nos limites que os técnicos abjetiveram à época, ou seja, identificar **swing** com **jazz**, polêmica que levou conhecedores a grandes debates nos derradeiros anos "30. Em 1938, Les Brown formou sua própria orquestra, começando a ganhar vulto nos meios jazzísticos e destacando-se como um dos melhores conjuntos do chamado período "das grandes orquestras" na música de dança dos EUA. O primeiro grande sucesso da já então famosa orquestra veio em 1944, através de **Sentimental Journey** (composição de Les, de seu arranjador Ben Homer e do letrista Bud Green), na voz da então pouco conhecida Doris Kapelhoff (Doris Day). Depois disso, registrou inúmeros sucessos na Columbia, mudando-se, nos últimos anos 40, para a Decca, onde registraria a maior parte de seus grandes sucessos, vários dos quais reeditados neste LP (gravados no período de 1949 a 1955).

O disco abre com o "clássico" **Sentimental journey**, surgindo em seguida **I've got my love Keep me warm** — outro dos maiores sucessos de toda a carreira de Les. Mas há ainda, neste álbum duplo, faixas como **From this moment on**, que os analistas vêem como um dos registros mais perfeitos realizados pelo músico; **It's all right with me** e **Everybody wants to go to heaven**, onde se destaca o excelente vocalista Butch Stone, aqui no auge de sua força interpretativa. Um dos ótimos lançamentos Chantecler do suplemento deste mês.

•••

EUDÓXIA DE BARROS LUIZ LEVY

APESAR DA vasta obra deixada, Luiz Levy foi um músico que se dedicou muito pouco à divulgação de seu trabalho. A maior parte do tempo ficou ligado ao comércio e ao seu trabalho na célebre Casa Levy — editora musical que se constituiu, na passagem do século, num verdadeiro centro de reunião de músicos, artistas e intelectuais importantes da paulicéa. Se tivesse dado mais atenção à divulgação de suas obras, Luiz Levy teria, talvez, alcançado a notoriedade de um compositor como Ernesto Nazareth. A propósito, como nos diz Bras Baccarin (supervisor de repertório da Chantecler), "Luiz Levy" está para São Paulo assim como Nazareth está para o Rio de Janeiro, com a diferença de que este último nos oferece uma criação nitidamente mais popular".

Luiz Levy (1861-1935) pertenceu a uma família de músicos. Foi um dos quatro filhos do casamento do músico Henrique Luiz Levy (que trabalhou musicalmente com Carlos Gomes e família) e de Anne Marie Theodoreth. Luiz Levy teve ao lado de seu irmão Alexandre Levy e de Alberto Nepomuceno, (um dos "fundadores" de nosso nacionalismo musical), papel marcante na atividade musical do país no final do século passado e início deste, deixando inúmeras obras de grande valor. Por tudo isso, é de fundamental importância este lançamento da Chantecler, que nos traz a excepcional pianista Eudóxia de Barros divulgando, pela primeira vez em LP, algumas das obras mais significativas de Luiz Levy. Estão no disco: **Tango burlesco op. 28; Diálogo op. 26; Barcarola op. 10; 1.ª rapsódia brasileira op. 17** (na qual se sobressai a temática essencialmente brasileira de sua criação), **Habanera op. 31; Pouldrée (4.º gavota op. 23; 5.º Gavota op. 24; Valsa lenta op. 22** e a **2.º Rapsódia brasileira op. 29**. Um lançamento Chantecler.

•••

GRANDES TEMAS DO CINEMA COM WAYNE HAROLD KING

CONHECIDO nos anos 40 como o "Rei da Valsa", Wayne Harold King teve uma das orquestras mais famosas do mundo inteiro, chegando a ser um dos campeões de venda de discos durante as décadas de 30 e 40.

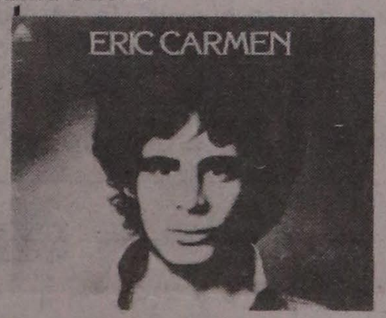
Nascido em Savannah, Illinois, EUA, em 1901, Wayne formou em 1926, em Chicago, um conjunto próprio — após seus estudos e participações como clarinetista em inúmeras orquestras. No início dos anos 30, através da maneira especial com que interpretava suas músicas, Wayne e sua orquestra eram destaque no mundo musical da época e seu repertório incluía números como **Beautiful Love, The perfect Waltz, Annabelle, The waltz you saved form me** e outros autênticos "clássicos" dos velhos tempos. Wayne King atuou nos melhores programas de rádio dos EUA e, durante a II Guerra Mundial, na qualidade de major do Exército americano, circulou por quase todos os "service **command**", dirigindo orquestras. Este LP, que foi gravado nos primeiros anos 60, contendo temas imortais de cinema, nos dá uma boa amostra do estilo suave e romântico que caracterizou Wayne King (no disco também atuando no saxofone), e sua orquestra na música popular mundial. Entre os temas selecionados estão: tema do filme **Exodus** e **Moon river** (tema do filme La strada da vida). Lançamento Chantecler.

•••

QUANDO AS AGUIAS SE ENCONTRAM

UMAS DAS melhores trilhas sonoras originais que nos chegaram às mãos desde o início do ano, é, sem dúvida, a composta por Henry Mancini para o filme de Robert Redford **Quando as águias se encontram**, uma biografia de um acrobata da aviação norte-americana, Waldo Pepper. Desde a primeira faixa, **The Great Waldo Pepper March**, até o tema romântico **When You're Away**, tudo é muito bonito e gostoso de se ouvir. Um disco leve, com técnica perfeita, que poderia ter sido sucesso. Aliás, parece que nem o filme "emplacou", pois mal entrou no novo Metro e já saiu de cartaz. Se o filme é tão bom quanto a trilha sonora, não entendemos porque o grande público não o aceitou; é de muito fácil "digestão" e bastante comercial. A etiqueta é Chantecler/MCA.

MÁRCIA, EDUARDO GUDIN E PAULO CÉSAR PINHEIRO — Eles estão de volta com o volume II de O importante é que a nossa emoção sobreviva, gravado ao vivo no show que o "trio" fêz no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro. Sinceramente, até hoje, desde que escutamos com Márcia, pela primeira vez, a música de Johnny Alf, Eu e a Brisa, jamais concebemos outra pessoa cantando esta jóia. Márcia tem algo raro para as interpretações modernas. Canta com o coração e com a alma, sem parecer que está na fossa ou se lamuriando. Sua voz é de veludo mas os acordes mais fortes saem sem dificuldade alguma. É evidente que o novo LP de Márcia, Eduardo Gudin e Paulo César Pinheiro é de uma qualidade excepcional. Três talentos impossíveis de se colocar defeito, dando o máximo de si num show, só poderia dar bons resultados. Tô por aí, Velho Passarinho, É Melancolia, são apenas "amostras" do que o disco nos oferece. Lançamento Emi/Odeon.



ÉRIC CARMÉN — O primeiro álbum solo de Eric Carmen anuncia a chegada do maior astro da música contemporânea. Com título simples, "Eric Carmen", o LP marca o progresso de Eric, de bandleader para artista solo e deixa bem claro que ele deve ser considerado como um dos melhores talentos musicais da atualidade. Eric Carmen é, provavelmente, mais conhecido por seu trabalho e direção no Raspberries, um conjunto muito bem sucedido, e do qual Eric foi a força criadora. Além de receber grandes aclamações dos críticos, o Raspberries colocou um surpreendente arranjo em instrumentos de corda de sucessos individuais, começando com Go All The Way e continuando com I Wanna Be With You, Let's Parade e Overnight Sensation, sendo, posteriormente, um dos mais importantes discos de 1975. Eric sentiu a necessidade de progredir por si só, assim ele poderia compor e gravar livremente o que desejasse. O resultado desta decisão é "Eric Carmen", um LP de brilho total e de um impacto simplesmente surpreendente. Músicas como That's Tock e Roll, My Girl e All By Myself têm o clássico toque do sucesso do momento. Cada canção é realçada pela incrível interpretação vocal de Eric, e seu LP mostra que ele possui uma das mais belas vozes do rock.

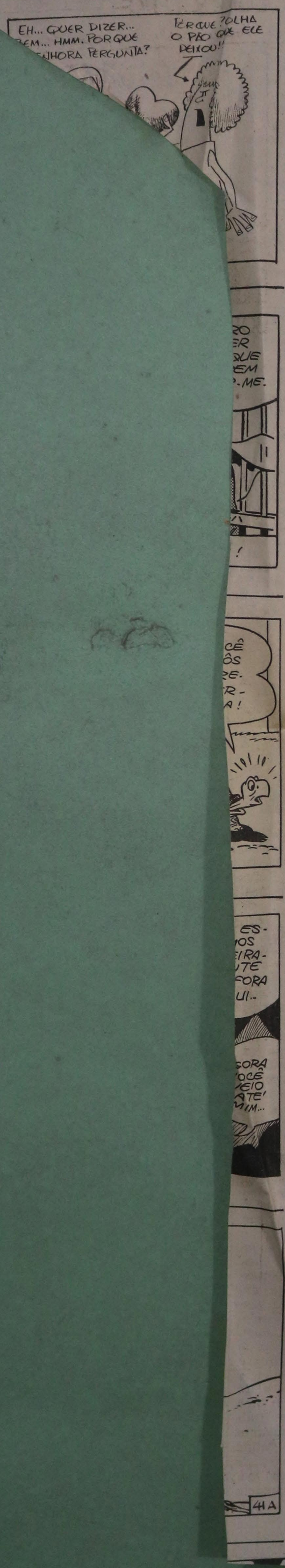
"UMA JANELA PARA O CÉU" — Está sendo lançada, finalmente, pela Chantecler (edição original MCA Records), a trilha sonora original de um filme que fêz grande sucesso em todo o Brasil: Uma janela para o Céu, estrelado por Marilyn Hasset (como Jill Kinmont) e Beau Bridges (como Dick Buek). Dirigido na tela por Larry Peerce e produzido por Ed Feldman, a história de Uma Janela para o Céu foi totalmente baseada na vida real da garota Jill Kinmont, que se tornou paralítica depois de um acidente. Uma das coisas que mais emocionou a menina Jill foi a seleção musical elaborada por Charles Fox, integrante deste LP ora lançado pela Chantecler. Para Jill, a música de Charles Foz é incrivelmente bela. Sua cena favorita é quando a trilha sonora se inicia com força e vai se consumindo à medida que a camera a focaliza, isto é a Marilyn Hasset, no topo da montanha estimulada e descendo esquiando desenfreada a encosta. A voz clara e melodiosa de Olivia Newton-John, cantando a letra poética de Norman Gimbel, salienta perfeitamente a importância da história de amor e da amizade de Jill com Dick Buek. Sua canção Uma Janela Para o Céu, enquanto vinte crianças índias Paiute acompanham a cadeira de rodas por um caminho em Vishop, soma-se ao impacto final do filme e sua importância para ela.

No Teatro

Teatro i
feito p

"O Palhaço
Have, encon
Paulista, 1
Rigon (
de V
de

Pop Music



HISTÓRIAS QUE A VIDA ESCREVEU

M. DE M.

Passeando pelo mundo

Cuidado, malfeitores ingleses! Agora, as mulheres-polícia da Grã-Bretanha, também ganharam licença para matar. É mais uma vitória pela igualdade de direitos. Acontece que, antigamente, essas representantes da lei não só não tinham direito a usar armas, como não eram treinadas no manejo das mesmas. Atualmente sim. E logo nos primeiros treinos, elas demonstraram excelente pontaria. Chegando mesmo a igualar-se aos melhores atiradores homens da polícia inglesa. Vai daí ganharam um coldre e um revólver. E sai da frente, moçada...

Na Inglaterra estamos, na Inglaterra continuamos. Para falar numa recém-criada sociedade britânica, dedicada a recolher.... lixo. É isso mesmo. Ela tem nome: "Ephemera Society". Seus membros vão de porta em porta, examinando as latas de lixo, à procura do que aproveitar. Eles não estão interessados em vender a quilo o que foi posto fora, mas em reunir tudo o que hoje ou amanhã terá algum valor. Quem fundou essa inusitada sociedade foi Peter Jackson, um artista que coleciona desde recibos de contas de gás, até cartas de amor. Ele afirma que um "ticket" de ônibus de hoje valerá mais de duas libras no ano 2.000. "O difícil, diz Jackson, é arquivar tudo o que vimos recolhendo"...

Há um candidato que vem fazendo uma campanha totalmente diferente nos Estados Unidos, com vistas a um lugar de governador. Trata-se de Dakin Williams, que garante ser eleito governador de Illinois. E, depois, segundo afirma... presidente. Os comentaristas políticos acham que ele vem representando uma comédia, mas o fato é que Dakin tem conseguido, nos ultimos meses, obter algum apoio popular. Irmão do famoso Tennessee Williams (que o deserdou, depois que Dakin o internou numa clinica, para que o curassem dos vícios do alcool e das drogas), Dakin canta e toca violino onde pode, geralmente em frente às "MacDonalds" — lugares onde se comem **hamburguers** — com isso arrecadando dinheiro para a sua campanha. Ele chegou até a empregar "streakers" nessas reuniões (aqueles sujeitos que, totalmente nus, aparecem correndo, vindos ninguém sabe de onde). "Os outros candidatos são ricos, podem fazer custosas campanhas. Eu não". explica ele. Dakin não tem pejo em dizer que gastou 4 mil dólares em transplante de cabelos, "para melhorar sua aparência", e chegou até o extremo de praticar exorcismo em frente a uma igreja. Sobre Tennessee, ele tem opinião formada: "Não é um bom sujeito". Quanto a tê-lo deserdado, retruca: "Para que quero dois ou três milhões de dólares? Já tenho o suficiente. O que desdejo é a Casa Branca". O

famoso escritor, porém, deu-lhe o troco: em "Memórias", seú ultimo livro, ele destrói seu irmão e, de quebra, todo o resto da família Williams. Dakin viu a coisa filosoficamente: "Duvido que haja muita gente com 8,95 dólares para inverter nesse livro. Além disso, quando tiverem coragem para desembolsar essa quantia, a eleição já terá sido realizada..."

Memórias, memórias, memórias, todos estão escrevendo a sua. Até Maria Callas, a famosa cantora que, segundo os que a viram ultimamente, não apresenta mais aquele olhar triste, de mulher rejeitada. Até o abatimento que ela demonstrou, após a morte de Onassis, desapareceu de todo. E os fuxiqueiros afirmam que, muito breve, a Maria casará novamente. O noivo? É segredo. Enquanto isso, ela permanece quase todo o tempo trancada em seu apartamento de Paris, escrevendo suas memórias, intituladas "Aria Callas". E explica que **Aria** não se refere a Aristoteles (Onassis), mas às muitas àrias que cantou em sua carreira e a seu nome, sem o M. Fala-se, inclusive que nesse livro ela não menciona o armador grego nem o seu primeiro marido, Meneghini. O que compromete bastante as suas "memórias, convenhamos, pois a Callas não poderá "apagar" de sua vida o capitulo amoroso de Onassis....

NR — Caso você tenha tomado conhecimento de uma história semelhante a esta, envie-a à redação da FOLHA DA TARDE, alameda Barão de Limeira, 425 — 2.o andar, que ela será adaptada por M. de M. e publicada nesta seção. A história terá que ser veridica.

CHARADAS

OSCAR BORGES

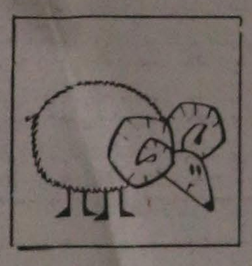
Aferesada

A **deliberação** do governo em tomar enérgicas medidas no combate à poluição, foi calorosamente aplaudida pelo povo, pronto a coadjuvar em prol de seu bem estar, mas não se deve esperar um **resultado** plausivel em muito curto prazo, frente às muitas dificuldades que forçosamente serão encontradas. 4—3.

Apocopada

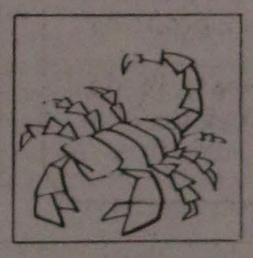
O honrado gaúcho, não podendo saldar em espécie no dia marcado o **compromisso assumido**, deu ao credor o seu **poncho** de valor superior ao débito, o que foi recebido com satisfação de ambos e tranquilidade, além do campo aberto para novos e futuros negócios. 3—2.

HORÓSCOPO/OMAR CARDOSO



ÁRIES 21-3 A 20-4

A posição astral é das melhores aos assuntos relacionados com propriedades, casas, transportes aéreos e para investir suas economias em qualquer fundo público. Evite, contudo, desentender-se em seu lar.



ESCORPIÃO 23-10 a 22-11

Dia dos mais felizes às viagens, ao trabalho e a tudo que diga respeito à sua prosperidade financeira e social. A inteligencia será fantástica, bem cojo as novas idéias que tiver. Ótimo ao amor e a vida conjugal.

SAGITÁRIO 23-11 a 21-12

Furto de o primaz

Estado

26-7-76

Guarnieri rege no Festival

O compositor Camargo Guarnieri apresenta-se hoje, as 21 horas, frente a seção de cordas da Orquestra Sinfônica da USP, de que é o regente titular, em mais um programa do Festival Internacional de Música e Dança no Teatro Municipal. O solista da noite será o violoncelista Antonio Del Claro, há seis anos primeiro instrumentista da Sinfônica do Município. Ele executará o Concerto para violoncelo e orquestra, de Haydn.

Além desta, serão apresentadas, só com orquestra, mais três peças: a "Pequena serenata noturna", de Mozart, o "Andante para cordas", de Alexandre Levy, e a Serenata para cordas, em dó maior, opus 48, de Tchaikowsky.

Antonio Del Claro, o solista de hoje, nasceu em São Paulo em 1949 e já fez cursos de aperfeiçoamento na Itália e em Paris. Atualmente licenciado da Sinfônica Municipal, estuda na França com o célebre celista Pierre Fournier. Apresenta-se com frequência em recitais na França, Suíça Itália e outros países europeus. O Festival Internacional de MusMúsica e Dança é uma promoção do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura, com ingressos de 5 a 20 cruzeiros.

Morre o barítono Marcos Redondo

seleção

A NOVA TENTATIVA DE GODARD NA TV

Cineasta rebelde, apelidado "o lobo solitário", Godard já fez várias tentativas para sair da máquina cinematográfica e suas implicações industriais. Foi, por exemplo, o primeiro diretor consagrado que aderiu ao Super 8 e apresentou um longa-metragem desafiando todas as críticas às limitações da bitola. Agora, depois de contestar os meios de expressão convencionais e as equipes de trabalho (até um técnico na sala de montagem era o suficiente para perturbá-lo), Godard vai fazer televisão.

O "anarquista" e "exilado" como Godard é conhecido em Paris, entrará, próximamente, na televisão francesa, com quem firmou contrato para vários filmes e uma série de emissões. O tema proposto ao cineasta foi "a difícil comunicação em nosso monstruoso e paranóico mundo". Godard utilizará tapes coloridos em cassettes e está muito entusiasmado por poder contar com uma fração dos 35 milhões de telespectadores franceses.

PASSAGENS AÉREAS MAIS CARAS

Depois da crise do petróleo, a inflação é o novo sério problema a agravar a situação da aviação comercial mundial. Em consequência, as grandes empresas estão sendo levadas a se socorrerem junto a seus governos com pedidos de subvenções. No Brasil, as subvenções estão afastadas de qualquer cogitação. Primeiro, porque são contra a política do Ministério da Aeronautica, depois, porque as proprias companhias não desejam a volta dos subsídios, preferindo enfrentar os novos problemas através da eliminação do supérfluo.

•••

PRESIDENTE DA VARIG INSPECIONA OBRA — Erik de Carvalho foi a Manaus para uma visita de inspeção às obras do Hotel Tropical, da VARIG, cuja inauguração está prevista para janeiro ou fevereiro do próximo ano. O hotel, em fase final de construção, já tem compradas, estacionadas no hangar, várias lanchas de turismo. Mas nada, em materia de atração, deverá se comparar ao seu **shopping-center** com artigos da Zona Franca de Manaus.

•••

CONVENÇÃO HOTELEIRA NORTE-NORDESTE — Esperando a participação maciça de toda a região, a Associação Brasileira de Indústria de Hotéis promoverá de 5 a 9 de novembro, em Recife (Pernambuco), a I Convenção Hoteleira Norte-Nordeste. Os órgãos oficiais de turismo, a EMPETUR (Empresa Pernambicana de Turismo) e a EMETUR (Empresa Metropolitana de Turismo) prometeram dar total apoio a essa iniciativa, a fim de torná-la um grande acontecimento na vida hoteleira do país. Paralelamente à convenção, a revista Hotelnews promoverá a 15.ª Exposição de Equipamentos para a Hotelaria.

•••

KLM COMPRA MAIS DOIS "JUMBOS" — Mais dois Boeing 747 (Jumbo) foram encomendados pela KLM, que pagará à fabrica — incluidas peças sobressalentes — cerca de 80 milhões de dolares. As aeronaves têm capacidade máxima de transporte para 428 passageiros (mais 33 toneladas de carga). Os jatos foram adquiridos dentro da política da real empresa aérea holandesa.

•••

ESPANHÓIS PROMOVEM CURSOS DE TURISMO — Embratur, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Secretaria de Educação do Estado da Guanabara estão unidas para apoiar a realização simultânea de dois seminários: Comercialização do Produto Turistico e Teoria e Técnica do Turismo, a serem ministrados, no Rio de Janeiro e em São Paulo, por 11 professores espanhóis do Instituto Superior de Estudos Turísticos Internacionais (INSETI). De alto nível, os seminários serão dirigidos para executivos, funcionários de empresas do setor de turismo e estudantes de nível universitário. Os cursos serão ministrados em 10 dias com duas aulas diárias, em horários de 8h30 às 12h30 e das 19 às 23 horas, entre os dias 9 e 20 de setembro próximo.

O "NEW LOOK" DOS AVIOES DA "BRITSH CALEDONIAN" — Como não pretende introduzir num futuro próximo os aviões gigantescos tipo Umbo em suas rotas, a **British Calèdonian** procedeu a uma completa remodelação do interior de suas aeronaves, adaptando-as ao sistema **Wide Look**.

A tradução literal representa exatamente a melhoria que esta modificação veio trazer aos passageiros do BC: **olhar amplo**. Com efeito a cabine redecorada para 16 passagerios na primeira classe e 132 na classe economica, proporciona um teto mais alto e gavetas laterais embutidas, que dão uma sensação de mais espaço e proporcionam mais conforto aos usuários.

HOTEL-ESCOLA SENAC — O hotel-Escola SENAC, instalado em Auas de São Pedro, terá um Conselho Consultivo composto de empresários da área de hotelaria para assessorar a direção da Escola no planejamento de cursos, estudar problemas relativos ao recrutamnto e colocação de alunos, e adotar medidas que possibilitam estágios de alunos nas empresas hoteleiras. O Conselho, que será empossado sábado próximo, no Hotel-Escola, pelo presidente do Conselho Regional do SENAC, José Papa Junior, será integrado pelos empresarios José Tjurs, Alexander Braune, Fabrizio Guzzoni, Archimedes G. Gutilla, presidente da Associação Brasileira da Industria de Hoteis e Waldemar Albien, presidente do Sindicato de Hoteis e Similares de São Paulo.

SUPER-BOEING 737-ADVANCED PARA A VASP — A VASP será a primeira empresa do mundo a operar com o Super-Boeing 737-Advanced, pois 5 desses aparelhos foram encomendados pela empresa, dentro de sua política de elevar ainda mais seu ritmo operacional e a sua prestação de serviços. O primeiro chegará a Congonhas amanhã. Sua aterrissagem coincidirá com a visita que o diretor do Departamento de Aeronautica Cicil — DAC —, te.brig. Deoclécio Lima de Siqueira, estará fazendo às instalações da VASP, para ver de perto o progresso alcançado pela companhia nestes últimos três anos, em todos os setores, com a implantação do Departamento de Processamento de Dados, o sistema pioneiro de reserva eletrônica, o simulador de vôo do Boeing 737 e a atual infraestrutura de manutenção.

•••

BRASIL NA FEIRA DE LEIPZIG — Mais uma vez o nosso País participará, com 50 representantes, da tradicional Feira de Outono de Leipzig, de 1.º a 8 de setembro próximo, no ano de 25.º aniversário de fundação da Alemanha Oriental (República Democrática Alemã). Esta será a segunda participação oficial brasileira na feira que é considerada o mais importânte acontecimento nas relações comerciais entre o Leste-Oeste europeu.

•••

INTERCONTINENTAL (RIO) SERÁ INAUGURADO EM OUTUBRO — O Hotél Intercontinental Rio, em fase final de construção em frente à praça de São Conrado, já tem sua inauguração oficial marcada para o dia 12 de outubro, embora comece a funcionar parcialmente a partir do dia 12 do corrente, para a realização do XIII Congresso Mundial da União Internacional das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança.

Folclore

LAURA DELLA MONICA

Luís Henrique Levy

Hoje é data muito significativa para a familia Levy. Tratase do nascimento e morte de Luis H. Levy, irmão de Alexandre Levy. Para escrevermos alguma coisa sobre Luis é preciso olhar para a Paulicéia que recebia visitantes cariocas e turistas. É preciso lembrar-se da praça da Sé, da rua do Rosário, da 15 de novembro, do largo de S. Francisco. Lembra-se dos academicos da Faculdade de Direito de S. Paulo que animava a pacata Paulicéia. Lembrar-se dos passeios galanteadores e divertidos no Jardim da Luz, onde eram muito aplaudidas as retretas, principalmente as do maestro Antão Fernandes.

Por volta de 1860, o "Ao Bouquet Brilhante" abria suas portas para o público. Mais tarde essa casa comercial de brilhantes tornou-se a maior casa de música — a Casa Levy à rua 15 de novembro, ainda hoje existente à rua da consolação.

Era a Casa Levy o lugar de encontros permanentes dos maiores representantes da arte de Euterpe. Luis H. Levy, que nascera a 8 de agosto de 1861, fazia parte da familia de artista, com seu irmão Alex (na intimidade), Mauricio e seu pai, o clarinetista eximio, Louis Levy, o dono da antiga casa "Ao Bouquet Brilhante".

Foi em 1883 que São Paulo criara sociedades culturais artisticas. Entre elas o Clube Haydn sob a direção de Alexandre Levy. Luis participou de inúmeros concertos naquele clube.

Com o advento da República, a cultura muda de aspecto no Brasil. A Argentina, cada vez mais ocupa lugar de destaque na cultura da América do Sul. Então, reflete-se a cor de brasidade em muitos compositores brasileiros. E preciso compor, é preciso tocar. É preciso que o mundo ouça as nossas músicas, executem nossas músicas:

Luis, após a morte de seu pai e Carlos Gomes, começa a produzir muito, incluindo-se hinos patrióticos como "Hymno 15 de novembro" e duas rapsódias brasileiras. Usou pseudonimos como: Louis Henri, Ziul, Yvel, Ivu Leliz. Suas filhas Cecilia, Ondina e Eunice informam sobre as inumeras valsas lentas compostas por ele. "Sur la plage," "Barcalora", "Mimosa," "Poudreé," "Madrigal." Não podemos deixar de citar: "Brazilian," "Caboclo" "A florada".

A vida de Levy foi uma continua coincidência: a do número 8. Nasceu a 8 de 8; sua casa na Conselheiro Nebias era 116, cuja soma dos algarismo dá 8; seu 1.º carro comprado em 1906 possuia a chapa 53, cuja soma também dá 8; faleceu a 8 de 8. Era seu destino:

Pouca gente sabe que Levy foi o 1.º filatelista do Brasil a publicar um boletim.

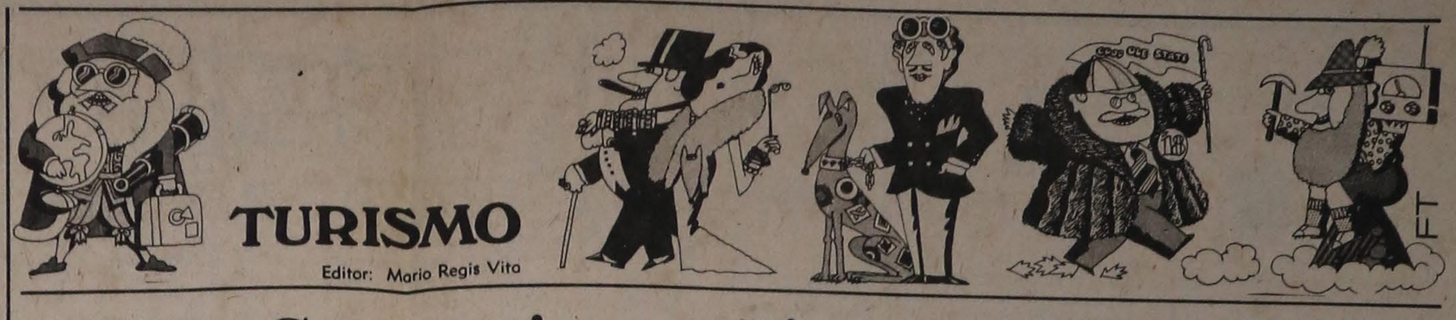
Em 1933 Luis deixa a Casa Levy de mudança para o Rio de Janeiro, obrigado por uma grave moléstia do coração. Lá viveu com saudade de São Paulo, das noites da Paulicéia da garoa, da Paulicéia desvairada, que lhe dera tanta felicidade, amor, tranquilidade.

Hoje prestamos esta homenagem à familia Levy, familia de artistas, compositores que honraram o Brasil como seu representante nas platéias nacionais e estrangeiras.

Luis H. Levy, o primogenito, o pequenino genio, o compositor, o amigo. Quase nada ficou da sua vida... a não ser a lembrança, leve, suave. Pouco se escreveu a seu respeito. Apenas a lembrança renovada de um homem bom e simpático. Amigo de Carlos Gomes, pouco se fala da correspondência dos dois.

Luis H. Levy dedicou muitas composições a Clarice Leite, Alice Serva, a sua filha, Sylvan, seu tio, que residia na Argentina e Sousa Lima. A este último escreveu Tango Grotesto op 33, adotado no Instituto Musical de Música e no Conservat orio D. Musical de São Paulo.

Lu is Henrique Levy, nome que horna o paulista, o brasileiro, o mundo art istico.



TURISMO

Editor: Mario Regis Vita

Casas aristocráticas: atração para turistas do mundo inteiro

LONDRES — Lord Bath deu início a algo de novo em 1949, quando resolveu abrir ao público Longleat House, sua residência, em base comercial regular. Sua decisão, tomada há 25 anos, quando teve de pagar um vultoso imposto de sucessão logo após a morte de seu pai, teve efeito marcante sobre o panorama do turismo britânico. Outros proprietários de lugares históricos, perturbados por problemas semelhantes ou simplesmente pelas dificuldades financeiras para manter uma casa grande e antiga na Grã-Bretanha do após-guerra, começaram a pensar como Lord Bath.

Daí nasceu o comércio turístico de visitas a casas aristocráticas.

O país tem agora mais de 900 casas e castelos abertos ao público. Nesse total estão incluídas não só propriedades particulares ainda habitadas por seus donos mas também inúmeras casas e castelos aos cuidados do Departamento do Ambiente ou do Patrimônio Nacional.

Quando conversei com Lord Bath, na véspera do 25º aniversário de sua decisão, ele me disse que foram os problemas financeiros e a sua forte convicção de que deveria ser conservada esta parte tão importante da herança britânica as razões que o levaram a abrir ao público a sua enorme casa do século XVI, situada em meio a um vasto parque, no condado de Wiltshire. Ele mesmo admitiu que, na época, não imaginava de os resultados obtidos.

Atualmente, as propriedades históricas da Grã-Bretanha atraem anualmente mais de 43 milhões de visitantes - dos quais 16% provêm do exterior - e Longleat sozinha recebe por ano 1.400.000. Três quartos dos que visitam a propriedade de Lord Bath não entram na casa, limitando-se a fazer um "safari" pelo parque, onde, em 1966, foi estabelecido um novo marco na história das casas aristocráticas, com a inauguração da primeira reserva de leões da Europa. Nos anos que se seguiram, várias outras casas fizeram a mesma coisa, de modo que a Grã-Bretanha conta agora com uma grande população de animais selvagens, tendo mesmo exportado alguns para a Africa.

PESADOS IMPOSTOS

Em 1952, Lord Montagu de Beaulieu também teve de enfrentar pesados impostos de sucessão e, assim, decidiu abrir ao público Becaulien Abbey e Palace House, em New Forest, cerca de 50 milhas a sudeste de Longleat. No ano seguinte, o duque de Bedford tomou a mesma decisão em Woburn Abbey, 42 milhas ao norte de Londres; este ano o duque passou a administração de Woburn a seu filho, o marquês de Tavistock, de 34 anos.

Castle Howard, no condado de Yorkshire, tem estado aberto ao público desde que foi terminado, em 1726

As casas mencionadas continuam sendo as "grandes" entre as propriedades particulares (no topo da lista de edifícios históricos da Grã-Bretanha vem a Torre de Londres, que está aos cuidados do Departamento do Ambiente e recebe cerca de três milhões de visitantes por ano). As três possuem grande riqueza em tesouros, mas têm também muitas atrações externas: Woburn, assim como Longleat, conta com uma enorme reserva de caça em seu parque de 3.000 acres; e Beaulieu é sede do Museu Nacional de Carros, ilustrando a história do automóvel e exibindo quatro recordistas mundiais entre seus 200 veículos.

Embora lord Bath tenha sido realmente o primeiro a estabelecer a abertura de casas aristocráticas ao público em base comercial, a visita a casas de campo já estava em moda e gozava de grande popularidade desde o século XVIII. Castle Howard, o majestoso palácio do condado de Yorkshire projetado por Vanbrugh, esteve aberto ao público em várias ocasiões desde que foi terminado, em 1726. Paterson, escritor do século XVIII, assim comentou: "A liberalidade do nobre proprietário em admitir o público a este elegante repositório de arte dá a ele o direito a um aplauso reconhecido".

Também Woburn ficava aberta ao público, somente nas segundas-feiras, durante parte do século XVIII, enquanto que Holkham Hall, mansão no condado de Norfolk projetada por Palladio, podia ser visitada "todos os dias da semana exceto aos domingos por nobres e estrangeiros, mas nas terças-feiras apenas por outras pessoas". Uma senhora que visitou Wilton House, perto de Salisbury, em agosto de 1776, ficou surpresa ao verificar que naquele ano 2.324 pessoas haviam visitado o local antes dela (atualmente, esta bela casa, lar do conde de Pembroke, recebe anualmente mais de 80.000 visitantes).

Marquês de Tavistock com sua esposa, em Woburn Abbey. O marquês, 34 anos, acaba de ser encarregado da administração de Woburn por seu pai, o duque de Bedford.

Nem todos os visitantes, porém, eram bem sucedidos. O Hon. John Byng, em 1785, fez uma viagem para ver Wroxton, residência de lord Guildford, mas "infelizmente para nós Lord Guildford acabara de chegar de Londres e não nos permitiu a entrada. Muito rude isto, e em desacordo com um conde cortês. Que ele ou proiba inteiramente a entrada em sua casa, ou a abra em qualquer ocasião, ou então fixe um dia para visitas; mas, pelo que há de sagrado, que não recuse aos viajantes que talvez percorreram 20 milhas de estrada uma visita à sua casa".

Atualmente, muitas pessoas viajam milhares de milhas para passear entre os móveis, quadros, porcelanas, prataria e tapeçarias destas casas históricas, mas ainda a melhor coisa a fazer é certificar-se, antes de pôr-se a caminho, se determinada casa está aberta ao público no dia em que se pretende visitá-la. Nem todas as casas estão abertas diariamente, e os horários de visitas muitas vezes variam conforme a estação.

Há dois séculos, a visita às casas aristocráticas se limitava principalmente aos ricos, mas estes, como o sr. Byng, nem sempre recebiam o tratamento a que julgavam ter direito. Durante uma excursão por East Anglia em 1771, lady Beauchamp Proctor queixou-se de que a pessoa que lhe mostrou Blicking Hall magnífica residência jacobina, foi "uma criada muito suja, com um pano de limpeza nas mãos"; e para ver rainham Hall, no condado de Essex, teve de ser acompanhada por "uma velha bruxa e um enorme cão, que nos seguiu por toda a casa, erguendo a perna em todos os cantos que achava convenientes para as suas necessidades". As duas casas mencionadas pertencem agora ao Patrimônio Nacional.

REMONTAM A MUITAS GERAÇÕES

Uma das grandes vantagens de muitas das casas históricas da Grã-Bretanha é que ainda são lares, onde vivem famílias que, em muitos casos, ali habitam há séculos. Talvez agora não ocupem o edifício inteiro, reservando para si apenas uma sala, alguns cômodos ou uma casa no parque, mas a casa aristocrática ainda conserva as características da família e de sua história, frequentemente com retratos de ancestrais que remontam a muitas gerações anteriores.

Assim, deixando de lado a sua arquitetura e jardins, cada casa possui individualidade, e todas elas estão cheias de surpresas que refletem os interesses dos proprietários e de seus antepassados.

Você pode ver uma coleção de locomotivas a vapor em Levens Hall, no Distrito dos Lagos; observar um balão a ar quente flutuando sobre o parque de gamos, em Holker Hall, poucas milhas do sudoeste; achar um Rubens na cozinha de Burghley House, construída para o lord tesoureiro de Elizabeth I e ainda pertencente à mesma família; explorar Chirk Castle, castelo que, ao contrário da maioria das fortalezas de Gales, ainda está inteiro e tem sido habitado em continuidade por 660 anos; pode também viajar um transatlântico e miniatura, no lago de Lord Gretton, em Stapleford Park, Leicestershire (Lord Gretton possui também uma reserva de leões); apreciar os roseirais em terraços de medieval Haddon Hall, Derbyshire, onde você ficará conhecendo a estória da fuga de Dorothy Vernon para casar-se, no século XVI; ou então você poderá experimentar a forte Cerveja Traquair do sr. Maxwell Stuart, fabricada em Traquair House, casa que tem mil anos de existência e fica 29 milhas ao sul de Edimburgo (é a única casa histórica com licença para fabricar a própria cerveja).

Ao mesmo tempo que se sentem satisfeitos com os benefícios econômicos trazidos pela abertura de suas casas ao público, os proprietários se mostram genuinamente felizes por poderem compartilhar com os visitantes os tesouros de suas famílias. A fim de resolver seus problemas e fazer a promoção de suas casas, mais de cem proprietários já se uniram à Associação de Casas Históricas, fundada em 1973.

Mas talvez haja ocasiões em que alguns deles sintam o mesmo que Lord Lyttleton de Cobham Hall, Kent (atualmente escola feminina, mas ainda aberto ao público em certos dias). Em 1778, Lord Littleton escreveu, com grande sentimento: "Carruagens cheias de viajantes de todos os tipos e bandos de vizinhos em férias estão sempre me expulsando de meus cômodos ou, passeando pelas vizinhanças, fazem com que eu fique prisioneiro em meu apartamento. O dono da Casa não pode chamá-la sua na melhor parte do ano".

Eventos turísticos de São Paulo em agosto

Os principais acontecimentos programados para o corrente mês na cidade de São Paulo estão relacionados no calendário mensal, da Secretaria do Turismo e Fomento do Municipio,. Impressa a cores, a publicação traz, além da relação dos eventos, uma planta parcial do centro da cidade e um mapa com as principais estradas de São Paulo. Os eventos programados para agosto são os seguintes:

ARTES — ARTES PLASTICAS — Durante o mês — Exposição de desenhos em bico de pena da jovem pintora brasileira Regina Cavalcanti. No Museu de Arte de São Paulo (MASP), av. Paulista, 1578. Bill Brandt — Exposição de trabalhos do fotógrafo inglês Bill Brandt. No MASP, av. Paulista, 1578. Durante o m es. Angoletta Miroglio — Mostra de Jóias esculpidas pela artista italiana Angoletta Miroglio. No MASP, av. Paulista, 1578, Durante o mês, XXXIII Salão Coletivo Anual — Promovido pela Associação Paulista de Belas Artes, no Salão Portinari, praça Roosevelt. Durante o mês. Serpa Coutinho — Desenhos de técnica mista, principalmente pastel., do artista carioca Serpa Coutinho. Na Eucat Expo, av. Francisco Matarazzo, 612. Até o fim do mês. I Encontro de Artes Plasticas. Promovido pela Associação Internacional de Artes Plasticas. No Salão Portinari, praça Roosevelt. De 26 a 30-7.

2.ª QUINZENA — Exposição Bauhaus — Mostra proveniente da Alemanha, sobre a escola de arquitetura e arte industrial Bauhaus, fundada em 1920. Junto, acervo reunido pelo MASP, mostrando a influência da Bauhaus no Brasil, em todos os campos artísticos. No MASP, av. Paulista, 1578.

MUSICA.

Dia 10 — Collegium Musicum e Conjunto — Músicas renascentistas pelo coral de câmara regido pelo maestro R. Schnorrenberg. Às 21 horas. No MASP, av. Paulista, 1578. Dia 12 — Conjunto Kehr — Músicas de vanguarda, às 21 horas. no MASP, av. Paulista, 1578. Dias 17 e 18 — Festival de viola, Promovido pela Sociedade Pestallozzi, das 9 às 18 horas. No parque Fernando Costa, Água Branca. Dia 19 — Concerto do jovem pianista brasileiro André Luis Rangel. às 21 horas. No MASP, av. Paulista, 1578. Dia 20 — Concerto do violoncelista húngaro Janos Starker, às 21 horas, no Teatro Municipal. Dia 21 — Recital mostrando a evolução de um instrumento musical, a flauta, com Antonio Carlos Carrasqueira, às 21 horas, no MASP, av. Paulista, 1578. Dia 22 — Musica classica, pelo jovem pianista brasileiro Roberto Szidon, às 21 horas, no MASP, av. Paulista, 1578. Dia 23 — Concerto do organista alemão Von Kameke, às 21 horas, no Teatro Municipal. Dia 27 — Recital da cantora Maria Lúcia Godoy , acompanhada pelos pianistas Caio Pagano e Gilberto Tinetti, e pelo clarinetista Leonardo Righi. às 21 horas, no Teatro Municipal.

Durante o mês, Programa de Expansão Cultural da Prefeitura Municipal de São Paulo, às segundas-feiras, no auditório da Biblioteca Municipal "Mário de Andrade", rua da Consolação, 94 (Entrada grátis) dia 5: solos de violão, rápida história sobre "O violão no Brasil, seus compositores e estilo"; dia 12: recital de piano; dia 19: recital de violoncelo e piano; dia 26: recital de canto e piano.

CONGRESSOS.

Até o dia 6 V Assembléia Geral do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos e I Congresso Brasileiro de Prevenção da Cegueira, no Parque Anhembi. De 13 à 16 — IV Simpósio de Mineração, promovido pelo "Centro Moraes Rego" no Auditório da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. De 18 a 23, Congresso da Associação Internacional de Geologia de Engenharia. no Parque Anhembi.

DATAS.

Durante o mês. Espetáculos e exposições de peças folclóricas, e comemorações, no Parque do Ibirapuera e em outros locais, do Dia do Folclore (22). No Museu do Folclore, no Ibirapuera, além da exposição permanente de um acervo de mais de 30 mil peças folclóricas brasileiras, diversas solenidades marcarão a data.

EXPOSIÇÕES.

Até 25, XI Exposição-Feira de Artesanato e Ciências, Promovida pelo Departamento de Esnino Básico do Estado de São Paulo, no Salão Portinari, praça Roosevelt. Dias 10 e 11, Exposição de cães de todas as raças, Promovida pelo Kenel Clube Paulista., no Parque Fernando Costa Agua Branca.

ESPETACULOS.

Durante o mês — Som e Luz — Espetaculo de som e luz apresentando momentos importantes da História do Brasil, às quintas, sextas e sábados, às 20h30, no Monumento da Independência (Ipiranga). Ingressos no Museu Paulista (Ipiranga) e no Conselho Estadual de Cultura, avenida Paulista, 326.

FEIRAS.

Dia 15, — I Feira Brasileira de Produtos de Couro (Brascouro) e II Feira Brasileira de Calaçdos, no Hotel San Raphael, av. São João, 1173.

SETIMO CENTENÁRIO DE AMSTERDAM

JÁ ESTÃO em andamento os preparativos para a comemoração do 700º aniversário de Amsterdam, em 1975. Esse ano será inteiramente dedicado às celebrações que vão destacar os vários aspectos da capital holandesa. O tema dos festejos é **700 anos de trabalho, vida e divertimento em Amsterdam.**

O programa inclui vários eventos esportivos, ênfase na importância da cidade como ponto turístico e centro de congressos, várias exposições especiais, relevo para atrações culturais e históricas e destaque ao papel desempenhado por Amsterdam como centro criativo e importante nas comunicações.

A data efetiva da fundação é 27 de outubro, quando há 700 anos o conde Floris V concedeu à urbe os Foros de Cidade, permitindo aos cidadãos a cobrança de portagem. O Museu Histórico Amsterdam programou para esse dia uma inauguração especial. Instalado em um orfanato medieval, na Kalverstraad, esse notavel museu abrirá ao público sua última seção que revive a história da cidade.

Os eventos planejados até agora refletem a visão calidoscópia da vida de Amsterdam. Dentre os vários projetos destacam-se a abertura de um hospital inteiramente automatizado, o primeiro Congresso de Emigrantes, várias atrações culturais, exposições sobre aspéctos econômicos do município, a abertura de um centro especial de exposições na Museumplein.

A Câmara Júnior de Comércio promoverá seu encontro semestral naquela cidade. E, sendo uma das cidades que mais possui monumentos, Amsterdam será o ponto central do Ano do Monumento Europeu. A todos, a cidade tem algo a oferecer, e os eventos programados para celebrar seus sete seculos de existência refletirão esta caracteristica.

UMUARAMA
RECREIO HOTEL
Apartamentos-Suites-Restaurante À La Carte-American Bar-Convention Hall-Piscinas-Garagem
PBX - 25.5790 34.6949 34.6999
Reservas: 34.6796
Pça. dos Cafeeiros nº 140 — Ribeirão Preto

No ar: Ferreira Netto

Ops! Mais uma vez, a gente (APDL) acertou no alvo. O programa de Hebe Camargo, que vinha perdendo em termos de audiência, até mesmos para os velhos bangue-bangues exibidos pela TV Record, sofrerá profundas modificações. A notícia, que foi divulgada oficialmente ontem, evidentemente não é nova para nós. O êrro, no entanto, não é de Hebe Camargo. Afinal, todos conhecem os seus recursos. O que faltou, na verdade, foi produção. Para os nossos leitores de boa memória, é válido lembrar que quando do lançamento do programa, tecemos comentários em torno da fragilidade do "esquema Hebe Camargo". O produtor, figura conhecida dos bastidores cariocas, não reune a menor condição profissional para manter um esquema que devolvesse a Hebe os mesmos dias que teve; há anos atrás, na Record. A Tupi anuncia reformulações, mas, ao que tudo indica, nada conseguirá fazer com que Hebe volte ao esplendor. A apresentadora, quando solicitada pela direção da Record para dividir a apresentação do seu programa com Elizeth Cardoso, não concordou. No entanto, hoje, diante do seu insucesso, será obrigada a aceitar qualquer fórmula que a Tupi lhe imponha, até mesmo dividir a apresentação do programa com Armando Marques que, como apresentador, continua sendo um ótimo juiz de futebol. Fato é que o programa carece de personalidade e isso golpeia todo e qualquer esquema, por mais bem elaborado que seja. A minha amiga Hebe, quando ler estas linhas, evidentemente se recordará do que lhe dissemos um dia, o que consideramos ser a produção de um programa para aglutinar em torno de si o maior número de telespectadores de todo o País. A colcha de retalhos continua cobrindo a incapacidade de seus produtores. Hebe é, infelizmente, apenas uma vítima.

Silvio Santos...

Acontece nesta quinta-feira, em cores, a partir das 21 horas, pela Rede Tupi de Televisão. O programa, apesar de todas as tentativas feitas pelo apresentador, só não é exibido ainda na Guanabara mas caso Silvio concorde em ceder Golias para a Tupi, isto poderá vir a acontecer. Tudo é questão de tempo. O programa desta noite apresentará, na primeira parte, "Os Sinos de Belém", colocando frente à frente o "Lar Betel", de Rio Claro, e o "Educandário São Vicente de Paula", depirajú. Bem mais tarde, por volta das 23 horas, "Folias do Golias", que, além do próprio, contará ainda com as participações de Nair Belo, Luis Pereira, Mauro Gonçalves, Neide Aparecida, Carlos Alberto de Nobrega, Yara Marques e Anilza Leoni. O tema da comédia gira em torno de um golpe que Dinosauro Bronco pretende dar em uma seguradora, dizendo-se morto em um desastre aéreo.

Muito comentado...

No Sumaré o romance entre um dos mais altos dirigentes da emissora e uma atriz de "A Barba Azul". O "love story" começou com ele forçando a barra para que alguma coisa viesse a acontecer e ela esquecesse a paixão que sentia pelo seu antigo namorado. Na última semana, finalmente, o moço conseguiu o que queria e, a partir daí, quase não tem ormido direito de tanta emoção.

Cansando...

A beleza de muita gente algumas cenas da "telelágrimas" sorriso, "O Machão". Por exemplo, as cenas entre Armando (Chico Martins) e Jandira (Terezinha Sodré) são as mesmas desde que os dois iniciaram as suas participações na história. Quem está seguindo a novela, até adivinha os diálogos.

E a propósito...

Todo o elenco desta novela foi surprendido com uma convocação, na semana passada, através de um memorando assinado por Carlos — debaixo dos caracóis — Zara. Todos pensaram que se tratava de uma reunião importante, na qual seriam tratados assuntos de interêsse da novela e que o autor também estaria presente. Para quem não sabe, Sergio Jockyman, o autor, reside no Rio Grande do Sul e esta seria uma excelente oportunidade para manter um contato com todo o pessoal e conversar sobre a história. Porém, nada disso aconteceu Luiz Galon, o diretor, reuniu todos numa sala e, para a surpresa geral, iniciou uma leitura de texto, no mais puro estilo de teatro amador. A "chiadeira" foi geral.

"Gente jovem"...

É o programa que Fausto Canova apresenta nesta noite, às 20h30, pela TV Cultura. Uma produção de Eduardo Moreira, que mostra o trabalho dos jovens nos mais diversos campos da arte. Mais tarde, às 21h30, um novo programa, "A Procura do Nilo". Uma série de seis filmes, em cores, e hoje a exibição de "O Sonho do Errante".

Clarice Amaral comanda o programa feminino do canal 11.

Adoniran Barbosa...

Ficou muito satisfeito com a homenagem que Andó, um jovem escritor, lhe presta num livro que está sendo lançado em São Paulo. "Sem Nome, Nem Sobrenome". Traz temas do dia a dia de uma pessoa, em forma de versos e rimas, com diversos pensamentos, historinhas e, no final, presta uma homenagem ao compositor e ator da Tupi.

"Rinaldo Calheiros"...

com amor" é o programa que a TV Gazeta apresenta aos sábados, em cores, no horário das 17h30 às 18h40. Esta semana, os entrevistados serão Milton Peruzzi, Alfredo Borba e Eder Jofre. A parte musical estará a cargo de Martinha, Luís Vieira, Bebeto e Fred Rovela. O programa, dividido em músicas e entrevistas tem produção geral de Américo Nicola Garcia.

APDL confirma...

A Rede Globo se manifesta, aogra oficialmente, sobre as alterações sofridas no lançamento do programa "Abertura". O novo festival da Música Popular Brasileira vai mesmo acontecer somente em janeiro e fevereiro. O motivo alegado é que foram encontradas dificuldades de datas no Parque Anhembi, onde serão realizadas as eliminatórias e a grande final.

"A Grande Familia"...

É o programa que a Globo mostra nesta noite, a partir das 21 horas. A família está passando por momentos críticos, pois Bebel, há apenas quinze dias de ter seu bebê, já não suporta o Agostinho todas as noites perguntando se "é prá hoje". A solução foi Bebel ir para a casa de Tia Pupuia. O episódia é "Pra Ser Mulher, Tem Que Ser Muito Homem", que tem direção de Paulo Afonso Grisolli, texto de Paulo Pontes e, no elenco, Brandão Filho, Maria Cristina Nunes, Eloisa Mafalda, Osmar Prado, Luis Armando Queiroz, Jorge Doria e Paulo Araujo.

TV Gazeta...

Deu um banho de reportagem no último domingo, transmitindo na integra o "Grande Premio Brasil", do hipódromo da Gávea. Foi a única emissora brasileira que transmitiu, ao vivo, todo o acontecimento, num trabalho dos mais elogiáveis. A narração foi de Oscar Vareda e Heitor Bolonha, nas reportagens Idalina de Oliveira e Guilherme Queiroz, supervisão geral de Roberto Rodrigues Alves. O canal 11 cada vez mais se firma como a imagem limpa e esportiva do Brasil.

A temporada...

Do conjunto "The Supremes" no Brasil foi mesmo transferida. As moças, que deveriam acontecer por aqui no final deste mês, só virão em outubro, mas a programação a ser cumprida entre nós será exatamente a mesma, ou seja, apresentações em São Paulo, Guanabara, Minas Gerais e participação num programa de televisão.

Marco Antonio Gomes...

Apresenta todas as tardes pela Jovem Pan, o excelente "São Paulo Agora". Começa às 13h30 e além de apresentar muita música, conta com a participação de quase toda a equipe de jornalismo da emissora em excelentes e oportunas reportagens.

"Clarice Amaral"...

Em Desfile" é o programa que a TV Gazeta mostra em cores, todas as tardes, a partir das 16 horas. Variado e movimentado, apresenta muita música, desfile de modas e outros assuntos interessantes, para quem se liga no Canal 11.

Lauro Cesar Muniz...

É quem está escrevendo provisoriamente, "O Espigão". Dias Gomes, conforme a APDL já informou, solicitou licença por motivos de saúde e só deverá voltar à ativa no final deste mês. Lauro Cesar Muniz é também um dos autores da "Corrida do Ouro".

APDL informa

O programa "Chico City", um dos carros-chefe da programação da linha de "shows" da emissora do "Botanic Garden", vai mesmo ganhar novos personagens. Arnaud Rodrgues, o redator do programa, depois de uma reunião com Augusto Cesar Vanucci ficou sabendo das moficiações que deveriam ser introduzidas e já iniciou seu trabalho na preparação dos novos textos.

Somente...

Hoje é que serão resolvidos os assuntos relacionados à proxima produção da Tupi que em setembro irá susbstituir "Os Inocentes". Todo o elenco deverá ser escolhido e, ao que tudo indica, as gravações se iniciarão no sábado.

C'est fini...

TV Gazeta, a partir de segunda-feira, começa a mandar bala no telejornalismo. Aguardem, que o esquema é quentissimo". Por enquanto, vamos ficando por aqui. Torcida amiga, aquele abraço. Techauuuuuuuuuuuuuses pra quem fica.

Golias acontece hoje, pela Tupi.

Hoje na TV

CANAL 2

12:00 Hora de Esporte
12:30 Hora da Noticia
13:00 Em cores: A feiticeira
13:30 E as noivas chegaram
14:30 Hatha loga
15:00 Inglês com Música
15:30 Historia em debate
16:00 Telescola
16:20 Curso de Auxiliar em Comércio Exterior
16:40 Ginástica na TV
17:00 O Professor
17:30 O Sabe Tudo
18:20 Curso de Alemão
18:40 Curso de Inglês
19:00 Curso de Auxiliar em Comércio Exterior
19:20 Geografia
19:40 Matemática
20:00 O naturalista
20:30 Gente Jovem
21:00 Hora da Noticia
21:30 A procura do Nilo — estréia
22:00 Sétima Arte. "Viuvinha Indomavel"

CANAL 4

11:15 TV Educativa
12:00 Agora ao vivo
12:50 Koisas
12:50 Koysau
13:00 Factorama — 1.ª edição
13:20 Arley dá o serviço
13:30 A Barba Ayul - reprise
14:00 E agora, boa tarde
14:05 Sessão Patotinha
14:40 Reportagem
15:00 O mundo de cada dia
15:20 Factorama — 2.ª edição
15:45 O mundo ao vivo
16:00 Abott e Louc Costello
17:00 Jornada nas estrelas
17:30 Sessão Patota
18:15 Gente Inocente
18:50 A Barba Azul
19:40 Os inocentes
20:20 O machão
20:45 Factorama (Edição Nacional)
21:00 Programa Silvio Santos Nobre (cor)
24:00 Diario de SP na TV
00:10 Varig é dona da noite — Rastros da Corrupção
02:00 Maverick — Rapido no Gatilho

CANAL 5

10:30 Vila Sesamo
11:00 Zorro
11:30 Os Três Patetas
12:00 Globo Cor Especial: Os Mozzarelas
12:30 Em cores: A Fabrica Adoidada de Mickey Mouse
13:00 Em cores: Hoje (noticiário)
13:30 Em cores: Julia
14:00 Em cores: Dick Van Dike
14:30 Vila Sesamo II
15:00 Sessão da Tarde — O foguete errante
17:00 Hanna Barbera 74 — Em cores: Goober e os caçadores de fantasmas
18:00 Faixa Nobre — em cores — Familia DO-RE-MI
18:30 Garota com algo mais
18:55 Plantão Globo
19:00 Corrida do Ouro
19:45 Em cores: Jornal Nacional
20:25 Fogo Sobre Terra — novela
21:00 A Grande Familia
21:55 Plantão Globo
22:00 O Espigão
22:40 Jornal da Noite
23:00 Sessão Suspense — A noite do Estrangulador
01:00 Semana do Filme de Terror — "Orgia da Morte"

CANAL 7

11:40 Madureza
12:25 É tempo de noticia
13:30 Shadow Boy
14:00 Space BoyZoran
14:30 Super Dinamo
14:55 Que garota
15:25 Fantaman
16:00 Herois do Oeste
17:00 Guzula
17:35 Meu Marciano favorito
18:00 Desenhos Hanna Barbera Wally, Lippy, Touché, Jambo e Ruivão.
18:30 A princesa e o cavaleiro
19:00 Ora, papai! — comedia
20:00 Chaparral
21:00 Um hospede muito estranho
22:45 Anthony Quinn e a cidade
24:00 O anjo azul — May Britt

CANL 11

13:30 Curso de Madureza
14:00 Gazetinha
16:00 Clarice Amaral em Desfile
18:55 Em cores: Teletipo Gazeta
19:00 Clarice Amaral (sequência)
19:30 Em cores: Tavares de Miranda
19:50 Em cores: Teletipo Gazeta
20:00 Em cores: Os donos da bola
20:30 O fato em foco
20:55 Em cores: Teletipo Gazeta
21:00 A Grande Reportagem
22:55 Teletipo Gazeta
23:00 Music Show

CANAL 13

11:00 Curso de Madureza
11:45 Desenhos
12:00 Em cores: Jonral do Meio-Dia
12:40 Transa Esportiva
13:30 Em cores: Revista Feminina
14:00 Nanny e o professor
14:30 Xenia e Você
16:00 Viagem ao Centro da Terra
16:30 Ultra Seven
17:00 Em cores: Os Flinstones: Tio Molina, Archie e Pepe Legal
18:00 Em cores: Batman
18:50 Em cores: Daniel Boone
20:00 Em cores: Comédia Nobre — Hospitaloco
20:30 Em cores: Titulares da Noticia
20:30 Em cores: Titulares da Noticia
20:50 O tempo e o vento
20:52 Coluna 13
21:00 Os Audaciosos — (cor)
22:30 Felony Squad (cor)
23:00 Futebol.

NR — A programação é divulgada pelas proprias emissoras. A FOLHA DA TARDE não se responsabiliza por qualquer alteração.

Cinema na TV

15:00 — O FOGUETE ERRANTE — Canal 5.

Comédia dos Três Patetas, produção Columbia de 1959, dirigida por David Lowell Rich. Eles trabalham num laboratorio de foguetes e durante um serviço de limpeza acionam sem querer um deles, indo parar em Venus. Com Jerome Cowan, Anna Lisa e Marjorie Bennett.

21:00 — UM HOSPEDE MUITO ESTRANHO — Canal 7.

Em cores. Filme produzido para televisão. É a história de um casal sem filhos que acolhe um jovem desajustado e vê sua bondade mal retribuida. Com Arthur Kennedy, Teresa Wright e Tom Harper.

22:00 — VIUVINHA INDOMÁVEL — Canal 2

Comédia (1959) da Columbia estrelada por Doris Day no papel de uma criadora de lagostas em conflito com uma ferrovia que a principio, é mal compreendida por sua cidade. Com Jack Lemmon, Ernie Kovacs, Steve Forrest, Todd Rooney (filho de Mickey Rooney) e Mary Wickes. Direção de Richard Quine.

23:00 — A NOITE DO ESTRANGULADOR — Canal 5

Em cores. Produção feita para televisão. Um repórter descobre que varios crimes ocorridos em Seatle foram cometidos por um alquimista morto há um século. Com Darren McGavin, Jo Ann Pflug, Simon Oakland, Scott Brady e Margaret Hamilton. Direção de Dan Curtis.

24:00 — ANJO AZUL — Canal 7.

Refilmagem do clássico filme de Marlene Dietrich, ora sendo reapresentado nos cinemas. É uma produção Fox de 1959, dirigida por Edward Dmytryck. A suéca e belissima May Britt faz o papel de "Lola-Lola" e Curd Jurgens, o do professor "Unrath".

00:10 — RASTROS DA CORRUPÇÃO — Canal 4.

Outra refilmagem. Esta de uma novela de Rex Beach, que teve cinco versões, a mais famosa sendo "A Indomável", com Marlene Dietrich, Randolph Sctt e John Wayne, em 1942, na Universal. Esta versão produzida em 1955 pelo mesmo estúdio, traz Anne Baxter, e Rory Calhoun nos papéis centrais. O argumento gira em tôrno de dois mineiros do Alaska em 1900 que disputam a dona de um "saloon". Com Margaret Lindsay, Richard Barthelmess e Harry Carey. O diretor é Ray Enright.

01:00 — A ORGIA DA MORTE — Canal 5.

Em cores. Versão de um conto de Edgar Allan Poe. Produção "American International" rodada na Inglaterra. Vincent Price é o "Principe Próspero", cúmplice de Satã em cujo castelo a luxuriosa aristocracia italiana do século passado busca refúgio enquanto a peste grassa na região. O diretor é Roger Corman. Com Hazel Court, Jane Asher e Patrick Magee. Interessante, no gênero.

Vincent Price está em "A Orgia da Morte"

Doris Day está em "Viuvinha Indomável".

Para a dona de casa

CLEOFE DE SEQUEIRA

De junho a dezembro o morango não é tão caro

Fruta delicada e cara, o morango é considerado pela maioria como artigo de luxo, exclusivo para ocasiões especiais e acessível apenas a alguns privilegiados. A verdade, porém, é que o morango só custa caro fora da safra, quando precisa ser importado de outros países como a Argentina e o Chile. De junho a dezembro, ele é encontrado facilmente nas feiras-livres e supermercados por um preço razoavel, se considerarmos o sabor especial desta fruta. O que encarece o morango é a sua fragilidade e a sua difícil conservação. Por isso, na hora de comprá-lo é sempre bom examinar com cuidado as caixinhas onde são acondicionados. Geralmente as frutas melhores e maiores estão por cima, escondendo as p quenas e danificadas. Saiba que amassados manchas pretas indicam que a fruta está a terada e que não resistirá por muito tempo.

O valor nutritivo do morango já provoca muita discussão entre os nutricionistas de todo mundo. Segundo alguns, ele seria uma ótima fonte de vitamina C, enquanto outros afirmam ter encontrado apenas vestigios dessa vitamina na composição química da fruta. Graças ao seu alto teor de água, o morango é hidratante e aconselhável para quem quer ter pele bonita.

Aqui, algumas sugestões para você aproveitar bem as qualidades nutritivas do morango:

Um ótimo hidratante, o morango pode ser consumido em forma de bolo, sorvete, doces.
Uma sugestão: **Bolo gelado de morango.**

Sugestões

Bolo gelado de morango

Rendimento: 10 a 12 porções.

Ingredientes: 4 ovos; 1 xícara (chá) de açúcar; 1 xícara (chá) de leite quente; 2 xícaras (chá) de farinha de trigo; 1 colher (sopa) de fermento em pó. **Recheio**: 500 gramas de morangos frescos; 1 lata de leite condensado; 6 colheres (sopa) de licor marrasquino.

Modo de fazer: Bata as claras em neve bem firme; sem parar de bater, junte as gemas, uma a uma, o açúcar e o leite, aos poucos. Retire da batedeira e misture levemente a farinha peneirada com o fermento. Despeje em forma para torta e asse em forno quente (200.°C) por 35 minutos. Desenforme e depois de frio corte em três camadas e recheie com o creme que se faz assim: lave os morangos, esmague-os com um garfo, misture o leite condensado e o licor. Cubra o bolo com chantily e decore-o com morangos inteiros. Sirva bem gelado e com calda de chocolate.

Merengue de morangos

Rendimento: 8 a 10 porções.

Ingredientes: 5 claras; 16 colheres (sopa) de açúcar; 1 colher (sopa) de suco de limão; 1 colher (chá) de fermento em pó. **Creme**: 1 vidro de leite de coco; 4 colheres (sopa) de açúcar; Z colheres (sopa) de farinha e trigo; 5 gemas; 1/2 xícara (chá) de leite; 1 lata de creme de leite; 1 coco pequeno ralado; 1 quilo de morangos frescos.

Modo de fazer: Bata na batedeira as claras até ficarem em ponto de neve bem firme. Sem parar de bater vá juntando aos poucos o açúcar, o suco de limão e o fermento. Continue a bater até obter o ponto de suspiro firme. Despeje porções iguais do merengue em 2 formas redondas iguais, untadas e forradas com papel impermeável. Asse-as em forno baixo (125.°C) por 1 hora. Desligue o forno e deixe os morangos dentro até esfriar (mais ou menos uns 15 minutos). Faça o creme. Misture bem os 5 primeiros ingredientes, leve ao fogo baixo mexendo sempre, até engrossar (obtendo assim um creme liso). Junte o creme de leite, misture bem, retire do fogo e deixe esfriar. Desenforme os merengues e retire o papel. Coloque um merengue em um prato grande, espalhe sobre o mesmo a metade do creme e cubra com pedacinhos de morango. Coloque o segundo merengue acertando bem a superfície, espalhe o restante do creme, polvilhe o coco e decore-o com os morangos inteiros. Leve à geladeira por 2 a 3 horas, no mínimo.

Sorvete de morano

Rndimento: 8 a 10 porções

Ingredientes: 500 gramas de morangos, lavados; 1 1/2 xícara (chá) de açucar 2 colheres (sopa) de suco e limão; 2 claras em neve 1 lata de creme de leite.

Modo de fazer: Esmagueos morangos com um garfo, junte 1 xicará (chá) de açuca e o creme de leite e resere. Bata as claras em neve, junte aos poucos o açucar restante e o suco de limão. Misture ete suspiro aos morangos, despje nas gavetinhas de gelo e lve a geladeira por aproxiadamente 2 horas, remexeno algumas vezes para gelar or igual.

Sorvete de morango.

Temporada londrina de balê sem a presença de Margot Fonteyn

Margot Fonteyn está, lentamente, abandonando os palcos, onde dança há quarenta anos e onde recebeu o titulo indiscutivel de primeira bailarina da Inglaterra e uma das maiores do mundo.

Esta noticia foi divulgada em Londres, porque Margot não se apresentará este ano, pela primeira vez, na temporada de outuno e inverno do "Royal Ballet", na "Royal Opera House" do Covent Garden.

Na realidade, "Dame" Margot, como é chamada, tem cinquenta e cinco anos, uma idade em que a maioria das bailarinas já abandonou o palco. Há muito tempo ela afirma que não pretende anunciar antecipadamente sua despedida, mas, pouco a pouco, vai rareando suas apresentações.

Entretanto, mesmo com a opinião de alguns críticos, de que perdeu parte de seu brilhantismo, ela continua com uma enorme popularidade junto ao público londrino. John Tooley, o administrador geral da "Royal Opera House", testemunha o fato, com suas palavras: "Ela ainda é a maior atração de bilheteria que temos atualmente".

Compositor brasileiro vai ter obra publicada na Italia

A obra "Intervertige", de Jorge Antunes, professor de composição musical do Departamento de Musica da Universidade de Brasilia, será publicada na Italia pela "Edizione Suvini Zerboni". A obra foi encomendada pela divisão cultural do Itamarati, para ser estreada no dia 1.° de outubro, no Festival Dakegraz, na Austria.

O contrato foi feito na Italia, logo após a apreseentação de Jorge Antunes no "II Encontro de Arte Contemporanea de La Rochelle" na França onde foi estreada sua obra Catastrofe Ultra-Violeta" para coro, orquestra e fitas magneticas, o autor dirigiu, ainda várias de suas obras de camara em concerto totalmente dedicado às suas composições.

Hoje na História

Quinta-feira, 8 de agosto

The Associated Pres

1524 — Começa a rebelião camponesa na Alemanha.

1540 — Henrique VIII, da Inglaterra, casa-se com Catarina Howard, a quinta de suas mulheres. Dois anos depois, o monarca manda executa a esposa, por infidelidade.

1588 — Ponto culminante do desastre da chamada "Armada Invencivel", enviada pelos espanhóis contra os ingleses. As perdas da Espanha incluiram 63 barcos e oito mil homens.

1621 — Bula expedida pelo para Gregório XV, a pedido de Felipe III que concedia licença às escolas mantidas pela Companhia de Jesus nas Filipinas, Chile e Tucuman, para expedir diplomas de bacharel, licenciado e doutor.

1623 — Bula de Gregório XV permite a fundação da Universidade de Chuquisaca, na Bolivia.

1776 — Carlos III eleva a colonia espanhola do Rio da Prata à condição de vice-reino.

1816 — É fuzilado o patriota colombiano Custódio Garcia Rovira, vitima do terror imposto pelo general Pablo Morillo.

1945 — A União Soviética declara guerra ao Japão.

1960 — As Nações Unidas exigem a saida das forças belgas do Congo.

1964 — Aviões turcos atacam Chipre.

Aniversaria hoje a atriz norte-americana Sylvia Sydney (64 anos).

Roda de Samba

EDMUNDO ANDRADE

Falcão do Morro Itaquerense desfilará "hors-concours"

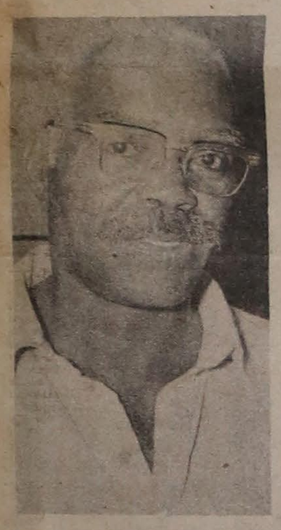
A Escola de Samba Falcão do Morro Itaquerense, sorteada para participar da 1.ª eliminatória do Concurso Mestre-sala e Porta-bandeira - 74, realizada sábado último, e eliminada por não ter comparecido, escreveu carta à coluna, esclarecendo que sua falta decorreu de doença súbita de sua porta-bandiera. Ao mesmo tempo, solicita permissão para apresentar-se na 2.ª eliminatória, sem concorrer a premios.

O pedido foi entregue à coordenação do concurso que, após debater os prós e os contras, concluiu: a Falcão do Morro Itaquerense, a exemplo da porta-bandeira Anair Theodoro Bustamante, pode exibir-se fora de concurso para maior brilhantismo do espetáculo.

Concorrentes

Para que não haja qualquer dúvida com relação às escolas que vão participar da segunda eliminatória, sábado próximo, na quadra da 1.ª de Vila Carolina, a "Portelinha", publicamos, hoje, mais uma vez, a relação das agremiações sorteadas: 1.º — Folha Azul dos Marujos; 2.º — Império de Guarulhos; 3.º — Vai-Vai; 4.º — Unidos do Bom Retiro; 5.º — Unidos de Vila Maria; 6.º — Unidos do Peruche; 7.º — Império do Cambuci; 8.º — Corujas de Vila Esperança; 9.º — Brasil, de Santos.

A exemplo da primeira eliminatória, o juri vai classificar quatro mestres-salas e porta-bandieras, os quais, juntamente com os quatro pares classificados sábado último, irão à final, que acontecerá dia 17 próximo, na quadra coberta da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, onde serão apontados os vencedores.



O cidadão-samba carioca de 74, Antonio dos Santos, da Império Serrano, sábado, estará na Portelinha, integrando o júri do Concurso Mestre-sala e Porta-bandeira-74.

Futebol dá samba

Disputando, sexta-feira última, o Campeonato de Futebol das Escolas de Samba de São Paulo, a equipe da Principe Negro derrotou a da Estrela Brilhante, pela contagem de 2 x 0, enquanto a Pérola Negra goleou a representação do Bloco Acadêmicos do Choragalo por 5 x 0. As equipes da Fio de Ouro da Bela Vista e Unidos da Cidade Joia empataram de 1 x 1.

Amanhã, a partir das 20 horas, jogam: Falcão do Morro Itaquerense x Pérola Negra; Cabeções de Vila Prudente x Principe Negro; Acadêmicos do Tatuapé x Fio de Ouro da Bela Vista.

Os jogos, que serão realizados no campo do Nacional AC, a partir das 20 horas, vão classificar as campeãs de cada chave e as duas melhores segundas colocadas, somando, assim, 5 equipes, que disputarão a fase final com as 10 Escolas de Sambado Grupo I, que são: Camisa Verde e Branco, Império do Cambuci, Império do Samba (Santos), Lavapés, Mocidade Alegre, Nenê de Vila Matilde, Paulistano da Glória, Rosas de Ouro, Unidos do Peruche e Vai-Vai.

Partido alto

A Nenê de Vila Matilde vai promover, sábado próximo, na sua quadra coberta da Julio Rinaldi, 1, tremenda roda de samba Partido Alto, dentro do programa Samba Azul e Branco.

Morro

A partir das 22 horas de sábado, a Escola de Samba Morro da Casa Verde vai armar mais uma das suas incrementadas rodas de samba. O pagode vai ser armado no terreiro da rua Zilda, 44, na Casa Verde Alta.

Camisa Verde

A verde e branco promove, amanhã, à noite, no salão do São Paulo Chique, aquele sambão da pesada. Com sempre, uma pá de mulatas vai comparecer.

Vai-Vai

O presidente Chiclet diz que está tudo como manda o figurino, para a festa "O Folclore da Bahia numa Roda de Samba", que sua escola vai realizar dia 16 próximo, na Maison Suisse.

A festa vai contar com a participação da Academia "Mocambo de Zumbi", que fará um número de capoeira. Haverá, ainda candomblé e coreografia das oito melhores passistas da escola.

Serão servidos pratos típicos, ressaltando-se sarapatel, acarajé, camarão no espeto, cuscuz e casquinha de siri.

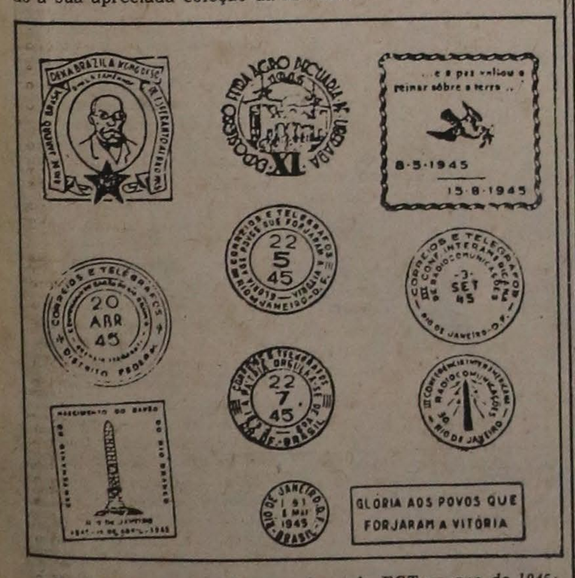
FILATELIA

MOISÉS GARABOSKI

Noite paulista da filatelia alemã

Dando prosseguimento às suas atividades filatélicas, o Clube Filatélico de São Paulo (avenida São João, 324, 8.º andar, sala 805 A), vai dedicar a sua reunião social do dia 16, à filatelia alemã. A reunião, marcada para as 20 horas, é franqueada aos sócios e aos demais amigos dos selos postais.

A exemplo dos eventos anteriores atribuídos à filatelia da Itália e de Portugal, decorridos com sucesso, além de proporcionar intercâmbio e ofertas de material postal da Alemanha, o associado Jobél P. Lopez, ex-diretor da ABRAJOF, estará exibindo a sua apreciada coleção da Alemanha.



Carimbos comemorativos usados pela ECT no ano de 1945: 10.ª Congresso Brasileiro de Esperanto, 14 a 22-4-45, no Rio de Janeiro; Centenário do nascimento do barão do Rio Branco, 20 a 27-4-1945, no Rio de Janeiro; 11.ª Exposição Feira Agro-pecuária, 1.º a 8-5-45, em Uberaba, MG; Vitória das Nações Unidas, 8 a 22-5-45, em Salvador, Belem, Belo Horizonte, Fortaleza, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo; Retorno da Força Expedicionaria Brasileira, 18 a 25-7-45, no Rio de Janeiro; Vitória Final das Nações Unidas, 15-8-45, em todas as diretorias regionais da ECT e 3.ª Conferencia Sul-Americana de Radiocomunicações, 3 a 25-9-45, no Rio de Janeiro.

Da noite para o dia

ALVARO LUIZ ASSUMPÇÃO

O Surf - II

No surf há mil manobras e vamos citar apenas algumas delas, como aquela feita quando ocorre o "tubo": uma onda que arrebenta devagar, fechando aos poucos pela esquerda ou direita, conforme a direção do vento. O "tubo" permite normalmente o aproveitamento da onda inteira. O "back-side" é um movimento executado quando se faz um retorno com a prancha voltando por cima da onda, em direção oposta àquela que ela vem. Dependendo da direção tomada, é o "back-side de esquerda" ou "back-side de direita". O "dropping" é o deslizar na ondulação normal, sem "tubo", e pode ser feito até num mar de ressaca, o que já não acontece com o "mar de caixote", que não permite qualquer manobra de "surf" pois a onda arrebenta inteira e fecha sem deixar possibilidade de deslize.

Para quem não sabe, a entrada na agua com a prancha segue movimentos nesta ordem: deixando a praia, deita-se na prancha remando-se com os braços, para depois ficar sentado e, numa posição quase imediata — quando as ondas estão perto — fica-se de joelhos e finalmente em pé. Com os pés é que se controla a direção da prancha, auxiliando com o equilibrio do corpo.

Em toda atividade há expoentes e no "surf" temos Mike Pourpous, norte-americano e Bob Hackman. Lopez é mexicano. Roberto Teixeira e brasileiro e ganhou um dos campeonatos de Ubatuba. Musinho também é muito bom no "surf" e prefere praticá-lo mesmo no Hawai.

Comenda

Tião Maia é o homenageado de hoje porque recebe a "Cruz do Mérito Cultural" da Ordem da Solidariedade. A outorga é concedida pelos seus atos benemeritos e serviços filantrópicos no grau Cavaleiro...

Anfitriã

Julietinha Maia será a grande anfitriã desta noite para o jantar que ela e Edmundo Maia oferecem aos carros-chefes da Assembléia para o Bem-Estar dos Cegos, que movimenta São Paulo toda e torna alvo das atenções do mundo inteiro...

Visita...

Dizzy Gillespie é o nome respeitado do "jazz", e agora vem ao Brasil, podendo ser visto e curtido a partir de amanhã no TUCA, Ele traz Mary Stallings, considerada a sucessora de Ella Fitzgerald, e ambos vão gravar um disco aqui com ritmos brasileiros, o que pode ser considerado uma grande novidade por causa da classe dos dois músicos. Para quem não sabe, Dizzy Gillespie, como pistonista adulterou a forma normal daquele instrumento e conseguiu dele um som diferente, que caracteriza toda sua música...

"Nat"...

Agnes Roberta recebeu um montão de amigos para comemorar seu aniversário. Foi na "Igrejinha", que ficou com gente saindo pelo ladrão, ainda mais que o parabéns a você coincidiu com a estréia de "Tetê da Bahia" naquela casa noturna...

Retorno tranquilo

Flavio Shiró conseguiu enfrentar o circulo fechado das artes de Paris ainda nos anos 50, e agora sua volta mostra um pintor tranquilo já consagrado em termos internacionais. Foi na noite de terça o seu "vernissage" na Arte Global, e muita gente das artes circulou por lá. Agora, as fotos do Veloso.

Flavio Shiró e Walter Zanini

Rachel Babenco e Myrna Gouveia

POT-POURRI

Charles Mingus, outro nome do "jazz", chega hoje ao Brasil para apresentar-se no Municipal de São Paulo sábado e domingo... O paulistano vai ter oportunidade de conhecer a Tapeçaria Indigena Artesanal do Pará. Aquela arte será exposta na 1.ª Mostra Brasileira de Tapeçaria, que vai acontecer em setembro no Museu da FAAP... **Aliás, durante a mostra, vitrines de diversas lojas de São Paulo exporão tapeçarias de artistas do país todo...** Eduardo Salles anunciando para o mês que vem, o II Festival do whisky, promovido pelo GEG — Green E Gold... **Por causa dos pedidos feitos por importadores durante a Feira da Mecanica, a Industrial Conventos vai precisar duplicar sua produção de máquinas automáticas para o setor de cerâmica. Isso está deixando Hilário de Freitas, comandante da empresa, com mil sorrisos...** Marcado para o dia 20 de agora o Curso sobre Pintura Moderna, no MAM, a cargo do professor Carlos Scarinci... **O prefeito Miguel Colasuonno é quem vai abrir a exposição de Roberto Burle Marx também no MAM, esta noite...** Como repercutiu favoravelmente nossa reportagem sobre o "Surf", decidimos prolongar a série, que terminaria hoje, para amanhã também, incluindo novos dados... **À noite fala-se de tudo...**

Livros

TORRIERI GUIMARÃES

Conheça melhor este nosso Santos Dumont

De Santos Dumont já se disse tudo, ou quase. É claro que somente dentro de algumas dezenas de anos é que as pesquisas se aprofundarão e muitas coisas, hoje ciosamente guardadas, virão reforçar a biografia do genial brasileiro que — repita-se — deu asas ao homem. Mas se quase tudo já foi dito, faltava efetivamente um texto leve, claro, divertido, ameno, descompromissado, que pudesse levar até a nossa juventude estudiosa a mensagem de perseverança, trabalho e fé deste homem singular em nossa História.

E o livro aqui está: "SANTOS DUMONT, INVENTOR", de Francisco de Assis Barbosa, lançado agora pela Livraira José Olympio Editora, com ilustrações belíssimas de Gian Calvi que ajudam a visualizar a época em que as cenas narradas se passam. Numa linguagem descontraída e informal, o Autor conta-nos as peripécias da vida de Santos Dumont, desde os primeiros tempos na fazenda do pai, quando gostava de empinar papagaios e dirigir a locomotiva que transportava o café produzido, até os seus momentos de glória em Paris, quando seus inventos eram comentados de boca em boca e ganhavam as manchetes dos jornais.

Um livro rico em informações colhidas em boas fontes, documentado, que é de extrema utilidade a toda a juventude brasileira. Fácil de ler e dificil de esquecer.

Tolstoi com roupagem nova para os jovens

O fascinio de Tolstoi continua presente, quase setenta anos decorridos de sua morte num banco humilde de estação ferroviária, depois de desprezar sua imensa fortuna e de tentar criar um sistema social e religioso baseado no Cristianismo aplicado e vivido. Suas obras, de carrater marcantemente social, mesmo aquelas romanescas, continuam a merecer o aplauso da critica e o favor do público. Dentre elas, esta "GUERRA E PAZ" constitui o mais vasto e variado painel já construido pela mente de um escritor, abrangendo um dos periodos mais fecundos da História do mundo, quando os exrercitos de Napoleuão Bonaparte, vitoriosos e quase imbatriveis, cometem a extrema ousadia de invadir o solo sagrado da Russia.

"GUERRA E PAZ", nesta versão condensada para a juventude, é um lançamento da Editora Verbo, em sua Coleção Clrassicos Juvenis. E é uma ideia muito boa trazer até a nossa juventude as cenas mais contundentes, os episódios mais marcantes desta obra que é um documentário de uma época, além de romance excepcional. Além do fio condutor da trama,

"Guerra e Paz" caracteriza-se como uma srerie de grandes quadros épicos justapostos, o que facilitou sobremaneira o trabalho de condensação, sem que o livro perca suas qualidades essenciais. Uma leitura recomendada aos jovens, e uma releitura sugerida a todos nós.

Tome Nota

o O livro técnico, em todos os setores, começa a assumir seu verdadeiro papel, crescendo o interesse por eles de ano para ano, consequencia natural do próprio desenvolvimento do País. Recebi da Editora Edgard Blucher Ltda. e Editora da USP os seguintes títulos: "SUBSISTEMAS DIGITAIS E CIRCUITOS DE PULSO", volumes 1 e 2, de João Antonio Zuffo; "MANUAL DO GERENTE DE EMPRESA", volume 6, seção 8: Pessoal, e volume 7, seção 9: **Motivação de Pessoal**, de H. B. Maynard; e "ENSAIOS MECANICOS DE MATERIAIS METALICOS", de Sérgio Augusto de Sousa.

o E da Editora Pedagógica e Universitária, também em colaboração com a Editora da USP, recebo alguns exemplares manuais técnicos, como: "MANUAL DE EDUCAÇÃO FISICA", quatro volumes, tratando de Atletismo, Handebol, Urgencias, Basquetebol, Volibol, Futebol de Campo, Futebol de Salão, Natação, Judo; "DESENHO MECANICO", em três volumes; e "PRECISA-SE DE TÉCNICOS", também em 3 volumes, para dezenas de profissões. Procurem conhecer. São obras clássicas, necessárias, oportunas.

o **Uma pergunta ao senhor prefeito: que noticia nos dá do "Prêmio Cidade de São Paulo" que seria de 100 mil cruzeiros, o maior do País, e do qual agora ninguém sabe dizer nada? Aguardamos informações urgentes.**

o De 21 a 23, em Curitiba, VI Seminário Nacional de Literatura.

Casos, Lendas e Fantasias

MALBA TAHAN

Declarações curiosas

Que silêncios,
e que ermos.
e que distâncias incomensuráveis
entre nossos destinos.

GILKA MACHADO
Sublimação, pág. 55

Nascerei em outras terras, com olhos novos
Deixarei minhas partes inferiores, para o diabo.

MURILO MENDES
Poemas, pág. 71

Não me arrependo do pecado triste
que sujou minha carne, como tôda carne.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
Brejo das Almas

Eu quero a morte nua e crua
Terrifica habitual
Com seu velório habitual.

PEDRO NAVA
Antologia Poética, pág. 121

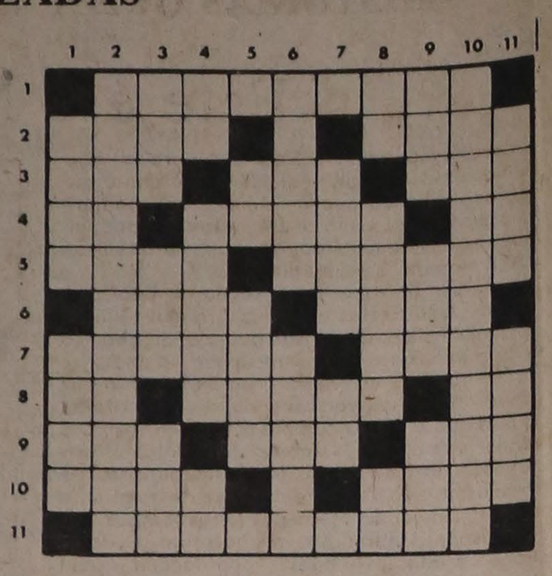
Na noite negra, os almas das mulheres castas
Lamentavam os prazeres renunciados.

ANTONIO DIAS DE MORAES E SILVA
Gota no Rio, pág. 13

CRUZADAS

HORIZONTAIS — 1 — que perdeu o fio; 2 — designação de várias espécies de macaco também chamado de macaco prego; variedade fibro-radiada de diamante; 3 — aplicação; espaço de doze meses; perverso; 4 — apartamento; albumina que envolve a gema do ovo; o niobio; 5 — rocha, açoite de correia ou corda; 6 — couro curtido de boi para calçado; extensão de água cercada por terras; 7 — do reino do Sião; espécie de Gibão; 8 — o astatine; abelha silvestre também conhecida por borá-boi; o ouro; 9 — piedosa; satélite do diamante; trinitrotolueno; 10 — espécie de camarão; privado de visão; 11 — que produz ostras.

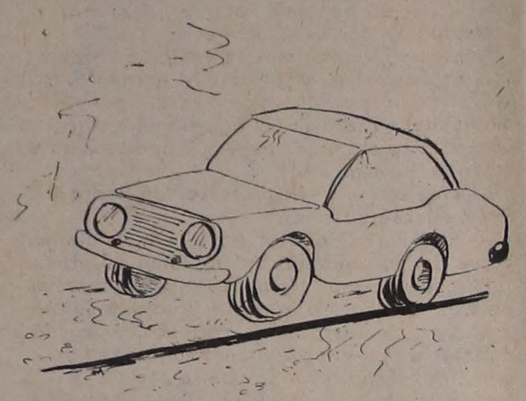
VERTICAIS — 1 — que é de raça da mu ; pá com que se ergue a terra escavada; 2 — artigo de lei (jur.); 3 — reflexão do som; filtra; gemido (pl.); 4 — desacompanhado; ausência de ventos; antigo nome da nota dó; 5 — o mais; prefixo indicativo de ar; 6 — farol, facho; pequeno macaco pertencente à família dos Calitriquidas; 7 — bocal; pedra de moinho; 8 — o absoluto; correia ou cordão para apertar; o cerio; 9 — dotes naturais; a parte da psique intermediária entre o id e o mundo exterior; o érbio; 10 — grande macaco antropomorfo de Sumatra e Bornéu; 11 — cano de espingarda; forma reduzida de automóvel.



MALICIAS DO VOLANTE

CONSTANTINO SERAFE NETO

Choveu bastante e o chão está molhado. Você chegou no estacionamento e logo entrou no carro para sair, pois está com pressa. Qual a primeira coisa a fazer?
a) Enxugar a sola do sapato?
b) Dar a partida e ir esquentando o motor?
c) Ligar o limpador de pára-brisas para ver se está funcionando, enquanto esquenta o motor?



LOGOMANIA

LUIZ CARLOS BRAVO

N.º 580

SEAL
A
V
E
DORF
V

INSTRUÇOES

O objetivo deste jogo é a formação de maior número possível de palavras de quatro letras ou mais usando apenas as letras da palavra chave, que aqui aparecem misturadas. A letra maior deverá aparecer obrigatoriamente em todas as palavras em qualquer posição. Uma letra não poderá aparecer em cada palavra maior número de vezes do que na palavra chave.

Não valem nomes próprios, verbos, plurais e girias.

Encontradas 66 palavras: 16 de 4 letras; 19 de 5; 11 de 6; 7 de 7; 6 de 8; 3 de 9; e 1 de 12.

PALAVRAS ESCONDIDAS

Entre as letras do quadro abaixo escondem-se os nomes de 17 personagens literários masculinos. Procure, tanto vertical como horizontalmente.

B	Z	T	D	R	H	F	G	D	Y	R	O	A	B	C	N	A
I	R	M	Ã	O	S	§	K	A	R	A	M	A	Z	O	V	R
L	F	T	R	O	H	R	B	V	T	Z	D	M	O	E	R	O
L	C	F	N	L	D	O	R	I	A	N	§	G	R	A	Y	E
Y	B	A	O	I	C	Z	A	D	I	G	T	Z	B	T	D	I
§	L	U	F	V	B	L	K	§	R	H	B	C	A	O	F	N
B	O	S	H	E	R	L	O	C	K	§	H	O	L	M	E	S
U	C	T	F	R	T	R	I	O	C	A	D	E	L	§	T	O
D	D	O	A	§	E	U	C	P	I	S	T	R	O	J	R	N
B	M	A	T	T	I	A	§	P	A	S	C	A	L	O	J	§
O	I	M	O	W	G	L	I	E	E	B	D	C	O	N	P	S
E	T	O	N	I	O	§	K	R	O	E	G	E	R	E	C	U
E	L	K	R	S	I	H	F	F	B	N	R	U	D	S	N	I
U	W	E	R	T	H	E	R	I	L	§	H	T	§	Z	K	Ç
M	A	A	O	T	§	B	Z	E	G	H	L	O	J	K	Ç	O
H	N	N	F	D	U	S	J	L	G	U	L	L	I	V	E	R
R	B	I	C	A	N	D	I	D	O	R	E	X	M	O	R	T

As soluções dos problemas estão na pag. 18.

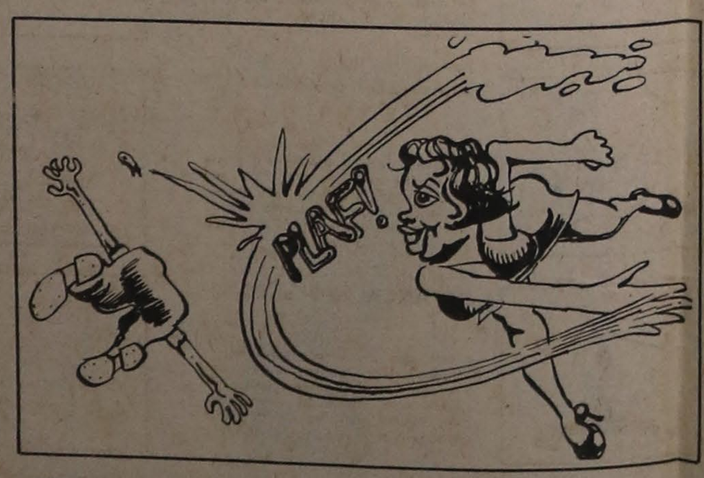
FATOS E GENTE

ASDRUBAL GARCIA

Saudável miscigenação

FALANDO perante um grupo de imigrantes em Washington, o senador Fong, do Estado do Havaí, disse que a imigração estrangeira nos Estados Unidos produziu uma saudável miscigenação. E acrescentou: "Eu mesmo tenho um pouco de sangue inglês na veia. Meu tetravô foi quem comeu o famoso capitão Cook".

Eis o tipo da piada que raras pessoas se atreveriam a dizer nestes dias turbulentos de conflitos raciais.



•••

ANCE SPARTY, "miss" de Portland (Oregon), que se dá ares de mocidade apesar das suas abundantes 48 primaveras, formulou à polícia uma queixa contra "desconhecidos" que, por ocasião do seu aniversário, lhe enviaram um pacote contendo um calicida, um vidro de pó adesivo para dentadura, comprimidos contra hemorróidas, uma caixa de injeções contra reumatismo e pastilhas para dissimular o mau hálito...

•••

O HOMEM PERCEBE QUE COMEÇA A ENVELHECER QUANDO A MULHER PEDE PARA ENCOLHER A BARRIGA E ELA JÁ ESTÁ ENCOLHIDA...

•••

AS CONHECIDAS minas utilizadas na guerra foram responsáveis pela morte de milhares de soldados e pela destruição de tanques e navios durante a Segunda Guerra Mundial. Na guerra civil norte-americana e na Primeira Guerra Mundial, as minas já eram empregadas, porém, no último grande conflito mundial é que elas surgiram com todo o seu poder destruidor, devido a uma série de aperfeiçoamentos.

As chamadas minas marítimas fizeram com que, na Primeira Guerra Mundial, os alemães perdessem 40 submarinos, 42 navios auxiliares e 62 navios. Os Aliados perderam 586 navios mercantes; os ingleses, 40 navios de guerra e 225 auxiliares.

Na Segunda Guerra Mundial os japoneses perderam 10 navios de guerra e 247 mercantes; os britânicos, 281 navios de guerra e 296 mercantes; os Estados Unidos, 20 navios de guerra; as Marinhas mercantes aliadas, 521 navios; o Eixo, 1.050 navios de vários tipos. Muitos anos após o fim da Segunda Guerra, as minas submarinas ainda constituiam-se em sério perigo para a navegação marítima: até 1947, 251 navios foram afundados por minas que percorriam os mares à deriva.

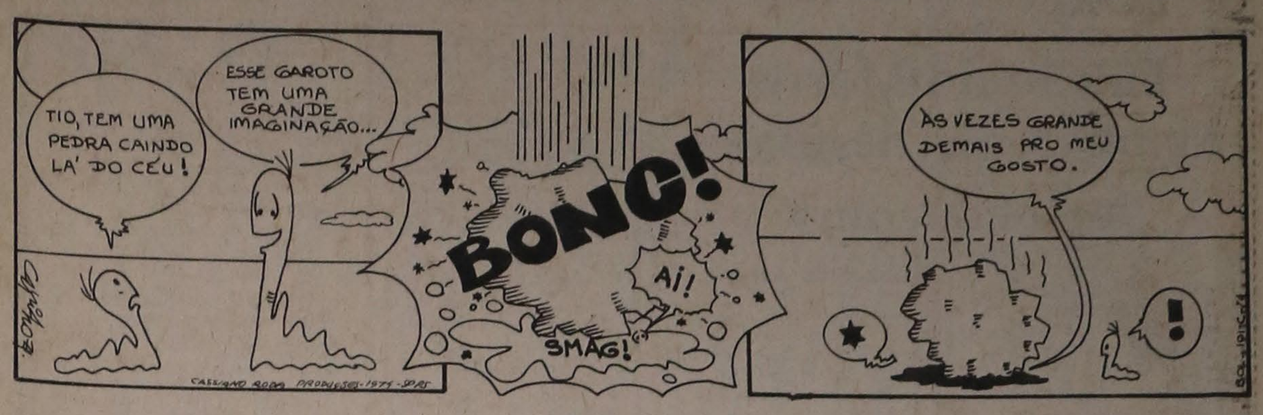
•••

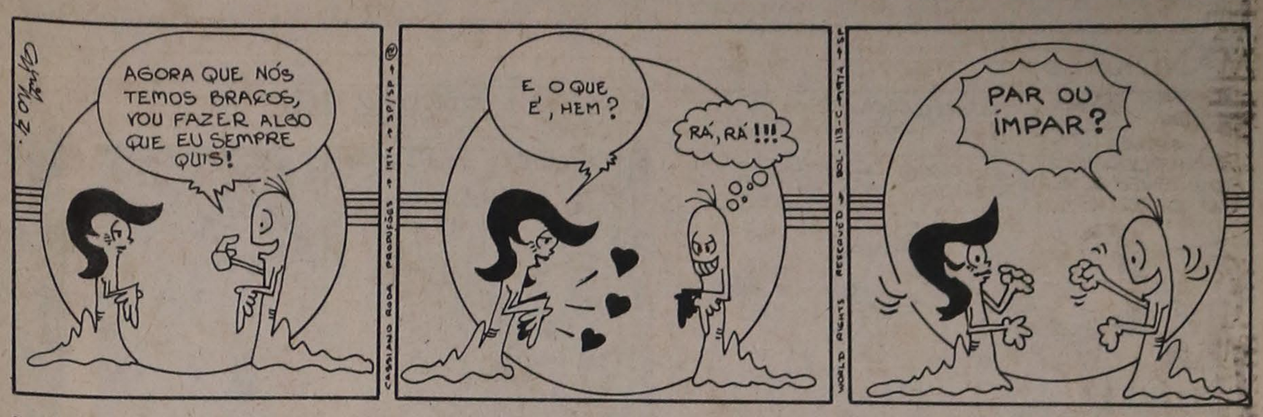
NO HOSPICIO: "Fugiu por acaso algum louco?"

"Não. Por quê?"

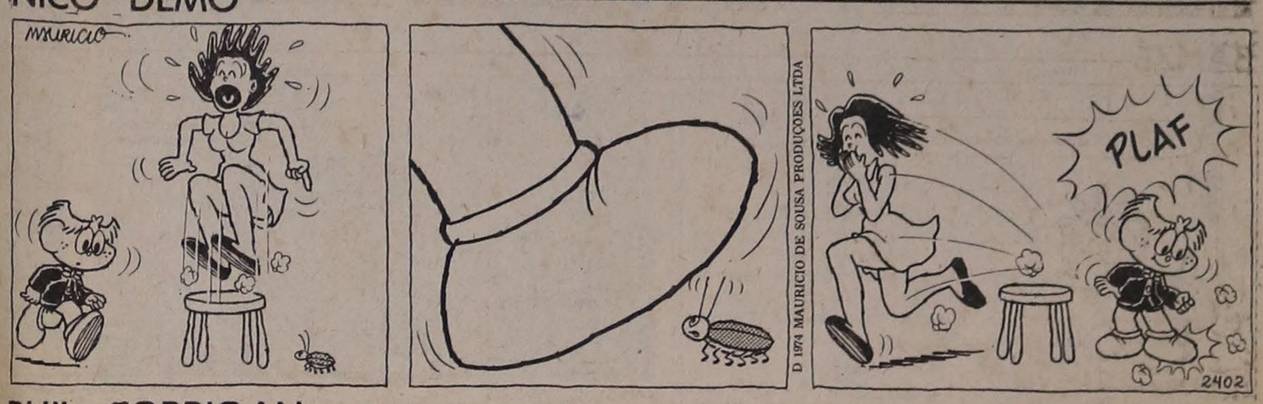
"É que alguém raptou minha mulher...".

BOLIBICHO





NICO DEMO



PHIL CORRIGAN

GARTH

BUCK RYAN

NUBINHO

AS COISAS DA VIDA

Suplemento do Centenário
O ESTADO DE S. PAULO
NUMERO 4
25-1-1975

A história dos últimos cem anos da música erudita brasileira está neste ensaio do professor Caldeira Filho. As primeiras manifestações desde "A Sertaneja" de Brasílio Itiberê, são seguidas de um período de transição em que surgem os autores de nossos hinos. A época contemporânea é marcada pela presença de Villa-Lobos, cuja contribuição à música brasileira é aqui amplamente estudada, assim como a da Semana de Arte Moderna e a da obra de Mário de Andrade.

São apresentadas as correntes do movimento renovador, as opiniões e realizações dos artistas Mário Ficarelli, José Antonio de Almeida Prado, Marlos Nobre e Ernest Widmer; apreciações sobre a vanguarda e o nacionalismo; a educação, o ensino e o movimento musical no Brasil; a contribuição da Sociedade de Cultura Artística, da Pró Arte e do Conservatório Dramático Musical de São Paulo, bem como as atividades dos artistas brasileiros no exterior

Cem anos de música brasileira

Pela sua natureza e seus fins — resenha e informação de ordem geral — este trabalho não pode fugir a umas tantas limitações.

As fontes são esparsas e não de fácil acesso em país de tal extensão. Nota-se ausencia de divulgação sistematizada e centralizada, tanto da produção composicional quanto da musicológica e análogas. Os concertos, por exemplo, quanto à nossa produção, são locais, com apresentações esporádicas, quase sempre únicas, de obras nacionais, o que leva os autores à fatalidade de comporem principalmente obras póstumas.

A divulgação pela imprensa falada e escrita não é pequena, mas, necessariamente, local, esparsa e assistemática. E de pouca vida também, pois nenhuma revista especializada conseguiu sobreviver.

Começa agora a assumir importância a publicação da imprensa universitária. É valiosa, sem dúvida, mas sem divulgação suficiente, restrita que se encontra ao meio em que nasceu ou às bibliotecas de outros institutos, por intercambio. Praticamente inacessivel aos interessados estranhos e ao público em geral.

Não se subestima o incentivo dado á publicação musicológica por ministérios, secretarias, instituições particulares, coedições, etc. As tiragens são, pórem limitadas e a divulgação não é eficiente, não alcançando nem mesmo os profissionalmente interessados: não me foi possivel obter a **Bibliografia Musical Brasileira** de Luiz Heitor Correa de Azevedo, em colaboração com Cleofe Person de Matos e Mercedes Reis, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1952.

Tais limitações, e outras de sobra conhecidas, explicam e justificam as falhas deste trabalho, mormente quanto à quantidade e à qualidade. O autor é o primeiro a reconhecê-las. Mais não foi possivel fazer.

Já se notou ser a produção musical brasileira, salvo as exceções de praxe, constante, na maioria, de peças pequenas: ponteios, prelúdios, modas, toadas, concertinos, sinfonietas, quartetos-miniaturas, suites infantis. Produção em diminutivo, pitoresca, lírica, agradável, mas sem maior relevância. Onde as sinfonias, óperas, a grande música de câmara, os grandiosos poemas sinfônicos? E foi isso que levou um estrangeiro a perguntar: faltará ao compositor brasileiro o poder criador?

De modo algum. A produção miniatura não exige mais do que solistas ou pequenos conjuntos. O que falta ás obras maiores é possibilidade de apresentação. Consequência: desinteresse dos compositores em produzi-las. As "exceções de praxe" gozam de merecidas facilidades a respeito, e mesmo assim o que realmente funciona é a encomenda, o que, de resto, nada tem de pejorativo, pois todo profissional vive da procura da sua produção. E sómente graças ao mecenato pós-renascentista é que se desenvolveu a produção ocidental, constituinte do estoque que depois se tornou objeto de largo consumo. O mecenato permitia coisas impossiveis ao jovem compositor da atualidade, que tem de ganhar com notas as suas "notas". Já se pensou no custo do papel de música, na despeza que implica a partitura de peça para grande orquestra sinfonica, nos preços das cópias e de todo o material necessário à execução? E depois de tudo pronto e pago — se chegar a tanto — será que alguma das três ou quatro orquestras do país irá interessar-se pela apresentação? E surge o círculo vicioso: as orquestras não tocam porque não há repertorio e este não é composto porque as orquestras não o aceitam. Lembro-me de, ao entrar na sala em que deveria receber aula de contraponto de coceituado professor, ter este fechado na gaveta um caderno de musica no qual trabalhava no momento. "Então, Maestro, em que novidade, nos promete agora? perguntei. — "Mais uma obra postuma, meu caro. E vamos á lição..."

A lição a tirar desta resenha de um século de música é esta: incentivar o consumo de musica — muito se vem fazendo a respeito, como se verá a seguir — e auxiliar a produção obviamente destinada a esse consumo por meios e modos que uma ação sistematizada e educativa, e desde a infancia do educado, vier a criar. Afinal, parece verdadeira a afirmação que ouvi de velho comandante de navegação comercial que trabalhava nas relações entre uma metrópole europeia e suas colonias: "Civilizar é criar necessidade..." E não será mesmo?

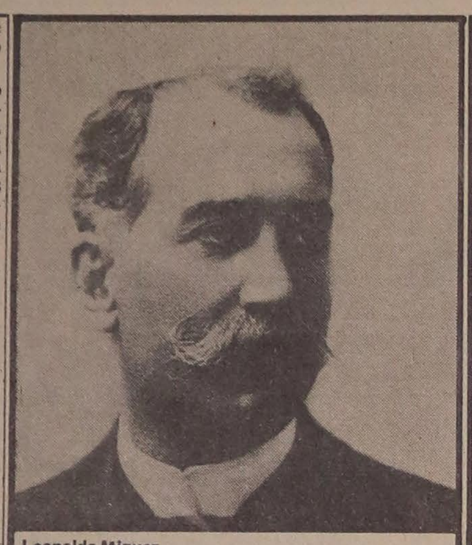
Este trabalho é entregue ao público à espera das numerosas correções que merece, e que serão muito bem recebidas, mesmo aquelas provenientes dos que gostam de catar pulgas em elefante...

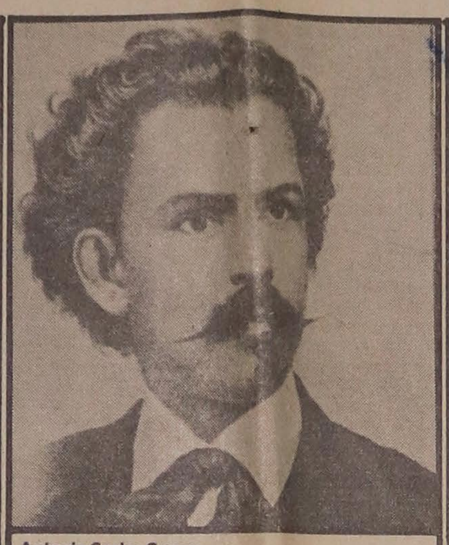
AO ALVORECER DE 1875

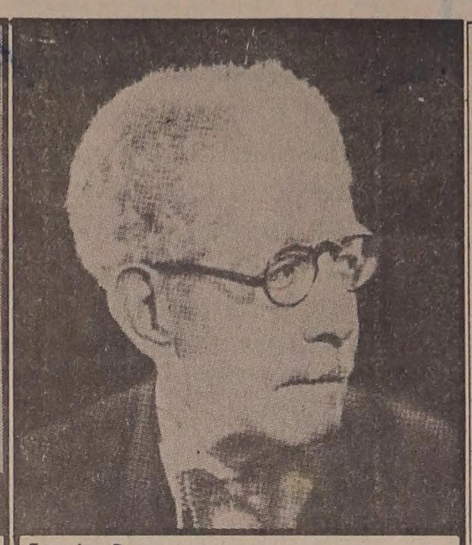
Ao ser fundado o "Estado" — então "A Provincia de São Paulo" — já se haviam deliciado os brasileiros com a **Sertaneja** de Brasilio Itiberê, o diplomata pianista, amigo de Liszt, o qual teria a peça em seu repertorio. A peça é algo rapsódica e elaborada sobre temas populares bem conhecidos na época.

O Guarani contava 5 anos. Criança, mas sabido. As circunstâncias em que foi criado e apresentado aureolaram-no de importancia mundial e provocaram para o Brasil uma daquelas curvaturas européias de tanto nos ufanávamos. Mais do que isso, porem, a obra mostrava aos proprios brasileiros que as tentativas anteriores de criação de uma musica brasileira — da conceituação, afinal, da ideia de "nacional", para que tivesse autenticidade quando realizada — acabavam justamente de concretizar-se.

A negação de que foi vítima o campineiro resultou, não da invalidade da sua música, quanto a esse aspecto, mas do esquecimento de que as coisas se processam por etapas, por conquistas sucessivas dos elementos essenciais e característicos da entidade ou objeto em vista. Mario de Andrade deixou bem claras tais ideias quando no livro **A evolução social da musica brasileira** assinalou as tres fases marcantes do processo: música folclórica, musica nacionalista e afinal musica simplesmente nacional ou cultural, inseridas no contexto da evolução da nação. Tres identificações sucessivas do ser em seu crescimento.


Leopoldo Miguez


Antonio Carlos Gomes


Francisco Braga

A meu ver, a conceituação deve ser mais ampla. Seja-me permitido transcrever aqui trecho de trabalho meu já publicado (1):

"MÚSICA BRASILEIRA — Formação — O conceito de "nacional" surgiu no Brasil inicialmente no campo político. Sua gradual configuração é perceptivel em fatos como as manifestações nativistas da reação contra a invasão holandesa, a aclamação de Amador Bueno, as guerras dos Mascates e dos Emboabas, a Independencia e as lutas pela sua consolidação, tudo conducente à transformação da antiga colonia em Nação, e em Nação Brasileira. É perceptivel ainda na criação, tambem gradual, das instituições políticas garantidoras de sua existencia dentro de um processo que era, na essencia, a formação e expressão de um sentimento nacional.

Uma ideia de "nacional" foi-se paralelamente elaborando na música, iniciada com o uso de temas folclóricos e seguida por uma tentativa de organização idiomática, com a determinação das constancias melódicas, ritmicas, harmônicas, instrumentais, etc., pesquisadas por Mario de Andrade e registradas no seu monumental **Ensaio sobre Música Brasileira (2).** Tudo isso, porém, não passava de nacionalização do europeu: a música brasileira é evolução da européia transplantada e não de música autoctone, a primitiva do bugre. Deu-se depois a superação dessa linguagem e consequente alargamento, já então cultural, da ideia de "nacional". Como exemplo, a Abertura de **O Guarani,** que é inegavelmente expressão de um sentimento brasileiro, acima da citação folclórica. A tendencia para esta expressão mais geral, mais integrada e unificada caracteriza a fase da música brasileira. Pelo que ela tem de comum com todos os homens é que vem se universalizando com relativa facilidade. Observe-se que todos os fatores implicados no processo convergem para a integração dessa ideia de "nacional" e para a sua expressão artística nas diferentes etapas de desenvolvimento."

Assim, anteriormente ao periodo ora estudado que se inicia em 1875, ano da fundação de **"A Provincia de S. Paulo",** dera-se em Minas Gerais a manifestação conhecida como **Música Barroca Mineira,** descoberta por Francisco Curt Lange em Minas Gerais (serão citadas mais adiante suas obras principais) música essa de carater predominantemente religioso; brilhará já o talento criador do Pe. José Mauricio Nunes Garcia; e Sigismundo Neukomm, aluno de Haydn então no Brasil escrevera em 1819 **"O Amor Brasileiro"** — caprice pour le Pianoforte sur un Londú (sic) brésilien, primeira reação do artista criador aos estímulos originais ambientes. (Advirto que faço distinção entre **reação** a estímulos e **expressão** de ideia de nacional).

A primeira expressão musical da idéia de "nacional" foi o **Hino da Independencia** de D. Pedro I, letra de Evaristo da Veiga, musica que inegavelmente, nas circunstancias da época, representou um reforço à ideia de unidade nacional, um vínculo a unir-lhe os componentes.

A segunda expressão musical foi o **Hino** composto talvez em **1831 (Abdicação)** por Francisco Manuel da Silva, e que, embora destituido de qualquer carater etnico ou folclórico, como o **Hino da Independencia,** tornou-se o simbolo sonoro da Patria.

Uma segunda reação musical aos estimulos etnicos e populares foi **A Sertaneja** de Brasilio Itiberê **(1856-1913).** É, porém, considerada a primeira porque a peça de Neukomm foi descoberta somente em 1952, em Paris, por Mozart de Araujo (3); permaneceu oculta, ao passo que a de Iteberê teve significação como constituinte da ideia de musica nacional ou brasileira.

E na época inicial desta resenha, o apogeu do 2º Imperio, uma terceira expressão, a Abertura de **O Guarani** de A. Carlos Gomes (1836-1896), ressoava já como "novo e brilhante vínculo de ordem musical para integração do sentimento nacional, embora sem carater etnico, tal como acontecera com o **Hino** de Francisco Manuel. (4).

A PARTIR DE 1875

Que havia então, de brasileiro ou nacional, na produção do momento? O que havia era uma produção mista, resultado da posição dos compositores, excitados pelos estimulos nacionais ambientes, o que levava a uma maneira particular de sentir, mas condicionados por uma linguagem musical e por uma retórica sonora inteiramente européia, de tipo francês, italiano ou germano-wagneriano.

Quanto aos estimulos, podem ser lembrados: 1) a exaltação do **elemento africano,** desde muito tempo em foco no plano economico-trabalhista, e depois no plano social, com a abolição do tráfico de escravos, a Lei do Ventre-Livre, a Lei dos Sexagenarios, afinal a Lei Aurea; e ainda em foco no plano sicologico, dada a penetração do negro na afetividade familiar, de que é símbolo a **Mãe Preta** e que tem conotações de inegavel estimulação criadora, tais a nostalgia do negro velho, literariamente chamado Pai João ou Pai Zuzé; 2) as reminiscencias profundas dos cultos de origem, em lento mas incessante sincretismo com o culto oficial; afinal; 3) todo esse jogo de forças primarias, anímicas, cheias de misterios preservados por uma linguagem-sacralizada.

Outro estimulo, não menos valioso, mas não tão intenso, foi o **elemento indigena.** Repelido continuamente do litoral para o interior, objeto de exploração escravagista e expoliadora, e por isso tornado agressivamente resistente ao envolvimento pela civilização, a começar pela recusa em aceitar a lingua do branco, o que desde a Colonia havia provocado medidas administrativas (5), provocou esse elemento a corrente chamada Indianista, que deu na literatura **Os Timbiras,** de Gonçalves Dias, **O Guarani, Iracema, Ubirajara** de José de Alencar; na música **Il Guarany** e **Lo Schiavo** de Carlos Gomes, além de manifestações nas artes plásticas, e todas elas românticas, como convinha á nossa habitual defasagem de meio século em relação ao tempo artístico europeu.

> *"O ambiente da música erudita condicionava, em linguagem e forma, a expressão. O wagnerismo estava no apogeu e seduzira o próprio Imperador. O operismo, mormente o italiano, cantava sem cessar. E a cultura francesa — literatura e colégios religiosos — completavam o quadro. Viviam, pois, os artistas brasileiros, numa situação de conflito interior, envolvidos em uma problemática dinâmica, entrecruzadora de linhas (cada uma "made in...") e de comportamentos preferenciais, com frequência presentes no mesmo indivíduo"*

O ambiente da musica erudita condicionava, em linguagem e forma, a expressão. O wagnerismo estava no apogeu e seduzira o proprio Imperador. O operismo, mormente o italiano, cantava sem cessar. E a cultura francesa — literatura e colegios religiosos — completavam o quadro.

Viviam, pois, os artistas brasileiros, numa situação de conflito interior, envolvidos em uma problemática dinâmica, entrecruzadora de linhas (cada uma "made in...") e de comportamentos preferenciais, com frequencia presentes no mesmo individuo. Enfim, a época era de transição. Quais os seus mais autênticos representantes? Que marcha seguiram os fatos nesse periodo que, do final do século vai abranger as duas primeiras décadas do século 20? Iniciamos uma fase interessante á qual entrechoques de opiniões e tendencias estéticas atribuiram extraordinaria vivacidade.

TRANSIÇÃO

O primeiro acontecimento significativo foi a oficialização, como **Hino Nacional Brasileiro** da musica de Francisco Manuel da Silva, a qual fora a segunda expressão musical da unidade nacional, do sentimento de brasilidade em franco desenvolvimento. Da imprensa da época colhemos a noticia abaixo (6):

'GAZETINHA" — O Hino da Proclamação — Efetuou-se ontem, no Teatro Lirico a solenidade da escolha de um dos quatro hinos, que a comissão nomeada para tal fim considerara os melhores dos trinta apresentados a concurso.

O chefe do governo provisorio chegou ao teatro a 1 hora da tarde, acompanhado de seus secretarios Dr. Fonseca Hermes e Major Hermes da Fonseca e ajudantes de ordens Major Olimpio da Fonseca, Capitão-Tenente Gonçalves Leite e 1º Tenente Libanio Lins.

Depois de lhe serem feitas as devidas continencias por uma força do regimento policial desta capital, dirigiu-se para o camarote de honra, onde já se achavam os Srs. ministros do Interior, justiça, da guerra e da agricultura. Instantes depois estava o teatro completamente cheio. No palco fora armado um estrado para os músicos, por traz do qual havia um vistoso troféu de bandeiras de diversas nações. A numerosa banda, regida pelo maestro Carlos de Mesquita, começou então a executar os hinos com acompanhamento do côro por vozes de homens.

O primeiro, que nos dizem ser de **Francisco Braga,** jovem de muito talento, maestro da banda de Meninos Desvalidos, agradou imensamente. A forma melódica deste canto patriótico, talvez não seja de uma originalidade muito absoluta, mas a maneira porque está harmonizado o hino, o brilho da instrumentação, todo o entusiasmo, colorido e vigor que ressalta da contextura geral da peça, torna-o um hino proprio para o povo para quem eles devem ser feitos.

O segundo, que atribuem a **J. de Queiroz,** pianista de muito talento, é talhado em um genero completamente improprio para um canto patriótico. É sombrio, melancolico, lúgubre na instrumentação, divagando muito pelos tons menores; parece, enfim, mais uma elegia plangente e cançada do que um hino para despertar o patriotismo de um povo.

O terceiro hino é de **Alberto Nepomuceno,** um dos músicos mais ilustrados que possue o Brasil e que está estudando na Europa. Este hino vem só duas fases, muito bem feitas, muito bem tratadas, arquitetadas com muita inspiração, mas com pouco cenografia para o gosto do nosso público. Em um auditorio de alemães seria este hino, com certeza, o escolhido.

A quarta peça afirmam-nos ser do maestro **Leopoldo Miguez,** autor da **Marcha Elegiaca a Camões,** da **Sinfonia em si,** do poema sinfônico **Parisina** e de tantos outros trabalhos de grand valor. O hino feito de principio a fim por mão de mestre, começa a frase inicial com um compasso da Marselheza, reminiscencia que deve ser explicada pelo maestro, como homenagem ao canto de Rouget de L'Isle, que é como o berço de todos os cantos republicanos.

O hino de Leopoldo Miguez grava-se facilmente na memoria, mas é, apesar disso, perfeitamente tratado e parece-nos que, se excluirmos o hino austríaco de Hayden (sic), não haverá outro que se possa comparar com o do nosso maestro no que toca à fatura musical.

Na segunda audição dos quatro hinos, o de Francisco Braga foi aplaudíssimo e repetido a pedido do público. O segundo recebeu manifestações de desagrado; o terceiro foi aplaudido por uns e mal recebido por outros; e, finalmente, o do Sr. Leopoldo Miguez entusiasticamente saudado com palmas, bravos e acenos de lenços, tanto da platéia como dos camarotes.

Terminada a segunda audição, retirou-se o chefe do governo provisorio para uma sala contígua ao camarote, onde compareceu pouco depois a comissão julgadora, que declarou escolher o hinoo e Leopoldo Miguez, conformando-se assim com a opinião do público, tão calorosamente manifestada momentos antes.

Ato contínuo foi assinado pelo chefe do governo e pelos ministros presentes o seguinte decreto:

"O governo provisorio da República dos Estados Unidos do Brasil, constituido pelo exercito e armada, em nome da nação, decreta:

Art. 1º. É conservada como Hino Nacional a composição musical de Francisco Manoel da Silva.

Art. 2º. É adotada, sob o título de Hino da Proclamação da República, a composição musical do maestro Leopoldo Miguez, baseada no poema do cidadão José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque. Sala das sessões do Governo Provisorio da República dos Estados Unidos do Brasil, em 20 de janeiro de 1890, 2º da Republica. Manoel Deodoro da Fonseca. — Aristides da Silveira Lobo. — Manoel Ferraz de Campos Salles. — Benjamin Constant Botelho de Magalhães. — Demetrio Nunes Ribeiro."

O chefe do governo provisorio e os membros do ministerio voltaram para o camarote, onde o Sr. ministro do Interior leu em voz alta o referido decreto. Cada um dos dois artigos foi recebido com estrepitosos aplausos que romperam de todos os lados. A banda repetiu então o hino escolhido, que foi ouvido de pé e com verdadeiro entusiasmo.

Para que nada faltasse a esta esplendida festa artística, tocou-se a pedido do público o hino brasileiro, o velho, o histórico. A impressão que a composição de Francisco Manoel produziu no nosso público, não se descreve. Foi um delirio! Se no dia 15 do corrente não se tivesse escolhido este hino como hino nacional dos Estados Unidos do Brasil, seria talvez aclamado e escolhido ontem.

No fim da solenidade foi o Sr. Miguez ao salão de honra e ali abraçado pelos Srs. chefe do governo provisorio e ministros presentes. (21 Janeiro 1890)".

Dessa noticia já se depreende alguma coisa quanto aos artistas da época e suas tendencias, que chegaram até á segunda década do sec. 20.

Leopoldo Miguez (1850-1902) passou largas temporadas na Europa, embebeu-se de wagnerismo, compôs, dirigiu concertos e óperas. Foi causa involuntaria, episodio curioso em sua vida, de revelação do maior regente do século 20. Eis o episodio segundo a narrativa de Luiz Heitor (7):

"Excelente regente de orquestra, gozando de popularidade nos meios intelectuais e estudantís, viu-se envolvido, em 1886, no incidente que abriu a Arturo Toscanini as portas da gloria. O que se passou foi o seguinte: Leopoldo Miguez era, nesse ano, o regente da companhia lirica que dava espetáculos no Teatro Dom Pedro II. Os cantores italianos e a orquestra, toda ela composta de italianos, muito facilmente se deixaram enredar pelas intrigas do violinista Superti, que aspirava á posição de regente, e resolveram impor a demissão do regente brasileiro, a fim de guindar a esse posto o aludido violinista. O empresario cedeu, e Miguez foi dispensado, anunciando-se o espetáculo sob a direção de Superti. Mas o público, capitaneado pela massa de estudantes que se agitava nas galerias, não esteve pelos autos. Quando o pobrem homem subiu ao estrado para assumir o seu posto, rompeu uma tremenda algazarra, que só declinou quando ele desistiu de sua pretensão e retirou-se para os bastidores. Criava-se então o impasse: estava o teatro á cunha e não havia regente para a ópera. E quando um jovem violoncelista, muito miope, que chegava o nariz ás partes para decifra-las, é indicado pelos seus colegas para salvar a situação. Dirige-se á estante diretorial, fecha a partitura da **Aida,** de Verdi, que ia ser cantada nessa noite, e de cór, magnetizando orquestra e público com a sua autoridade, principia a dirigir. O sucesso que obteve foi estrondoso. O público do Rio de Janeiro vitoriava pela primeira vez, como regente, Arturo Toscanini, que continuou dirigindo os espetáculos do empresario Rossi e, voltando à Italia, lançou-se na gloriosa trajetoria que o tornou primus int inter pares em nossa época.

Produção principal: — orquestra: **Sinfonia em si bemol, Suite à l'antique,** poemas sinfônicos **Parisina, Ave, Libertas!, Prometeu;** operas: **Saldunes, Pelo amor.**

Francisco Braga (1873 — 1945) — Era o mais jovem do grupo. Contava 21 anos quando foi finalista no concurso para o Hino da República, classificação que lhe valeu prêmio de viagem à Europa. Como compositor, formou-se sob orientação de Massenet, que lhe obteve prorrogação da pensão graças aos seus meritos valiosos. Esta influência francesa e o conhecimento da música wagneriana, aliados ao interesse pelo movimento nacionalista, encorajaram-no a uma maior dedicação à musica brasileira, pois sentia-se tecnicamente realizado. Dedicou-se à regencia, escreveu música sacra, vocal de câmara e exerceu profícuo magistério.

O seu **Hino à Bandeira,** de 1906, poesia de

NOTAS

1 — CALDEIRA FILHO — Apreciação Musical (Subsidios técnico-estéticos) Editora Fermata do Brasil S. Paulo p. 30

2 — MARIO DE ANDRADE — Ensaio sobre Musica Brasileira (Obras Completas v. 6 Livraria Martins Editora S. Paulo)

3 — CALDEIRA FILHO — Apreciação p. 110.

4 — Id., p. 32

5 — ARTHUR CESAR FERREIRA REIS (Revista Brasileira de Cultura MEC-CFC, n. 14, 1972).

6 — JORNAL DO COMERCIO (Edição Comemorativa do Centenario da Independência do Brasil set. 1922 p.397).

7 — LUIZ HEITOR CORREA DE AZEVEDO — 150 Anos de Música no Brasil 1800-1950 (Coleção Documentos Brasileiros, n. 87, Livraria José Olympio Editora)

Olavo Bilac, marca um 3º vínculo (o 1º foi o Hino da Independencia, o 2º o Hino Nacional) no processo de integração dos elementos constituintes da ideia de "nacional". Há em Francisco Braga a presença do assunto brasileiro e uso do texto vernáculo associado à música. Seu nacionalismo prende-se ao indianismo **(Marabá, Jupira)** sem presença marcante de temas musicais nacionais.

Produção principal: — orquestra: **Marabá**, poema sinfônico, **Episódio sinfônico, Prelúdio** e **Interludio** para a opera **O contratador de Diamantes**, de Afonso Arinos; opera **Jupira**; musica sacra, vocal de câmara, etc.

Alberto Nepomuceno — (1864-1920) Nascido em Fortaleza, educado no Recife, com largas permanências na Europa. Estudou a principio na Itália e depois na Alemanha e na França, composição e órgão. Foi também finalista no concurso para o Hino da República. Foi professor de orgão no Instituto Nacional de Música e diretor do estabelecimento. Em sua abundante produção emprega temas nacionais, inspira-se na paisagem brasileira, trata o elemento afro-brasileiro e impõe o uso do canto em vernáculo, reagindo à influencia exclusivista dos idiomas italiano e francês.

Produção principal — operas: **Abul** (assunto oriental), **Artemis** (episodio lirico, texto de Coelho Neto); orquestra: **Sinfonia em sol menor, Série Brasileira, Preludio** de **O Garatuja** (para uma ópera não escrita sobre assunto colonial de José de Alencar; música para piano, órgão, canto de câmara, coral e sacra.

Sobre o outro finalista, **J. de Queiroz**, não se faz referência maior em nossa musicologia. Renato Almeida **(8)** menciona o seguinte:

"Jerônimo Queiroz (1859-1936), músico fluminense, filho do professor de piano Bernardino Queiroz e neto de José Bernardo de Souza Queiroz, que foi regente do Real Teatro São João e a quem se atribuiu, como ficou dito, a ópera **O juramento dos Nunes**. Embora a sua maior atividade tivesse sido a de professor e concertista, pois era pianista e violinista de mérito, ocupou-se também com composição, tendo deixado numerosas obras para orquestra, piano, canto de câmara, inclusive uma **Tarantela** para piano e orquestra." Aproximando este texto e a expressão do Jornal do Comercio sobre os finalistas do Hino da República: "O segundo, que atribuem a J. de Queiroz, pianista de muito talento..." poder-se-ia concluir ter sido esse Jerônimo de Queiroz um dos quatro finalistas?

Antonio Carlos Gomes (1836-1896) Dominadora, pairava no ambiente imperial sua grande figura. Em viagens constantes Brasil-Itália, o glorioso campineiro desenvolvia notável produção operística com exito continuo. **Il Guarani** (1870), **Fosca** (1873), **Salvator Rosa** (1873), **Maria Tudor** (1879, **Loschiavo** (1889), **Condor** (1891) e o poema lirico-vocal-sinfônico **Colombo** (1892), representam, sem dúvida, notável contribuição para o teatro lírico. Não conseguiram, porém, tornar-se semente, não germinaram em uma "escola", não tiveram continuadores. Por quê?

Até 1889 a música de Carlos Gomes foi recebida no Brasil de maneira triunfal. Protegido pelo Imperador — toda a família imperial o apreciava e apoiava — apresentou com o habitual êxito sua opera **Lo Schiavo**, dedicada à princesa D. Isabel, no Rio, a 27 de setembro de 1889. Como sempre, dificuldades e tropeços para montagem, mas êxito integral após apresentação. Refere sua filha Itala Gomes Vaz de Carvalho **(9)**: "O Escravo foi batizado pelos ferventes paladinos da liberdade, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, André Rebouças e outros, como a ópera abolicionista por excelência, o trabalho que celebriza, num conjunto de harmonias sublimes, os cânticos de glória da excelsa epopéia regeneradora de um grande e nobre povo. Carlos Gomes, acrescentou André Rebouças em suas memórias, é o glorioso Maestro da Abolição; este é o título que lhe compete na lenda e na história! Na noite da estréia, o Imperador promoveu com o grau de grande dignitario da Ordem da Rosa. **O Escravo** foi proclamado pela crítica brasileira como a obra culminante do genial maestro, e unanimemente esforçou-se em relevar as inúmeras belezas da partitura, onde se destaca o maravilhoso prelúdio do quarto ato: **a Alvorada** — trecho musical de raros dotes descritivos, etc." (...) **O Escravo** foi também cantado na mesma temporada em S. Paulo e devia sê-lo no mês seguinte em Campinas, berço natal do maestro, quando a inesperada notícia da proclamação da República foi surpreendê-lo dolorosamente a casa do irmão José de Sant'Ana Gomes, em Campinas, onde estávamos hospedados, fazendo ruir por terra todos os seus mais lindos projetos e esperanças." Eis parte da carta que ele então escreveu **(10)**: "Campinas, 20 de Nov. 89. Meu querido Manduca. A 14 do corrente cheguei aqui e no dia 15 chegou me a horrível notícia (...) O choque foi de tão natureza forte (sic) contra o meu coração de amigo da Augusta Familia Imperial que fiquei até hoje pasmado e paralisado. A minha saude tem sofrido muito, pois sinto até faltar-me o equilibrio corporal. Não posso enfim descrever o meu profundo pezar, parecendo-me um sonho medonho a realidade do fato que, como (palavra ilegivel na reprodução do original manuscrito) vim presenciar na terra natal, de onde em 1859 parti para logo mais ser protegido pelo Primeiro Patriota do Brasil, que hoje é desterrado como um malfeitor!" (...) "A 22 voltarei para São Paulo onde espero receber uma tua cartinha, A tua última e sempre amavel carta de 12 do corrente, que não respondi logo pelo atordoamento da vida que passei em São Paulo, pois até na minha Provincia não me faltaram desgostos por causa daquela féra chamada Musella e pela deslealdade de certos amigos falsos que dizem ser meus patricios."

O Imperador lhe havia prometido formalmente nomeá-lo diretor do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, onde estudara. Continua Itala Gomes **(11)**: "A nomeação esperada não veio e do Conservatório de Música do Rio Janeiro, que passou a se chamar Instituto Nacional de Música, foi banido o maestro, gloria nacional incontestada, porque na opinião do Dr. Luiz de Castro, Rodrigues Barbosa e Leopoldo Miguez, em companhia de outros conjurados, Carlos Gomes não era "wagneriano"... Parece assim que já não se fazia grande questão de música brasileira, preferiam, antes, bons copistas alemães!"

A direção do Instituto de Música seria, entretanto, a posição ideal para que pudesse exercer o magistério e talvez deixar continuadores numa orientação composicional que é o orgulho de tantas nações civilizadas e na época marcava a nacionalidade. Em Paris, não quiseram fazer de Chopin o criador da Opera Nacional da Polonia?

Não podendo fixar-se no país, volta à Italia. Em 1891 estreia a ópera **Condor**, encomenda da empresa do Scala. Aqui, mais uma referência de Itala Gomes **(12)**: "A estreia do **Condor** se realizou na noite de 21 de fevereiro de 1891. O regente devia ser Toscanini, o já notável embora muito moço, regente de orquestra. Semanas antes, porém, exasperado com os pedidos insistentes do público, que exigia o bis não sei mais de qual trecho de uma das óperas do repertório do Scala, largou em pleno espetáculo a batuta sobre a estante, saiu da sala, fugiu do teatro cheio de ira e corre, ainda encasacado, a tomar o primeiro trem que partia naquela mesma noite para Genova, de onde devia embarcar para a América do Norte! Os ensaios foram então confiados ao Maestro Mugnone, regente também de grande mérito, que soube coadjuvar maravilhosamente o maestro numa fusão artística que dera os mais felizes resultados."

Em 1892 ouve-se **Colombo** e cessou então a produção do maestro que obtem, afinal, uma situação em Belém, Pará, diretor de um Conservatório a ser fundado. Ali chegou em maio de 1896 para morrer a 16 de setembro seguinte.

Assim, sua fidelidade ao Imperador, a oposição dos adversários da monarquia, criaram-lhe uma situação insustentável. Essa uma das razões — haverá outras, certamente — pelas quais suas obras não conseguiram tornar-se semente, não germinaram em uma "escola", não tiveram continuadores. Não se nega, porém, a **Il Guarani** nem a **Lo schiavo** a função relevante, hoje esquecida, de ter despertado a sensibilidade do povo e levado os compositores a sentirem mais de perto a música nacional, independentemente do carater étnico-popular, como foi atrás assinalado.

Alexandre Levy (1864/1892) Em São Paulo, o movimento nacionalista encontrara eco em Alexandre Levy. Pianista e compositor de notável talento, estudou na capital paulista com Madweiss e Wertheimer. Desenvolveu o movimento musical, foi animador do Clube Haydn, dirigiu concertos sinfônicos, gozou de rápida permanência na Europa — alguns meses apenas, o que não obstante deu-lhe uma visão mais ampla dos problemas relacionados com a composição e a divulgação da música. Sua contribuição: linguagem romântica, uso de temas nacionais, do popular urbano (**Tango Brasileiro**) e do elemento afro-brasileiro (**Samba** da **Suite Brasileira**).

Produção principal — orquestra: **Sinfonia em mi menor, Suite Brasileira, Comala**, poema sinfonico; piano: **Variações sobre um tema brasileiro** (O Bitú) **Tango Brasileiro, Schumannianas.**

> *"A criatividade se desenvolvia na direção marcada por José Maurício Nunes Garcia, pelo seu aluno Francisco Manuel da Silva e pelos egressos do estabelecimento por este fundado, e já mencionados. Chegara-se a uma consolidação técnica de base européia com acentuadas cores de nacionalismo ou brasilidade nos termos e com as conotações anteriormente indicadas"*

Muitos outros poderiam ser citados, de diversa importância, e cuja influência foi menos sensível na evolução da música brasileira, embora tivessem tido seu momento de projeção segundo as circunstâncias, as oportunidades e a natureza das obras. Vários deles foram úteis também pela proficiência com que exerceram o magistério. Lembramos:

João Gomes de Araujo (1845-1943) autor de peças sacras, **Sinfonias**, operas **Carmosina, Edméia, Helena** e **Maria Petrowna.**

João Gomes Junior (1871-1963) também operista, autor de **Foscarina, La boscaiuola, Yugomar, Severo Torelli, Anita Garibaldi** e **Dom Casmurro.**

Glauco Velasquez (1884-1914) autor de **Fantasias, Sonatas, Trio** e **Irmã Beatriz**, ópera inacaba.

Henrique Oswald (1854-1931) peças para piano: **Trio**, 3 óperas, **Quinteto** op. 18, música para piano, de camara, etc.

E ainda **Carlos Mesquita, Delgado de Carvalho, Assis Pacheco** e muitos mais.

Esta fase de transição apresenta a seguinte contribuição principal: a) posse de uma técnica de composição baseada no ensino musical da Corte e principais centros provinciais, ilustrada pelo que então se ouvia em concertos e espetáculos, muitas vezes de alto valor, e desenvolvida por estudos feitos na Europa, como aconteceu com os principais dentre os artistas de época; b) uma idéia geral de nacionalismo, haurida nas fontes européias — as escolas nacionais que então se afirmavam — reforçada pela reação aos idiomas italiano, francês e alemão; c) uma criação musical já marcada pelos estimulos populares, afro-brasileiros e amerindios, ampla como forma, compreendendo poemas sinfônicos e consequente desenvolvimento da orquestração, música de câmara, instrumental solista, canto em vernáculo; um movimento musical de Sociedades, Clubes e congêneres, e muitos espetáculos, movimento muito significativo, não raro abrilhantado por autênticas celebridades.

A vida musical era relativamente ampla nas cidades mais importantes, e vem abundantemente mencionada principalmente por Renato Almeida em sua Historia da Musica Brasileira. Tratamos aqui, porém, das linhas gerais da evolução da música no Brasil enquanto aquisição do carater "brasileiro" atrás conceituado, o que põe de lado pormenores outros da musicalidade ambiente.

A criatividade se desenvolvia na direção marcada por José Maurício Nunes Garcia, pelo seu aluno Francisco Manuel da Silva e pelos egressos do estabelecimento por este fundado, e já mencionados. Chegara-se a uma consolidação técnica, de base européia, com acentuadas cores de nacionalismo ou brasilidade, nos termos e com as conotações anteriormente indicadas.

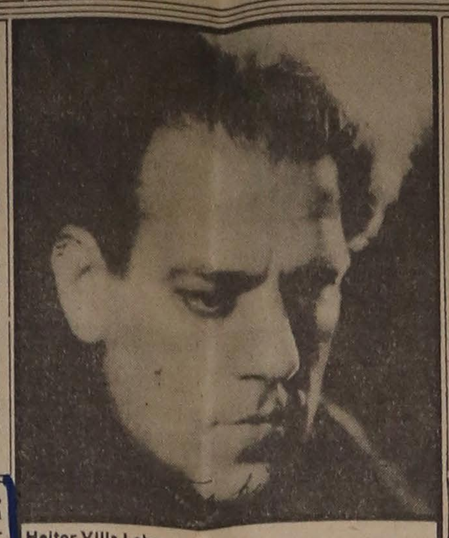
ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

No final desse período ativo e romântico, que durou até os anos 20, mais ou menos, deste século, duas coisas importantes acontecem: a projeção de **Villa-Lobos** e a **Semana de Arte Moderna**, 1922, em S. Paulo. As forças atuantes deste na literatura e nas artes plásticas, e a impetuosidade vulcânica daquele na música, conjugam-se e, impulsionadas por Mario de Andrade, vão mudar o quadro cultural da época e virar uma página da história artística do país. Ficamos modernos, minha gente!

VILLA-LOBOS

Não ligado às correntes eruditas dominantes, não formado no ensino tradicional — foi autodidata — agitava-se Villa-Lobos, insubmisso e combativo. Era original e perturbador.

Villa-Lobos foi um homem plural. Guardadas as proporções, ela valeu para o Brasil mais do que os **Cinco** para a Russia — **Balakirew, Cesar Cui, Borodine, Mussorgski** e **Rimski-Korsafoff** —; mais do que os tres da Espanha — **Albeniz, Granados** e **Falla** —; mais do que os dois da Escandinavia — **Gade** e **Grieg** — e ainda mais do que os dois da Boemia, **Smetana** e **Dvorak.**



Heitor Villa Lobos

Todos eles partiram do folclore pátrio. Mas, no caso, viam-se os europeus favorecidos por um folclore que era, e ainda é, todo um **passado**, às vezes milenar, e constituia também o **presente** das nações. Não deram ouvidos somente a temas, a canções. Mergulharam em cheio nos mitos veneráveis, nas lendas e na História, no culto aos heróis, lendários ou reais, nas epopéias, nos heroismos, enfim, num universo ancestral e num tesouro fabuloso que parecia oferecer-se espontaneamente, exigindo tão-somente o trabalho da colheita. Tudo isto trazia, já em si um sentido de unidade, de feição característica, despertada pelos pruridos românticos que permitiram a essas nações uma tomada de consciência como condição de sobrevivência espiritual, em vista das condições criadas pelas consequências da Revolução Francesa. Em resumo: esses autores tinham a mão, perfeita e acabada, uma **totalidade nacional**, materia-prima pronta para imediata formalização erudita.

Aqui, no Brasil, Villa-Lobos teve de criar, e o fez sózinho, essa totalidade. Valeu, pois, por todos eles juntos, e por isso é que pode ser considerado um homem plural. Por isso ainda é que pôde afirmar: "o folclore sou eu". E era mesmo.

Pesquisou os elementos básicos, tão heterogeneos; viu claro no emaranhado das aculturações, dos transplantes, das miscigenações e dos sincretismos; desenvolveu-se em extensão num campo histórico bem pouco profundo. Lembro-me da expressão de um jovem francês, que me dizia em Paris: "Vocês são felizes; têm de estudar somente 4 séculos de historia; nós temos 20!"

O nacionalismo de Villa-Lobos se caracteriza justamente por esse sentido de totalidade, a que ele chegou, construido por ele "nota por nota" no sentido estrito da expressão. Já tive oportunidade de assinalar o fato (13) "E nacional quanto à totalidade geográfica da sua Pátria, a começar pela imensidade amazônica várias vezes presente na sua obra. E nacional quanto à totalidade etnica pela inspiração amerindia e africana que tantas vezes o levou a grandes criações, tratadas segundo a herança cultural do ocidente europeu. E nacional ainda quanto à totalidade social, pois que na sua música cantam todos os brasileiros, as crianças das escolas, o matuto sertanejo, o malandro carnavalesco, o índio pagão e o jesuita catequizador. E é principalmente uma totalidade cultural porque aquilo que ele manipula sonoramente são justamente os aspectos músico-culturais das raças, regiões e grupos sociais, tal o **Noneto**, por ele considerado uma síntese do Brasil sonoro. Pode-se mesmo dizer que é nacional inclusive quanto á totalidade histórica, com os exemplos que são **A descoberta do Brasil** e **Sumé Pater Patrium** (10a. sinfonia, escrita para o IV Centenario de São Paulo e executada pela primeira vez nessa cidade durante a Semana Villa Lobos, em 1957). E isso sem falar de outras totalidades" referentes aos generos, às formas, à veiculação instrumental, a refletir a variedade caleidoscópica que é o Brasil geografico, humano e sonoro. O papel histórico de Villa-Lobos foi tornar possivel uma visão de conjunto dessa imensidade que é a música brasileira, tão dificil de ser apanhada no individualismo dos artistas e na heterogeneidade dos elementos materiais e formais nela implicados. O seu talento é tão multiforme, tão versatil e tão elástico que, de certo modo, anula o individualismo original e faz dele uma pluralidade artística que organiza e unifica aquilo que era anteriormente um cáos."

Ele não chegou a uma homogeneidade (estilistica, idiomática, estética, etc.) porque isso seria "igualar", uniformizar, unificar no sentido figurino. E além disso seria, e continua sendo, uma impossibilidade psicológica e histórica, devido às diferenças individuais dos realizadores não formados segundo uma política educacional coesa, sistematizada filosoficamente; e devido ainda ás diferenças regionais, às "ilhas" em que se fragmenta a vivencia nacional, sobre a qual não se ergue ainda uma cúpula cultural fundamental una.

Villa-Lobos foi plural tambem nesse sentido, pois o seu formidavel núcleo de conteúdo sonoro e de criatividade continha já, ou já prenunciava, as **particularizações** ou **personalizações** com que seria continuado. Necessariamente, porem, a unificação há de chegar um dia, sem perda da essencialidade da idéia, mas mediante facetas diversas, como outras tantas partes integrantes, isto é, partes constituintes de um todo mas cada uma íntegra em si mesma, tais os órgãos constituintes de um organismo ou os membros de um corpo: respondem à exigencia de uma funcionalidade, no caso a formação da música brasileira.

Villa-Lobos teve um comportamento criador de ordem indutiva, ao contrario dos seus ilustres companheiros criadores de escolas nacionais. Como foi observado, estes partiram de uma totalidade e a particularizaram na realização. Villa não encontrou uma ideia de "nacional" já existente. Ao contrário, colheu-lhe os elementos e os integrou pelo tratamento gradual dos componentes. Assim ele partiu, não da fragmentação objetiva ambiente, mas de uma totalidade, é certo, mas uma totalidade subjetiva que era a sua brasilidade inata, intrínseca, não formulada ainda, não realizada, não conscientizada.

Tudo isso veio vindo gradualmente à medida que ia se identificando com o mundo que o rodeava, com a cultura universal em que se via mergulhado, com a assimilação e re-elaboração de dados colhidos em toda parte. Não se lhe negam, por isso, influências nem periódicas preferenciais, mas uma é a influencia que reveste, outra a que germina. Por isso ele é nacional e nacionalíssimo, embora polimorfo, incrivelmente polimorfo. E é nos termos acima que se o considera um homem plural e um realizador da totalidade musical brasileira.

Assim vem ele sendo considerado pelos brasileiros. Mas há inúmeros testemunhos no mundo todo sobre a grandeza e originalidade do seu poder criador e da sua função especificamente nacionalizante. Limito-me a citar a página seguinte do musicologo francês René Dumesnil (14):

"**Um verdadeiro criador: Villa-Lobos.** Os Americanos reconhecem o jazz como americano; sua música prende-se ao folclore indio. Este será, sem dúvida, uma fonte viva e abundante de obras novas; mas, que saibamos, a America do Norte não a produziu ainda. Foi a America Latina que nos revelou as riquezas etnicas nos **Poemas indigenas** e nos **Chôros** de Heitor Villa-Lobos, brasileiro, conhecedor perfeito de seu pais, que ele explorou para colher os cantos dos autoctones. H. Villa-Lobos, conta-se, passou por aventuras. (...) Se na sua música há alguma "selvageria", ninguém melhor do que Villa-Lobos tem o direito de introduzi-la, e isso não nos espanta. Não se trata de um colorido sobreposto mais ou menos fielmente; é a propria cor da natureza. E isso não ilude a audição: esta musica é honesta. Não é descrita, mas é melhor do que isso. E permanecendo fiel a si mesmo que Villa-Lobos exprime a alma de seu país. Sua terra o inspira, mas ele não copia das suas notas de viagem, servilmente, a citação de que poderia necessitar. Considerou-se haver na sua orquestração uma influencia strawinskiana. E quem não as sofreu? O que lhe pertence, e marcado verdadeiramente com mão de mestre, é a virtuosidade da escrita de **Amazonas**, o livre desenvolvimento dos **Chôros**, a audácia dessa melopeia que ora desliza com suavidade, ora impetuosamente procede aos saltos, é a exuberancia, a exaltação ritmica, o poder furioso dessas páginas de orquestra e de côres (especialmente a orquestra dos **Chôros**, VIII e X), a fantasia das peças para piano, as **Miniaturas**, o colorido pitoresco de **Momo Precoce (Carnaval das Crianças)**, cintilante concerto para piano e orquestra, a sábia sobriedade de **Quinteto** para instrumento de sôpro, o espirito travesso da **Suite Sugestiva.**"

> *"Mas a presença de Mário de Andrade decisiva em todos os sentidos trazia para a música como fascinante objeto de estudo o germe da intelectualidade e da sistematização que a exuberante instintividade criadora de Villa-Lobos vinha solicitando"*

Aí está Villa-Lobos visto de fóra. E de dentro? Que opinião se fazia dele? Temos o testemunho do crítico Rodrigues Barboza (15):

"E deste último que vamos falar, para dizer muito resumidamente que Villa-Lobos é cerebração musical de exceção pelo seu carater de artista moderno, sincero e intransigente. É um criador para quem se abrem horizontes sempre novos de uma fecundidade fenomenal, com uma imensa bagagem quase desconhecida na sua maioria porque lhe faltam elementos para sua realização. Muito discutido, muito amado por uns, muito injuriado por outros, Villa-Lobos segue o seu caminho imperturbavelmente, com o risco nos labios e uma confiança inabalável na rota que escolheu para suas criações, algumas das quais lhe têm proporcionado triunfos que perduram. "(Na ocasião, o Congresso Nacional concedeu-lhe um subsidio de 40 contos de reis para apresentar suas obras na Europa.).

Da produção de Villa-Lobos, dada na íntegra em publicação especial **(16)** e-se constrangido a brevissima menção: **Bachianas Brasileiras, 14 Choros, mais um Choro Bis e Introdução aos Choros, 17 Quartetos**, peças em quarteto, **Sexteto, Místico, Noneto; 12 Sinfonias, Poemas Sinfônicos** e **Sinfônico-corais**; operas **Aglaia, Eliza, Izaht, A menina das nuvens, Magdalena**; piano solo: **Rudepoema, Saudade das Selvas Brasileiras**, numerosas suites infantís e abundantíssima produção para violão, conjuntos diversos, corais, etc.

Como se vê da sua produção, do seu temperamento e da universalidade dos seus interesses musicais, Villa-Lobos representa notavel contribuição para a evolução da música brasileira.

1. Com ele consolida-se definitivamente a ideia de "nacional", correspondente a uma concentuação que, ultrapassando os termos políticos já atingidos, alcança o nível cultural.

2. Sua linguagem é a de "um" artista. Mas este artista é, no seu momento, "o" artista brasileiro. Essa linguagem eclética, em grande parte asimilada da música erudita européia e dos seus representantes mais conspícuos, se alarga em vastíssima lexiologia sonora — há todo um estudo a fazer sobre a lingüística musical de Villa-Lobos e se enriquece com novos elementos de comunicação instrumental.

3. Abarca uma temática não menos ampla, haurida no ambiente, e se expande também em criações pessoais, originais: todo um mundo de expressão ainda não ouvida no país.

4. E por ser ele, como disse, não "um" músico, mas "o" músico brasileiro, sua produção representa legitimamente o que se entende por música brasileira, na sua época.

Em suma: a posse de um nacionalismo e de um idioma caracterizam, mediante Villa-Lobos, a música brasileira da primeira metade do séc. 20.

Villa-Lobos corresponde, portanto, a uma visão sintética da música brasileira, por ele sentida como uma totalidade, um movimento convergente no sentido do nacional", não obstante as peculiaridades dos diversos aspectos por ele tratados. Pressente-se na sua obra um sentido, se não de homogeneização — características pessoais existirão sempre — pelo menos de globalização do sentir brasileiro.

A linguagem musical brasileira, com que sonharam os que primeiro pensaram no assunto, parece ser uma impossibilidade, ainda não verificada em nenhum país e em nenhuma escola. A unidade idiomática é impossível por ser, em música, função de pessoas e não de "escolas", de temperamentos e não de gramáticas. De Mário de Andrade aprendemos a lição que tal unidade virá a ser, não liguística, mas cultural.

Por isso, lembremo-nos ter sido Villa-Lobos uma presença universalizante, generalizante, da idéia de brasilidade, de nacional. A sua pluralidade não é, porém, numeral, e sim prismática: há tantos Villa-Lobos quantos os aspectos individuais que sua música assume em cada caso, em cada época, em cada momento criador. Parece, depois, ao ouvinte, voltar-se sobre si mesmo, tornar à coesão vital do ser musical que ele foi, e deixar de ser plural para voltar a uma polivalente singularidade.

SEMANA, MARIO E MÚSICA

A segunda coisa muito importante que aconteceu de 1875 para cá foi a **Semana de Arte Moderna** de 1922, em São Paulo. Em termos musicais, ela foi a moldura para a grande figura de Mario de Andrade.

A **Semana**, cujas intenções e resultados são de sobejo conhecidos, envolveu diretamente a literatura e as artes plásticas. Na música, teve escassa influência na época. Não foi iniciativa de nenhum músico. Villa-Lobos, ao participar dela, já era moderno, "futurista" como se dizia pejorativamente. Na sua já numerosa produção avultaram várias **Sonatas** para celo e piano, violino e piano, **Trios, Quartetos, Vida Pura (Missa Oratório), Danças Africanas, Oteto (Dança Negra), óperas Aglaia, Eliza, Izath**, Rudepoema, as cinco Sinfonias: nº 1 **O Imprevisto**, nº 2 **Ascensão**, nº 3 **A Guerra**, nº 4 **A vitória**, nº 5 **A Paz**. Pequena a sua participação. Sua continuidade foi pessoal e não de grupo.

Mas, a presença de Mario de Andrade, decisiva em todos os sentidos, trazia para a musica, como fascinante objeto de estudo, o germe da intelectualidade e da sistematização que a exuberante instintividade criadora de Villa-Lobos vinha soliciabdo.

A partir daí, sistematiza Mario uma visão da música brasileira. Pesquisa tecnicamente, orienta estèticamente, e procura um denominador comum para a mutiplicidade de expressões, uma diretriz básica para a convulsão desencadeada por Villa-Lobos, e dá os primeiros passos na direção de uma formulação linguística geral, e não dialetal, para a música brasileira. E foi buscar na autenticidade popular os seus dados fundamentais. Surgiu daí o monumental **Ensaio sobre Música Brasileira** (17). O Prefácio é todo um plano de profunda pesquisa musicológica, genial exposição de métodos e, relativamente à extensão e conteúdo da pesquisa, algo absolutamente original. Diz o Mestre:

"O critério da música brasileira para a atualidade deve de existir em relação à atualidade. A atualidade brasileira se aplica aferradamente a nacionalizar a nossa manifestação. Coisa que pode ser feita e está sendo sem nenhuma xenofobia nem imperialismo. O critério histórico atual de Música Brasileira é o da manifestação musical que sendo feita por brasileiro ou indivíduo nacionalizado, reflete as características musicais da raça. Onde que estas estão? Na música popular."

Partindo daí, conceitua música popular e música artística, estuda o ritmo, em que avulta o problema da síncopa; a melodia, a polifonia, a instrumentação, a forma. Censura um pouco a incultura nacional, que regionaliza, a vaidade que individualiza, para observar:

"Todas estas constatações dolorosas me fazem matutar que será dificil ou pelo menos bem lerda a formação da escola musical brasileira. O lema do modernismo no Brasil foi **Nada de escolas!**... Coisa idiota. Como se o mal estivesse nas escolas e não nos discípulos..."

E seguem cerca de 120 documentos musicais agrupados em **Musica Socializada** (canto infantil, cantos de trabalho, danças, danças dramáticas, canto religioso, cantigas militares, cantigas de bebida, côcos) e **Música Individual** (estribilhos solistas ou corais, toadas, martelos, desafios, chulas, lundus e modinhas e pregões).

Este caminho da inteligencia quanto à música, seguiu-o Mario nas obras posteriores, citadas em outro lugar desta resenha e, juntamente com sua demais produção, foi objeto de acurada sistematização de Tele Porto A. Lopez **(18)**. A obra de Mario de Andrade constitui, ainda hoje, a única sistemática que possuimos sobre nossa música.

Assim, os frutos musicais da **Semana** irão surgir da sua obra litero-musical, e continuar graças ao que ele ensinou. O modernismo e a brasilidade da musica brasileira resultaram, por ação ou reação, da presença dinamizadora e exemplificadora de Villa-Lobos e normativa de Mario de Andrade.

PERSONALIZAÇÕES

Como aconteceu com o romantismo pós-beethoveniano, o brasileirismo de após Villa-Lobos vai individualizar-se, personalizar-se. A música brasileira, em Villa-Lobos, era o Brasil que via, que contemplava, que excitava.

Agora, parece invertida a posição: o Brasil é visto, os autores é que o vêem, cada um segundo sua propria sensibilidade, de acordo com suas preferências. De raio de luz, passa Villa-Lobos a ter função de prisma e os novos contempladores firmam-se como personalidades diversamente coloridas pela porção do maravilhoso espectro que atinge a cada um. Há, pois, um sentido divergente, raios partindo de um mesmo foco, tanto mais vivos quanto mais particularizados e intensificados. É um movimento centrífugo, sim, mas atuante em função das virtualidades cromáticas desse prisma — elemento unificador — que é a brasilidade. Ha pois construção e não destruição; uma como ramificação da criatividade e não o germinar de novas plantas independentes. Não se trata, porem, de submissão, mas de continuidade vital.

Assim, a singularização do pluralismo de Villa-Lobos veio com a ação de numerosos autores que, do mesmo ponto de vista, viram as coisas segundo seu enfoque pessoal. Singularizaram-se esses autores justamente porque Villa-Lobos havia desbravado o campo, explorado a terra, interpretado o homem e colhido os frutos virgens de um mundo musical inteiramente novo e original. Aos sucessores, o trabalho segundo a personalidade de cada um. Por isso, a relação que segue não tem sentido biográfico. Pretende ser uma descrição do evoluir da musica brasileira. As pessoas aí aparecem como suas causas eficientes, necessariamente envolvidas nas respectivas conotações psicossociais. Pela mesma razão, as produções mencionadas valem como ponto de referencia, sem nenhuma intenção catalogante. E a ausencia de muitos nomes de compositores se justifica pelo seu numero e pelo desejo de evitar-lhes a desconsideração que seria simplesmente mencioná-los em abreviada relação. Eles valem, porem, pelo que estão produzindo, e não pelo que se menciona aqui.

Francisco Mignone (S. Paulo 1897)

Sangue italiano, formação inicial em ambiente influenciado pela cultura itálica — cuja contribuição não deve ser subestimada — complementação na Italia, em Milão, centro operístico mundial, temperamento expansivo, voltado para o exterior, amigo do descritivo, do espetáculo. Senhor de uma dupla virtuosidade — a da tecnica de composição e a do seu revestimento sonoro pela orquestração — melodista de rica invenção, Francisco Mignone desenvolveu-se de modo algo dispersivo, ou melhor, numa sucessão de periodicas concentrações em óperas, poemas sinfônicas e bailados, canto de câmara, aproximações e afastamentos quanto à brasilidade da inspiração. Tudo isso faz de Mignone uma personalidade ainda difusa de quem considera o Brasil com olhos e ouvidos de turista musical. O brasileirismo, nele, ramifica-se segundo as varias ramificações encontradas pelo caminho, e se exprime por uma linguagem tambem versatil ou eclética — clássico, romantico ou moderno segundo as inspirações do momento — em evolução gradativa que acompanha as linguagens contemporâneas, da diatônico-tonal à cromática, atonal, dodecafônico-serial e aleatória — bitolada (em que pese a contradição dos termos) tudo sintetizado nas **Variações em busca de um Tema** (1972) para orquestra.

Essa personalização, como disse, embora difusa, não é restritiva nem limitadora, pois em cada um dos seus momentos criadores — nos quais predomina a feição romântica — ela se expande com generosidade e agrado, quer trate o elemento afro-brasileiro, a natureza amazônica, episódios da história patria, o homem brasileiro e sua religiosidade, visivel na produção de índole religiosa: **Missas, Festas das Igrejas**, etc. Mignone é como o mar que banha as costas, acaricia as praias, se encrespa por vezes em vagalhões — não lhe faltam momentos de grande intensidade emocional — e se acalma nas senseadas e recôncavos — sua lírica e suas **Valsas** são de um intimismo envolvente — sem penetrar, porém, muito a fundo terra a dentro.

Produção principal — orquestra: poemas sinfônicos — **Babaloxá, Batucajê, Festas das Igrejas, Quadros Amazônicos; Variações em busca de um Tema, Fantasias Brasileiras** para piano e orquestra, bailados **Maracatú de Chico Rei,**

8 — RENATO ALMEIDA — Historia da Música Brasileira (2ª ed. correta e aumentada, com 150 textos musicais F. Briguiet Cia. Editores Rio, 1942, pag. 419).

9 — ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO — Vida de Carlos Gomes (Editora A Noite, 1935, p. 179)

10 — Idem, p. 181

11 — Idem, p.190

12 — Idem, p.210

13 — CALDEIRA FILHO — O Nacionalismo de Villa-Lobos (in Presença de Villa-Lobos, 2º v, p. 33, ed. Museu Villa-Lobos, Rio, 1964).

te, desde 1967 apresentações de obras novas de compositores da Bahia. Desde 1969 realiza regularmente cursos e festivais de música nova. Esta foi apresentada pelo conjunto MUSICA NOVA UFBA na Bahia e, em 1969, apresentou-se em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em São Paulo realizou-se em janeiro de 1974 a I Bienal Internacional de Musica na Escola de Artes e Comunicação da USP, com programação diversificada, eclética, sem exclusivismos. Concertos, solistas conjuntos diversos foram ouvidos por numeroso público. A nota r a revelação de um **Trio** inédito de Camargo Guarnieri e a de um violonista de 10 anos, Tatsmobo Koto, que tocou no concerto de encerramento o 1º movimento de um **Concerto de Bach**. O Prof. Willy Correa de Oliveira realizou conferências sobre as possibilidades de uma nova semiotica musical, problema relevante para a música de vanguarda.

Entre os nomes mais em evidência citam-se Mario Ficarelli, Rogerio Duprat, Delamare Alvarenga, Damiano Cozzella, Ernesto Wdmer, Conrado Silva, Willy Correa de Oliveira, Gilberto Mendes, Julio Medaglia, os dois últimos com intenso trabalho de divulgação pela imprensa. Não estritamente vanguardistas: José Antonio de Almeida Prado e Marlos Nobre.

Note-se porém que a música de vanguarda representa, para o compositor brasileiro, uma volta aos padrões europeus, ou seja um recuo quanto à identidade nacional que nossa música vinha adquirindo mediante as personalizações — e todas as conotações nestas contidas — anteriormente assinaladas.

Mario Ficarelli

Paulista, figura entre os vanguardistas de real talento: procura expressão e não promoção. É original, verdadeiramente criador, e enriquece a atual composição brasileira em originalidade, técnica e artística, fundada num psicologismo que não abandona a música, por acentuar-lhe o valor sonoro intrínseco. Nele, o espírito de pesquisa não deturpou a produção de realidades estéticas.

Produção principal — **Cinco retratos de um tema** (orquestra de câmara) em que o autor explora a analogia entre fotografia e expressão musical, a qual pode ser aproveitada como sugestão de caráter expressivo para cada trecho e ainda como visão original da forma variação; **O Poço e o Pêndulo**, para narrador e 24 instrumentos de percussão, sobre conto de Edgard Allan Poe; **Tres Cantos** sobre poemas de E. Girão; **Os vazios do homem**, texto de João Cabral de Melo Neto, para côro a 4 vozes.

José Antonio de Almeida Prado

Nascido em Santos, 1943, estudou piano com Dinorá de Carvalho, harmonia e contraponto com Osvaldo Lacerda e composição com Camargo Guarnieri. Na Europa foi aluno de Nadia Boulanger (musicologia e análise) e de Oliver Messiaen (composição). Em 1967 obteve uma bolsa para especialização em Santiago de Compostela, Espanha, sob direção de Clemente Terni; em 1969, conquistou o 1º Prêmio no I Festival de Música Erudita da GB, com a peça **Pequenos Funerais Cantantes** para barítono, meio soprano, coro e orquestra; em 1972 recebeu o Premio Boston, nos Estados Unidos, concedido por um júri de que faziam parte A. Copland, Elliot, Carter, Walter Piston e Nadia Boulanger.

Com Camargo Guarnieri nutriu-se abundantemente de brasilidade. Com Nadia Boulanger fez severa revisão de seus conhecimentos e formou seu espírito em história, musicologia e análise. De Olivier Messiaen hauriu o conhecimento da linguagem musical desse mestre, das suas tendencias estéticas para o imaginativo, acentuado por associação extramusicais derivadas de sentimentos religiosos. Tudo isso concordava com o temperamento romântico e a extraordinaria sensibilidade emotiva de Almeida Prado.

Liberou-se gradualmente das preocupações nacionalistas a que Camargo Guarnieri permanecia fiel. *Quando Guarnieri apareceu para a* música, o processo nacional estava lançado e em pleno desenvolvimento. E quando Almeida Prado começou a compor, tal processo estava superado aos olhos da juventude, que pendia para a chamada musica de vanguarda. Assim, sua linguagem é inteiramente livre; causa uma impressão de vagueza, de indefinido e longinquo. Não obstante, suas obras são estruturadas; há nelas firma lógica interna, uso inédito do material sonoro, associação com a voz sempre original, de modo geral declamatório, com apoio em alguma idéia poemática ou literaria. Tende para a universalidade por ater-se ás essencias dos fatos estético e expressivos, e não à especificidade deles.

Almeida Prado é um jovem místico e sua obra apresenta-se como envolvida em uma aura de poesia e irrealidade em que a propria musica parece desvanecer-se nos cosmos, em um universo superior, harmonizado e harmonioso.

Os contatos de Almeida Pradocom avançados setores composicionais da Europa e Estados Unidos, longe de desorienta-lo, acentuaram-lhe a personalidade, ofereceram-lhe recursos que ele assimilou e aproveitou com originalidade, mostrando-se um verdadeiro criador.

Assim, desnecessitado de qualquer dado material, a música se personaliza nele para revelar o lado saudoso, fantasioso, sentimental mesmo, da psique brasileira, o que não é invalidado pela extrema atualidade da linguagem e dos modos e meios de realização. É um romântico, mas nunca um anacrônico.

Produção principal — piano: **Variações sobre Xangô, Suite n. 1, Variações sobre um tema do Rio Grande do Norte, 3 Sonatas, Variações-Recitativo-Fuga**; instrumentos diversos: **Variações, Toada, Canto Elegiaco, Cantus Creationis**; instrumentos e vozes: **Liber Genesis, Missa da Paz, Paixão segundo São Marcos**, oratorio **Trajetoria da Luz**, oratorio **Villegagnon** ou **Les isles fortunées**, poema de Henri Doublier, dividido em 11 cantos, para solista, coro e orquestra, dado em Provins, cidade natal de Villegagnon (4º centenario do almirante) e em Chartres; **Pequenos Funerais Cantantes, Paixão segundo São João, Letter from Patmos Lettre de Jerusalem**; orquestra: **Estações**.

Marlos Nobre — (1939)

O valor de Marlos Nobre se justifica pelo relevo que trouxe à posição do compositor brasileiro em nossos dias. Esta consiste em ser atual quanto aos meios de expressão e realização, e manter, nesse espirito de modernidade, o espirito brasileiro, o carater que distingue nossa arte da dos outros povos. É uma arte compósita e complexa, já em pleno nivel cultural, acima das citações objetivas (temas, folclores, etc.,), refletindo o amálgama étnico e cultural que é o povo brasileiro, e a sensibilidade artística que lhe vem possibilitando expressões definitivas nos diversos ramos.

Aí reside a significação maior de Marlos Nobre que nos últimos anos pôs em música o Brasil de hoje, com uma obra relevante em que a tendencia vanguardista não sufoca, antes exalta, os apelos nativistas, a qual pode ainda vir a adquirir maior profundidade, maior extensão e consequentemente, maior projeção internacional.

A música de Marlos Nobre é direta, incisiva. Não tem vaguezas nem alusões, e sim indicações nítidas, realistas. É rica em sugestões, é certo, mas mais dramáticas do que poéticas, mais telúricas do que cósmicas, solidamente plantada no solo artistico e dele brotando com generosidade, comunicabilidade, fantasia e rico poder criador

Deixemo-lo expor, ele proprio, suas ideias (carta a Caldeira Filho, Rio, 28.12.71).

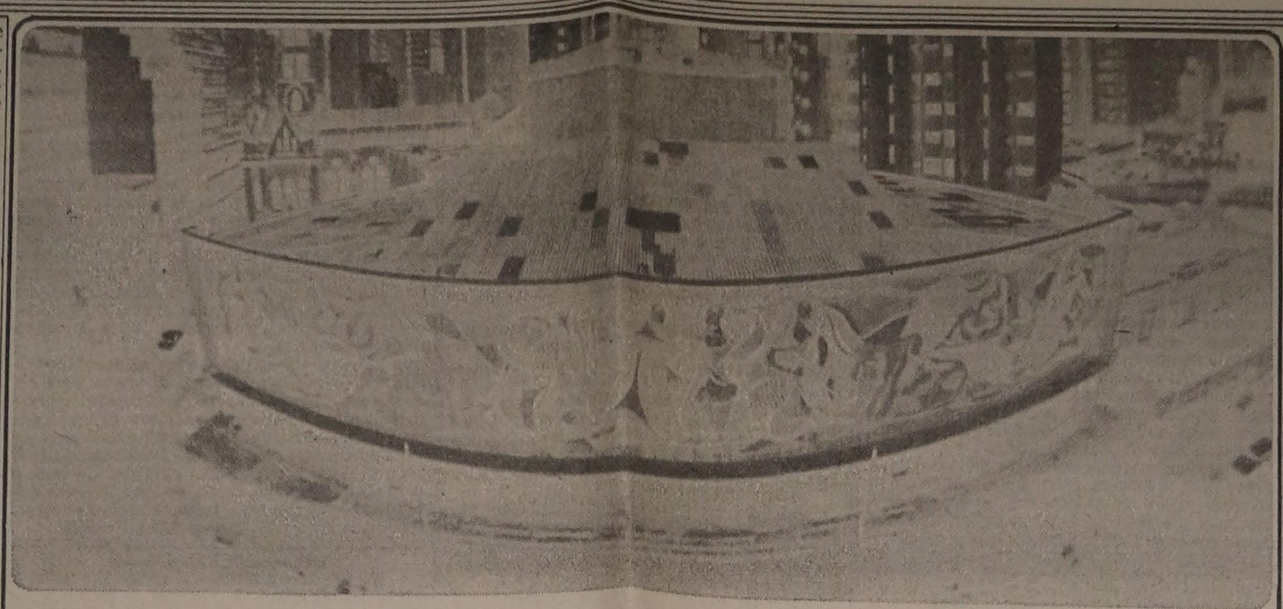
"Penso que o compositor brasileiro, com sua formação musical e **sonora** feita no Brasil, tem de necessariamente, escrever **diferente** de um europeu, por exemplo. Agora, o que eu penso tambem, é que nem sempre o **brasileiro** é o tema folclorico, o ritmo diretamente popular, as características típicas de certos giros melódicos com Pe. Jaime Diniz, Camargo Guarnieri, R. Breghenti (música sacra); bolsista no Instituto Torquato di Tella, Buenos Aires, onde estudou com autores em evidência na música contemporanea. Menção honrosa e posteriormente e harmônicos populares. Eu penso que folclore é um dos aspectos do Brasil. Brasil é isso e mais alguma coisa. Eu por exemplo, nasci numa cidade como o Recife, onde passei a infancia e adolescencia. Na porta de minha casa desfilavam caboclinhos (sic), Mascates, Frevos e mil folguedos populares e folclores que me fascinavam. Por outro lado, e ao mesmo tempo, o meu piano me nutria de Chopin, Bach, Beethoven, etc.; meu Radio, de canções populares brasileiras e estrangeiras da época; meu toca-discos, de sinfonias clássicas, românticas e obras modernas. Eu ouvi "Sagração da Primavera" aos 12 anos de idade, em meu quarto. Eu sabia de cor "Petruchka" com 14 anos! Aí é que eu acho que o Brasil é tudo isso, nossa cultura não é "limpa", é uma grande mescla. E nossa força, nossa sorte, é isso. Isso é que é o Brasil, eu penso.

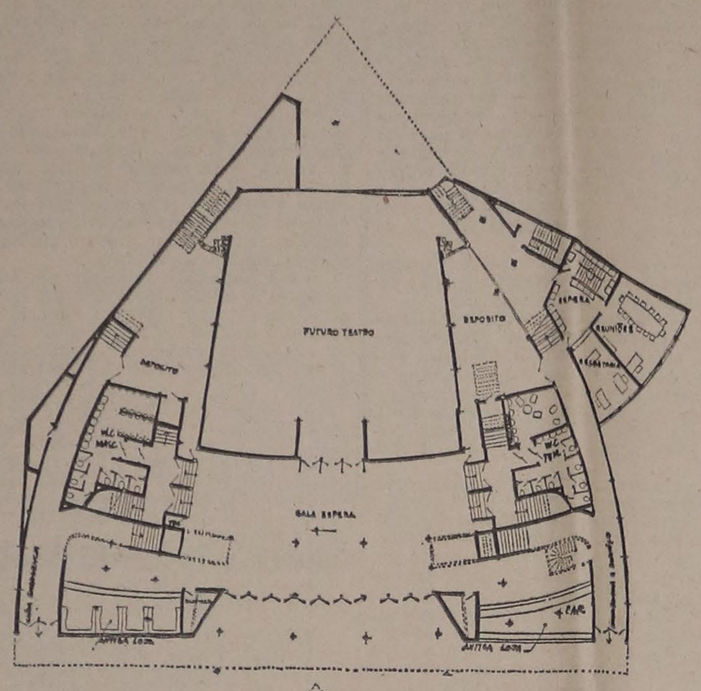
E isso que eu quero que seja minha musica atual: um jorro filtrado das mil e uma reminiscencias e sonoridades que enchem o meu cerebro e meu coração. Por isso é que eu acho o "vanguardista" brasileiro que **copia** os processos europeus importados, assim sem mais nem menos, eu acho meio bobo e não representativo. É um alienado, uma cabeça sem pés no chão. Tambem o "nacionalista" que não quer nem ouvir uma peça de Stockhausen, Boulez, Kagel, Cage, etc., com medo de perturbar a pureza "nacional" (?). Eu acho que sou como uma esponja e nisso sou brasileiro e é essa problemática que me atrai, fascina e estimula."

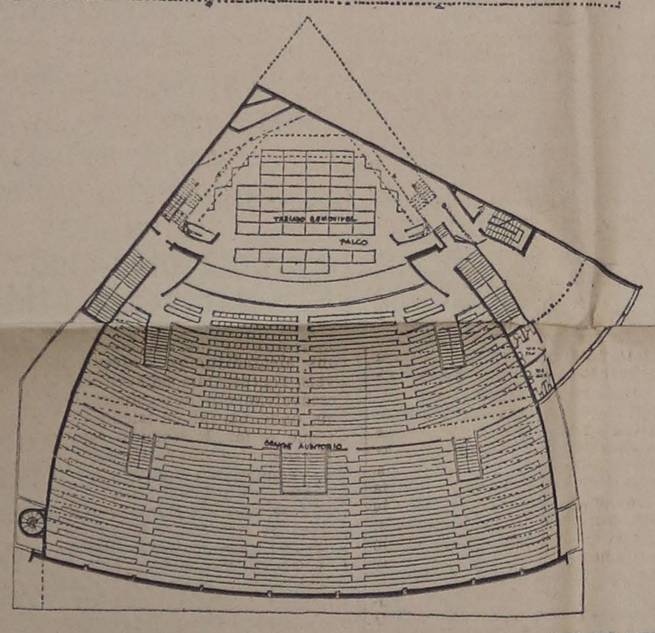
Representativas desse ponto de vista são principalmente suas peças **Rhythmetron** e a cantata **Ukrinmakrinkrin**, baseadas na vida de grupos sociais primitivos do Brasil.

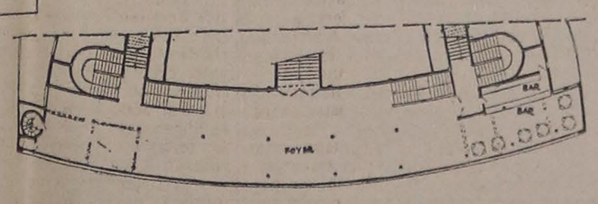
Marlos Nobre nasceu no Recife. Estudou 1º Premio nos Concursos de Composição da Guanabara; 1º Premio no Concurso de Composição Sinfônica "Ernesto Nazareth" com **Divertimento** para piano e orquestra; premio Student Composer Award, N.Y., Delegado apresentador do Brasil na Tribuna Internacional dos Compositores, UNESCO, Paris.

Produção principal — orquestra: **Mosaico, Rhythmetron** (para percussão) **Canticum Instrumentalis** (flauta, harpa, piano, timpanos), **Ludus Instrumentalis** (orq. de câmara), **Biosfera** (orq. de cordas), **Tropicale, In Memoriam**; solista e orquestra: **Concerto Breve**, piano e orqu.; **Ukrinmakrinkrin**, cantata para soprano, sopros e piano; **Variações ritmicas**, piano e percussão; **Canto Multiplicado**, soprano, solo e quinteto de cordas; **Sonancias**, piano e percussão; m. de câmara: **Quarteto de cordas**.









SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

"No quadro artístico da nossa "belle époque", nas primeiras décadas de 1900, rico de temporadas completas de arte cênica e de bel canto, surgiu em 1912 a Sociedade de Cultura Artística, conservada e fundada na redação de "O Estado de S. Paulo" como grêmio afim de tais atividades. (...) Em 1950 a "Cultura" inaugurava sua imponente sede própria, o Teatro Cultura Artística à rua Nestor Pestana, com um grande auditório realmente grande, e o pequeno auditório no subsolo, com um recital que teve a participação de Camargo Guarnieri, . Madalena Lebeis e Villa Lobos (...) A Esther Mesquita, que durante trinta anos foi presidente da entidade, deve a cidade de São Paulo um dos seus melhores teatros". O teatro, que esteve arrendado por algum tempo sofre agora uma reforma em suas salas de espetáculos e no painel frontispício de autoria de Di Cavalcanti.

Ernst Widmer (1927), Professor Adjunto de Musica e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, compositor com estudos feitos no Konservatorium Zuerich, apresentam a modernidade do estilo contemporaneo nas suas peças **Ludus Brasiliensis** (5 vs., Ricordi, 1968); **Concerto de Camara** para violino e orquestra de cordas (L966, Pegasus, Wilhelmshaven); **Rondo Mobile** (Gerig, 1973, Koln); **Rumos** op. 72 (ed. propria 1972), e outras mais.

Esta situação — desvinculação dos artistas relativamente a escolas e sistemas, com a conseqüência necessária das soluções pessoais — foi também assinalada quanto ao Chile pelo compositor chileno Jorge Arriagada, atualmente diretor musical do "American Center for Students and Artists", de Paris (21). Tendo se declarado atetado a principio pelo peso da cultura francesa, a qual, segundo ele, leva mais a especular do que a criar, "refugiei-me em minha cultura de origem e em uma evolução pessoal. Devo esclarecer, não obstante, que não quero dizer com isto que tenha regressado ao folclórico, porque essa não é a solução. Devemos encontrar o caminho entre nossa cultura europeizada e a sociedade em que nascemos; trata-se porém de uma intuição que nada tem a ver com o meio social nem com técnicas determinadas, todas são boas para exprimir o que se quer dizer. Quero acrescentar, ainda, para responder a algumas perguntas feitas por compositores chilenos sobre uma linguagem nova e própria que corresponda ou esteja mais ligada à nossa cultura, aos problemas sociais ou às estruturas que pretende modificar, que é necessário sejam os próprios compositores os que devem procurar e crear essa linguagem nova."

Os novos encontram a maneira moderna, atual, condicionada aos tempos novos que vivemos, e também sempre a afirmação de personalidades, temperamentos, etc.

Assim, o caminho da personalização é o que vem sendo trilhado pelos compositores brasileiros. E como este brasileirismo tende a persistir, não obstante as circunstâncias apontadas, principalmente a volta à linguagem européia, da qual começamos a nos afastar com Villa-Lobos, ela irá determinar, na atualidade e no futuro próximo, um movimento convergente para o foco original. O espectro cromático engendrado pelo prisma Villa-Lobos virá, talvez, a recompor-se, em outros termos, necessariamente, e com outros aspectos, mas, também necessariamente, unificando espiritualmente suas personalizações criadoras.

21 — REVISTA MUSICAL CHILENA — (ns. 121.122 — jan. junho 1973 p. 123)

A imagem aparentemente fragmentada do Brasil musical de hoje vai se recompondo no sentido inicial de Villa-Lobos. Mignone parece o Brasil litoraneo e Camargo Guarnieri o planalto altivo do bandeirismo. Aquele muito urbano, este por momentos bastante acaipirado. Marlos Nobre revive o primitivismo de certos grupos sociais do Nordeste e Bruno Kiefer canta no Sul os seus **Madrigais Gaúchos**. A. Theodoro Nogueira exalta o caipira e sua viola, enquanto Almeida Prado, no oratório **Villegagnon**, resume a brasilidade nativa na sua originalidade mais pura.

Por isso, e voltando a citar-me: "Ao mundo de hoje oferecemos, pela nossa musica, um lirismo temperamental, uma musica que é mais sentimento e menos construção ou tecnologia; forte e individual poder criador, crescente afirmação de linguagem própria, atualidade estética, liberdade de inspiração e tendência crescente para intensificação dessa liberdade num sentido de larguissima compreensão humana." (Apreciação, p.36).

VIDA E EDUCAÇÃO SONORAS

A existência de numerosas universidades, com a musica colocada em nivel superior; a criação de faculdades de música, de educação artística, conservatórios, escolas de arte, grande difusão do ensino particular, cursos diversos, concursos e encontros — tudo denuncia hoje inegável dinamismo. É surpreendente, na realidade, e todavia nos parece normal, e mesmo insuficiente.

Também a vida musical — concertos numerosos de todos os gêneros, valiosas manifestações de talento em composição e interpretação — parece já habitual e rotineira, e também insuficiente.

E vimos verificando que a vida musical — concertos e congeneres — e a educação musical — escolas, ensino particular, audições, etc., — vivem hoje em constante interpenetração. Vida e educação, na realidade, são uma só coisa, e em música não poderia ser de outro modo. Serão pois tratadas simultaneamente nesta resenha. Seus agentes, inseparáveis e polivalentes, deram às respectivas atividades uma eficacia a um tempo diversificada e fecunda.

Mas, que havia por volta de 1875?

NA CÔRTE

O panorama artistico, embora de carater provinciano, não era sombrio, bem ao contrario. A vida musical continuava brilhante, seguindo, nesse final de século, a tradição já instalada na Capital e nas principais cidades de provincia: concertos, visita de virtuoses eminentes, excelentes temporadas líricas e teatrais, atividade local intensa com os meios de que então se dispunha: orquestras de profissionais ou de amadores, recitais de artistas de varios generos, cantores, pianistas, violinistas, apresentação de alunos dos bons professores, etc.

O celebérrimo pianista norte-americano Louis Moreau Gottschalk (1829-1869), a quem Chopin ouviu em Paris em 1845 (22) e de quem disse: "ele poderia ser o rei dos pianistas", chegou ao Rio em 1869, onde faleceu após poucos meses de residencia. Recebido triunfalmente pela Corte, nobreza e público, compôs então a **Grande Fantaisie Triomphale sur l'Hymne National Brésilien**, dediée à Son Altesse Impériale Madame la Comtesse d'Eu." Esta peça, além de provar subsidiariamente que a musica de Francisco Manuel era já considerada o símbolo sonoro da Pátria, marca uma das faces do gosto reinante: brilho, virtuosidade, deslumbramento, fogo de artifício, enfim, mas muito bem feita e de inegavel valor artístico. Seus a cordes grandiosos não chegavam porém, a perturbar as súplicas das virgens nem os ultimos adeuses ao piano. O primado pianístico firmava-se definitivamente.

Além das sociedades já existentes, contam-se ainda o Clube Beethoven, a Sociedade de Concertos Clássicos. São Paulo, pelos méritos de Alexandre Levy, abre as portas do seu Clube Haydn. Começam a ser regulares os concertos sinfonicos e os de musica de câmara.

O Governo da República continuou a conceder bolsas de estudo na Europa, de que se beneficiaram, entre outros, Francisco Braga e Alberto Nepomuceno. Nas outras capitais, Salvador, Recife, Porto Alegre, Curitiba e cidades de maior importancia, fazia-se musica com frequencia, sendo habitual a apresentação de autores clássicos e românticos, e um ou outro autor nacional.

NO PARÁ

No longinquo Pará fazia-se música com relativa intensidade. Vicente Salles (23) informa a inauguração, em Belém, do Teatro da Paz, a 13.2.1878, tres anos após a fundação deste jornal. O fato constituiu o início do periodo de maior esplendor artistico do grande Estado do Norte. Nele centralizou-se o principal das realizações artísticas, e ali dançou Ana Pavlova em 1918. Desenvolveu-se a música sinfônica e o Teatro da Paz trouxe para Belém notavel florescimento da ópera. Brilhavam as tradicionais temporadas de companhias liricas estrangeiras e orquestras foram fundadas entre 1880 e 1908 aproximadamente. O movimento levou á criação de um Conservatorio de Música, no governo Lauro Sodré, e a direção foi confiada a Carlos Gomes, em 1895. O ilustre compositor pouco sobreviveu á sua posse, vindo a falecer naquela cidade a 16.9.1896. Em sua homenagem o estabelecimento passou a ser denominado Instituto Carlos Gomes.

Entre os compositores paraenses citam-se Henrique Gurjão (1834-1886); José Candido Gama Malcher (1853-1921); Alipio Cesar (1871-1925); Antonio Cirilo Silva (1875-1932); A. Iberê de Lemos (1901-1967) e B. Belarmino da Costa (1907).

Esse quadro, em tudo esplendido, é hoje uma saudade. Nasceu e declinou com o fastigio econômico trazido pela valorização da borracha.

NO RIO GRANDE DO SUL

De extremo a extremo. Alentado artigo de Enio de Freitas e Castro (24) nos fala da música no Rio Grande do Sul. Cita seus primeiros compositores, José de Araujo Viana (1871-1916) e Murilo Furtado (1873) que, á data do artigo, ainda vivia no Rio de Janeiro contando 87 anos. Foi este o autor da primeira ópera rio-grandense, intitulada **Sandro** (1902); aqueles produziu **Carmela** e **Rei Galaor**. Em 1918 organizou-se na Capital um "Conservatorio de tipo similar aos estabelecimentos europeus. "O compositor Assuero Garritano (S. Paulo 1889, Rio 1955), informa o articulista, viveu no Estado sulino de 1924 a 1935, onde lecionou no Instituto de Belas Artes e suas relações com a música do Rio Grande do Sul estão bem nítidas nesse grupo de canções intitulado **Quatro Poemas do Sul**, que compreendem **Prenda minha, Cantiga, Coxilha** e **La carreta**. Outro nome a citar é o de Radamés Gnátalli, já referido, e Luis Cosme, "o nosso mais representativo regionalista na composição musical".

EM SÃO PAULO

No quadro artístico da nossa "belle époque", primeiras décadas de 1900, rica de temporadas completas de arte cênica e de bel canto, com o Teatro Municipal inaugurado em 1911, apresentação de elencos completos de teatro falado e de operas italianas, francesas, alemãs, operetas, revistas, bailados, grupos de câmara — surgiu em 1912 a Sociedade de Cultura Artística, conservada e fundada na redação de "O Estado de S. Paulo", como gremio afim a tais atividades.

Seria, de inicio, a novel entidade, uma sociedade de música de câmara. Seu primeiro presidente foi o Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, cujo mandato renovou-se ininterruptamente até á morte, em 1920. Compunham a primeira diretoria, ao lado do presidente: Frederico Vergueiro Steidel, vice-presidente; Nestor Rangel Pestana, 1º secretario; Roberto Moreira, 2º secretario, e José de Mello Abreu, tesoureiro.

Interessante, sem dúvida, assinalar o 1º sarau, realizado a 26 de setembro de 1912, no Salão do Conservatorio Dramático e Musical de São Paulo, obediente ao seguinte prggrama: I — Discurso de Roberto Moreira, em nome da Diretoria; II — Conferencia de Amadeu Amaral "Raimundo Correa, sua vida, sua obra, sua arte". III — Concerto musical organizado e dirigido por João Gomes de Araujo — 1. Chopin, Estudo; Sauer, Murmures du vent, Nair Medeiros. 2. Ponchielli, Aria de Marion de Lorme; João Gomes, Aria de Edméa. Branca Giuliudori. 3. João Gomes, Minueto de Maria Petrowna; Itiberê, Sertaneja, Esther Pacheco. 4. Sinding, Marche grotesque; A. Levy, Valse Caprice. Maria Eugenia Cunto. 5. João Gomes — Mi sento morire, Romance; Carlos Gomes, Ciel di Parahyba, Alice Fischer. 6. Oswald, Il neige; Sgambatti, Etude melodique, Nair Medeiros. 7. J. Raff, Buona Notte, Branca Giuliodori. Miquelina Gualtieri. Eolio Erminio, Rosa Abrantes, Rosa Pimenta, Celia e Vitalina Rezende, Josephina e Noemia Buggiani, Maria Bittencourt e Nathalia Monte Santi.

Em 1950 a Cultura inaugurava sua imponente sede propria, o Teatro Cultura Artística, à rua Nestor Pestana, com um grande auditório, realmente grande, e o pequeno, pequeno mesmo, no sub-solo. Camargo Guarnieri com a cantora Madalena Lebeis, e Villa-Lobos dividiram-se o seguinte programa: Camargo Guarnieri: **Sinfonia n. 2**, 1945, Premio Reichoold, 1a. audição; **Saudade Indefinida**, poema de Suzana de Campos, 1a. audição, dedicada á solista Madalena Lebeis; a **Serra do Rola Moça**, canto e orquestra, poema de Mario de Andrade, 1a. audição: **Antianti e — Tapejara**, poema extraido de **Macunaima** de Mario de Andrade, 1a. audição, canto Madalena Lebeis, regente o Autor. Villa-Lobos: **Bachianas Brasileiras n. 8**, 1a. audição, e **Chôros nl. 6**, regente, o Autor.

Em 1962 celebrava a Cultura meio século de existência, com um recital Magda Tagliaferro. Era esse o seu 838o. sarau (hoje, "apresentação"). A Sociedade evoluira muito, acompanhando o desenvolvimento paulistano. Ampliara o quadro de suas atividades e concentrara-se nacional na música. Apresentando o que de melhor se podia trazer do exterior — celebridades muitas se exibiram em seus concertos — e encontrar no País — pois seu lema foi sempre prestigiar valores autênticos — a Cultura veio a ser o termômetro indicador da temperatura artística de São Paulo, e ela o manteve sempre em graus muito altos.

22 — RENATO ALMEIDA — op. cit. p. 393.

23 — VICENTE SALLES — Quatro séculos de Música no Pará (in Revista Brasileira de Cultura MEC-CFC n. 21969).

24 — ENIO DE FREITAS E CASTRO — (in Jornal do Comercio, Rio, 30.7, 6.8 e 13.8.1961)

Leilão; operas **Inocente, Contratador de Diamantes**; missas, oratórios, numerosa produção para piano (**Valsas de Esquina, Lendas Brasileiras**) canto e piano, obras de câmara.

Camargo Guarnieri (Tietê, SP, 1907)

Em Camargo Guarnieri encontra-se uma personalização mais particularizada do sentir como brasileiro. É músico de serra acima, pontuado na angulação da temática quando em movimento rápido, **Abertura Concertante**, por exemplo. Paralelamente, momentos do mais terno lirismo nas suas melodias, que dão indescritível sensação de distância, de infinidade, tais os temas dos seus movimentos lentos: ha também lagos tranqüilos nas alturas.

Foi aluno de Lamberto Baldi e Sá Pereira. Importante a influencia nele exercida por Mario de Andrade. Na Europa, estudou com Ruhlmann e Koechlin; é detentor de numerosos e importantes premios internacionais. Seu magisterio — é o único a manter uma escola de composição para preservar nos artistas a consciencia da realidade nacional — tem produzido frutos significativos. Entre seus alunos citam-se Arlette Marcondes Machado, Silvio Luciano de Campos, Osvaldo Lacerda, G. Olivier Toni, A. Theodoro Nogueira, Sergio O. de Vasconcelos Correa, Lina Pires de Campos, Marlos Nobre, José Antonio de Almeida Prado.

Sua musicalidade recusa o descritivo, o poema sinfônico e congêneres. É voltado para a musica pura e na sua composição duas características sobressaem: a economia da invenção pela concisão dos temas, e a da estruturação, pela preocupação com a forma. Essa economia — quero dizer: adequada distribuição e emprego dos meios de expressão, ideias e linguagem inclusive — faz, como já se disse, que sua música pareça "enxuta", generosa com equilibrio, comunicativa sem prolixidade, afirmativa mas desnecessitada de demonstrações. Fiel ao som temperado e à harmonia tradicional nos seus aspectos mais livres, sua linguagem corresponde à livre expansão e atualização do tonalismo-harmônico na liberdade de intenções expressivas que atualmente vem assumindo.

Como compositor, apareceu quando a problemática nacionalista estava definitivamente resolvida. Tinha 15 anos em 1922. Encontrou o campo limpo de ideias confusas, trabalhado pela dinamica criadora de Villa-Lobos e pela lucidez genial de Mario de Andrade. Acordou já no seu ambiente pessoal autêntico, como se tivesse uma diretriz traçada de antemão, e a ela vem sendo fiel sem desvios nem "pesquisas". A criatividade evolue nele como cresce uma palmeira: retilinea na sua inflexivel verticalidade. E quanto "gogó de ema" se tem visto por aí...

Esse perfil é também nitidamente brasileiro, com base na ambientação local, quer nordestina, quer acentuadamente paulista, aproximado com igual amor das emboladas e dos cantos caipiras, Camargo Guarnieri firmou de modo inabalável sua reputação de compositor. Dele disse Francisco Mignone (19):

"As experiências músicais são como piadas: só têm valor quando ouvidas pela primeira vez. Infelizmente, algumas obras da atualidade não passam de piadas inócuas e inconseqüentes. No Brasil, felizmente, temos figuras no campo musical que não são atraídas por essa mania de ser excêntrico ou totalmente novo. Precisamente, quero referir-me a Camargo Guarnieri, indiscutivelmente o músico mais perfeito que tivemos até hoje. Se Villa-Lobos é o grande genio musical das Américas, podemos dizer que, do ponto de vista do equilibrio e realização, Camargo Guarnieri é o maior músico de todas as Américas."

Guardo, de 1953, o registro seguinte: "Para mim, o que Camargo Guarnieri exprime melhor é o saudoso, o nostálgico, que nos fica como resíduo da fusão das três raças tristes. São esses trechos, os trechos lentos das suas formas ternárias, os que mais me agradam: expressão, enfim, da colha do "sentimento" de saudade, de volta a um passado emotivo irreal mas fortemente solicitador para a nossa imaginação. Parece mesmo que os trechos inicial e final, naquelas obras, foram escritos tendo em vista unicamente enquadrar, para efeito de contraste e realce, o momento lírico central." Parece-me continuar válida, hoje, tal impressão.

Produção principal — orquestra: **Encantamento, Abertura Concertante, Sinfonias, Suite IV Centenario, Sequência, Coral e Ricercare**; orquestra de câmara; diversas obras; solista e orquestra: **Choros, Concertos** de piano e de violino, cantatas **Seca e Caso do Vestido**; música de câmara: **Quartetos, Sonatas** para varios instrumentos; abundante produção para piano, inclusive os **50 Ponteios**, canto, córos, etc.

Souza Lima (1898)

Foi inicialmente consagrado virtuose do piano, depois ativo regente e afinal revelou-se como compositor. Insere-se na corrente nacionalista. A linguagem tende para o modernismo pela liberdade em relação ao tonalismo estrito, às modulações, à utilização expressiva do timbre e ainda pelo espírito romântico e poemático de varias obras. Ultrapassou mesmo o espírito nacionalista com sua última produção de relêvo, o **Concerto para piano e orquestra** (1972). Aqui ele adota o principio da economia composicional, fazendo que a obra, dividida em **Allegro energico, Scherzo e Allegro rude**, derive de pequeno e enérgico motivo, gerador do dinamismo e da expressão geral que o caracteriza. "A obra é atual por varias razões, tais o modernismo da linguagem, a preponderância criadora da estruturação sobre a substância e, principalmente, por refletir a inquietação romântica fundamentalmente presente mesmo nas obras avançadas da chamada vanguarda." (20).

Assim, com os autores já mencionados, a sua personalização do brasileirismo pós-Villa-Lobos marca-se pela tendência a ir além dos dados étnicos e folclóricos, poemáticos e descritivos, para colocá-lo em nível simplesmente cultural, não limitado por regionalismos e com trânsito facilitado para a grande corrente da música universal.

"Cesar Guerra Peixe a princípio ligado ao dodecafonismo procurou extrair do populário nacional a essência musical que lhe servisse a criatividade e atualidade idiomática"

14 — RENE DUMESNIL — La musique contemporaine en France (Libr. Armand Collin, Paris, 1930, Tome I, cap. V, p. 99, "Les influences étrangères").
15 — RODRIGUES BARBOZA — Um século de Música (in "O Estado de S. Paulo" 19.9.1922)
16 — MUSEU VILLA-LOBOS — Villa-Lobos, sua obra (Rio, 1965).
17 — MARIO DE ANDRADE (v. nota 2)
18 — TELÊ PORTO A. LOPEZ — Cronologia Geral da obra de Mario de Andrade (in Boletim Bibliográfico, número especial, da Biblioteca Municipal Mario de Andrade S. Paulo fev. 1970)
19 — FRANCISCO MIGNONE — (entrevista para "O Estado de S. Paulo" 17.9.72)
20 — CALDEIRA FILHO — (crítica em "O Estado de S. Paulo" 4.6.72)

Produção principal — poemas sinfônicos: **O Rei Mameluco, Poema das Americas** (1a. Menção Honrosa no concurso sinfônico Henry Reichold, nos Estados Unidos; bailados: **Fantasia Brasileira e Lendas Brasileiras** para a peça D. Branca de Alfredo Mesquita; musica de câmara: **Sonata** para violino e piano, **Trio, Quarteto**, córos e numerosas peças para piano e para canto.

Oscar Lorenzo Fernandez (1897-1948)

Encontramos aqui a problemática nacional considerada por um artista fino, impregnado de delicadeza pessoal e criadora, aristocrático mesmo, sem concessões nenhumas de ordem pura ou menos musical. Esta feição enriquece sobremaneira um aspecto da produção nacional: a do canto de câmara, cultivado com menos freqüência do que outros generos, e por isso ainda não possuidor de características marcantes. Nesse setor Lorenzo Fernandez deixou uma obra modelar pelo espirito e pela forma, em que a ternura e a sentimentalidade do brasileiro se exprimem com particular felicidade.

Pelo seu modo de cultivar a música pura, a a de feição poemática, a sinfonia e mesmo a ópera, além de concertos para solistas e orquestra, corais, etc., e associando temas indígenas e africanos aos de sua própria invenção, a música brasileira teve nele uma interpretação bastante pessoal pelo temperamento e pelo requinte da realização, sem desprezo porém pelos momentos de grandiosidade nem perda do poder de comunicação.

"Oswaldo Lacerda estudou com Camargo Guarnieri firmando desde logo um espírito de brasilidade que não o abandonou mas vem evoluindo gradativa e organicamente num sentido de maior liderança pessoal e idiomática, da linguagem tradicional para a moderna do formalismo para liberdade de estruturação"

Produção principal — opera **Malazarte**, libreto de Graça Aranha, em versão italiana de Salvatore Ruberti; orquestra: bailados **Amaya**, (incaico), **Suite Sinfônica** sobre três temas populares brasileiros, **Imbapara** (poema amerindio), suite **Reisado do Pastoreio**, suite de **Malazarte, 2 Sinfonias** (a 2a. inspirada no poema de Bilac "O caçador de esmeraldas"), **Concertos** para piano e orquestra e para violino e orquestra, **Variações sinfonicas** para piano e orquestra; musica de câmara: **1º e 2º Trios** (este o **Trio Brasileiro**) **2 Quartetos**, obras corais, pianísticas, e para canto e piano.

Luciano Gallet (1893-1931)

Inquieto na procura dos elementos constituintes do nacionalismo, de uma linguagem e de um sistema compsicional próprios, foi amoroso pesquisador do folclore nacional. Sentiu-se por isso mais à vontade na música para canto e só mais tarde compôs música instrumental pura. A morte prematura não lhe permitiu desenvolver as idéias nem a criação. Ficou porém como mais uma personalização do brasileirismo: a criação baseada em pesquisa própria e imediatamente interpretada em termos estéticos. Para o seu livro **Estudos de Folclore** (Carlos Wehrs, Rio, 1934) Mario de Andrade escreveu nutridíssima **Introdução.**

Produção principal — orquestra: **Tango-Batuque, Moderato, Allegro**; música de câmara: **Turuna**, suite para 4 instrumentos, **Suite popular, Suite sobre temas brasileiros**; demais produção para piano a 2 e 4 mãos, canto e piano, música sacra, coros.

Radamés Gnátalli (1906)

Pianista e compositor, seguiu a trilha dos seus contemporâneos: interesse nacionalista, uso de temas, formas e instrumentos populares, e progressiva elaboração deles no sentido de uma expressão pessoal. Paralelamente, gradual afastamento da linguagem romântica na direção de outra mais moderna, viva e brilhante, sem que todavia cause impressão de agressividade, nem de moderno pelo moderno. É consciente quanto às próprias intenções, e a disciplina formal se depura à medida que avança sua produção. E, como a maioria dos autores nacionais, a brasilidade persiste na nostalgia dos trechos lentos e expressivos.

Produção principal — orquestra: **Brasiliana, Suite para pequena orquestra, Fantasia Brasileira** (piano e orquestra), **Concertos** para piano e orquestra, violoncelo e orquestra, harpa e orquestra, gaita de boca e orquestra, **Poema** para violino e orquestra; produção pianística; música de câmara: **Trio, Trio Miniatura, Quarteto Popular, 2 Quartetos, 4 Quadros de Jan Zach, Suite** (quarteto com piano).

Dinorá de Carvalho

Pianista e compositora, Dinorá de Carvalho começou com pequenas peças características, de índole nacional, variadas quanto aos meios de realização. Ampliou depois a sua composição num sentido múltiplo: reformulação da temática popular em feição pessoal, procura de uma linguagem progressivamente moderna e afinal completa autonomia composicional, de que é exemplo o **Salmo XXII do Rei Davi**, para barítono e 6 instrumentos.

Em referência a um concerto de suas obras, observei o seguinte ("O Estado de S. Paulo"), 16.11.71) "O programa foi uma demonstração da linha de evolução da Dinorá de Carvalho, na **Suite Brasileira** (celo e piano, 1948), a elaboração é feita por sucessivas exposições da melodia, pelo jogo das apojaturas e suavização expressiva do ritmo sincopado, por aparecer em andamento lento, tudo apoiado na linguagem tradicional do tonalismo harmônico, elemento análogo ao figurativismo das artes plásticas. Nas 4 peças da **Suite para piano** (1968), o tonalismo se alarga, levando as vagas ambiguidades tonais, principalmente pelo uso de notas estranhas aos acordes, sem todavia chegar a constituir novo idioma musical. A harmonia mostra-se mais autônoma como linguagem moderna. No **Tema e variações**, para piano, sucedem-se estas à maneira de caleidoscópio, em constante derivação, como se a seguinte fosse sempre resultante orgânica da anterior. No **Salmo XII** para baritono e 6 instrumentos, chega Dinorá à plena autonomia do seu idioma musical, que é um idioma de criação, de acordo com a estética contemporânea, sem deixar de ser um idioma de expressão, porque é nesta que se fundamenta a sua musicalidade. A autora firma-se num estágio do qual, com as produções dos últimos anos, vinha lentamente se aproximando".

E ao final o Salmo **XXII** marca, na produção de Dinorá de Carvalho, uma posição definitiva no campo da música moderna, não por simples opção estética, mas por exigência necessária de sua evolução. Este o seu valor intrínseco, Vale também como expressão da cultura brasileira, reafirmando a distinção estabelecida por Mario de Andrade entre música nacional e música nacionalista. Esta é coisa do passado para Dinorá de Carvalho, o que não impede eventuais regressos para matar saudades, porque, como dizem os franceses, "on revient toujours à ses anciennes amours."

Produção principal — numerosas peças para piano, canto e piano, peças corais; teatro: **Noite de S. Paulo**, 3 atos, sobre libreto de Alfredo Mesquita; orquestra: bailado **O Girassol**; de câmara: peças para violino e piano, canto e orquestra, **4 Danças Brasileiras, Quarteto, Salmo XXII do Rei Davi**, e **Contrastes** para piano e percussão.

Edino Krieger (1928)

Iniciado no atonalismo dodecafônico por Koellreuter, estudou na Julliard School of Music; no Berkshire Music Center com Aaron Copland, e com Krenek no 2o. Curso Internacional de Férias em Teresópolis (Pró Arte).

Alargou a concepção de Schoenberg, procurando nela uma conciliação com o seu brasileirismo. Nas últimas obras nota-se um aspecto experimental, causa da versatilidade composicional, dos achados de orquestração, da liberdade da linguagem e do valor autônomo atribuido à sonoridade. Seu **Canticum Naturalis**, por exemplo, soa como vasto painel exclusivamente sonoro, denunciando a aproximação do autor em relação à música de vanguarda. **Variações Elementares**, que obteve exito nos Estados Unidos quando da estreia mundial naquele país, deve o título menos às variações temáticas do que as variações do próprio som, elemento material da música.

A obra de Edino Krieger pode ser vista como uma transição da música brasileira para as posições mais avançadas da estética atual.

Produção principal — orquestra: **Abertura Sinfônica, Canticum Naturalis (Diálogo dos Pássaros, Monólogo das Aguas), Variações Elementares, Concertante para piano e orquestra**; m. de câmara: **Suite para cordas, Quarteto** e **Divertimento** para orquestra de cordas (**Sonatina, Seresta, Variações** e **Presto**), **2 Sonatas, Prelúdio e Fuga** para piano, e **Rondó-Sonata** para piano a 4 mãos.

Antonio de Assis Republicano (1897-1960)

Seu brasileirismo foi realizado principalmente na forma orquestral do poema sinfônico, em que se revelou engenhoso na orquestração, lúcido na estruturação composicional e técnico hábil no uso da linguagem romântica de que não se afastou. Persiste nele a concepção poemática do romantismo, em que versou vários assuntos históricos, e a tendência dramática, que o levou à ópera, também com vinculação à história pátria.

Produção principal — óperas: **O Bandeirante, Natividade de Jesus, O Ermitão da Glória, Guararapes, A Cheia do Paraiba**; orquestra: bailados, **Ubirajara** e **O Navio Negreiro**, poemas sinfônicos, varias **Sinfonias, Concertos** para solista e orquestra; m. de câmara: peças para piano, canto e piano, instrumentos diversos e piano.

Artur Pereira (1894-1946)

Distinguiu-se pela delicadeza da linguagem, requinte da forma e manutenção do tonalismo harmônico. Deixou **Missa da Gloria, Poema da Negra**, texto de Mario de Andrade, **Quinteto** para piano e arcos, **Seis peças monotonais sobre temas brasileiros** e **Tres Estudos Brasileiros** para piano. É constante a sugestão de temas populares finamente elaborados.

Fructuoso de Lima Vianna (1896)

Pianista, mestre da miniatura musical, tratou com preciosismo alguns temas brasileiros nas peças para o seu instrumento: **Toadas, Serestas, Berceuse do Sabiá** e outras.

Renzo Massarani — (1898)

Nascido na Italia, onde estudou; radicado no Rio desde 1939, naturalizado em 1945. Participou ativamente da vida musical do Rio como professor, critico do Jornal do Brasil, escritor, etc.

Produção principal — várias óperas apresentadas na Europa; música de cena para peças de Molière, Claudel, Josset. Brecht. Goldoni, apresentadas no Brasil; para orquestra: **Introdução, tema e 7 variações; Il molinaro** (canto e orquestra) **várias Suites Sinfônicas**; m. de câmara: **Quarteto**, para oboé, fagote, viola e celo; **Campagne**; Quarteto de cordas; variada produção para canto e piano, piano solo e coro.

Cesar Guerra Peixe (1914)

A principio ligado ao dodecafonismo, procurou extrair do populário nacional a essência musical que lhe servisse à criatividade e atualidade idiomática.

Produção principal — orquestra: **Sinfonias** das quais a de no. 2, **Brasilia**, é por ele considerada símbolo otimista da conquista do sertão e solução original para nossos problemas: **Concerto** para piano e orquestra; m. de câmara: **Trio, Quarteto** e demais variada produção.

Sergio O. de Vasconcelos Correa — (1934)

Diplomado pelo Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, foi depois aluno de Camargo Guarnieri. Exerce o magistério e atua na imprensa. Vem reafirmando de modo crescente seu profundo senso de brasilidade, procurando-lhe a realização da essencia, com paralelo desinteresse pelos dados imediatos, folclóricos e outros. Nessa evolução, sua linguagem tende para as feições mais modernas, tais o politonalismo, harmonia avançada, etc., permitindo a vasão de uma impetuosidade criadora que equilibra a preferência de ordem mais objetiva, lirica ou pitorica das fases anteriores.

Produção principal — orquestra: **Concertino** para piano e orquestra, **Concertino** para trompete e orquestra; piano: **Ponteios, Cantilena, Suite Infantil, 3 Invenções, Seresta**; canto e piano: **Chora Mané**: m. de câmara: **Trio** (piano, violino, celo) e demais produções para violão e outros instrumentos.

Osvaldo Lacerda (1927)

Estudou com Camargo Guarnieri, firmando desde logo um espirito de brasilidade que não o abandonou, mas vem evoluindo, gradativa e organicamente, num sentido de maior liderança pessoal e idiomática, da linguagem tradicional para a moderna, do formalismo para a liberdade de estruturação, procurando por vezes mais o contraponto do que a harmonia. Conserva-se fiel à idéia de tema e desenvolvimento; lembra às vezes a atmosfera medieval (**Sonata** viola e piano). Em 1963 estagiou nos Estados Unidos onde recebeu orientação de Schuller, Copland e Xenaquis. Sua estética foi assim por ele declarada ao Jornal do Comércio, do Rio, 24.12.61: "O compositor brasileiro deve pesquisar com profundeza a música do seu povo, não para lhe transplantar os elementos exteriores à música erudita, porém para lhe atingir a essência e conjugá-la, então, com as conquistas técnicas da música contemporânea, formando, dessa maneira, sua personalidade de artista criador."

Produção principal — orquestra: **Variações sobre o tema Mulher Rendeira; Abertura no. 1** "em estilo neo clássico, jovial e descontraido" (nota de Programa; banda sinfônica: **Suite Guanabara; percussão: Tres miniaturas** instrumentos diversos: **Seresta** (oboé e orquestra de cordas); **Sonatina** (flauta e piano); **Ponteios, 8 Variações sobre um Tema Popular Brasileiro, Invocação e Ponteio** para trombone e orq. de cordas, **Variações e Fuga**; piano: **5 Invenções a 2 vozes, Estudos, Suites, Brasiliana** (p. 4 mãos), **Toadas**; m. de câmara: **Sonata** para viola e piano, **Toccatina** (clarinete e fagote); **3 Danças brasileiras antigas** (violino e piano), **Trio** (violino, celo e piano); canto e piano: **Trovas de amigo, Desafio, Menina minha menina, Martirio, Murmurio.**

Claudio Santoro

Violinista e compositor, orientado a principio no dodecafonismo por Koelleruter, depois voltado para a linguagem tradicional, vasada em termos modernos, atribui intenção social á sua música, que ele deseja guarde nitido sentido nacionalista. Gosta de experiências, tanto as referentes a temas musicas — considera otimo aprendizado técnico seu trabalho com o folclore — como a meios de realização, o que o aproxima dos vanguardistas.

Produção principal — orquestra: várias **Sinfonias, Sinfonia de Câmara, Concerto para orquestra de câmara com violino obrigado, Impressões de uma usina de aço, Abertura, Ode a Stalingrado, Brasiliana, Canto de Amor e de Paz**; m. de câmara: **Sonatas para piano, 7 Paulistanas**, peças para canto e piano, **Sonata para violino solo**, e para violino e piano, flauta e piano, **Divertimento para 7 instrumentos, Trio, Quinteto de sopros, Quartetos** de cordas, **Duos** e **Trios** diversos.

Hans Joachim Koellreuter

No periodo referente a varios dos autores atraz mencionados, é sensivel a presença de Hans Joachim Koellreuter. Vindo ao Brasil em 1937, iniciou o magisterio de composição lançando o dodecafonismo estrito e, consequentemente, pondo de lado a questão de nacionalismo e da radicação criadora na música popular ou folclórica. A facilidade do processo — um "curso de composição" podia ser feito em tres meses — atraiu muitos artistas. Para divulgação do movimento constituiu-se o Grupo Música Viva. Logo, porem, os verdadeiros criadores, principalmente Claudio Santoro e Guerra Peixe, abandonarem o mestre á procura de uma visão mais profunda do problema folclorico, de uma conciliação entre suas intenções e a estreiteza da lingua nova que lhes era ensinada.

Koellreuter divulgou depois as novas correntes sucessivamente aparecidas e, de modo geral, sua atividade chamou a atenção da juventude para os aspectos pesquisadores da musica da atualidade, conducentes afinal á chamada música de vanguarda: aleatoria, concreta e eletrônica.

O processo de personalização atrás mencionado continua, mas com outro espírito. A absoluta liberdade de invenção pretende superar a radicação nacional. Alguns dos seus destacados representantes voltam-se ainda para este passado, procurando nas suas proprias experiencias e na sua propria vivencia musical, um sentido brasileiro novo e atual.

"Radames Gnátalli, pianista e compositor seguiu a trilha dos seus contemporâneos: interesse nacionalista uso de temas, formas e instrumentos populares e progressiva elaboração deles no sentido de uma expressão pessoal. Paralelamente, gradual afastamento da linguagem romântica na direção de outra mais moderna, viva e brilhante, sem que todavia cause impressão de agressividade, nem de moderno pelo moderno"

Ascendino Theodoro Nogueira

Estudou com Camargo Guarnieri e revelou-se criador numa faceta não muito explorada: a do "caipirismo" paulista. Transformou a viola caipira em "viola brasileira", deu-lhe fôros de instrumento erudito, escreveu para ela repertorio especifico, inclusive um **Concertino** (1963) estreiado em S. Paulo por Antonio Carlos Barbosa Lima.

Produção principal — orquestra: **4 Sinfonias, Suite Brasileira, Senzala, Suite Paranaense** (coro e orquestra); m. de câmara: **Concerto para oboé e cordas**, e para violino, sopros e percussão, **Concertino para viola caipira e orquestra de câmara**; diversos: variada produção para vozes, instrumentos diversos inclusive **20 Cantos Caipiras** para piano.

BRUNO KIEFER (1923)

No Sul é crescente a projeção do compositor e musicologo Bruno Kiefer. Criança ainda, veio com a familia alemã para o Brasil: Santa Catarina e depois Rio Grande do Sul. Fixando-se em Porto Alegre, ali estudou música. Graduou-se também em Química Industrial e Física.

L:e — Lê-se no "Caderno de Sábado", do Diário do Povo, Porto Alegre, 29.7.72):

"Tangará, um pequeno Lugarejo as margens do Rio do Peixe, em Santa Catarina, foi a sua primeira morada. Terras virgens, de mata agreste, esperavam o desbravamento e o cultivo. O pequeno Bruno, então contando onze anos de idade, encontrava-se com aquela vida nova, cheia de surpresas; onde a natureza se pronunciava diferente, fazendo brotar um amor até então desconhecido. As suas características mesclavam-se às dos homens da terra, telúricos e fortes, emotivos e rudes: os tropeiros. Com as canções folclóricas suas gaitas e violões, enchiam de ternura fugaz a passagem, deixando em seu trastro uma semeadura musical." (...) "Mais tarde, integrando banca de cursos de suficiencia (matemática), instalados que haviam sido por todo o Brasil, conheceu mais intimamente a gente e a terra, do centro e norte do País, e o seu rico manancial folclorico. Passou então a sentir que: A OBRA DE ARTE TEM UM SIGNIFICADO ESSENCIALMENTE COLETIVO E NÃO INDIVIDUAL."

Aí a estética de Bruno Kiefer; uma personalização já de sentido convergente, e que se exprime por uma linguagem moderna.

Produção principal — CANTO E PIANO; para canto e instrumentos: **Motetos Profanos**; corais: **Madrigais Gaúchos** (coro de câmara) e coros diversos; Cantatas: **O limite da noite, No cimo das copas, Noite amada, Cantata do Encontro**; m. sacra: **Missa de Casamento**; piano solo: duas **Sonatas, Tritico, Tocatta**; piano e orquestra: **Concerto** (intitulado **Diálogo**); m. de câmara: **Quartetos, Trio**; orquestra: **Divertimento n. 1, Divertimento n. 2, Convertimento.**

FURIO FRANCESCHINI

A música sacra, composição e magisterio, adquiriu grande relevancia em S. Paulo e em todo o Brasil, com a personalidade do Maestro Furio Franceschini (Roma, 1880). Durante 50 anos (1909-1959) foi Mestre de Capela da Catedral de S. Paulo e durante aproximadamente o mesmo número de anos foi professor do Seminário Central da Arquidiocese de S. Paulo, no Ipiranga. Estudou na Real Academia de Santa Cecilia, em Roma, onde seu pai, Fillipo Franceschini, era professor, bem como no Conservatório de Roma. Completou os estudos gerais e de música sacra e orgão com Mouquet, em Paris, na Escola de Solesmes com D. André Mocquereau, Widor, Bellenot, Ceillier e Vicent D'Indy. Teve por discipulos D. José Gaspar, D. Antonio A. Siqueira, Cardeal Rossi, padres Jaime Diniz, João Lyrio Talarico, José Geraldo de Souza e Silvio Baccarelli, entre outros. É o maior organista do Brasil.

Sua ação revelou sempre um carater renovador, construtivo e dinâmico. Incentivou a formação musical de varias gerações e a ele se deve grande parte daquelo que fez a capital paulista ser considerada grande centro musical do Brasil.

Produção principal — mais de 400 peças entre **Missas, Canticos Sacros**, música para orgão, orquestra, canto, piano e outros instrumentos, além de orquestrações e transcrições.

Seu renome internacional se comprova pelos convites que recebeu para substituir seu professor Filippo Capocci como mestre de Capela da Arquibasílica de S. João de Latrão e regente auxiliar de D. Lorenzo Perosi e Mons. Rella na Capela Sistina.

Ao ilustre mestre deve S. Paulo a apresentação de varias importantes obras, tais como a **Paixão segundo S. João**, de Bach; mas de Palestrina — **Papa Marcelo e Laudate Domia** — e produções para orquestra, orgão e córos.

O genero conta ainda com a produção do Pe. Dr. José Geraldo de Souza, Doutor com Tese de Laurea pelo Instituto Pontifício de Musica Sacra, Roma, 1964. Sua obra de composição musical compreende principalmente: **Missa Popular N. Senhora Auxiliadora** (latim) e versão para o vernáculo com o título de **N.S. Aparecida; Ave Maria; Cantico Jubilar para o advento da Rosa de Ouro, 6 vozes e orquestra**; diversos **Motetos**. E ainda autor de produção musicologica mencionada mas adiante neste trabalho.

VANGUARDA

A chamada "musica de vanguarda" começou a ser apresentada em São Paulo em termos, de comicidade, de fazer as coisas "pour épater les bourgeois", pela oferta, enfim, do residuo chocante, subproduto ridículo de um movimento sério, honestamente científico, feito na Europa pelos trabalhos de Boulez, Pierre Schaeffer, Stockhausen, Berio e tantos outros. Esse ridículo foi denunciado pela crítica. Derivava do fato de não possuirmos meios de investigação adequados, nem laboratorios acústicos, nem instrumentos. Recebia-se o produto, exagerava-se-lhe o aspecto de ineditismo, exibiam-no com ousadia e pilantragem, e se o aproveitava para promoções pessoais.

Somente mais tarde é que o conhecimento de obras de autores autênticos, realização de concertos, festivais, conferencias e cursos, é que o movimento tomou um aspecto de intenção artística. Como já foi tantas vezes assinalado, é ainda prematura a passagem dessa "música" dos laboratorios para as salas de concertos. Parece que não lhe foi visto ainda o alcance estético e social e nem se lhe procurou, consequentemente, a forma adequada de apresentação.

Mas, justiça seja feita: o FESTIVAL DE SANTOS (anual, tendo sido realizado o 9º em 1973) está superando essa fase, adquirindo por isso reputação e autencidade no País e no exterior.

OPINIÕES

Nesse quadro é significativa a opinião de Paul Train, jovem regente em Colonia, Republica Federal da Alemanha, que conviveu com alguns músicos experimentais da emissa West-Deutsch Rundfunk ("Estado" 22.12.71):

"A música eletrônica é tão interessante quanto as experiencias químicas". Mas advertiu: "Todavia, como muitas experiencias químicas acabam sem qualquer utilidade á vida, a música eletrônica — em diversos casos — é pouco útil á arte, especialmente na medida em que exclue o homem (o músico)." E acrescentou: "Atualmente, no campo da criação musical na Republica Federal da Alemanha, certos músicos tendem para o que eu chamaria de "arbitrariedade", ou falta de responsabilidade, embora, felizmente, haja na música menos possibilidade de charlatanismo do que nas demais artes. Essa "arbitrariedade" é facil de ser localizada: ela reside no apego ao anarquismo por parte de certos músicos, que acabam se esquecendo da admiravel lição de Schoenberg, que foi um artista de responsabilidade plena, inclusive na eliminação da tonalidade".

O professor James Niblock ("Estado" 22.3.73) diretor do Departamento de Música da Universidade Estadual de Michigan, Estados Unidos, "acha que a música eletrônica ainda não chegou à maturidade. A maioria dos compositores está interessada em manipular sons, mas quase não usou os meios eletrônicos de maneira musical e artística."

Realizações

Relativamente consideravel tem se mostrado a apresentação de obras da nova estética.

No Rio de Janeiro realizaram-se varias **Semanas de Vanguarda**. Em 1973 deu-se o **IX Festival de Santos**, promovido pelo movimento Musica Nova, constante de 15 concertos, com numerosas obras em primeira audição mundial e primeira no Brasil, participação de artistas nacionais e estrangeiros, em promoção, coordenação e colaboração de: SECTR, Ars Viva, Instituto Goethe (SP) e Consulado da República Argentina.

Os Festivais anteriores, que alcançaram, como este, repercussão internacional, foram sempre muito concorridos e permitiram dar ao movimento a necessaria continuidade.

Temos noticia de varias outras manifestações. No Rio, em 1961 e 1966, 1ª. e 2ª. Semana de Musica de Vanguarda, com a participação na última de Luciano Berio e Xenaquis. Ainda no Rio, o 1º Festival de Musica de Vanguarda das Americas, em 1969. Espetáculos do Grupo Experiemental de Bourges em S. Paulo, 1973, direção de Françoise Barrière e Christian Clozier, com uma suite musical eletro-acústica e concertos com variado repertorio. Exposições de Arte por Computador, com trabalhos de artistas alemães e do brasileiro Waldemar Cordeiro (Brasilia, 1973) em que foram apresentados gráficos, estruturas digitais, fotografias gerativas. Um sintetizador foi apresentado em S. Paulo, com demonstração de seu modo operacional.

O Departamento de Musica da Universidade de Brasilia estudava, em 1971, a instalação de um Laboratorio de Música Eletrônica, "se houver verba..." Suzana Baron Supervielle, argentina radicada no Brasil, continuava em S. Paulo suas pesquisas sobre musica concreta. Em 1972 noticiou-se a possibilidade de doação de um Laboratorio de Música Eletrônica, com aparelhos oferecidos pela Alemanha Ocidental, por intermedio do Instituto Goethe, à Escola de Artes e Comunicações da USP.

Debates, mesas redondas, conferências e demais manifestações correlatas têm sido feitas, mostrando que o movimento de divulgação se intensifica segundo as possibilidades, de mistura com alguma brincadeira; espetáculos e concertos de menor significação e responsabilidade somente divertiram, com desvantagem para a causa.

Muito atuante tem-se mostrado o GRUPO DE COMPOSITORES DA BAHIA, surgido em 1966 com Rinaldo Rossi, Nicolau Kokron, Fernando Cerqueira, Milton Gomes, Jamary de Oliveira, Lindemberque Cardoso e Ernst Widmer. Ampliando o espirito de ensino-pesquisa-extensão, implantado na UFBa, e com o auxilio de entidades governamentais e do Instituto Goethe, o GRUPO vem realizando anualmen-

Depois do Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, as diretorias se recompuzeram com nomes ilustres da nossa cultura. Entre eles avulta o de D. Esther Mesquita, que dedicou 30 anos de dus vida à Sociedade que veio a presidir. Da saudação que lhe foi feita pelo presidente Dr. Dacio Aguiar de Moraes Junior, no concerto do 50o. aniversário, destacamos:

"A D. Esther Mesquita — dama ilustre de nobre família paulista expressão verdadeira do patriciado bandeirante — se deve sem dúvida a consolidação social e econômica da nossa Sociedade. De vida austera, dedicando-se à cultura do nosso Estado com a acendrado espírito público, inteligência e descortino, talvez várias vezes incompreendida, mas sempre respeitada, D. Esther Mesquita ofereceu quase 30 anos de sua preciosa existência, com inexcedível tenacidade e entusiasmo à Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. A ela, pois, as nossas mais sinceras homenagens. E para não ferir sua modéstia e desprendimento, e sua obstinação em demover-nos deste propósito, resolveu nossa diretoria surpreende-la com a inauguração de seu retrato, para que sua serena imagem permaneça, de hoje em diante, velando esta nossa casa e servindo, às gerações vindouras que nos renderem, de inspiração para um trabalho sempre fecundo, dinâmico e entusiástico, para que as conquistas do passado não se percam, para que a linha ascendente do progresso da Cultura não se abata, nem entre em solução de continuidade." A seguir o Dr. Ruy Mesquita, diretor desta folha e vice-presidente da Sociedade de Cultura Artística, descerrou e inaugurou o retrato de D. Esther Mesquita."

A D. Esther Mesquita (1885-1963) deve S. Paulo um dos seus melhores teatros, o Teatro Cultura Artística. Do seu necrologio destacamos ("Estado", 18.12.63):

"E obra sua, exclusivamente sua. Ninguém a ajudou a levá-la avante. Entretanto, venceu a sua invejável energia todos os obstáculos e, completando os limitados recursos da Sociedade de Cultura Artística com o crédito que pleiteou e obteve, em estabelecimentos bancários do Estado, ofereceu, finalmente, à Capital, a sua mais moderna casa de espetáculos musicais e teatrais."

Hoje, a Sociedade de Cultura Artística continua a desenvolver as suas programações anuais, marcadas sempre pelo alto nível artístico, nas quais grandes nomes da música, do País e do exterior, encontram acolhida entusiástica que sempre dispensou aos valores incontestes.

PRÓ-ARTE

Digna de nota a ação exercida pela sociedade de Pro Arte, promotora de concertos e criadora da Escola Livre de Música, depois Seminários de Musica Pro Arte, e dos Cursos Internacionais de Férias, realizados em Terezópolis e em outras cidades. Temos hoje a Pro Arte de São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Terezopolis, para onde, em 1973 foi transferida sua matriz do Rio de Janeiro, e onde vai continuar as atividades iniciadas há mais de 40 anos em prol da cultura e da arte. O dinâmico Dr. Theodoro Heuberger propôs, em 1931, o nome Pro Arte para a entidade que então surgia, após a apresentação, no Rio, de uma exposição de artes, artesanato, artes gráficas e livros. Com a colaboração de D. Maria Amelia de Rezende Martins, fundou a Sociedade de Cultura Artística do Rio de Janeiro e deu prosseguimento às demais atividades em andamento. Seus Cursos de Férias e Seminários forneceram os regentes graças aos quais foi possível o extraordinário movimento coral dos dias atuais. Neste ano de 1975 deverá ser realizado o seu XXV Curso Internacional de Ferias, sempre em janeiro-fevereiro e, como de hábito, com a participação de conceituados artistas brasileiros e estrangeiros, e mais uma brilhante temporada de concertos está programada.

INSTRUÇÃO ARTÍSTICA DO BRASIL

Em 1931 a dinâmica declamadora Helena Magalhães Castro fundava a Instrução Artística do Brasil — IAB, em moldes semelhantes às das entidades congêneres e com o mesmo fim: promoção de concertos. Mas com uma diferença: seus artistas eram itinerantes, percorriam o Estado em excursões de concertos e em cada cidade a fundadora, deixava instalada uma IAB local. Os programas eram em geral duplos — dois artistas de generos diferentes — o que provou ser do interesse do público e por isso foi mantido como norma. Os anos passaram, porém. O movimento musical sofreu profundas modificações trazidas pela evolução geral das coisas e a entidade viu-se pouco a pouco absorvida pela ação idêntica dos poderes publicos, hoje, inegavelmente, em apreciável expansão. Nem por isso morreu a IAB pois de vez em quando um ou outro ponto do País por ela ainda atingido, é visitado oficialmente, em carater artístico, pela fundadora, que ali deixa sempre a semente de mais um centro propulsor de movimentos culturais.

As Sociedades mencionadas, e congêneres chegaram a constituir pelo seu número, instaladas nas Capitais e no Interior dos Estados, uma espécie de infra-estrutura que facilitava formando rede, excursões de concertistas e conjuntos. Para as celebridades, havia a possibilidade de, vindos da Europa ou dos Estados Unidos, dar recitais em Recife, Salvador, Rio, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, de onde continuavam para Uruguai e Argentina. Aqui em S. Paulo Brailowski e Rubinstein davam series de concertos, vendidos em assinatura e, se não me falha a memória, foi aqui, nos Teatros Municipal e Santana, que dois gigantes do teclado atuaram em serie na mesma ocasião.

Ensino

O antigo Conservatório de Música do Rio de Janeiro, criado em 1841 por iniciativa de Francisco Manuel da Silva, funcionava normalmente em 1875. Em 1855 fora agregado à Escola de Belas Artes e em 1863 tivera lançada a primeira pedra de edificio proprio. O Governo Provisório da República transformou-o em Instituto Nacional de Música; tornou-se Escola Nacional de Música e hoje é Escola de Musica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, após ter sido Escola de Música da Universidade do Brasil.

Essa Escola formou Carlos Gomes. Nela estudaram e lecionaram os mais importantes vultos da música brasileira. Teve diretores notáveis e atualmente conserva um corpo docente digno dos seus antepassados.

Na Capital da República o magistério de música foi sempre particularmente ativo. Nos Estados, também, intensificava-se gradualmente o interesse por esse ramo da educação.

Em S. Paulo, após Wertheimer e Giraudon, principalmente, surge no fim do século a Escola Luigi Chiaffarelli. Não era um estabelecimento de ensino, mas um grupo de brilhantes alunos em torno do ilustre professor. Vindo da Europa, fixou-se por algum tempo no interior do Estado e depois na Capital. Para o valor do mestre ilustre houve a correspondência do valor dos discípulos: Antonieta Rudge, Guiomar Novaes, as irmãs Pinto Serva, Souza Lima, foram dos seus brilhantes alunos. A arte pianistica brasileira foi levada para além fronteiras, Europa principalmente, e Estados Unidos, mercê da atuação de Antonieta Rudge, Guiomar Novaes e Souza Lima. Fizeram época os Concertos Históricos promovidos pelo ilustre professor, em cuja programação se incluiu, em 1899, pela sua aluna Alice Serva, a serie completa das 32 Sonatas para piano de Beethoven.

Sem pertencer a esse grupo, Magda Tagliaferro, contemporânea dos seus componentes, exerce fecunda atividade de concertista e mestra com suas apresentações e Cursos de Alta Interpretação Musical, dados praticamente em todo o País, e a fundação da Escola Magda Tagliaferro, que, em S. Paulo, lhe continua a atividade docente.

Em 1905 o Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim idealizava para S. Paulo uma Escola de Música e Teatro. Já a 15 de fevereiro de 1906 foi fundado o Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, instalado a 1o. de março em sede provisória, propriedade e antiga residência da Marquesa de Santos. Passou depois para sede própria, à Avenida S. João. O apoio governamental e de um núcleo de professores pos logo em atividade o novo estabelecimento. A parte teatral, todavia, não vingou e está hoje extinta. Dois nomes de projeção internacional ali se revelaram: Mario de Andrade e Francisco Mignone.

A CONTRIBUIÇÃO DE VILLA-LOBOS

A personalidade plural de Villa-Lobos não poderia ter escapado o problema educacional. Tinha plena consciência do valor educativo da música, em especial do canto coral, e dedicou-se com afinco a umas tantas iniciativas conducentes à musicalização da juventude escolar brasileira e, em especial, do estudante secundarista, que foi objeto de regulamentação específica, a ser estendida depois aos demais níveis escolares.

Em 1931, a convite do governo de S. Paulo, realizou uma obra de revitalização do interesse musical, considerado então em estagnação. Para tanto, percorreu 66 cidades dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, em companhia dos pianistas Antonieta Rudge e Souza Lima e cantora Nair Duarte Nunes. Pronunciou conferências, provocou manifestações intensas, chegando a pequena comitiva a ser saudada com batatas e ovos podres ao sair da Prefeitura de uma cidade do Interior (25).

Organizou também as Exortações Cívicas, com milhares de jovens cantando sob sua regência, iniciados no canto coral pela técnica chamada "manossolfa", introduzida no País por João Gomes Junior e magistralmente desenvolvida por Villa-Lobos.

1932 é o ano de sua nomeação para a Direção da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA) da Prefeitura do então Distrito Federal, e criação do Curso de Pedagogia da Música e Canto Orfeônico. Institui o Orfeão de Professores, realiza novas concentrações, chegando a reunir 44.000 elementos sob sua direção.

"No final de 1973 São Paulo assistiu a um verdadeiro dilúvio de música desencadeado pelo dinamismo de José Luiz Paes Nunes e pela contribuição dos governos do Estado e do Município"

A necessidade de uma infra estrutura, consistente na formação de magistério especializado, levou-o à criação, em 1942, do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, pois fora decidida a introdução do ensino de musica e canto orfeonico nas escolas do Distrito Federal.

Observa com justeza Vasco Mariz (26):

"O canto orfeônico e o elemento educativo, destinado a despertar o bom gosto musical, formando elites, concorrendo para o levantamento do nível intelectual do povo e desenvolvendo o interesse pelos feitos artísticos nacionais. E o melhor fator de educação cívica, moral e artística. O canto orfeônico nas escolas tem como principal finalidade colaborar com os educadores para obter-se a disciplina espontanea dos alunos, despertando ao mesmo tempo, na mocidade, um são interesse pelas artes em geral. Embora a mocidade tivesse recebido o novo ensino com naturais demonstrações de entusiasmo, certos elementos derrotistas surgiram, empregando subterfúgios e pretextos fúteis para estabelecer confusão e incutir o desanimo no espírito dos que tão patriotica e abnegadamente se haviam proposto pugnar pelo levantamento do nível artísticos do povo brasileiro. Era preciso lutar contra a mediocridade reinante e os choques não foram poucos."

E sabe-se o que aconteceu. Sucederam-se as reformas do ensino, modificaram-se varias vezes os curriculos escolares, deram-se diferentes finalidades, qualificações e importância à matéria, e afinal tudo dissolveu-se nisso que aí está: muita movimentação, muito palavrorio, muita iniciativa esdrúxula e desinteresse pelos bons resultados. Parece, enfim, que estamos na estaca zero nesse assunto.

Os universitários, cantam, é verdade, mas por iniciativas extra-escolares. Mas as crianças, estas, permanecem mudas. Esta geração sem palavra é também uma geração sem canto, sem auto-expressão, desprezado como foi o mais eficiente meio de confraternização não só escolar como humana. E multiplicam-se as Faculdades de Comunicação... Para comunicar o que, e de que modo?

Villa-Lobos deixou considerável bagagem artístico-pedagógica, constante do monumental **Guia Prático**, numerosos corais, solfejos, e variada produção instrumental baseada em cantos populares infantis brasileiros.

A prática das suas idéias foi consubstanciada na Portaria Ministerial no. 300, de 7.5.46, que orientava o ensino de música nas escolas secundárias. Leia-se aquele documento, entendam-se as suas intenções, avaliem-se-lhe o alcance e possibilidades de desenvolvimento. Ter-se-á então uma idéia de quanto perdeu a educação nacional com a frustração imposta à idéia genial de Villa-Lobos. A personalização é uma arma de dois gumes. Vimos até agora os seus aspectos positivos na evolução da música brasileira. O caso do Canto Orfeônico é um dos mais dolorosos exemplos entre seus aspectos negativos.

Da concentração concertística as coisas transbordaram para manifestações locais, de generos diversos. Surgiram os corais, e daí em diante o interesse da juventude universitária foi definitivamente captado. Atrás do idealista Villa-Lobos, outro surgiu, José Luiz Paes Nunes, que à frente do Movimento Villa-Lobos, Movimento Mario de Andrade e Juventudes Musicais, levantou o Estado de São Paulo para cantar em esplendida harmonia repertorio nada escolar, ao contrário, erudito da mais fina cepa, ao lado de repertório mais leve, mas sempre de superior qualidade.

Vários conjuntos exibiram-se no exterior. Lembramos a excursão do Coral da Universidade de S. Paulo CORALUSP dirigido por Benito Juarez, a qual constituiu verdadeiro triunfo e demonstração de nossas possibilidades a respeito, do ponto de vista do que se fez e de quanto poderá ainda ser feito, num campo em que predominava o amadorismo, valioso, é certo, mas precário nos resultados e esteril educacionalmente, Valiam por um momento para depois desaparecem.

No final de 1973 S. Paulo assistiu a um verdadeiro diluvio de música, desencadeado pelo dinamismo de José Luiz Paes Nunes e pela contribuição dos governos do Estado e do Município. Corais de todos os rincões paulistas uniram-se em empolgantes manifestações, de fato prova além de outras coisas, que muitas cidades possuem corais permanentes, que existe ali uma plantinha em crescimento e não o mero espalhar de concertos, numa semeadura sem colheita, num dia sem amanhã. Isso é o que importa: o desenvolvimento de cada nucleo por suas proprias forças e enraizado no contexto social local. Isso é ainda o resultado do trabalho de José Luiz Paes Nunes. Não hesito em chamá-lo Villa-Lobos II, embora não seja impossível que seus sucessores o transformem em José Luiz I.

HOMENAGEM

Não seja aqui esquecida a figura da cantora Vera Janacopulos (1892-1955) cujo renome universal provou-lhes à saciedade o valor. A ela soube o papel de "menino" na estreia de **El Retablo** de Falla em Londres (27). Um monumento foi-lhe erigido no Rio de Janeiro e Eurico Nogueira França publicou-lhe as Memorias.

Outra figura a ser lembrada: O pianista Fritz Jank (1910-1970). Radicado em S. Paulo desde 1943, distingiu-se como recitalista, professor, solista e intérprete de música de câmara. Procurado por eminentes artistas para execução de sonatas para piano e outro instrumento, foi também eximio acompanhador de recitalistas. Foi membro efetivo do Trio S. Paulo, do Departamento Municipal de Cultura e o primeiro, neste século, a apresentar no Brasil a serie completa das 32 Sonatas para piano de Beethoven, por iniciativa da Sociedade de Cultura Artistica, apresentação que foi seguida de numerosas outras em varias cidades do País e perpetuada, afinal, em gravação.

E entre os que ainda lutam na frente de batalha, sejam mencionados os primeiros voluntarios: Klaus Dietter Wolff, infatigavel diretor de conjuntos corais, cujo repertorio, de incomensuravel valor artistico, ele vem sempre divulgando, e o maestro Leon Kaniefsky que, à frente da Orquestra Sinfônica de Amadores vem ha mais de 30 anos, prestando relevantes serviços á comunidade. Honra ao mérito!

Este mérito se estende ao prof. Angelo Camin, livre-docente de órgão da Escola de Música da U.F.R.J., inegavelmente o primeiro organista brasileiro da atualidade e digno sucessor do Mº Furio Franceschini.

MUSICOLOGIA

Como parte integrante desse mundo audivel de musica no periodo de que nos ocupamos está presente um outro elemento: o musicólogo. A expansão das atividades atrás mencionadas exigiu desenvolvimento crescente da comunicação escrita — critica, historiografia, estética, estudos e ensaios, monografia, etc. — sendo já considerável o numero de trabalhos publicados. Desnecessário assinalar as causas do desenvolvimento da musicologia: o crescimento do País, em todos os setores, explica claramente o fato. Tal desenvolvimento seria mesmo fator necessario no processo e não mero corolario.

A escusa inicial — precariedade de informação quanto a trabalhos e fontes — encontra aqui sua justificativa principal, pois um levantamento, embora não profundo, mas homogeneo, é ainda impossivel.

HISTÓRIA DA MÚSICA

A nossa primeira Historia da Musica é **A Música no Brasil** de Guilherme Theodoro Pereira de Mello (1867-1932). (28) Declara o autor: "... tive de resignar-me ao cabedal, alias apreciavel, que sobre o assunto me forneceram o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e o Gabinete Portuguez de Leitura; e assim o fiz com o desejo ardente de mostrar-vos com provas exhuberantes, de que não somos um povo sem arte sem literatura, como geralmente dizem, e que pelo menos a Música no Brasil tem feição caracteristica é inteiramente nacional".

A tese prenunciava já uma constante observavel nos escritos posteriores quanto ao fim da Historia: a procura de feição nacional caracteristica, e a valorização dela perante a cultura contemporanea. Como um roteiro para os sucessores, Guilherme de Mello estuda a influencia indigena, jesuitica, portuguesa, africana e espanhola, trata amplamente da música popular, e passa depois ás influências bragantina, D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II chega à República passando pela situação da música na Bahia, terminando com Carlos Gomes.

A segunda Historia da Musica é a de Vicenzo Cernichiaro (1858-1928): **Storia della Musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni** (29) Radicado no Rio de Janeiro, de cuja vida artistica participou, incluiu na sua obra alguma informação pretensamente cientifica ao lado de dados objetivos historicamente aproveitáveis; documentou a vida musical da sua época pelo prisma de suas indiosincrasias e alguma inimizade. Mas vale como informação geral.

Temos depois a seriíssima **Historia da Musica Brasileira** de Renato Almeida (v. nota 8). O livro é amplissima reformulação de uma **Historia da Musica Brasileira** de 1926, e por issó diz o autor em Prefacio: "É um livro novo. Se as conclusões e as ideias gerais da primeira edição se mantêm mais ou menos intactas, a construção, as dimensões, a materia nele contida, as pesquisas feitas e o material colhido, compilado e verificado — tudo isso é inteiramente inédito."

Efetivamente, é consideravel a soma de informação contida nesse trabalho, grosso volume de 526 páginas. Ao longo delas, estuda o autor, na primeira parte, a **Música Popular Brasileira**, nas suas origens, prática indígena, cantigas, cantos religiosos e fetichistas, danças brasileiras, danças dramaticas e bailados populares. Na segunda parte, **Historia da Música Brasileira**, traça a evolução da musica erudita desde o periodo colonial até os contemporaneos.

O trabalho de Renato Almeida é, um tempo, histórico e crítico, pois não raro opina com lucidez e profundamente sobre autores, obras e movimento musical. A nossa historia da musica está intimamente ligada ao processo cultural em andamento, mormente quanto aos aspectos educacionais — temos de construir em 4 séculos uma cultura que a Europa sedimentou durante 2.000 anos — e nenhum desses setores escapou à arguncia do autor.

Mario de Andrade não escreveu especificamente uma quarta História da Música Brasileira. A parte musical de sua obra ciclópica, sim, é uma penetração, extensa e profunda, nos diversos setores, manifestações e épocas que teceram a nossa história musical. A sua visão universalizante levou-o ao **Ensaio sobre a Música Brasileira** (1º ed., 1928) estudada nos seus aspectos idiomáticos e formais, e à **Evolução Social da Música Brasileira** (1º ed. 1941) título suficientemente indicativo do conteúdo e do espírito que norteou o estudo. Mario de Andrade estudou nossas manifestações musicais, não como quem estuda peças de anatomia e fósseis. Ao contrátio, viu-as sempre **in loco**, ao vivo, quando tais manifestações se faziam como parte da vida social. Têm, por isso, os seus estudos, necessariamente, uma conotação social e, consequentemente, histórica que os insere numa grande história da música brasileira, embora não sistematizada como tal.

A produção especificamente musicológica do insigne mestre compreende principalmente: **Ensaio sobre a Música Brasileira** (1928); **Compêndio de História da Música** (1929); **Modinhas Imperiais** (1930); **Música, doce Música** (1933); **Introdução aos Estudos de Folclore de Luciano Gallet** (1934); **Cultura Musical**, oração de Paraninfo (opúsculo) (1936); **A Música e a Canção Populares no Brasil** (1936); **Samba Rural Paulista** (1937); **Anteprojeto de Lingua Padrão para o Canto Erudito** (1937); **Os compositores e a lingua nacional** (1938); **A pronúncia cantada e o problema de nasal pelos discos** (1938); **Terapêutica musical** (1939); **A expressão musical nos Estados Unidos** (1940); **Música do Brasil, contendo Evolução Social da Música Brasileira e Danças Dramáticas Ibero-Americanas** (1941); **A Nau Catarineta** (1941); **Evolução de Gomes Cardim** (1942); **Atualidade de Chopin** (1942); **O Folclore no Brasil** (1949); **Música de Feitiçaria no Brasil** (1963); **Danças Dramáticas do Brasil**, 3 tomos, e mais há ainda a assinalar. Seus trabalhos são encontráveis nas suas **Obras Completas**, Livraria Martins Editora, S. Paulo. (v. nota n. 18).

Assim, a nossa quarta história da música seria, salvo erro, a excelente obra de Luis Heitor Corrêa de Azevedo **150 Anos de Música no Brasil — 1800-1950** (v. nota n. 7). Diz o autor:

"A música brasileira que o historiador pode apreciar à luz da crítica começa com o século XIX. Pelo menos até agora nossos conhecimentos de um mais remoto passado musical não permitem ao estudioso, salvo exceções inexpressivas, compulsar documentação que o habilite a julgar, segundo o seu critério, as produções dos mestres que o ilustraram. Conhecemo-las pelas crônicas do tempo ou simples referências de contemporâneos. Mas ignoramos quase totalmente a sua obra. Como expressão do gênio criador brasileiro, é possível que essa música possa estar ausente do panorama geral da arte em nossa terra. Mas é necessário que as pesquisas para a sua reconstituição prossigam ativamente, pois o interesse histórico que apresenta não padece discussão; e há que contar com as surpresas que podem invalidar o que acima ficou dito e trazer à luz obras importantes, que façam recuar aquele marco prematuro, estabelecido de acordo com os nossos conhecimentos atuais, para assinalar o início da música brasileira capaz de figurar não somente em memórias históricas mas, também, por intermédio de realizações dignas de permanência, em nossos programas de concertos ou outros atos da vida musical contemporânea. Como quer que seja, é certo que os períodos históricos têm conexões lógicas tão fortes, uns com os outros, que não poderíamos entrar no assunto deste livro, que é a música brasileira principiando no século XIX, sem examinar o que a antecedeu."

Fiel ao seu ponto de vista, recorda Luiz Heitor os primórdios da prática musical nos séculos da colônia, lembra (p. 17) a riqueza dos arquivos das velhas igrejas mineiras, onde figuram não apenas obras sacras, mas, também música de câmara, e da melhor, cita alguns compositores sacros locais, para entrar em cheio na música de José Maurício Nunes Garcia e depois procurar Francisco Manuel da Silva, Carlos Gomes e todos os demais autores representativos do sec. 19. O sec. seguinte começa com Francisco Braga e seus discípulos, estuda Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Luciano Gallet, Lorenzo Fernandez, Francisco Mignone e terminam a exposição os capítulos Vozes do Sul e Cenário da Música Brasileira Contemporânea.

Ampla a informação oferecida pelo autor, tanto pelo texto quanto pelos seus índices alfábeticos de Compositores, Intérpretes e Professores, Escritores, Estabelecimentos de Ensino, Organizações, Publicações Periódicas, Salas de Espetáculo, Empresários e Empresas Teatrais, Editores e Casas de Negocio, Organeiros e Fabricantes de Instrumentos, todos subdivididos em "No Brasil" e "No mundo".

Luiz Heitor, musico que é, não deixa de julgar com pertinência a obra de vários autores, situando-se artisticamente e historicamente no quadro que se propôs traçar.

O Dr. Francisco Curt Lange, alemão, radicado no Uruguai, Diretor do Instituto Interamericano de Musicologia de Montevideo, pesquisador talentoso, dedicou grande parte de seus trabalhos á musica brasileira do periodo colonial, denominada **Barroco Mineiro**. Editou uma obra de consideravel valia: o **Boletim Latino Americano de Musica**, cujos seis volumes, alguns alentadíssimos, e seus suplementos musivais, representam notavel contribuição para o desenvolvimento dos estudos musicologicos no País, onde não faltam talentos, e sim divulgação do que se faz. E ninguém está disposto a produzir somente obras postumas...

Vejamos, nos volumes publicados, materia de interesse nacional. Tomo I, abril, 1935, contém **José Mauricio Nunes Garcia** de Luiz Heitor Correa de Azevedo, e **Os Congos**, de Mario de Andrade; Tomo II, Lima, 1936: **Em caminho para a música brasileira**, de Enio de Freitas e Castro e **A escala diatônica** de Benedicto Nicolau dos Santos; Tomo III, Montevideo, 1937: **A função específica do som 9 na estrutura do moderno sistema tonal** de Benedicto Nicolau dos Santos; **Carlos Gomes, sua posição histórica** de Luiz Heitor Correa de Azevedo; **A psicologia da música e sua aplicação no meio escolar**, de Dr. Lellis Cardoso; Tomo IV, dezembro 1938: **Strawinsky no Brasil**, de Enio de Freitas e Castro; **Esboço de nova estrutura para a pauta musical** de Benedicto Nicolau dos Santos; Tomo V, nada sobre o Brasil; Tomo VI, dedicado ao Brasil, Rio, 1946. Colaboram nesse numero Mario de Andrade, Melville J. Herskovits, Frei Pedro Sinzig, Samuel A. dos Santos, Ascenso Ferreira, Carleton Sprague Smith, Souza Lima, Waldemar de Oliveira, Dalmo Belfort de Matos, Heloisa Grassi Fagundes, Irene da Silva Mello Carvalho, Arnaldo Estrella, Oscar Lorenzo Fernandez, Brasilio Itiberê, Martin Braunwieser, Octavio Bevilacqua, Oneyda Alvarenga, Francisco Curt Lange — **A música em Minas Gerais — Informe Preliminar** — (amplo estudo datado de agosto de 1945), Villa-Lobos e Antonio de Sá Pereira. Acompanha suplemento musical.

Este volume constitui valiosa coleção be ensaios sobre os diversos aspectos da atividade musical, historia, educação, etnografia e folclore, e demais setores do contexto musical brasileiro.

Dentre os demais trabalhos desse musicólogo lembramos os seguintes: **La musica en Villa Rica**, separata da Revista Musical Chilena, n. 102-103, 1967/1968; **Os compositores na Capitania das Minas Gerais** (separata da Revista de Estudios Historicos ns. 3 e 4, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marilia, SP, 1965); **A Música na Villa Real de Sabará; A organização musical durante o periodo colonial brasileiro** ((Coimbra, 1966); **A música em Minas Gerais no sec. XVIII** (SODRE, Montevideo, n. 5, 1957); **A música em Minas Gerais durante o sec. XVIII**,(Cuadernos Brasileños); **Archivo de musica religiosa de la Capitania Geral de Minas Gerais (Brasil, siglo XVIII)** — Univ. Nac. de Cuyo, Argentina, 1951); **As danças coletivas publicadas no periodo colonial brasileiro** e **As danças das corporações de oficios em Minas Gerais** (Separata de Barroco I, Belo Horizonte, 1969.

Na impossibilidade de maior consideração individual decorrente das limitações já mencionadas, segue uma relação do que me foi possivel encontrar nesse campo.

ALBUQUERQUE, Amarilio Pereira de — **Pequenas Biografias dos Grandes Compositores** (Ricordi, S. Paulo); **A Historia do Hino Nacional Brasileiro** (Rio, 1944).

ALMEIDA, Leosinha S.F. Magalhães de — **Henrique Oswald** (Rio, 1952).

ALVARENGA, Omeyda — **Cateretês do Sul de Minas Gerais** (1º lugar no Curso Dina Levy-Strauss); **Musica Popular Brasileira** (Globo, 1950); **Comentarios e alguns cantos e danças do Brasil** (Dep. Cult., S. Paulo, 1944); **Influência Negra na Musica Brasileira** (Boletim Latino Americano de Música, vol. VI; **Sonora Política** (Dep. Cult. S. Paulo, 1946); **Discografia Folclórica Brasileira**, (Londres, 1954).

ANDRADE, Ayres de — **Francisco Manuel da Silva e seu tempo** (1808-1865) (2 vs., Ed. Sala Cecilia Meireles, Rio, 1967).

ARAUJO, Alceu Mayanard — Folclore Nacional (3 vs., Melhoramentos, S. Paulo, 1964).

ARAUJO, Estephania Castro Gomes de — **João Gomes de Araujo, sua vida e suas obras** (S. Paulo, 1946).

ARAUJO, Mozart de — **A Modinha e o Lundú no sec. XVIII** (Ricordi, S. Paulo); **Sigismundo Neukomm** (Rev. Bras. de Cult., Ano I, n. 1,1969). **Musica Brasileira**, (in Atlas Cultural do Brasil, CPF, Rio, 1972); estudos e ensaios diversos publicados na imprensa diária e periódica: **A Modinha do Padre Mestre, Camargo Guarnieri, compositor nacional, Música, Instituição Nacional, O Zé Pereira, Música e Músicos populares do Rio de Janeiro. Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de — A música brasileira e seus fundamentos** (União Panamericana, 1948- (Este volume contém relação da produção do autor em numerosas revistas musicais, e referencias bio-bibliográficas sobre os compositores nele estudados); **Esplendor da vida musical fluminense no tempo de D. João VI — Sigismundo Neukomm no Rio de Janeiro** (Atas, v. II e III do Coloquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa, 1960).

ALMEIDA, Renato — **Tablado Folclórico.**

BAIRÃO, Reinaldo — **Breve notícia sobre música nova brasileira (RBC-MEC, Ano 1 n. 4).**

BAILLY, Gustavo Adolpho — **Bandeiras e Hinos** (Rio, 1942).

BAPTISTA, Cesar Dias — **Romance sem palavras** (sobre João Gomes Junior) — (Casa Wagner, Ed. S. Paulo, 1945).

BARRETO, Ceição de Barros — **Estudos sobre os Hinos e Bandeira do Brasil** (Carlos Wehrs, Rio).

BARROS, C. de Paula — **O romance de Villa-Lobos** (A Noite, Rio).

BOCCANERA JUNIOR — **A Bahia a Carlos Gomes** (Bahia, 1904).

BRITO, Jolumá — **Carlos Gomes** (Liv. Ed. Record, S. Paulo).

CALDEIRA FILHO, João da Cunha — **Palestras sobre as Sonatas para piano de Beethoven** (Mangione, S. Paulo); **Música Criadora e Baladas de Chopin** (Prefacio de Mario de Andrade) — **(Ricordi, S.Paulo); Hino da Independencia e Hino Nacional** (Notas à margem) — (Ricordi, S.Paulo); **Os Compositores** (Ed. Cultrix, S.Paulo); **A música em São Paulo**, in Ensaios Paulistas (Contribuição de "O Estado de S.Paulo" às comemorações do IV Centenário da Cidade de S.Paulo — Ed. Anhambi S/A,S.Paulo, 1958); **A música em São Paulo** in São Paulo, Espirito, Povo, Instituições, Ed. Pioneira, S.Paulo, 1968); **A Aventura da Música** (Subsidios Criticos para Apreciação Musical, 1º e 2º vs., (Ricordi, S.Paulo); **Apreciação Musical**, (Subsidios tecnico-estéticos) — (Ed. Fermata S.Paulo, 1971); **Historia da Música**, tradução ampliada acrescida de dois capítulos originais sobre Musica Contemporanea e Musica do Brasil, de "Il libro d'oro del musicista", de D. Alaleona (Ricordi, S.Paulo — referência em Mario de Andrade, Musica Doce Musica, Obras Completas, v. 7º, p. 359 e sgs.).

CAMEU, Helza — **Importancia histórica de Brasilio Itiberê da Cunha e da sua fantasia característica A Sertaneja** (RBC n. 3, Ano II, 1970); **Música Indígena** (Rev. Bras. de Folclore, dez. 1934, Rio).

CARVALHO, Itala Gomes Vaz de — **Vida de Carlos Gomes** (Ed. A Noite, 1935, Rio).

CASTRO, Enio de Freitas e — **Dicionarios de Música Brasileiros** (Rev. Bras. de Cult., n. 5, 1970).

DINIZ, pe. Jaime — **Ciranda, roda de adultos no folclore pernambucano.** (sep. da revista DECA, Recife, 1960); **Notação mensural polifônica, Notas de transcrição polifônica, Como transcrever a notação dos séculos XV e XVI, Nazareth, estudos analiticos; A música e o homem;** estudo sobre **Te Deum** de Luis Alvares Pinto (1719-1789) (30).

ESTRELLA, Arnaldo — **Os Quartetos de Cordas de Villa-Lobos** (MEC-MVL, Rio, 1970).

ELLMERICH, Luis — **Historia da Dança** (Ricordi, S.Paulo, 1973).

FLEIUSS, Max — **Francisco Manoel e o Hino Nacional** (Impr. Nac. Rio, 1917).

FRANÇA, Eurico Nogueira — **Memorias de Vera Janacópulos** (MEC, Rio); **Villa-Lobos, Síntese Crítica e Biográfica** (MEC-MVL, Rio, 1970); **A temporada musical no ano do IV Centenario** (MEC, Rio, 1965); **Música do Brasil — Fatos, Figuras e Obras** (MEC); **Lorenzo Fernandez, Compositor Brasileiro** (ed. part. 1950); **Materia de Música** (Ebrasa, 1972).

GIACOMO, Arnaldo Magalhães de — **Villa-Lobos, alma sonora do Brasil** (Melhoramentos-MEC, 1972).

GIFFONI, Maria Amalia Corrêa — **Danças Folcloricas Brasileiras** (Melhoramentos).

GOMES JUNIOR, João — **Minha vida musical 1877-1954**, (S.Paulo, 1954).

KIEFER, Bruno — **Musica Alemã, Dois Estudos** (Inst. Est. do Livro, Porto Alegre, 1958); **Historia e Significado das Formas Musicais** (Ed. Movimento, Porto-Alegre, 1970); **Elementos da Linguagem Musical** (id); **Aspectos do Modernismo Brasileiro** (Ed. UFRGS, co-autoria, cap. de 28 paginas); **Mario de Andrade e o Modernismo na Musica Brasileira** (Rev. Br. Cult. n. 7, 1971); **Função Integradora da Música** (id., n. 8,1971).

LANGE, Francisco Curt — **Manuscritos na Biblioteca Nacional do Rio** (rev. Estudios Musicales, Mendonza, Argentina, 1950); **L. M. Gottschalk** (ampla biografia abundantemente ilustrada) — (id. ns. 4, 5 e 6).

LIRA, Mariza — **Chiquinha Gonzaga** (Liv. Jacinto, Rio, 1939).

LIMA, João de Sousa — **Comentarios sobre a obra pianística de Villa-Lobos** (MEC-MVL, Rio, 1968).

LIMA, Rossini Tavares de — **Vida e obra de José Mauricio**, (Elo, S. Paulo, 1941); **Villa-Lobos, refracções e prospecções; Folclore de S. Paulo** (Ricordi, S.Paulo, 1961); **O Folclore do Litoral Norte de S.Paulo** (MEC, Rio, 1969); **Folguedos Populares do Brasil** (Ricordi, 1962); **ABC do Folclore** (Ricordi, S.Paulo); **Nótulas sobre pesquisas de folclore musical** (1945); **Poesias e Advinhas** (1947); **Mitos do Estado de Sao Paulo** (1948); **Conceituação do Lundú** (1956); **Achegas ao estudo do Romenceiro do Brasil** (1959). **A malhação de Judas em S.Paulo** (1959); **O folclore na obra dos escritores paulistas** (1962); **Manifestações folclóricas em S.Paulo** in São Paulo, Terra, e Povo (Globo, 1967)

MARIZ, Vasco — **A Canção de câmara no Brasil** (Porto, 1948); **O 7º Quarteto de cordas de Villa-Lobos** (opúsculo, Rio, 1947); **Música de Francisco Mignone**, co-autoria (opúsculo, Rio, 1947); **Vida Musical** 1946-1950 (Porto, 1956); **Dicionario Bio-bibliográfico musical** (Rio, 1948); **Homenagem a Villa-lobos** (MEC 1960); **A Canção Brasileira** (Imprensa Nacional, Rio, 1959); **Figuras da Música Brasileira Contemporanea** (Porto, 1948); **Heitor Villa-Lobos** (Rio, 1949).

MATOS, Cleofe Person de — **Catálogo Temático — José Mauricio Nunes Garcia** — contem Nota Editorial, Informação Biográfica, Catálogo Temático, Comentarios) — (CFC-MEC Rio, 1970).

MUSEU VILLA-LOBOS — MEC — **Presença de Villa-Lobos** — Publicação anual, 7 volumes até 1973: Documentario contendo depoimento de personalidades, intelectuais, artistas, nacionais e estrangeiros, sobre o Patrono do Museu e sua obra. Valiosa contribuição para a musicologia brasileira referente ao compositor — **Villa-Lobos em Discografia**, id.

NOTA ESPECIAL — Abrangendo o panorama da musicologia sobre Villa-Lobos no Brasil e no exterior, destaca-se a personalidade excepcional de Arminda Villa-Lobos. Diretora do Museu Villa-Lobos, dinamizou a instituição tornando-a centro de pesquisa, informação e formação cultural. A série de publicações acima referida é o repositorio de tudo quanto lhe tem sido possivel obter com referencia ao compositor. Anualmente se realiza o FESTIVAL VILLA-LOBOS, novembro, Rio de Janeiro, constante de concertos, conferencias, concursos musicais e

25 — VASCO MARIZ — Heitor Villa-Lobos (Serviço de Publicações do Ministério das Relações Exteriores, Rio, p. 64)
26 — VASCO MARIZ — id., p. 74

27 — JAIME PAHISSA — Vida e Obra de Manuel de Falla (Ricordi Americana Bs As 1947 p. 131)
28 — GUILHERME THEODORO PEREIRA DE MELLO — A Música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decenio da República — (Bahia — 1908)
29 — VICENZO CERNICCHIARO — Storia della Musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni — 1549-1925 (Milano Stab. Tip. Fratelli Riccioni 1926)

30 — CALDEIRA FILHO — in "O Estado de S. Paulo" 23.7.67

musicologicos, e destes últimos vêm resultando estudos originais sobre a obra do Mestre. Não podia faltar aqui uma **Nota especial** em homenagem a quem tanto fez para a perenidade da presença de Villa-Lobos no mundo.

MENEGALE, Heli — **Villa-Lobos e a Educação** (Rio, 1969)

MIGNONE — Francisco — **A parte do Anjo** (Mangione, S.Paulo)

MURICY, Andrade — **Villa-Lobos, uma Interpretação** (MEC Rio, 1961) **Caminho de Musica**, 1ª. série (1946), 2ª série (1951); numerosas conferencias, discursos, participação críticoliteraria em comemorações e concertos educativos; centenas de críticas e trabalhos musicológicos no "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro; artigos nos varios volumes de **Presença de Villa-Lobos** (MEC-MVL); **Musique Brésilienne Moderne** (Rio 1937).

NOBREGA, Adhemar — **As Bachianas Brasileiras de Villa-Lobos** (MEC-MVL, Rio, 1971).

NOGUEIRA, Ascendino Theodoro — **Anotações para um estudo sobre a viola: origem do instrumento e sua difusão no Brasil** (in A Gazeta, S. Paulo, 24.8.63); **Danças Brasileiras de Origem Africana** (id. 26.10.72)

OLIVEIRA, Clovis de — **André da Silva Gomes** (S.Paulo, 1954).

PAGANO, Lecticia — **Dicionario Biobibliográfico de Músicos** (S. Paulo, 1960); **Noções de Pedagogia Musical; A Música e sua Historia** (Ricordi, 1968).

PEIXE, Guerra — **Maracatús de Recife** (Ricordi

PEREIRA, Américo — **O Maestro Assuero Garritano** (Niteroi, 1967); O Maestro Francisco Valle (Rio, 1962)

POLIANTHEA — sobre Alexandre Levy, publicada na Gazeta Musical, Rio, 1892).

RABAÇAL, Alfredo — **Indigenas no Folclore Brasileiro; A Máscara no Litoral de São Paulo** (FFCL de Franca, SP); **Presença de Mouros e Cristãos nas Congadas Brasileiras** (Franca, 1968); **Gigantes do Cortejo**, co-autoria com Arnaldo Mariz Rozeira (Franca, SP, 1967); **Os conceitos de folclore e etnografia em Portugal e no Brasil** (Barcelos, Porto, 1968).

REZENDE, Carlos Penteado de — **Historia do Hino Acadêmico** (Sep. Rev. Fac. Direito USP, ano LIV, f. II, 1953); **Notas para uma Historia do Piano no Brasil** (Rev. Br. Cult. n.6, 1970); **Dois Meninos Prodigios de outrora em São Paulo** (S. Paulo, 1951); **Cronologia Musical de S. Paulo** (Sep. do 2º v. "S.Paulo em 4 séculos" do IHGSP, 1954); **Fragmentos para a Historia da Música em S.Paulo** (Sep. "IV Centenario da Cidade de S.Paulo, 1954); **A Musica em São Paulo** (in São Paulo, Terra e Povo, Globo-USP, 1967); Tradições musicais da Faculdade de Direito de São Paulo (Edições Saraiva, S.Paulo, 1954).

REZENDE, Conceição — **Aspectos da Música Ocidental** (UFMG, Belo Horizonte, 1971).

REVISTA BRASILEIRA DE MUSICA — **Numero Especial consagrado ao Centenario de Carlos Gomes** (Rio 1936, Instituto Nacional de Musica).

RIBAS, Dr. J. Carvalho — **Musica e Medicina** (S. Paulo, 1950).

RIBEIRO, Joaquim — **Maestro José Siqueira, o artista e o lider** (Rio, 1963).

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges — **A Dança do Moçambique** (Ricordi, S.Paulo).

SALLES, Vicente — **Quatro séculos de música no Pará** (Rev. Br. Cult. n. 2 Ano I, 1969).

SILVA, Paulo do Couto — **Da Interpretação Musical** (Globo, 1960).

SIQUEIRA, Baptista — **Influencia Amerindia na musica folclórica do Nordeste** (Rio, 1951).

SOUZA, Pe. Dr. José Geraldo de — **Cancioneiro Folclórico do Brasil**, estudo histórico e crítico (Ricordi, 1956); **Contribuição Ritmico-Modal do Canto Gregoriano para a Música Popular Brasileira** (S. Paulo, 1952, Rev. do Arq. Municipal n.CLXIII e Musica Sacra, Preópolis, 1958); **Brindes Cantados do Folclore Brasileiro**, analise e harmonização (Vitale, 1968); **Folcmúsica e Liturgia** (Petropolis, "Vozes", 1966); **Características da Música Folclórica Brasileira** (1969); **Musica Folclorica na atual legislação da Igreja** (Rev. Br. de Folclore, Rio, jan/abr. 1965); **Historia da Composição Sacro-Musical no Brasil** (Rio, Rev. do Conservat. Bras. de Música, 1957/60); **Conceitos celebres ou caracteristicos sobre o Canto Gregoriano** (Musica Sacra, Petropolis, dez. 1949); **Essencia do Ritmo** (Petropolis, Musica Sacra, 1951); **Subsidios para o estudo do problema de uma expressão musical brasileira na Liturgia (Curitiba, Studium Theologicum, 1955).**

TAUNAY, Visconde de — Dous Artistas Maximos — **José Mauricio — Carlos Gomes** (Melhoramentos); **José Mauricio Nunes Garcia** (Melhoramentos).

VALLE, Flausino Rodrigues do — **Elementos de Folclore Musical Brasileiro** (S. Paulo, 1956).

VIEIRA, Hermes — **O romance de Carlos Gomes** (L.G. Miranda, S. Paulo, 1936).

VILLA-LOBOS — **A música nacionalista no Governo Getulio Vargas** (DIP).

WIDMER, Ernst — **Teses: Bordão e Bordadura** (1970, inédita); **O Ensino de Música nos Conservatorios** (1971, UNIVERSITAS. v. 8º, Revista da UFBa); **Entroncamentos Sonoros** (1972, inédita); **Grafia e Prática Sonora** (1972, apresentada e publicada no 1º Simposio Internacional sobre a Problematica da Atual Grafia Musical, Roma).

Diversos

Da Revista Brazileira pude consultar tres fascículos. O 42º (II ano, tomo VIII, 15.11.1896) contem o artigo Padre José Mauricio (continuação) do Visconde de Taunay; e do mesmo autor, o fasciculo 49, de 1.1.1897, publica, em continuação **Padre José Mauricio.**

Revista Brasileira de Música — publicada pela Escola Nacional de Musica da Universidade do Brasil — MEC — Já extinta, apresentou farta e valiosa colaboração de musicistas brasileiros sôbre os diversos aspectos da musica. Publicou também um número especial consagrado ao centenário de Carlos Gomes.

Revista Brasileira de Folclore — MEC.

Invenção — Revista de Arte de Vanguarda, cujo n. 3 contem trabalhos de Rogerio Duprat, Gilberto Mendes e Willy Correa de Oliveira.

Discoteca Publica Municipal — S. Paulo. Publicou **Melodias registradas por meios não mecânicos**, 1940.

Anhembi — Revista de alta cultura, fundada e dirigida por Paulo Duarte. Manteve sempre uma seção de música de que era titular o autor desta resenha. Publicou 144 números mensais, de dezembro de 1950 a dezembro de 1962.

Anais do I Congresso da Língua Nacional Cantada — realizado em S. Paulo em julho de 1937 (ed. Departamento de Cultura da Municipalidade, 1938, 786 pgs.) Contém Atos do Congresso, Trabalhos do Departamento de Cultura, Teses de outros congressistas.

1974

Já ia quase decorrido o primeiro semestre de 1974 quando se deram as realizações de maior vulto e me chegaram as respectivas notícias. Por isso e por ter de entregar este trabalho com alguma antecedência, nem tudo pôde ser mencionado com o devido relêvo. Forçoso foi dar a esta parte final o caráter de "adendo". De resto, a linha de evolução da música brasileira, dentro da sistemática expositiva adotada, não apresentou fatos relevantes em criatividade nem em avanço quanto à direção que historicamente vinha seguindo, a não ser maior número de recítais, concertos, etc. A linha mestra manteve-se na direção e profundidade anteriormente estudadas.

COMPOSIÇÃO

Um **Trio** inédito de Camargo Guarnieri foi dado em primeira audição na I Bienal Internacional de Música da USP, na execução de Regina Mushiback, Raphael Hillyer e Maria Vischnia.

Na produção para piano tivemos notícia de: Victor Murnier, **Sonata**; Nilson Lombardi, **Ponteios Miniatura**; Almeida Prado, **Cartas Celestes**, trilha sonora para uma sessão do Planetario do Ibirapuera de São Paulo; Hilda Reis, **Quarteto de Cordas**; Mario Ficarelli, **Novelo e Sombra**, esta sôbre um conto de E.A. Poe, encomendada para o Festival de Ouro Preto. Almeida Prado escreveu ainda **Exoflora**, para orquestra, a ser dada no exterior.

MUSICOLOGIA

Foram encontradas em Minas Gerais mais duas obras de José Joaquim Emérico Lôbo de Mesquita, do Barroco Mineiro (séc. 18). Uma delas, **Tercia** estava escrita em partitura completa e manuscrito do autor. A descoberta é devida a pesquisas do maestro Olivier Toni, da USP ("Estado", 8.6.74).

A REVISTA MUSICAL CHILENA, da Universidade do Chile (n.º 125, janeiro-março 1974) publicou dois estudos musicológicos referentes ao Brasil. O primeiro é **A música luso-americana da época de D. João VI de Bragança.** O outro intitula-se **As músicas tradicionais do Brasil** de Rafael José de Menezes Bastos. Ambos os trabalhos mencionam vasta bibliografia, nem toda incluida na parte musicológica deste trabalho.

A musicologia brasileira vai ocupar-se de 700 partituras de musicas do Barroco Mineiro, conservadas no Museu Sacro da Arquidiocese de Mariana. Deverão ser filmadas, ficando uma copia para o Centro de Estudos, continuando os originais em seus lugares de origem.

A Associação de Musicoterapia do Paraná (rua 13 de Maio 723, Curitiba, PR) publicou o 2º número da **Revista de Musicoterapia.** Contem ampla colaboração de especialistas no assunto professores universitarios, psiquiatras, musicoterapeutas, médicos e musicistas.

MOVIMENTO MUSICAL EM SÃO PAULO

A Prefeitura Municipal da Capital desenvolveu notavel movimento musical.

Em primeiro lugar, cita-se o Movimento Mario de Andrade, coordenado pelo incorrigivel idealista José Luiz Pais Nunes, a quem tanto se deve no setor "música para todos", cujas principais manifestações são dadas a seguir.

Notavel série de concerrtos — Primeiras Audições Brasileiras — com programas inteiramente compostos de música inéditas de autores brasileiros, foi realizada no show-room do gabinete do Prefeito, no Ibirapuera. Todos os setores da criação musical foram alcançados, e consequentemente, ensejou-se a apresentação de executantes de todos os gêneros, solistas e conjuntos, vocais e instrumentais. Muitas daquelas não tinham sido ouvidas pelos proprios autores, como acontece frequentemente com amúsica para conjuntos. E sabida a necessidade que têm os autores de se ouvirem, pois a leitura audição mental, embora de sua propria obra, não diz se não mentalmente, ou em abstrato, a mensagem a ser transmitida. Já a audição ao vivo revela muito quanto à vivencia da obra e em observação de ordem téc ica, nem sempre mostrada, pela escrita. Numerosos são os casos que o autor pôde verificar conveniencia de alteração na instrumentação, na orquestração, nas linhas vocais, de sorte a tornar a obra mais fiel às suas intenções. Esse foi um serviço muito grande prestado pela série **Primeira Audições Brasileiras.**

Outra invenção de José Luiz: as **Segundas Musicais**, concertos e recitais de uma hora de duração, na Biblioteca Mario de Andrade.

Não foi pequeno, tão pouco, o movimento de Corais que, espalhados por todos os bairros, mais uma vez fizeram a cidade cantar. E já ao final do ano, grande preparação se iniciava para as comemorações natalinas pelos corais paulistanos, cuja atuação, isolada e um conjunto no concerto de encerramento, empolgaram o público. Muitos concorrida também a série Musica nos Prqeus, no Morumbi, em matinais aos domingos.

A **Orquestra Sinfônica Jovem Municipal**, dirigida pelo dinâmico maestro Samuel Kerr, apresentou-se mais uma vez e entusiasmou os ouvintes pela qualidade da realização. Ao poder público compete proporcionar-lhe os meios para que se desenvolva e venha a ser motivo de orgulho para a S. Paulo e a musica municipal.

A Orquestra Sinfonica Municipal trabalhou tambem e procurou manter a continuidade dos Concertos Matinais no Teatro Municipal, em geral repetição de programa noturno, prática que o Municipal estendeu a outras entidades. Ativo mostrou-se o Quarteto de Cordas Municipal.

Além de todo esse movimento, o Departamento Municipal de Cultura patrocinou numerosos recitais no Municipal e no MASP, o que permitiu a apresentação de grandes artistas e conjuntos do país e do exterior.

E sabe-se estar o Departamento empenhado em um levantamento de possibilidades para que das escolas de musica sob fiscalização municipal venham a sair os elementos necessários à composição de orquestras sinfônicas, grandes ou pequenas, locais ou regionais, de sorte a musicalizar a infância e a juventude também por esse meio, alem do canto coral e dos estudos instrumentais. Inicia-se assim uma semeadura que, a medio e longo prazo produzirá excelentes resultados. Não se trata de eliminar a "piancolatria", que tantas glorias trouxe ao país, e sim de trazer á juventude mais este elemento para sua criatividade e expressão pela música.

Devido á precariedade de informações, nossos comentarios quanto ao âmbito estadual a cargo da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, têm vista principalmente a capital paulista.

Em fevereiro, realizou-se a I Bienal Internacional de Música, na USP, idealizada por Olivier Toni, Willy Corrêa de Oliveira e outros músicos filiados à música de vanguarda. Sua programação não se restringiu porem exclusivamente ás correntes mais avançadas da música contemporanea. O ecletismo da programação revelava uma criatividade intensa e livre. Os promotores esperam que a proxima Bienal obtenha exito mais profundo e intenso, em termos de criatividade e compreensão.

Em abril, sob direção artística do maestro Eleazar de Carvalho, realizaram-se "8 Encontros com J.S. Bach", no Teatro São Pedro. A programação, muito variada como realização, ensejou a apresentação da **Paixão segundo São João**, de numerosos concertos, inclusive aqueles para um, dois, tres e quatro pianos e orquestra, de que foram solistas, Arnaldo Estrela, Ana Lucia Altino, Sonia Muniz e Gilberto Tinetti.

Eleazar de Carvalho levou avante, em julho, um Festival Internacional de Música. Desenvolvido anteriormente em Campos do Jordão, foi transferido em 1974 para a capital, o que lhe deu maior projeção e area de ação, embora alguns programas fossem dados naquela estância climática. No Teatro Municipal paulistano fizeram-se ouvir Magda Tagliaferro, violoncelista André Navarro e pianista Roberto Szidon. Foram dados concertos sinfonicos com a Orquestra Sinfônica do Estados de São Paulo, dos quais o primeiro foi o de inauguração do Festival, regencia de Eleazar de Carvalho, solista Jacques Klein e obras de Marlos Nobre, Almeida Prado — este dirigiu sua peça **Estações** — e Strawinski. O último, de encerramento, foi dedicado a Beethoven: **Fantasia Coral** e **9a. Sinfonia.** Outros concertos foram dados com os maestros Diogo Pacheco, Tulio Collaciopo, David Machado e Gilberto Mendes.

No Anfiteatro da USP desenvolveram-se manifestações paralelas ao Festival: Colóquio Internacional C.I.M. (Unesco) e atos musicais. As sessões plenarias dos Coloquios trataram em separado Musica Ocidental (exclusive America Latina), Asia, Africa e Mundo Arabe e América Latina. Um reparo foi feito por exte jornal ("Estado") 28. 7.74):"Segundo alguns musicólogos brasileiros que, como os estrangeiros, criticaram a falta de organização do Coloquio, a ausencia de uma conferencia dedicada exclusivamente á musica tradicional brasileira foi uma especie de "ministério insondável",o qual, entretanto, podia ter sido evitado."

A data da entrega deste trabalho iniciara-se no Teatro São Pedro, com a OSESP, uma série de 4 Encontros com a Música Brasileira, desde o Barroco Mineiro até a Musica de Vanguarda.

A Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo e a assessoria de Eleazar de Carvalho, realizaram durante o ano um trabalho amplo de apresentação musical, em que virtuoses, professores de orquestra, conjuntos e musicologos viram-se chamados a cooperar, o que foi conseguido com inegavel exito. Os Encontros com J.S. Bach, o Festival Internacional e os Encontros com a Musica Brasileira, constituem uma visão panoramica de todo um mundo sonoro em grande parte novo para o grande público.

Outras manifestações

Muitas outras manifestações se deram em 1974, não vinculadas ao poder público. A grande pianista Guiomar Novaes fez sua primeira gravação no Brasil, cujo produtor foi o jovem Roberto Tibiriçá Passos. A grande artista presidiu o juri do Concurso Nacional de Piano "Guiomar Novaes", realizado em Petrópolis, de 8 a 15 de outubro, e promovido pela Cultura Artística local. Os premiados foram Henrique Cabral Duprat (vencedor), Claudio Richerme (talento mais promissor), Eliane Godoy, (premio extra, e Claudio Soares (medalha de finalista).

Grandes virtuoses fizeram-se ouvir na capital paulista. Ao lado dos nomes consagrados de Magda Tagliaferro e outras celebridades, destacaram-se alguns jovens pianistas e, curiosamente, alguns violonistas de talento incomum — Silvio Augusto Pacheco e Marco Antonio Pereira entre outros — com prestígio já firmado e muito promissor.

O ciclo das **32 Sonatas de Beethoven** foi executado pelo pianista Claude Frank, e Jocy de Oliveira apresentou um audio-visual com a obra pianística de Messiaen.

"No momento, o Brasil musical, é representado, portas a dentro, e no exterior, por uma plêiade de artistas — cantores, regentes, solistas, compositores — de grande valor. O número dele é, relativamente, surpreendente. Muitos outros porém em boa parte igualmente dotados, não encontram as necessárias oportunidades. O fato deve merecer a atenção de quem de direito, para que uma política de educação artística não se limite a dar concertos — o que em si é válido e necessário de vez que ocupa o artista e oferece música ao povo — mas que projete desde a infância os talentos em germe. Música e mais música em todos os graus de ensino, criará o ambiente propício às manifestações de talentos autênticos"

A Orquestra Filarmônica, a Sociedade Bach, a Cultura Artística e a Pro Arte cumpriram valiosa programação que abrilhantou a temporada de 1974. Cussy de Almeida e Jacques Klein tocaram as **sonatas** de Brahms para violino e piano. O violinista utilizou o violino "Hammerle", anunciado como sendo o primeiro Stradivarius que veio para ficar no Brasil, e sua aquisição se deveu ao Sistema Financeiro Continental.

Santos, SP, realizou em setembro o seu **X Festival de Musica Nova.** O programa compreendia concertos que procuravam relacionar a estética do romantismo com a música de hoje e apresentação de obras de Roberto Martins, Gilberto Mendes, Willy Correa de Oliveira, Vinholes, Dieter Schnebel, Mozart, Kopelent, Coelho de Souza, Claudio Santoro, Schoenberg e demais expoentes de vanguarda, como Varèse, Berio, Henrique Pinto, Almeida Prado e outros. A obra completa para piano, de Schoenberg, foi dada pelo pianista Caio Pagano. Paralelamente programou-se um Curso de Introdução à Música Eletrônica pelo compositor uruguaio Conrado Silva, o qual incluiu demonstrações de utilização de sintetizador de sons, como gerador sonoro de partituras para musica eletrônica ("Estado" 31.8.74).

A atividade musical da próspera cidade de Piracicaba é devida principalmente à veterana Sociedade de Cultura Artística e à Escola de Música de Piracicaba. Esta foi fundada como Escola Livre de Música Pro Arte, em 1953, por H. J. Koellrreuter, Ernst Mahle, Maria Dirce A. Camargo e outras pessoas representativas da cidade. Em 1961 desligou-se da Pro Arte e passou a funcionar com o nome de Escola de Musica de Piracicaba, sob fiscalização estadual. Tem realizado apreciável atividade e já programou o III Concurso Jovens Instrumentistas do Brasil, a ser realizado em junho-julho de 1975.

ATIVIDADES DO MEC

As atividades do Departamento de Assuntos Culturais do MEC foram inegavelmente positivas em 1973, divulgadas em 1974 pela revista CULTURA (Brasilia, no. 12, jan/mar. 74) e só a elas nos podemos agora referir. No campo da música destacaram-se: grande concerto sinfônico na Quinta da Boa Vista, por ocasião das comemorações de mais um aniversário da nossa Independência, com a participação de mil figurantes, entre músicos e cantores, pertencentes às Orquestras Sinfônica Nacional, Sinfônica Brasileira, Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra do Teatro Municipal, das Bandas do Corpo de Bombeiros da Guanabara e da Base Aérea do Galeão, Associação de Canto Coral e Corais do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da radio MEC, tendo como solista o pianista Nelson Freire sob regencia dos maestros Chleo Goulart e Isaac Karabtchewski; concertos pela Orquestra Sinfônica Brasileira, regencia de Karabtchewski, em Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, São Paulo, Brasilia, Belo Horizonte; apresentação a Orquestra Sinfonica de Porto ALegre sob regencia do maestro Pablo Kmlos em Brasilia e outras capitais.

Em entrevistas na Radio MEC foram focalizadas, entre outras, as figuras de Villa-Lobos e Cecilia Meireles, respectivamente por Arminda Villa-Lobos e Maria Fernandes.

Em Recife o Departamento de Ação Cultural do MEC realizou um concerto monstro de 1.000 instrumentos para 10.000 ouvintes, com elementos locais e do Rio. Encerrou o programa a **Abertura 1812** de Tchaikowski. Foram disparados 6 canhões de 150 milimetros e queimados fogos de artifício em clima apoteótico, conforme o desejo do autor. ("Estado", 2.7.74). Esse concerto e a política cultural do MEC foram severamente censurados por vários maestros, que assinalaram a inesxistência de rendimento artístico em espetáculo desse tipo, o nível do repertório e o desperdício de recursos financeiros ("Estado" 6.7.74).

AMAZONAS

Anunciou-se para setembro de 1974 a reinauguração do Teatro Amazonas, de Manaus, A data não fora ainda fixada, mas contava-se com a participação do Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. O "Amazonas" não está sendo restaurado, mas realmente reconstruido em quase todos os seus pormenores. Fechado durante muitos anos, construido em 1896, seguia as linhas clássicas preferidas na época; sofreu algumas reformas, algumas consideradas estilisticamente absurdas. Agora, voltará a possuir poltronas de veludo púrpura e a rica decoração das paredes e dos paineis. Mas, passada a época do fastigio da borracha e iniciada a divulgação massificadora da radio e da TV, será dificil, segundo o noticiário, que ressurja o esplendor das antigas temporadas líricas e teatrais que o celebrizaram no Brasil. ("Estado" 6.9.74).

GOIÁS

Dentre as realizações do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás (ex-Conservatório de Música), em Goiania, contam-se quatro Festivais de Música Erudita e o 1o. Concurso Nacional de Música-Piano, do Estado, este programado para novembro de 1974.

MINAS GERAIS

O Madrigal Renascentista — Fundação de Arte, instituiu no segundo semestre de 1974 um Concurso Nacional de Composição e Arranjos Corais sobre temas folclóricos brasileiros. Julgamento e premiação em novembro. O Madrigal Renascentista deu seu primeiro concerto a 2.2.56, em Belo Horizonte, sob regência de Issaac Karabtchewski. Realizou a partir de então numerosos concertos no país e no exterior (Europa, Estados Unidos, e América Latina). em 1969 transformou-se em Fundação de Arte e em 1972 a regência passou ao maestro Afranio Lacerda. Ataulmente está desenvolvendo uma programação que atingirá as mais diversas áreas de educação musical e artística.

O VIII Festival de Inverno, coordenado pela Universidade Federal de Minas Gerais, com programação cultural em Ouro Preto e outra 16 cidades mineiras, incluindo Belo Horizonte, foi iniciado em junho e encerrado no mês seguinte. No setor de música o têma principal foi Música Contemporanea, compreendendo atividades de educação musical, regencia coral, musica popular, recitais e concertos diversos. Na area de Artes Plásticas foram instituidos cursos de pintura, desenho, gravura e escultura. A seção musical previa a apresentação de 19 compositores estrangeiros, 14 nacionais, 4 obras em primeira audição mundial. Entre estas figuram **Anjos da Queda**, para cordas, narrador e percussão do mineiro Lourival Silvestre, e **Uma Parábola — Sombra** do paulista Mario Ficarelli para o conto homônimo de Edgard Allan Poe, encomendada pelo Museu Lasar Segall de São Paulo.

A Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Minas Gerais encerrou suas atividades com a apresentação de "O Guarani" de Carlos Gomes, no Palacio das Artes de Belo Horizonte, a 27.10.74, em consequencia de severos problemas financeiros, segundo o seu regente titular maestro Carlos Alberto Pinto da Fonseca ("Estado" 29.10.74).

RIO GRANDE SO SUL

Porto Alegre promoveu, pela sexta vez consecutiva, o Festival de Violão, de realização anual. Compreendia, além de concertos diversos, o Concurso de Violão Pixinguinha. Participaram artistas do Brasil, Uruguai, Argentina e Espanha.

Em julho, a Orquestra Sinfonica de Porto Alegre, sob regencia do dedicado maestro Pablo Komlos, apresentou a ópera **Lohengrin** de Wagner.

Em convenio com o governo do Estado, a mesma orquestra realizou um Festival Marlos Nobre, sob regencia do autor, que atuou também como solista do seu **Concertinho** para piano e orquestra de cordas, e de Alfred Huelsberg.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A Pro Arte realizou em Terezopolis o seu 24º Curso Internacional de Férias, instituido em 1950 e até agora realizado sem interrupção e anualmente naquela cidade. Agora ampliado, compreendeu cursos instrumentais, regencia, composição, teatro, pintura e varios concertos dos diferentes cursos musicais. Orientação anteriormente por Koelrreutter, Schnorrenberg, Heitor Alimonda, Homero Magalhães, Gilberto Tinetti, Padre José de Almeida Penalva, Ernst Huber Contwig e Samuel Kerr, teve em 1974 a orientação de Alberto Jaffé, que fôra o diretor também em 1969 e 1970. Cerca de 100 inscrições foram registradas, mas a tendencia, segundo o diretor e fundador da Pro Arte, Dr. Theodoro Heuberger, é reduzido o número de vagas em 1975, para que o rendimento em qualidade supere o nivel quantitativo.

ARTISTAS BRASILEIROS NO EXTERIOR

O compositor Camargo Guarnieri recebeu convite para reger um concerto de musica brasileira no Festival de Arte de Birmingham, Alabama, em abril de 1975. Apresentará também, no Civic Center, programa com canções de sua autoria, interpretadas pela cantora brasileira Edmar Ferretti. "O que me sensibiliza nestes convites, disse o compositor, é que os promotores do festival querem que minhas canções sejam interpretadas em português." ("Estado" 14.9.74). A parte sinfonica inclui a primeira audição integral naquele país da sua **Sinfonia n. 4 Brasilia**, já ali dada parcialmente.

Marlos Nobre teve muito aplaudidas as suas **Variações Ritmicas** para piano e percussão, em concerto dado em Lisboa, promovido pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa a 13.1.74. Em concerto da Orquestra Filarmônica de Buenos Aires, regente Jorge Retter (Teatro Colon, 22.8.74) Marlos Nobre foi o solista do seu **Concerto Breve** para piano e orquestra, em primeira audição local, elogiosamente comentada por La Razon nestes termos: "E uma composição que, desde suas estranhas sonoridade como de "aviario", no inicio e no decorrer da peça, e com fragores percussivos, traduz sensações selváticas, histéricas e vitais." La Nacion observou: "E uma obra de notável mérito em sua linguagem avançada, e de dimensões relativamente breves, impondo-se pelo seu impulso dinâmico e brilhante roupagem orquestral, sua lógica construtiva e intensiva vitalidade." **Mosaico**, também de sua autoria, foi dado em julho, em Montevideo, pela Orquestra Sinfônica de SODRE, sob regência de Ernst Bour.

O santista José Antonio de Almeida Prado tocou, em outubro, sua obra **Exoflora**, para piano e orquestra, com a Pro Arte de Graz, regida pelo brasileiro John Neschling, em programa de música brasileira. O autor deveria seguir depois para Londres, Donaueschingen como participante do Festival local, Genebra para gravação na Radio Suisse-Romande da sua obra **Cartas Celestes** e outras peças. E ele noticia, em carta, um recital do pianista Moreira Lima, em Londres, a 29.10.74.

O compositor campineiro Raul do Valle foi recebido por Nadia Boulanger, em Paris, de quem recebeu aulas de composição. A eminente professora escreveu a Camargo Guarnieri nestes termos: "Caro amigo. Obrigada. A conquista era previsível. Deu-se realmente, pois este jovem Do Valle é realmente uma personalidade atraente. Agradeço-lhe por ter compreendido que eu gostaria de conhecê-lo. Ouvi bem pouco da sua música: é curioso o contraste existente entre as torrentes de violência de una e a tranqüilidade todavia vital do que ele escreve, pelo menos do que eu pude ouvir. Desde que ele não se deixe arrastar pela torrente na qual se engolfam tantos moços que batem a torto e a direito, antes de ouvir, pois se suas explosões fossem ouvidas, sentidas, voluntárias, poderíamos compreendê-los, mas sente-se que, frequentemente, mergulha-se no acaso. Sua carta causou-me grande alegria, como sabe, pois penso muito em você, na sua música, na sua vida, de maneira ainda mais particular depois que conversamos tanto a seu respeito com José Prado. Obrigado pela sua carta. Esteja certo que dedico desde já grande interesse a Do Valle. Nadia Boulanger."

O Coral da Paraiba, na qualidade de representante oficial do Brasil, apresentou-se no Lincoln Center de Nova York, ao encerramento do IV Festival de Coros. Antes, o conjunto paraibano apresentara-se nos Estados de Nova York, Virginia, Delaware e Pensilvânia ("Estado" 12.5.74).

A apresentação de "Il Guarani" em Palermo foi recebida com largos elogios da crítica. O espetáculo esteve a cargo de um conjunto denominado Companhia de Opera Brasileira, que levou o Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo. Sob regência de Armando Belardi, atuaram Benito Maresca e Niza de Castro Tank nos principais papéis.

O Coral da USP, regente Benito Juarez, regressou de vitoriosa excursão pela Europa, onde obteve consagradoras referências da crítica.

A pianista brasileira Ana Stela Schic gravou na França, toda a obra pianística de Villa-Lobos. O primeiro álbum da coleção, com três discos, foi distribuido em começos de novembro. Informou a gravadora que, no total, mais de 200 peças de Villa-Lobos serão apresentados nesses discos. O primeiro contém as **Bachianas Brasileiras** e **Prole Bebé.**

SAUDADE

Tres setores da música paulistana sofreram irreparáveis perdas em 1974.

A grande pianista Antonieta Rudge, artista das maiores, falecida em julho; deixou como única lembrança material de sua arte, uma gravação feita por amigos reunidos pelo Dr. Paulo Portugal. A pianística da ilustre virtuose fica ali registrada na sua essencia, já que a montagem se deu mediante aproveitamento de material já bastante antigo entre discos e fitas. Mais do que isso, porém, fica a lembrança da sua figura de uma dama realmente grande, em todos os sentidos em que uma dama autêntica pode ser grande.

A regencia perdeu Klaus Dietter-Wolff, falecido em abril, fundador e diretor do Conjunto Vocal de Câmara de São Paulo e do Coral Ars Viva de Santos, e grande animador do movimento musical. Cooperou com entusiasmo na apresentação de obras de todos os estilos, principalmente quanto a autores jovens, incentivando-lhes a criatividade.

A regência e o campo promocional, a que ultimamente se dedicava, perderam Arthur Kauffmann, um dos seus lídimos representantes. Falecido em outubro, foi eficiente executivo da Orquestra Filarmonica de São Paulo, e deixou inumeros discipulos, amigos e admiradores.

CONCLUSÃO

No momento, o Brasil musical é representado, portas a dentro e no exterior, por uma pleiade de artistas — cantores, regentes, solistas, compositores — de grande valor. O numero deles é, relativamente, surpreendente. Muitos outros, porém, em boa parte igualmente dotados, não encontram as necessarias oportunidades. O fato deve merecer a atenção de quem de direito, para que uma política de educação artística não se limite a dar concertos — o que em si é válido e necessario, de vez que ocupa o artista e oferece música ao povo — mas que proteja, desde a infanci,a os talentos em germe. Música e mais música em todos os graus de ensino, criará o ambiente propicio às manifestações de talentos autênticos. Não esqueçamos que, para cada artista que se projeta internacionalmente, mil ou mais não progridem ou morrem no nascedouro. E no Brasil ha talentos em número muito maior do que se imagina.

É preciso pensar no seguinte: a distribuição de música, como quem dá bombons às crianças em dias de festa, vai criar a necessidade da música; vai provocar um consumo ao qual o consumidor não poderá atender, porque não lhe deram os meios de adquiri-la como educação, nem de pagar por ela como lazer ou apreciação. Que adiantam esclarecimentos dietéticos e nutricionais a uma população carente de centavos para comprar alimentos?

O levantamento ora feito, falho e precario como é, revela ainda assim a fragilidade, a inconsistencia e a desigualdade do nosso tecido cultural. Seria inutil pensar logo em uma homogeneização em massa, em unificação nacional, em generalização utópica, irrealizavel e desperdiçadora de dinheiro. Pela exposição que fizemos, verifica-se tenderem as personalizações criadoras, os artistas que trabalham individualmente, para uma unidade estética de ordem superior, futuramente representativa da criativdade nacional entendida como um todo, não em termos regionais nem pessoais mas em termos de uma totalidade realmente nacional. Marlos Nobre, na carta que dele transcrevemos, exprimiu muito bem a "brasilidade atual" do compositor brasileiro.

Assim, cada unidade política — Município, Estado, Nação — deve fazer o maximo que lhes estiver ao alcance, para que, pela ordem natural das coisas, a consolidação do tecido cultural venha pouco a pouco a adquirir estrutura mais solida, o que evitará falhas e fragilidades. Um movimento mais homogeneo abrigará e protegerá os artistas, sem massificação, sem sufocamento das personalidades criadoras. É sabido que sem estas, sem os talentos de exceção, jamais sociedade alguma saiu da mediocridade.

O Brasil apresenta uma expansão constante da criatividade composicional nas duas direções fundamentais: a tradicional e a de vanguarda, entendidas, cada uma, em seu proprio sentido evolutivo.

O som tradicional continua sendo usado nos mais variados tipos de linguagem, e a vanguarda não tem estado inativa. Tem-se a impressão, porém, de estarem os "tradicionais" mais atualizados ou avançados em sua linha estética, do que os vanguardistas na deles.

Esta última mostra-se, pelo menos entre nós, como exaurida. A cada vez, nova extravagancia, mas raramente um passo a frente, ao passo que a outra sempre apresenta algo novo. E que dissecado um objeto — como faz a tecnologia de vanguarda — termina a pesquisa a seu respeito. Ao passo que não se disseca o espirito criador e nem se exaurem a imaginação e a emoção.

EVOCANDO FATOS E HOMENS

NO COLÉGIO COMERCIAL MUNICIPAL DE S. PAULO — TOCANTE CERIMÔNIA CÍVICA

LUIS SARTORELLI BOVO

Registramos hoje, em nossa coluna, um acontecimento auspicioso: a posse da nova diretoria do **Centro Cívico do Colégio Comercial Municipal de São Paulo**, educandário dirigido pelo ilustre **prof. Waldemar Vieira Murat Júnior**. Na abertura da cerimonia do importante ato cívico, o diretor do estabelecimento aludido proferiu sugestiva oração, revestida de fé e de esperança, esperança na juventude e sobretudo, nos destinos da terra brasileira.

Em seguida, o **prof. Azaury Peixoto Jatobá**, orientador **do Centro Cívico**, procedeu à leitura do termo de posse da nova diretoria, assim redigido:

"À 14,30 hs. do dia 19 de junho de 1976, no auditório **do Colégio Comercial Municipal de São Paulo**, sito à rua Voluntários da Pátria n.o 777, Santana, Capital, sob a presidência do sr. Diretor do Estabelecimento, **prof. Waldemar Vieira Murat Júnior**, tomou posse neste ato a Diretoria do Centro Cívico Escolar, eleita no pleito realizado a 31 de março de 1976. Ficam devidamente empossados os representantes da chapa **VISÃO** e a partir deste instante investidos das atribuições concernentes dos respectivos cargos, os seguintes alunos: presidente **Atila Denys**; vice-presidente: **Maria José Vignola Sarno**; primeiro-secretário, **Edicléia Vieira Cortez**; segundo secretário, **Cibele Trezila**; primeiro tesoureiro: **Irio Facchinato**; segundo tesoureiro: **Gisele Heloisa Cunha**; orador: **Ivan Kowaleski Figueira de Barros**; primeiro suplente: **Vânia Maria Baldini**; segundo suplente: **Maria do Carmo Petraglia**; terceiro suplente: **Lizarda Fátima Fernandes Vieira**; quarto suplente: **Clodomiro Brás de Castro**.

Os alunos ora empossados se propõem a zelar pela concretização dos objetivos do **Centro Cívico Escolar**, determinados pelo artigo 32, do Decreto Federal 68.065/71 e de acordo com o Decreto 869/69 que determina: "a) **centralizar no âmbito escolar as atividades de Educação Moral e Cívica**; b) **cooperar na formação e aperfeiçoamento do caráter do educando**; c) **irradiar na comunidade local e escolar os fins a que se propõe a Educação Moral e Cívica**. Imbuídos deste espírito, comprometem-se à defesa da dignidade da pessoa humana, dos princípios democráticos, do **Amor à Pátria Brasileira**, da preservação do espírito cristão, das tradições histórico-culturais, da formação cívica e do aprimoramento físico-mental do jovem e sua integração na comunidade".

Logo após o ato de posse, o presidente do **Centro Cívico, Atila Denys**, fez uso da palavra manifestando na oportunidade o desejo de um trabalho profícuo, útil e proveitoso e que envidará esforços no sentido de dinamizar as melhores iniciativas, **tendo em vista o bem comum**.

EM NOME DO CENTRO CÍVICO

Em nome do Centro Cívico discursou o aluno **Ivan Kowaleski Figueira de Barros**. Em seu vibrante discurso, **uma afirmação de fé e de otimismo**, disse:

"É com alegria e satisfação que anotamos este acontecimento importante na existência do nosso colégio. O seu **Centro Cívico** retoma suas atividades com a posse de uma nova diretoria. Após um elevado combate eleitoral, no qual todos puderam expor suas idéias e programas, a nossa chapa recolheu a preferência esmagadora do Colégio. Por conseguinte, hoje, ao nos transformarmos em representantes de todos os alunos, sentimos uma responsabilidade maior a pesar sobre nossos ombros.

Cabe-nos principalmente uma função, que eu diria histórica. Ao atuar dentro das novas condições sociais criadas pela Revolução de 1964, torna-se necessário redifundir o papel e atuação das entidades estudantis. Como órgãos capazes de captar o seu pensamento e as suas necessidades, postulando mediante o diálogo e o entendimento franco e aberto com a direção do Colégio, as medidas que possam levar os estudantes a uma vivência responsável, sadia e construtiva, criando na vida estudantil as premissas básicas do que deve ser o fundamento da sociedade brasileira: **trabalho e solidariedade, fundidos no amor à Pátria e ao próximo.**

É este um caminho difícil, pois que pouco desbravado, em virtude de preconceitos e desconfianças que cercam as atividades de centros estudantis, motivado pelo seu desvirtuamento em passado, que não o nosso. O apoio que recebemos da direção do Colégio e dos professores ao nosso **Centro Cívico**, nas facilidades que tivemos para a realização das eleições, nos dá a medida da visão diferente e nova, que orienta, não só aos senhores professores, mas a nós, alunos.

É nesta unidade de objetivos superiores que repousa a certeza de que levaremos a contento a tarefa que hoje nos é transmitida.

Queremos fazer do nosso **Centro Cívico** o ponto de encontro de todos os alunos deste Colégio para que, convivendo neste recinto, durante horas, no correr de vários anos, não saiamos daqui como estranhos, indiferentes ao destino de cada um e desconhecendo todos os ideais maiores que nos devem unir sob o mesmo pavilhão **Verde-Amarelo** na construção de uma Pátria que deverá ser a soma do trabalho, da dedicação, do esforço e do amor de todos. **Somemos desde já.**

Queremos fazer do nosso **Centro Cívico**, uma Casa, onde alunos e professores se irmanem no estudo e na solução dos problemas que surgem no dia a dia, como exigência maior do desenvolvimento do nosso País.

Queremos, enfim, que o nosso **Centro Cívico** seja mais um fator de elevação do nome do nosso Colégio, do qual possamos ter, alunos e professores, um orgulho cada vez maior.

Estamos certos de que esta é também a esperança dos senhores professores, da nossa direção e de nossos pais que com suas presenças neste ato, querem testemunhar o início de um novo capítulo da vida estudantil do nosso Colégio.

A todos, o nosso agradecimento e a nossa promessa de não decepcioná-los, se com sua ajuda pudermos contar".

CREDO DOS BRASILEIROS

No transcurso da cerimônia, o **jogral do Colégio** apresentou o **"Credo dos Brasileiros"**, bonita página cívica, de autoria do **Prof. Linneu Gonçalves Brigagão.**

Conforme reproduz a foto, alunos do Colégio Comercial Municipal de São Paulo desfilam por ocasião da abertura das últimas Olimpíadas promovidas pela Prefeitura. Esse desfile contou com a participação atuante dos alunos do Centro Cívico

"Cremos em Deus e na Pátria,
Cremos no amor
e na justiça.
Cremos na tradição,
na luta do presente
e na afirmação do futuro.
Cremos no sorriso promissor
da infância.
No entusiasmo da mocidade
e na experiência da velhice.
Cremos na razão,
no triunfo da virtude sobre
o mal,
na esperança frente à descrença.
Cremos na cultura,
no civismo,
no trabalho
e na continuidade da Pátria.
Cremos na lei,
no direito,
na família,
e no aperfeiçoamento do homem e dos povos.
Cremos no Brasil
jamais conquistador de outras nações,
mas amigo do entendimento
justo e cristão entre os povos.
Cremos na ambição legítima
que constrói a prosperidade.
Cremos na diplomacia
Como o diálogo civilizado entre as nações.
Cremos no primado do espiritual sobre o material
e na vitória final da paz sobre a guerra.
Cremos que todos os povos, como o brasileiro já admite, afirmarão que toda vitória pela guerra
é também derrota
porque humilha a criatura humana.
Cremos que a violência, qual
irresistível vendaval,
derruba o templo,
a cultura,
os tribunais,
porém o homem tudo reconstruirá,
testemunhando a glória de Deus.
Cremos no Brasil do labor,
da esperança
e da fé.
Cremos, Senhor Deus
do começo e do fim,
da vida e da morte,
que realmente cremos.

CONGRATULAÇÕES

Vimos sensibilizados que o **Colégio Comercial Municipal de São Paulo** não descura as práticas cívicas. Procura inundir no espírito dos discentes um amor cívico sadio, sincero e imperecível, preparando-os, adequadamente, para o exercício tranquilo da cidadania. Com razão fundada apresentamos as nossas congratulações ao diretor do estabelecimento, **Prof. Waldemar Vieira Murat Júnior**. Congratulamo-nos, ainda, com todos aqueles que prestigiam os atos cívicos, tão responsáveis pela formação de uma Pátria cada vez mais robusta em seus valores morais e, sobretudo, mais respeitada no **Concerto universal.**

Nota: Retomaremos as nossas entrevistas sobre Tiradentes, iniciadas com os alunos do Centro Cívico do Liceu Coração de Jesus, domingo, dia 4 de julho.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DAS FINANÇAS

Departamento de Rendas Mobiliárias

TAXAS DE LICENÇA

O Departamento de Rendas Mobiliárias da Secretaria das Finanças do Município de São Paulo alerta os Senhores Contribuintes da taxa de licença para localização, funcionamento e instalação de atividades comerciais, industriais, profissionais, de prestação de serviços e similares — exceção feita aos feirantes e aos casos de diversões públicas — bem assim da taxa de licença para publicidade, nos casos de incidência anual, nos termos da Tabela IV, anexa à Portaria n.o 246, de 17 de dezembro de 1975, que no próximo dia 30 de junho expira o prazo para recolhimento dos referidos tributos.

Assim, todos os contribuintes que ainda não efetuaram os pagamentos devidos, deverão regularizar sua situação até aquela data, pois a partir de 1.o de julho os recolhimentos serão acrescidos das multas previstas na legislação em vigor, além das demais penalidades cabíveis.

Atracam hoje em Santos navios da Marinha de Guerra

Sob o comando do vice-almirante Roberto Mário Monnerat, comandante-chefe da Esquadra, chega hoje ao porto de Santos uma Força do Grupo-Tarefa da Marinha de Guerra Brasileira, com cerca de setenta e seis alunos da Escola de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha, que participarão de uma viagem de adestramento, embarcados nos contratorpedeiros "Marcílio Dias", "Maranhão", "Mato Grosso", "Santa Catarina" e "Paraná". Do porto de Santos, os navios seguirão com destino à costa do Nordeste brasileira, onde realizarão manobras militares rumando depois para o porto de São Salvador.

CONSÓRCIO CARRO-TRAILER: UMA SOLUÇÃO PARA TURISMO

Os turistas brasileiros serão favorecidos por uma feliz coincidência. Quase ao mesmo tempo em que o governo tomou medidas visando restringir o número das viagens de passeio ao exterior, estipulando o depósito prévio de Cr$ 12 mil, uma empresa revendedora de veículos em São Paulo, a Cia. Pereira Barretto de Automóveis, lança um consórcio inédito no País: os cotistas poderão tirar, todos os meses, um carro grande e um trailer.

Esta parece ser a solução perfeita para o problema do turismo nacional, prejudicado pelas altas diárias cobradas pela maioria dos hotéis de uma melhor categoria. Com a possibilidade de adquirir um trailer por baixas prestações mensais, como propõe David Neves da Silva, gerente de vendas da Pereira Barretto, o turista brasileiro, mesmo da classe média, terá acesso aos principais pontos turísticos do País, com uma despesa total bem menor.

"Como uma revendedora de muita experiência no mercado automobilístico brasileiro — explica David — acreditamos que este possa ser um bom caminho para o mercado do turismo interno. Na verdade, o lançamento do consórcio carro-trailer deu-se antes da divulgação da nova lei que obriga o depósito dos Cr$ 12 mil para países que não sejam Argentina, Uruguai e Paraguai. Foi realmente uma feliz coincidência e isso nos deixa mais contentes. Lançamos um bom negócio para o turista, para o País, que economizará divisas e para a nossa empresa, é claro."

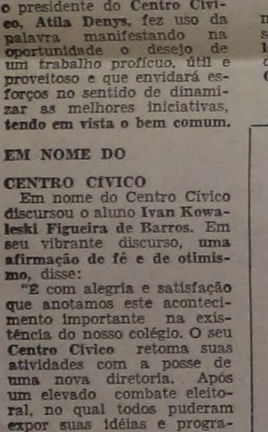
Logo após a divulgação publicitária do novo consórcio (um Opala e um trailer com capacidade para uma família média), os interessados começaram a aparecer em busca dessa nova fórmula, que irá salvar as férias de muita gente, segundo David. As vantagens de um trailer são evidentemente: o turista com mulher e dois ou três filhos poderá levá-los já nestas férias de julho, se for premiado nos sorteios ou der o lance suficiente, a qualquer das mais procuradas paisagens do País ou, ainda, aos campings espalhados por vários Estados.

"Gostamos de ser pioneiros — diz David Neves da Silva, da Pereira Barretto. E essa idéia do consórcio carro-trailer é pioneira. E as mensalidades estão ao alcance de qualquer família de renda média as mensalidades de participação no consórcio foram estipuladas e, Cr$ 2.023,00.

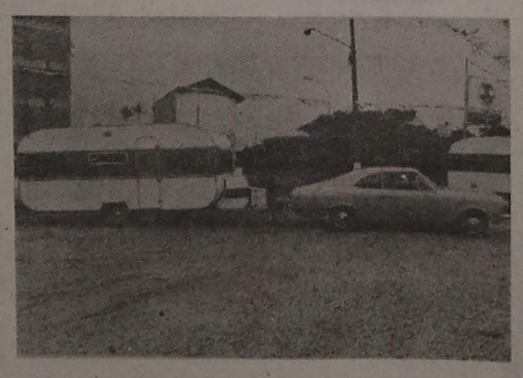
A Cia. Pereira Barretto está no mercado de veículos em São Paulo há 10 anos e é uma das cinco maiores revendedoras General Motors do País (também irá vender caminhões Diesel da GM) e seu presidente José David Pereira Barretto, é um dos homens que contribuiu decisamente para a implantação do centro campestre do SESC, onde ocupa o cargo de vice-presidente.

Sua empresa tem se destacado por constantes promoções. Há pouco tempo ofereceu aos compradores dos automóveis da linha GM, um jogo de malas para viagem, que teve aceitação entre o público. Agora, pensando na criançada, vai presenteá-los com bicicletas.

A idéia está aí. Talvez agora o Brasil seja realmente descoberto e resolva em parte seu problema de evasão de divisas.



David Neves da Silva, o gerente geral de vendas da Cia. Pereira Barreto



Consórcio carro-trailer: a fórmula para conhecer o Brasil

ESCOLA, ESTAÇÃO PRIMEIRA.

Primeira no ensino da propaganda, muito antes dos cursos de comunicação. Primeira na orientação dos estudantes, muito mais formativa que generalista. Primeira no aproveitamento profissional, muito maior do que se poderia esperar: 81% dos seus ex-alunos são publicitários.

Seu nome diz da trajetória percorrida. Escola de Propaganda de São Paulo. Escola Superior de Propaganda de São Paulo. Escola Superior de Propaganda e Marketing. Seus nomes, desde ontem aos dias de hoje. Indicando um curso livre, um curso de nível universitário, uma faculdade-padrão reconhecida em termos nacionais.

A Escola Superior de Propaganda e Marketing está completando 25 anos. De ensino, é claro, mas principalmente de participação na vida publicitária do país. Nesse quarto de século, por ela passaram nomes dos mais expressivos da propaganda brasileira. Como alunos, como professores, como diretores. Afirmando em plenitude uma idéia vitoriosa.

No 25º aniversário da Escola Superior de Propaganda e Marketing, a revista "Propaganda" tem a satisfação de homenageá-la com uma edição especial. Mais que isso, uma edição-documento. É que todos nós, anunciantes, agências, veículos, fornecedores, queremos retribuir um pouco do muito que dela recebemos. Por isso planejamos essa comemoração, que desejamos seja tão histórica quanto a contribuição da Escola. Para milhares de publicitários sua estação primeira.

Data de fechamento: 12 de julho
Entrega de material: 15 de julho

Propaganda

CASA LUONGO — 1925 1975 50 ANOS — RUA DIREITA, 89 — FONE, 35-4562 - SÃO PAULO

VENDERÁ Quartas e Sábados — 3.000.000,00 EM 3 SÉRIES — Inteiro: 120,00 - Trinca: 360,00

Entregamos a domicílio na capital. Enviamos para todo o Brasil mediante cheque VISADO

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Cr$ 1.700.000,00

1334.ª Extração — PLANO 123

1.º PRÊMIO	56904 — 1.700.000,00 — MAIS 2.100,00 — MINAS GERAIS
2.º PRÊMIO	18721 — 200.000,00 — SÃO PAULO
3.º PRÊMIO	60326 — 80.000,00 — SÃO PAULO
4.º PRÊMIO	54970 — 70.000,00 — SÃO PAULO
5.º PRÊMIO	04749 — 60.000,00 — RIO G. DO SUL

0
0265 ... 2.000,00
0326 ... 1.500,00
0469 ... 1.500,00
0496 ... 1.500,00
0649 ... 1.700,00
0694 ... 1.700,00
0706 ... 2.200,00
0904 ... 2.100,00
0946 ... 1.500,00
0964 ... 1.700,00

1
1904 ... 2.100,00

2
2904 ... 2.100,00

3
3904 ... 2.100,00

4
4069 ... 1.500,00
4096 ... 1.500,00
4105 ... 2.200,00
4609 ... 1.500,00
4690 ... 1.500,00
4740 ... 600,00
4741 ... 600,00
4742 ... 600,00
4743 ... 600,00
4744 ... 800,00
4745 ... 600,00
4746 ... 600,00
4747 ... 600,00
4748 ... 600,00
4749 ... 5.º Prêmio
4750 ... 600,00
4751 ... 600,00
4752 ... 600,00
4753 ... 600,00
4754 ... 800,00
4755 ... 600,00
4756 ... 600,00
4757 ... 600,00
4758 ... 600,00
4904 ... 2.100,00
4906 ... 1.700,00
4917 ... 2.000,00
4960 ... 1.500,00
4970 ... 1.500,00

5
5904 ... 2.100,00

6
6049 ... 2.300,00
6094 ... 2.300,00
6409 ... 2.100,00
6490 ... 2.100,00
6904 ... 8.100,00
6940 ... 2.100,00

7
7904 ... 2.100,00

8
8721 ... 1.500,00
8904 ... 2.100,00

9
9046 ... 1.500,00
9064 ... 1.700,00
9406 ... 1.700,00
9460 ... 1.500,00
9604 ... 1.700,00
9640 ... 1.500,00
9904 ... 2.100,00

10
10326 ... 1.500,00
10469 ... 1.500,00
10496 ... 1.500,00
10649 ... 1.700,00
10694 ... 1.700,00
10904 ... 2.100,00
10946 ... 1.500,00
10964 ... 1.700,00

11
11904 ... 2.100,00

12
12904 ... 2.100,00

13
13460 ... 2.000,00
13904 ... 2.100,00

14
14069 ... 1.500,00
14096 ... 1.500,00
14609 ... 1.500,00
14690 ... 1.500,00
14749 ... 1.500,00
14904 ... 2.100,00
14906 ... 1.700,00
14960 ... 1.500,00
14970 ... 1.500,00

15
15904 ... 2.100,00
15958 ... 2.000,00

16
16049 ... 2.300,00
16094 ... 2.300,00
16409 ... 2.100,00
16490 ... 2.100,00
16904 ... 8.100,00
16940 ... 2.100,00

17
17904 ... 2.100,00

18
18712 ... 600,00
18713 ... 600,00
18714 ... 800,00
18715 ... 600,00
18716 ... 600,00
18717 ... 600,00
18718 ... 600,00
18719 ... 600,00
18720 ... 600,00
18721 ... 2.º Prêmio
18722 ... 600,00
18723 ... 600,00
18724 ... 800,00
18725 ... 600,00
18726 ... 800,00
18727 ... 600,00
18728 ... 600,00
18729 ... 600,00
18730 ... 600,00
18904 ... 2.100,00

19
19046 ... 1.500,00
19064 ... 1.700,00
19406 ... 1.700,00
19460 ... 1.500,00
19604 ... 1.700,00
19640 ... 1.500,00
19904 ... 2.100,00

20
20326 ... 1.500,00
20469 ... 1.500,00
20496 ... 1.500,00
20649 ... 1.700,00
20694 ... 1.700,00
20904 ... 2.100,00
20946 ... 1.500,00
20964 ... 1.700,00

21
21904 ... 2.100,00

22
22904 ... 2.100,00

23
23904 ... 2.100,00

24
24069 ... 1.500,00
24096 ... 1.500,00
24609 ... 1.500,00
24690 ... 1.500,00
24700 ... 2.000,00
24749 ... 1.500,00
24904 ... 2.100,00
24906 ... 1.700,00
24960 ... 1.500,00
24970 ... 1.500,00

25
25875 ... 13.300,00
25904 ... 2.100,00

26
26049 ... 2.300,00
26094 ... 2.300,00
26409 ... 2.100,00
26490 ... 2.100,00
26904 ... 8.100,00
26940 ... 2.100,00

27
27104 ... 2.200,00
27904 ... 2.100,00

28
28721 ... 1.500,00
28904 ... 2.100,00

29
29046 ... 1.500,00
29064 ... 1.700,00
29406 ... 1.700,00
29460 ... 1.500,00
29604 ... 1.700,00
29640 ... 1.500,00
29904 ... 2.100,00

30
30326 ... 1.500,00
30469 ... 1.500,00
30496 ... 1.500,00
30649 ... 1.700,00
30694 ... 1.700,00
30904 ... 2.100,00
30946 ... 1.500,00
30964 ... 1.700,00

31
31904 ... 2.100,00

32
32904 ... 2.100,00

33
33904 ... 2.100,00

34
34069 ... 1.500,00
34096 ... 1.500,00
34609 ... 1.500,00
34690 ... 1.500,00
34749 ... 1.500,00
34904 ... 2.100,00
34906 ... 1.700,00
34960 ... 1.500,00
34970 ... 1.500,00

35
35904 ... 2.100,00

36
36049 ... 2.300,00
36094 ... 2.300,00
36409 ... 2.100,00
36490 ... 2.100,00
36904 ... 8.100,00
36940 ... 2.100,00

37
37904 ... 2.100,00

38
38721 ... 1.500,00
38904 ... 2.100,00

39
39046 ... 1.500,00
39064 ... 1.700,00
39406 ... 1.700,00
39460 ... 1.500,00
39604 ... 1.700,00
39640 ... 1.500,00
39773 ... 2.000,00
39904 ... 2.100,00

40
40326 ... 1.500,00
40469 ... 1.500,00
40496 ... 1.500,00
40559 ... 2.000,00
40649 ... 1.700,00
40694 ... 1.700,00
40904 ... 2.100,00
40946 ... 1.500,00
40964 ... 1.700,00

41
41904 ... 2.100,00

42
42904 ... 2.100,00

43
43877 ... 2.000,00
43904 ... 2.100,00

44
44069 ... 1.500,00
44096 ... 1.500,00
44609 ... 1.500,00
44690 ... 1.500,00
44749 ... 1.500,00
44904 ... 2.100,00
44906 ... 1.700,00
44960 ... 1.500,00
44970 ... 1.500,00

45
45904 ... 2.100,00

46
46049 ... 2.300,00
46094 ... 2.300,00
46409 ... 2.100,00
46490 ... 2.100,00
46904 ... 8.100,00
46940 ... 2.100,00

47
47904 ... 2.100,00

48
48721 ... 1.500,00
48904 ... 2.100,00

49
49046 ... 1.500,00
49064 ... 1.700,00
49179 ... 2.000,00
49315 ... 2.000,00
49406 ... 1.700,00
49460 ... 1.500,00
49604 ... 1.700,00
49640 ... 1.500,00
49904 ... 2.100,00

50
50326 ... 1.500,00
50469 ... 1.500,00
50496 ... 1.500,00
50649 ... 1.700,00
50694 ... 1.700,00
50904 ... 2.100,00
50946 ... 1.500,00
50964 ... 1.700,00

51
51904 ... 2.100,00

52
52904 ... 2.100,00

53
53904 ... 2.100,00

54
54069 ... 1.500,00
54096 ... 1.500,00
54609 ... 1.500,00
54690 ... 1.500,00
54749 ... 1.500,00
54904 ... 2.100,00
54906 ... 1.700,00
54960 ... 1.500,00
54961 ... 600,00
54962 ... 600,00
54963 ... 600,00
54964 ... 800,00
54965 ... 600,00
54966 ... 600,00
54967 ... 600,00
54968 ... 600,00
54969 ... 600,00
54970 ... 4.º Prêmio
54971 ... 600,00
54972 ... 600,00
54973 ... 600,00
54974 ... 800,00
54975 ... 600,00
54976 ... 600,00
54977 ... 600,00
54978 ... 600,00
54979 ... 600,00

55
55904 ... 2.100,00

56
56049 ... 2.300,00
56094 ... 2.300,00
56409 ... 2.100,00
56490 ... 2.100,00
56895 ... 1.500,00
56896 ... 1.500,00
56897 ... 1.500,00
56898 ... 1.500,00
56899 ... 1.500,00
56900 ... 1.500,00
56901 ... 1.500,00
56902 ... 1.500,00
56903 ... 1.500,00
56904 ... 1.º Prêmio
56905 ... 1.500,00
56906 ... 1.500,00
56907 ... 1.500,00
56908 ... 1.500,00
56909 ... 1.500,00
56910 ... 1.500,00
56911 ... 1.500,00
56912 ... 1.500,00
56913 ... 1.500,00
56940 ... 2.100,00

57
57904 ... 2.100,00

58
58721 ... 1.500,00
58803 ... 2.200,00
58904 ... 2.100,00

59
59046 ... 1.500,00
59064 ... 1.700,00
59406 ... 1.700,00
59460 ... 1.500,00
59604 ... 1.700,00
59640 ... 1.500,00
59904 ... 2.100,00

60
60317 ... 600,00
60318 ... 600,00
60319 ... 600,00
60320 ... 600,00
60321 ... 800,00
60322 ... 600,00
60323 ... 600,00
60324 ... 800,00
60325 ... 600,00
60326 ... 3.º Prêmio
60327 ... 600,00
60328 ... 600,00
60329 ... 600,00
60330 ... 600,00
60331 ... 600,00
60332 ... 600,00
60333 ... 600,00
60334 ... 800,00
60335 ... 600,00
60469 ... 1.500,00
60496 ... 1.500,00
60649 ... 1.700,00
60694 ... 1.700,00
60904 ... 2.100,00
60946 ... 1.500,00
60964 ... 1.700,00

61
61435 ... 2.000,00
61904 ... 2.100,00

62
62904 ... 2.100,00

63
63904 ... 2.100,00

64
64069 ... 1.500,00
64096 ... 1.500,00
64146 ... 2.000,00
64520 ... 2.000,00
64609 ... 1.500,00
64690 ... 1.500,00
64749 ... 1.500,00
64904 ... 2.100,00
64906 ... 1.700,00
64960 ... 1.500,00
64970 ... 1.500,00

65
65904 ... 2.100,00

66
66049 ... 2.300,00
66094 ... 2.300,00
66409 ... 2.100,00
66446 ... 2.000,00
66490 ... 2.100,00
66904 ... 8.100,00
66940 ... 2.100,00

67
67904 ... 2.100,00

68
68576 ... 2.000,00
68721 ... 1.500,00
68904 ... 2.100,00

69
69046 ... 1.500,00
69064 ... 1.700,00
69406 ... 1.700,00
69460 ... 1.500,00
69604 ... 1.700,00
69640 ... 1.500,00
69904 ... 2.100,00

Os demais bilhetes terminados com			
as centenas	049 - 094	têm	Cr$ 800,00
as centenas	326 - 409 - 490 - 721 - 749 - 940 - 970	têm	Cr$ 600,00
as dezenas	01 - 02 - 03 - 05 - 06 - 07 - 21 - 26 - 49 - 70	têm	Cr$ 200,00
a unidade	4	têm	Cr$ 200,00

AUDITÓRIO

A MÚSICA DE LUIZ LEVY

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

A casa em que nasci e vivi durante vinte e sete anos, na rua São Vicente de Paulo (emplacada erroneamente "Paula"..., bairro de Santa Cecília, se defrontava com amplo palacete da família Levy. Recordo em minha extrema juventude ouvir peças pianísticas, executadas por alguém que nunca cheguei a conhecer pessoalmente. Somente agora fiquei sabendo tratar-se de Luiz Henrique Levy, nascido a 8 de agosto de 1861, falecendo também a 8 de agosto de 1935. Era seu irmão o notável Alexandre Levy (1864-1892), cuja lamentável e prematura morte roubou ao Brasil uma das mais seguras vocações musicais de nossa história, co-fundador do nosso nacionalismo artístico.

Ao contrário de Alexandre, Luiz Levy possuía temperamento alegre e jovial, não se dedicando com exclusividade à composição e ao piano, muito embora fosse pianista exímio. Durante décadas dirigiu a Casa Levy, centro, ponto de encontro das personalidades musicais da Paulicéia. Foi também filatelista apaixonado, fundador da primeira publicação especializada sobre a matéria no Brasil, o Jornal Filatélico. Foi Luiz Levy o primeiro instrutor de seu irmão Alexandre. Compunha com facilidade, absoluto desembaraço, mas sua música permanecia imersa no arquivo da família, não cuidasse "Chantecler" de dedicar-lhe todo um microssulco estéreo (2-08-404-072), pela pianista Eudoxia de Barros, com excelente fatura gráfica e bem informativa contracapa do musicólogo Mozart de Araújo, autoridade de nossa história musical.

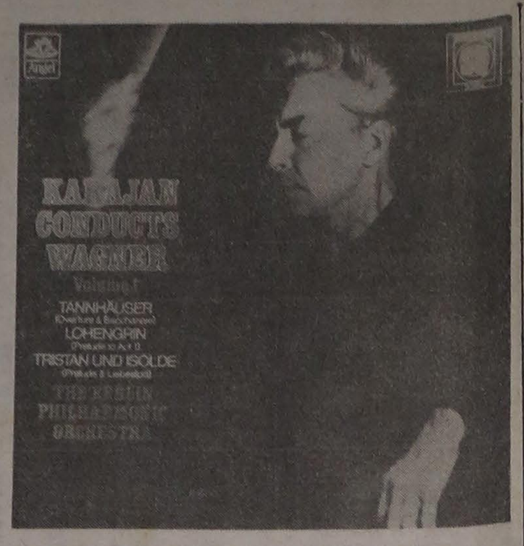
Esse disco é importante e significativo por mais de um título. Tão agrilhoados à multipropaganda de um insuportável ufanismo progressista nos encontramos por obra e mercê dos maciços meios de comunicação massificada, que olvidamos com surpreendente e alarmante facilidade os que vieram antes, muito fazendo com humildade e boa fé no aprimoramento de nossa sensibilidade. Em vez de olhar pra frente, por que não o fazemos em miradas retrospectivas? Que sabemos do séc. XIX, daquele período do romântico por excelência, que presidiu tanto o miniaturismo schubertiano e chumanniano quanto o gigantismo de Wagner, as delicadas fragrâncias de Chabrier ou Fauré, as recriações poemáticas de Berlioz, Liszt ou Richard Strauss? Está claro que tudo isso conhecemos, porque provém da Europa. Mas nossa música ainda reserva muita coisa boa. Tínhamos que ser epígonos das correntes estéticas do Ocidente. A influência, a imitação, resultam inescapáveis, como se verifica no repertório inscrito por Eudóxia de Barros em duas faces de microssulco: "Tango Burlesco", op. 28; "Diálogo", op. 26; "Barcarola", op. 10; "Valsa Brilhante", op. 30; "Primeira Rapsódia Brasileira", op. 17; "Habanera" op. 31; "Serenata", op. 16; "Poudrée (4a. Gavota), op. 23; "3a. Gavota", op. 24; "Valsa Lenta", op. 22; "2a. Rapsódia Brasileira", op. 29. Tudo isto é parte de uma obra vasta e variada, da qual não se suspeitava sequer da existência, excetuadas as pessoas chegadas à família Levy. Essa música é toda romântica, "fin-de-siécle", oscilando entre o apego e inspiracional à música européia de Schumann, Liszt, Mendelssohn, os modelos franceses, sem faltar linda paráfrase do popular Tango de Albeniz, na "Habanera"; uma Valsa de Durand, a propósito da homônima "Valsa Brilhante"; e, mui caracteristicamente, a Segunda Rapsódia Brasileira leva o subtítulo "Lisztiana", homenagem ao mestre de "Mazeppa".

Mas em Luiz Levy estavam presentes conotações nacionalistas e brasileiras, que o pianoforte lhe permitia inscrever e realizar. Fê-lo, é óbvio, pela maneira corrente em sua época, ou seja, de forma decorativa, superficial, saloneira, mas nem por isso menos evocativa e bela. É um mergulho no passado, um saudoso e bem oportuno repensar dos saraus aristocráticos de antigamente, naquelas mansões solarengas, tão cheias de poesia, beleza, encanto, hoje demolidas em prol desses horrendos caixotes de cimento armado, que se denominam apartamentos, sem distinção nem individuação de personalidade. Se a música de Luiz Levy não colima altos vôos inspiracionais e criativos, não menos verdade é que sempre se reveste de bom-gosto e apurada forma. A interprete captou à maravilha a mensagem textual. Eudóxia de Barros prova que a versatilidade é seu forte. O mesmo cérebro que faz imperar uma técnica de aço ponteagudo nas tremendas percussões, os titânicos martelamentos da Sonata de Bartók ou os colossais crescendos do Segundo Concerto de Guarnieri, sabe também transmitir aos dedos as meigas vibrações de um "cantabile", em tranquilos guirlandas de semicolcheias ou trinados cadenciais de uma romântica página esmaecida no lento perpassar das horas, dias, meses, anos. Como escreveu Mozart de Araujo, esse trabalho magnífico de reconstituição de uma fase de nosso passado aumenta o coletivo débito perante essa ímpar artista se chama Eudoxia de Barros.

O lançamento do disco foi ocasião de coquetel na Bruno Blois (11.6.19h.). No gênero, nada de melhor se realizou até hoje em São Paulo, em primeiro lugar porque os indesejáveis sicofantas da música e da fonografia brilharam pela ausência... poluição a menos! Para citar apenas alguns exemplos de pessoas de significativa e dignificante presença, lá estavam Cecília Levy, filha do compositor, e demais componentes da família; elementos da gravadora Chantecler, como Braz Baccarin, diretor de repertório, Ronaldo, da divulgação para imprensa; doutor Carlos González, comentarista de clássicos no DP; doutor Francisco Amaral Melo, notável apreciador da literatura pianística; Francisco Malheiros, Inspetor do Banco Central, "connoisseur" de irrecusável gabarito; compositor e professor Sérgio Vasconcellos Correa e família; pianistas Sebastian Benda, Edith Kielgast, Olegs Kuznecsov; organista Orlando Retroz; Dr. Antonio Borba, engenheiro e "connoisseur"; Roberto Tibiriçá, pianista, assistente de produção da RGE-Fermata; d. Antonietta, mãe de Eudóxia, pessoas da família, etc. etc.

OSUSP

Pelo visto, a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo ainda se encontra a meio-caminho de sua efetivação numérico-instrumental. Já era mais que tempo de funcionar ao nível de Sinfônica, em vez do habitual parêntese ("Secção de Cordas"). Nessa qualidade apresentou-se (10.6) no Anfiteatro de Convenções e Congressos, sob regência de Camargo Guarnieri, inaugurando o concerto pelo "Andante para Cordas" de Alexandre Levy (1864-1892), seguido pelo Concerto em dó maior, de Joseph Haydn, no qual o violoncelista Antonio Lauro Del Claro mais uma vez demonstrou pleno domínio interpretativo, ao mesmo tempo transmitindo tudo quanto a secura das notas não consegue significar: um retrato de corpo inteiro do espírito alegre, bem-humorado do compositor, como se verifica no tema inicial do "Allegro molto", uma das felizes inspirações criativas haydnianas. Por outro parte, o sucesso triunfal alcançado pela execução deveu-se à colaboração orquestral irrepreensível.



A 2a. parte foi destinada à lindíssima, terna e melodiosa Serenata em dó maior, op. 48, de Tchaicovsky, uma das absolutas obras-primas da literatura para orquestra de cordas. "Performance" caracterizada por muito desnecessário vigor de acentuações, pouca sutileza e poesia nula. Guarnieri pouco ou nada serve em obras desse caráter ao mesmo tempo lírico e virtuosístico, muito embora aos arcos não faltassem segurança e unanimidade de ataque. Bisada a Valsa.

Excelentes Notas de Programa, assinadas pelo Redator Musical da OSUSP, Cécil Braga e Chaves, em sóbria, convincente, elogiável apresentação gráfica cujo extremo contraste envergonha o Teatro Municipal, com aquela infame ficha de cartolina, que o senhor Maurice Vaneau impinge a guisa de programa. Por sinal, isto não vai ficar assim! Mandarei ao prefeito os dois edificantes e colidentes exemplos!...

WAGNER

A maior parte dos recentes lançamentos fonográficos Angel/Odeon foi capitulada nesta coluna. Chegou o momento de referir o Volume I de "Karajan conductos Wagner" (Quadraphonic System, 03CBX-305), no qual o famoso e controverso regente comanda a Orquestra Filarmônica de Berlim na Abertura e Música de Venusberg, da ópera "Tannhauser"; Prelúdio ao I ato de "Lohengrin"; Prelúdio e Morte de Amor, de "Tristão e Isolda". Depreende-se estar em curso uma antologia dos fragmentos sinfônicos wagnerianos, frequentados com assiduidade muito mais no passado do que atualmente, quando o gosto dos auditórios se volta preferencialmente mais para o barroco e a expressão absoluta da música, por palavras outras: Vivaldi e Bach, Handel e Mozart, Beethoven e Brahms, eclipsaram Wagner, num ato de flagrante injustiça, porquanto o mago de Bayreuth nunca deixa de ofertar torrentes de expressividade e beleza inefável, principalmente nas microestrias dessa quadrifônica e superlativa gravação, na qual se conjugam de forma ideal a maravilha dos Filarmônicos de Berlim, a pujança sonora e um equilíbrio interpretativo de impossível superação. Na música de Venusberg intervêm as vozes femininas do Coro da **Deutsche Oper**, preparadas por Walter Hagen-Groll. Tais vozes personificam sereias, bacantes, náiades, no quadro pagão da mansão de Venus, envolvida por voluptuoso e irresistível rodopio sonoro, como somente Wagner poderia realizar. **Em Lohengrin**, a orquestra desenvolve imenso arco dinâmico dos pianíssimos violinos ao esplendoroso forte apoteótico, a pouco e pouco esmorecendo, para retornar aos arcos no registro agudo.

Perante suntuosidade tamanha, as palavras se tornam balbucios...

SIBELIUS

Tanto Brenno Rossi quanto Bruno Blois acolhem nas lojas da 24 de Maio uma considerável cópia de importações fonográficas, cujos astronômicos preços não detêm a voracidade dos bem-dotados e pensantes compradores. Por paradoxal que possa parecer, quanto mais elevada a taxa de compra, maior a corrida dos fregueses. Meu relacionamento com Bruno Blois sempre foi excelente. Data de trinta anos, quando ele era simples funcionário da Casa Sotero. Por isso, nenhuma surpresa nem parcialidade feroz, menos ainda interesseira... E' que na Bruno Blois o acolhimento é cem por cento. A gente sente-se em casa, e vai escolhendo, pesquisando desinibidamente. Nem por outro motivo o movimento vendável é intenso, quase diria incrível. Três dias após a chegada de uma remessa, já o estoque se reduz a menos da metade; e sempre tive sorte superna de não me defrontar com um certo senhor Jota Jota de Moraes, cujas seródias preferências vanguardistas vão para a loja concorrente... Mas aí entram aversões, idiossincrasias irredutíveis... Como dizia, a recente chegada de um lote **Philips-Deutsche Grammophon** trouxe coisas notáveis, como o oratório sacro-militar de Vivaldi "Juditha Triumphans", um album de Karajan, dedicado aos mestres da Segunda Escola de Viena, quartetos vocais de Schubert, o habitual dilúvio beethoveniano, um indescritível recital de canções espanholas antigas e modernas, no qual a mezzo-soprano Teresa Berganza, acompanhada ao piano por seu marido Felix Lavilla, se excede a si mesma em grau de absoluta superlatividade; e Sibelius.

Se o leitor comunga com Virgil Thompson, para quem Sibelius é "vulgar, self-indulgent and provincial beyond all description", então será melhor passar adiante. Caso contrário, notemos que emerge do firmamento regencial europeu um intérprete de primeira grandeza da obra musical do gigante de Jarvenpaa, finlandês como ele, vencedor do I Concurso de Regência Herbert von Karajan 1969. Chama-se Okko Kamu, responsável por uma notável edição da 2a. Sinfonia, com os **Berliner Philarmoniker** (DG 2530 021, ed. original alemã). Na contracapa desse disco constam interessantes fragmentos de uma entrevista, na qual o maestro estima "necessário fazer alguma coisa para o gênio de Sibelius. Queria que o senso "íntimo" de sua música e de toda a música se tornassem "falantes". Há muitas coisas absconsas. Particularmente nos compositores que mais estimo, e que dizem quanto têm a dizer com um mínimo de meios. O gênio ama a simplicidade".

Okko Kamu surge-nos agora com um novo disco (DG 2530 426), contendo o poema sinfônico **En Saga** e a Terceira Sinfonia (dó maior, op. 52), pela Orquestra Sinfônica da Rádio de Helsink. Muito embora não faltem boas gravações — Boult, Beecham, De Sabata, Dorati, Van Beinum, Ormandy, para **En Saga**; Watanabe, Kajanus, Maazel, Collins, para a Sinfonia — ardi de curiosidade perante a nova chapa... Que revelação estupenda! É claro que tudo tresandava Finlândia, menos, é claro, a gravadora de Hanover! Mas o ponto não é este; antes, porém, a qualidade musical. Para começo de diálogo, a orquestra de Helsinki pareceu-me soberba, principalmente o capítulo das cordas, base do sinfonismo sibeliano. Ouçamos p. ex. o tema "staccato" e rebatido nos violoncelos, logo ao início de **En Saga**; os sibilantes arpejos **sul ponticello** dos violinos, que outorgam uma qualidade misteriosa quase satânica, sinistra, e premonitoria ao monumental **Ton-Dichtung**; a endiabrada perfeição rítmica no **Presto con fucco** pre-conclusivo, encaudado a lindíssimo solo de clarinete, planando em delicados **sforzandi** das cordas; os recitativos no **Allegro moderato** e **Andantino con moto quasi allegretto** da Sinfonia, duma pureza expressiva digna de Haydn ou Mozart. Ademais, a regência de Okko Kamu reçuma absolutamente estreme de distorções pedestres, idiossincráticas ou personalistas; e tem o condão de reabilitar duas obras notáveis por seu poder de caracterização, personalidade, síntese e comunicatividade. Não é mais possível que Sibelius seja apenas autor de "Finlândia", o Concerto para violino, "O Cisne de Tuonela", e a Segunda Sinfonia. Este novo disco recomenda-se sem restrições, e com o máximo empenho: uma revelação autêntica de arte.

O ETERNO CULTO DA INCOMPETÊNCIA

Ao "Trabuco" de Vicente Leporace foi enviada a certa do teor seguinte:

Ouvi minutos atrás sua leitura das declarações do governador Paulo Egydio, sobre a calamidade pública, representada pela desnutrição que leva à doença e suas péssimas consequências sanitárias. Mas há outra espécie de calamidade, que é pública e principalmente administrativa, traduzida pelo culto da incompetência e a nomeação de ineptos e inescrupulosos para altos postos da Administração do Estado.

No caso da música erudita, é o caso do contrato datado de 28 de maio último, publicado em breve relatório pelo Diário Oficial de 1.o de junho, sendo contratante a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia e contratado o "maestro" Diogo de Assis Pacheco para "prestação de serviços profissionais de natureza técnica, nos termos do inciso II do artigo 1.o da Lei n.o 500/74", pelos quais perceberá quatrocentos e oitenta mil cruzeiros... por quanto tempo? O Diário Oficial não esclarece, mas presume-se por um ano, a partir da vigência, o que dará 40 mil cruzeiros mensais, importância que não ganham médicos, engenheiros, advogados, professores, cientistas e profissionais do mais alto gabarito, que dedicaram ao serviço público estadual a mais ativa parte de suas existências durante trinta e cinco — e até mais! — ininterruptos anos de serviço.

É sumamente repugnante para mim personalizar críticas, quando elas envolvem carater e comportamento humano. Por esse motivo, parece-me dispensável dizer quem é Diogo Pacheco. Basta perguntar a qualquer pessoa medianamente enfronhada na vida artística de São Paulo, e que possua boa memória.

É também constrangedor que o referendo da proposta de contratação provenha do governador, conforme autorização SCCT-643/76.

Ponto final.

Mangueira flutuante avisa sobre perigo de poluição

Uma firma britânica que participará de uma missão comercial ao Brasil em julho, organizada pelo Conselho de Desenvolvimento do Norte da Inglaterra, vai promover uma mangueira flutuante, que além de evitar derramamento de petróleo produz também um sinal visível de advertência.

A mangueira, chamada Saflote, tem duas estruturas: a interna serve para a transferência do petróleo em circunstâncias normais, e a externa proporciona a segurança. No caso de uma falha no envoltório interno (mesmo a melhor mangueira pode sofrer desgaste), o petróleo derramado é contido pela mangueira externa, que também aumenta num volume 35 por cento maior do que o normal, acusando a necessidade de substituição.

O fabricante do produto, que é a Divisão Marítima e de Petróleo da Dunlop Limited, estará representado na missão por seu gerente de vendas de exportação, sr. A. J. Hardcastle, que espera visitar os clientes em potencial nas indústrias petrolífera e de dragagem, e ver os agentes da firma. O sr. Hardcastle vai promover também mangueiras Selflote feitas em diâmetros de até 0,91 centímetros, usadas como linhas de flutuação entre bóias de ancoragem e petroleiros.

Além de mangueiras de sucção e descarregamento de petróleo de grande diâmetro, para carregamento e descarregamento de petroleiros em alto mar, a firma também produz mangueiras flutuantes de dragagem. O sr. Hardcastle espera interessar a indústria brasileira do setor nas mangueiras flexíveis Dredgeflote, que já estão sendo usadas com êxito na Venezuela para a transferência de refugos de dragas para pontos de descarregamento. Essas unidades estão à venda com diâmetros internos de até 0,91 centímetros. (BNS)

DOMINGO DO Diario Popular NOS DOMÍNIOS DA

FILATELIA

ANGELO ZIONI

AEROFILATELIA NO BRASIL

6-7-42 — A "OMTA" em Pouso Alegre

Nada de especial deve ser acrescentado sôbre o que escrevemos quanto à OMTA — Organização Mineira de Taxis Aéreos que aceitava correspondência levada à empresa depois de pago o porte comum no correio local (Note-se que, por vezes, os agentes, de acordo com a regulamentação postal, aplicavam, além do anulador comum, um carimbo indicador de que a correspondência, carimbada, havia sido devolvida ao portador: EP (entregue ao portador).

Assim, a pouca correspondência levada pelo avião "Nova Filadélfia" (3 K.) para Pouso Alegre como a mais reduzida, ainda (2,6 K.) para Belo Horizonte somente será reconhecida pelas carimbagens comuns dos correios aliás quase sempre muito mal aplicadas nas agências postais.

8-8-42 — "OMTA" — Belo Horizonte — São Lourenço

Em linhas gerais procedeu-se do mesmo modo, para a linha a São Lourenço, inaugurada em 8-8. Nessa ocasião a "OMTA" somente funcionava ligando a capital mineira a Teófilo Otoni, Pouso Alegre a São Lourenço, e, segundo anúncio então publicado, a empresa, sediada à rua Espírito Santo 509, recebia passageiros e encomendas.

CIVISMO EM CAMPO GRANDE: DEI ASAS PARA O BRASIL

Em plena guerra, as necessidades que em todos os campos se faziam sentir entusiasmavam a população e, no setor aeronáutico foram dignas de menção as campanhas em prol da criação de uma mentalidade aeronáutica entre a juventude, a luta pela melhoria da aeronáutica. Assim, dentre as muitas campanhas, deve-se mencionar o trabalho de jovens e entusiastas filatelistas militares que, exercendo as funções na guarnição de Campo Grande, Mato Grosso, aproveitavam dos momentos de lazer para difundir a filatelia. Foi assim que o núcleo filatélico local, graças aos trabalhos de então jovens tenentes e capitães como Luiz Gonzaga Valença de Mesquita organizaram a campanha "DEI ASAS PARA O BRASIL" quando levantaram importancias de vulto destinadas à aquisição de aviões para os aeroclubes do Brasil, onde se forjavam os pilotos do amanhã.

Nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 1942, no Bar Bom Jardim, foi realizado o grande leilão organizado pelo NÚCLEO FILATÉLICO DE CAMPO GRANDE, em prol da aviação nacional.

Além de 400 lotes de peças filatélicas foram leiloados outros 100 lotes constantes de terrenos, animais, jóias etc., ofertados pela população.

O resultado importou em Cr$ antigos 45.444,80, quantia que foi entregue ao então ministro da Aeronáutica, dr. Salgado Filho.

No dia 27-9-1942 foi usado, pelos correios da cidade, a pedido do referido NÚCLEO, um carimbo de borracha aplicado em azul e comemorativo da realização, aplicado ainda em 1.000 sobrecartas editadas pelo Núcleo e vendidas à razão de 5 cruzeiros da época o exemplar.

Conhecem-se cartas que apresentam um carimbo (além do comemorativo) idêntico ao postal, com a legenda "EU DEI ASAS (sic) AO BRASIL" em uma linha, no qual, no entanto, não aparece a legenda "DR Correios e Telégrafos".

27-10 — Mais uma vez a "NAB" — Para Belém.

Em 27 de outubro de 1942 partia do Rio de Janeiro o avião da NAB que inaugurava a linha Rio de Janeiro-Belém via Belo Horizonte, Lapa, Carolina.

Preparados os carimbos, não foram eles usados porquanto, publicada entre-tempo a Portaria 860 de 28-9-42, dos correios, referente ao uso de carimbos comemorativos, e não tendo a empresa solicitado em tempo hábil a competente autorização para o uso, toda a correspondência assim carimbada foi recusada. Isso não obstante, muitos são os aerogramas que, carimbados com bastante antecedência, foram postados e transportados normalmente.

A volta de Belém deu-se em 28-10-42.

SELOS DE TODO O MUNDO

ARGENTINA

12.6 — Profilatelia argentina: aves (13 p. guacamaio) e (7 p. urraca); flores (20 p. begônia) e (40 p. cardo). Selos c| sobretaxa de 50%.

19.6 — Dia da Armada ($ 12 — goleta "Rio de la Plata).

AUSTRIA

14.5 — Campeonato (11.o) Mundial de boliche: 4 xelins (3,25).

BÉLGICA

3.5 — 25.o aniversário do Concurso Rainha Isabel: 14-6 fr.

10.5 — série "Europa/76): 6,50 (10,0) cesto de vime; 14 fr. (3,0) pote de barro;

10.5 — Congresso Internacional da IRU — International Road Union: 14 fr. (3,0): caminhão na estrada;

24.5 — centenário do nascimento da rainha Isabel: 14 fr. (3,0) efígie;

14.6 — 75.o aniversário do Aero-Clube da Bélgica: bloco de 25-10 fr. com avião Bleriot, aviador Jan Olieslagers e emblema do AC;

21.6 — propaganda dos cavalos de tração de raça das Ardenas: parelha macho e fêmea: 5 fr.

2.6 — na segunda quinzena de junho: aerogramas em 4 modelos, com selagem de 14 fr. (avião Boeing 727) variando, cada vez, de acordo com o regimento sobre precedência linguística.

1.7 — bilhetes-postais de 5 fr. emitidos em dezembro de 1975 por ocasião da Themabelga (já por nós descritos neste jornal).

20.9 — inauguração do setor 1 do metrô de Bruxelas: 6,50 fr.

CHIPRE

5.7 — 21.o Jogos Olímpicos de Montreal: 20-60-100 mils: emblema;

5.7 — bicentenário dos Estados Unidos: 100 m. (ef. de Washington).

GRÉCIA

10.5.76 — Gliptica (arte de gravar em pedras preciosas) da era minoica em Creta: 2 dr. (3,0) leão atacando um touro; 4,50dr. (3,0) aves aquáticas em vôo; 7dr. (2,0) touro ferido; 8,50dr. (2,0) cabeça de Silene; 11dr. 0,6) vaca dando de mamar.

IRLANDA

30.8.76 — Arte contemporânea irlandesa: "A armadilha de lagostas" de Paul Henriy: 15p. (2,0).

ISRAEL

2.6 — Camping — 1,50 L. desenho simbólico.

22.6 — Jogos Olímpicos de Montreal: 1,60 (salto em altura); 2,40 (natação); 4,40 (ginástica ornamental).

22.6 — emissão de emergência: estrela de Davi: 2,45 L.

ITÁLIA

21.5 — Turismo: 150L. (castelo de Fenis); 150L. (Forio, ilha de Ischia); 150L. (Vale d'Itria: casas "trulli") — 15.0 de cada.

IUGOSLÁVIA

15.5 — Inauguração da ferrovia Belgrado-Bar: 3,20d. (1,0) composição sobre viaduto; (8d. (0,3): composição sobre viaduto (2.o tipo).

25.5 — fauna (Dia da Juventude): 1,20 (1,0) libélula; 2, lod. (1,0) caracol; 3,20d. (1,0) sardinha; 5d. (0,5) rã verde; 6 d. (0,5) marreco; 8d. (0,2) rato moscado.

29.5 — centenario natalício do poeta e político croata Vladimir Nazor: 1,20d. (1,0).

22.6 — promoção do artesanato de potes e jarros d'água: 6 selos.

SELOS ERRADOS

Em nossa mania de ler tudo quanto é revista filatélica, vamos apontando algumas anotações para os amigos. Hoje, para os colecionadores de "selos errados" (também há disso, não é verdade, Heinz Lehfeld?...) apontamos, de uma revista italiana cujo nome nos escapou, penitenciando-nos da falta:

✱ DAMUS PATIMUSQUE

Sobejamente conhecido o erro dos guianos de 1851/56 (que bom tê-los, Lehfeld!), que deve ser corrigido para "damus petimusque...", passamos para o

✱ ERRO LITÚRGICO

dos selos da Guiné Espanhola (365) na qual o sacerdote mostra o "manípulo" erradamente colocado no braço direito. Essa peça dos paramentos teria livrado o desenhista da reprimenda caso o selo tivesse aparecido mais modernamente. O "manípulo" foi abolido há alguns anos apenas, com a nova liturgia da Igreja Católica.

✱ PADRE VAZ BARBUDO

aparece erroneamente no selo da então Índia Portuguesa 408; posteriormente o barbeiro funcionou como se vê no selo n.o 474...

ORLÂNDIA-AVANHANDAVA

Realiza-se, de 9 a 11 de julho, em Orlândia, a 1.a Exposição Filatélica promovida pela Municipalidade local.

Durante o certame será realizado mais um SIMPÓSIO de estudos, promovido pela ABRAJOF, entidade que reune os que, na imprensa, se dedicam à divulgação da filatelia. Esse simpósio será realizado dia 11, pela manhã, de acordo com este programa:

10/7 — saída de São Paulo em ônibus especialmente fretado, com pernoite em Ribeirão Preto (Pálace Hotel);

11/7 — saída de Ribeirão Preto para Orlândia — simpósio — almoço: churrasco oferecido pela Prefeitura local e à tarde, volta a São Paulo.

Para os familiares dos participantes ao Simpósio, durante os trabalhos deste, será proporcionada uma visita à cidade e à Indústria de Arroz Brejeiro.

Circular pormenorizada já foi enviada às entidades filatélicas, uma vez que o convite, para o passeio, é extensivo aos filatelistas, sendo apenas reservado aos associados da Abrajof a participação ao Simpósio, que terá a seguinte ordem-do-dia:

Categoria de associados; registro profissional de jornalistas e Previdência Social; Abrajof e a Federação Brasileira de Filatelia.

Informações detalhadas podem ser obtidas com os srs. Profl. (fone: 239-3618) e Angelo Zioni (fone: 240-0783).

ENCONTRO FILATÉLICO NO SALTO DO AVANHANDAVA

Promovido pela Diretoria Regional de Bauru, da ECT, realizar-se-á mais um encontro mensal de filatelistas, desta feito unindo a filatelia ao lazer.

Os apreciadores da pesca deixarão por um dia albuns e selos e terão a oportunidade de passar um dia agradável, entre companheiros de filatelismo, em Barbosa, perto da Cachoeira do Avanhandava.

Dia 12 de julho vindouro o correio vai lançar seis selos destinados a promover a ictiologia brasileira, e a Diretoria Regional de Bauru, prosseguindo na campanha filatelia, programou, para a data, mais um de seus interessantes encontros-de-filatelia.

Nesses encontros reunem-se filatelistas da região-sede da jornada e ali têm a oportunidade de ouvir uma palestra, de discutir assuntos de interesse filatelico geral, realizar trocas, enquanto outros se iniciam no colecionismo.

ILHA DO SALDO DE AVANHANDAVA

Dentro desse espírito em 17.7 o encontro será realizado na jurisdição da cidade de Barbosa, na Ilha do Salto de Avanhandava, rio Tietê, na sede de campo da Sociedade Esportiva de Pesca Salto do Avanhandava. Desta feita, no entanto, o Encontro, realizado pela DR de Bauru (da ECT), contará com a participação da DR de S. José do Rio Preto, pois a localização da reunião se encontra em ponto divisório da jurisdição das duas regionais.

PROGRAMAÇÃO FILATÉLICA

Durante o encontro será usado um carimbo postal comemorativo que ostentará a indicação das duas citadas regionais.

Além do carimbo serão organizadas MALAS POSTAIS destinadas a Barbosa e iniciadas em diversas cidades do Estado: São Paulo, Bauru, São José do Rio Preto e, tendo em vista algumas disposições ainda em suspenso à espera de confirmação, convidamos os interessados a se dirigirem à Empresa Brasileira de Correios e Telegrafos — Diretoria Regional de Bauru — a/c sr. Dorival Nogueira — 17100 Bauru-SP.

FILATELIA PAULISTA

20-4 — inauguração da Agencia Filatélica de Bauru;
25-4 — encontro de filatelistas em Jaú — 135 participantes de diversas cidades — carimbo comemorativo;
1/2-5 — 1.a Mostra Filatelica de Promissão, na Biblioteca Municipal;
6/8-5 — 2.a Mostra Filatélica Rotariana em Araçatuba; carimbo;
17-5 — Jornada Filatelica em Bauru;
??-?? — fundação do Clube Filatélico "Guarda Mirim de Avaré, com diretoria formada de guardas-mirin, professores e militares;
30-5 — encontro de filatelistas em Botucatu — mensagem do dr. Antonio Gabriel Marão (pres. Academia Botucatuense de Letras) — carimbo comemorativo; 140 participantes;
31-5 — cadastramento mensal na DR de Bauru: novos 199, somando, até esta data, 2.626 filatelistas cadastrados no correio de Bauru (para toda a circunscrição jurisdicional de Bauru).
19-6 — lançamento festivo do selo "Industria cinematográfica Brasileira, em Marília;
26-6 — encontro filatélico em Cafelândia para o 8.o aniversário da criação do Lions local — carimbo;
26-6 — encontro filatelico em Guararapes — carimbo comemorativo;

PROGRAMAÇAO DA DR-BRU

A Regional de Bauru (DR-BRU) já programou estes encontros de filatelistas, com palestras, trocas, compras-e-vendas, distribuição de trofeus às caravanas de procedência mais longínqua, filatelista de menor idade, idem mais idoso, etc. — palestras, teses sobre divulgação da filatelia na região — uso de carimbos comemorativos em cada encontro:

17-7 — Barbosa (Salto Avanhandava);
31.7/1.8 — Bauru;
29.8 — Garça;
25.9 — Avaré;
31.10 — Tupã;
28.11 — Lucelia
19.12 — Promissão

MALAS ESPECIAIS

A DR-BRU está programando a criação de malas especiais por ocasião do encontro de Barbosa, com partidas de várias cidades.

LENDO E ANOTANDO

ACABOU-SE A PRISÃO

Na França era crime capitulado no Código Penal e na legislação postal utilizar selos já aproveitados para selar novamente as cartas. Hoje, porém, o crime permanece mas a penalidade foi modificada: em lugar de multa e prisão entre 10 dias a seis meses e multa de 300 a 3.000 francos, apenas multa, por contravenção, entre 60 e 400 francos. De crime e delito contra a paz pública, passou-se a simples contravenção.

VELHOS, OS CULPADOS

A modificação da legislação francesa sobre o uso de selos já carimbados para selar a correspondencia tornou-se uma necessidade social: o "crime", segundo a fonte de onde tiramos a noticia, não somente tinha uma pena desproporcional quanto ao delito em si, como, em geral a própria autoridade deixava de agir... a grande maioria dos culpados era constituida de pessoas idosas cuja atuação "criminosa" era facilmente compreensivel.

CORREIO DA CORTE

Não se trata, aqui, das famosas carinhabens "Correio da Corte" indicadoras do correio na cidade de Rio de Janeiro, então denominada, ordinariamente "a Côrte", mas do serviço postal sediado, na Inglaterra, em palacios e outros locais de residência ou de estadia do monarca.

A revista filatelica inglesa The Stamp Magazine publicou um resumo do trabalho que, sobre o assunto, foi divulgado pelo Museu Postal Nacional de Londres, com nomes dos agentes, carimbos, relação das agencias etc.

QUANTOS SELOS EXISTEM?

Há um filatelista espanhol que se dedica a estudos interessantes sobre o número de selos existentes no mundo. Selos-tipo, evidentemente, e não o total das tiragens. É José Maria Cuairan, que vem fazendo o trabalho beneditino desde 1942.

Entre 1942 e 1966 seus estudos acusam um acréscimo de 74.854 selos, sendo o total, em 1966, de 156.601 selos.

Interessante é notar-se que o sr. Cuairan, temático religioso dos mais conhecidos, apresenta estatisticas por continente, subdividindo as emissões por "tipos": aéreos, blocos ordinários e blocos aéreos, selos de franquia etc. etc.

FILIGRANOSCOPIO ELETRICO

O progresso técnico também se faz sentir na filatelia e hoje são muitos os colecionadores que não mais procuram identificar as "filigranas" através do prosaico pires de galalite negro (ou sucedâneos) com benzina pura, mas que se utilizam de aparelhos eletricos verdadeiros detectores.

Entre esses aparelhos, o PHILATECTOR ("electric watermark detector) que não exige a colocação do selo em fundos especiais, nem que o selo fique virado... Custa cerca de 6 libras esterlinas.

"Salo" de Pasolini, o canto fúnebre do erotismo

CARLOS M. MOTTA

Pasolini morreu, mas a polêmica em torno de seu derradeiro filme, **Salo, os 120 Dias de Sodoma** continua entre cautelas e proibições defesas e acusações. Menos que o sadismo e a perversão, o fato de Pasolini ter transposto o original do Marquês de Sade, da França do século XVIII para a República de Salo, na Itália, durante a eclosão do fascismo, parece ter sido a causa da celeuma. Ou melhor: o fato de apresentar o fascismo como uma forma de perversão: se o filme se passasse nos nossos dias ou nos tempos do Divino Marquês, tudo seria diferente. Por isso, não é possível acreditar que a morte do cineasta tenha ocorrido nas circunstâncias descritas pelos jornais.

"Salo" foi interditado na Itália. Na Alemanha, foi retirado de cartaz depois de alguns dias de exibição. Na França foi liberado. Mas inicialmente para um único cinema — um antigo pagode chinês transformado em duas salas de exibição. Tão grande, porém, foi a afluência de público, que o filme, uma semana depois, passou a ser apresentado também mais quatro salas da cidade. Quahdo o dinheiro começou a jorrar, lá se foi a cautela: a fita foi distribuida pela cidade de Paris, como qualquer outra de grande repercussão ou interesse comercial.

"Salo" divide-se em três sequências ou ciclos. O ciclo das Paixões, o Ciclo dos Excrementos e o Ciclo do Sangue. O filme começa num dia cinzento à beira do lago de Garde, quando grupos de rapazes e moças, cuja idade varia entre os 15 e 17 anos, são recrutados à força e confinados num castelo nas proximidades de Marzabotto, na região da Emilia, para servir ao bom prazer dos governantes — quatro homens da República de Salo que, para agir com mais liberdade, reduziram suas quatro esposas à condição de escravas. Outras quatro mulheres irão desempenhar-se da tarefa auxiliar: três são finas damas contadoras de histórias e a quarta é encarregada de acompanhar ao piano cada uma das narrações. No salão de reuniões, governantes e vítimas ouvirão os relatos, que serão interrompidos para que os algozes se entreguem a algumas das práticas neles descritas.

A segunda parte é dedicada á cropologia, ou ás fezes. A narradora é Madame Maggi (Elsa De Georgi) e a narrativa culmina com a celebração do casamento do presidente com um dos adolescentes vestido de noiva, seguido de um banquete cujos alimentos não são os que habitualmente se consomem à mesa. O ultimo ciclo começa com outro casamento, desta vez dos três governantes com soldados, celebrado por um falso bispo. E na sequência final, alguns dos rapazes e moças que transgrediram "as regras" são torturados ou executados por três dos algozes, enauqnto o ultimo assiste através de um binoculo.

Os carrascos colocam a vitima na forca. Mas na hora de apertar o laço, a imagem é afastada do espectador: o observador vira o binoculo ao contrário, passando a cena a ser vista rapidamente, de longa distancia. Pasolini poupa assim à platéia uma demonstração de violência que os faroestes e os filmes de guerra estão fartos de mostrar sem que ninguém reclame. A técnica das "máscaras" (a cena vista por um binóculo) é o recurso mais requintado empregado por Pasolini. De resto, "Salo" é um filme ascético sob o ponto de vista da linguagem: o estilo é distanciado e frio, despojado, sem nenhum enfeite, sem nehum recurso de iluminação, sem nehuma "emoção". Pasolini não visa a excitar mas a provocar repulsa.

"Salo" não é mais chocante que a maioria dos filmes apresentados em Cannes, que um produtor inglês classificou de "festival da angústia". (Ele foi embora antes do certame terminar, dizendo que não suportava mais "tanto sofrimento e trsiteza"). Sexo e violência constituiram o prato forte da festa cannoise. Uma coletânea dos trechos mais fortes dos filmes apresentados transformaria "Salo" em fita de Walt Disney. O único ato não praticado nos filmes da mostra foi o da ingestão de incrementos. Nada mais faltou. E nem sempre em long shots, em planos gerais, sem a barreira providencial de um objeto ou pessoa, como na maioria das cenas mais fortes de "Salo".

O estilo empregado por Pasolini levou o crítico francês Henry Chapier a falar em "canto fúnebre do erotismo". salo — diz Chapier — "obra fria, que toma distância em relação à sua temática, é de uma moral paradoxalmente mais cerrada que a de seus censores. Uma tentativa desesperada para arrancar o homem moderno do mecanismo cego do prazer e da consumação sem escrúpulos de um ser humano por outro". Para o crítico francês, Pasolini recorre à catarse através do espetáculo do horrível e do insuportável e de um erotismo que se exprime através de relações escravagistas e perversas. E ele considera "Salo" o filme mais cruel e enigmático de Pasolini. Longe de exaltar o erotismo, o filme celebra o horror das relações entre vítimas e carrascos, exploradores e explorados, tiranos e escravos. Chapier acha que ao tornar o ato sexual obrigatório, ao democratizar o erotismo até a mais extrema feiura, a sociedade permissiva criou uma nova forma de prisão. O paroxismo dessa noção de homem-objeto, de indivíduos relegados ao plano de mercadorias, explodiu no momento do declínio dessa república crepuscular de Salo, onde Pasolini situa a obra de Sade, e isto para tornar seu caráter alegórico ainda mais evidente. Consequentemente, é absolutamente impossível considerar as manipulações e as torturas de "Salo" como complascência erótica, quando na verdade o cineasta usa o erotismo como um meio de provocar repulsa.

O crítico Pierre Saint Issor, um dos mais revoltados com as acusações a Pasolini, observa que tudo o que é imposto às vítimas, é imposto contra as suas inclinações naturais e a sua vontade lúdica. Sob esse aspecto, diz Issor, o filme denuncia o fascismo implacável que se esconde em cada um de nós".

Um aspecto curioso e talvez inesperado é a visão irônica e satírica dos representantes do Poder. Olhar ironico que Pasolini estende também "s mulheres encarregadas de contar as histórias, à maneira como as narram (há narrações que têm um humor r vulgar com que nem Mel Brooks sonharia) e como se preparam e vestem para o sarau. Pasolini só poupa dessa ironia a pianista que se suicida atirando-se pela janela. Os governantes são grotescos e a maneira como cada adolescente ou guarda é recrutado contém também uma dose de humor, como quando um dos rapazes de bicicleta sorri amarelo para o capanga que os intercepta. Ou ainda quando uma das damas (Caterina Borato) apresenta a um dos governantes uma adolescente, mostrando e descrevendo o corpo despido como ""uma maravilha da natureza" e o todo poderoso, ao verificar que falta u um dente á mocinha, irrita-se e expulsa ambas da sala. Esse aspecto ironico não é dissassociado do texto de Sade.

Segundo Pierre St. Issor, o autor fez uma critica dos fatos que narrou, atingindo a moral tradicional e religiosa. Por seu turno, os fascistas, às vésperas da debácle, produziram em Salo o simulacro de uma republica socialista e, o que é pior, uma caricatura macabra. "Pasolini uniu ambas as coisas, mostrando o que os fascistas tentaram aplicar às teorias de Sade, sem realmente compreendê-las.

Os criticos mais implacaveis de Pasolini recusam qualquer defesa, dizendo que o filme é uma podridão reacionária que deve ser denunciada e combatida sem piedade".

Segundo eles, a cena final é " definitivamente abjeta". Referem-se aos dois guardinhas que dançam o tango enquanto as vitimas são castigadas: "Dizer que não existe no mundo senão uma posição sustentável, a dos senhores, é uma atitude reacionária e facistoide". Sob o aspecto o cinematografico, essa cena (e o suicido também) caracteriza a falta de "emoção", a ausência de um climax segundo a tradição consagrada. O letreiro "fim" corta bruscamente o diálogo e a música. Curiosamente também é um melodioso e dançante fox trot que acompanha os letreiros e alguns dos momentos mais cruciais desse filme perseguido e desconcertante.

Eudoxia de Barros registra Luís Levy

CARLOS VERGUEIRO

OBRAS DE LUIZ LEVY — LP etiqueta nacional "Chantecler". Estereofônico. Nº 2-08-404-072. Contém interpretações da pianista Eudoxia de Barros. Cr$60,00.

Eudoxia de Barros é uma artista de méritos fora do comum. Possui técnica desenvolvida, sonoridade muito bem trabalhada, domínio do fraseado musical das peças que interpreta e tem repertório variadíssimo, executando com igual perfeição classicos, românticos, modernos e contemporâneos. Já estudou e deu aulas nos Estados Unidos, e seus concertos no Brasil são sempre elogiados pela crítica especializada e pelo público.

Eudóxia de Barros tem outro grande valor, dentro do ambiente musical de nosso país: procura divulgar obras de autores pouco conhecidos e dedica-se também a compositores patrícios já consagrados. Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Dinorá de Carvalho, Mignone, Lorenzo Fernandez sempre figuram em programas de recitais seus, com suas peças executadas primorosamente. Além disto, Eudoxia de Barros procura, pesquisa músicas pianísticas de autores pouco divulgados. Seus discos com obras de Ernesto Nazareth são já famosos. As interpretações de Nazareth por Eudoxia são corretíssimas, empregando sua técnica e sensibilidade às valsas e tanguinhos dengosos do autor brasileiro. Seu disco com pequenas peças de Eduardo Souto também figura entre os melhores com músicas brasileiras.

Agora aparece mais um LP de Eudoxia de Barros, com peças de um autor nacional muito pouco conhecido: Luiz Levy, irmão de Alexandre Levy, mais divulgado através de seu "Tango Brasileiro".

Luiz Levy, que viveu entre 1861 a 1935, era exímio pianista e suas peças são leves, bem estruturadas musicalmente e têm todo o caráter e inspiração da música de sua época. Luiz Levy tem também o mérito de ter sido o iniciador de Alexandre na arte musical e, durante muitos naos, dirigiu pessoalmente a Casa Levy, que se tornou na época um centro de reunião de músicos e artistas muito importantes em São Paulo.

No disco de hoje, Eudoxia de Barros interpreta "Tango Burleso, opus 28"; "Diálogo, opus 26"; "Barcarola", "Valsa brilhante", "Primeira rapsódia brasileira", "Habanera", "Gavota", "Valsa Lenta" e "Segunda rapsódia brasileira".

Nossos cumprimentos Eudoxia de Barros pelo seu trabalho de pesquisa e divulgação de um nome tão importante da música brasileira antiga e também à gravadora "Chantecler" por permitir à artista a divulgação de peças de Luiz Levy.

Variedades

O som de domingo

Na programação "Música no Parque", apresentada todos os domingos às 11 horas, no anfiteatro verde do Morumbi, apresenta-se hoje o conjunto vocal e instrumental "Folifonia", integrado por seis elementos. Será executado um repertório renascentista com peças de Adson, Dowland, Anthony Holborne, Ravenscroft, Thomas Morley, Banchieri, Juan del Encina, Fernando de la Torre e Michel Praetorius. O conjunto apresenta-se com flautas doces, violas da gamba, alaúde, violino e violoncelo.

FOLCLORE

Na estação São Bento do metrô, em que também são promovidos espetáculos de música aos domingos, aqui às 15 horas, a atração de hoje é o Grupo Pesquisa, especializado na produção folclórica do Sudeste brasileiro. O conjunto é formado por Eduardo Escalante (piano eletrico), Pedro Ma-ra (viola e violão), Daniel (violão e percussão), Beto (percussão) e Luís Carlos (flauta). No programa de hoje eles tocam e também cantam gêneros folclóricos comuns aos Estados dessa região.

ADOTE UM ARTISTA

Rock, baião, bolero, guarânia, tango e samba são as formas de música apresentadas no show "Adote um Artista" que Tiago Araripe e o grupo "Papa Poluição apresentarão hoje, às 20 horas, no auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Cidade Universitária. Ingressos a 10 e 15 cruzeiros.

CASAMENTO

O ator Peter Lawford, que já foi casado com Patricia Kennedy, irmã de o Ted e Bob, casou-se anteontem com Deborah Gould, na cidade de Arlington, Estado de Virgínia. Lawford também foi casado com Mary Rowan, filha do ator Dan Rowan.

MARLENE VIUVA

Aos 79 anos, morreu quarta feira em Los Angeles o ex-marido de Marlene Dietrich, Rudolf Sieber. Os dois casaram-se em Berlim em 1924 e em 1926 tiveram uma filha, Viviam separados há muitos anos.

DIÁRIOS OFICIAIS
União • Estados • Município
VENDAS • ASSINATURAS E PUBLICAÇÕES
D.A.D.O.
DISTRIBUIDORA AEREA DIÁRIOS OFICIAIS LTDA.
Pça. Patriarca, 96 - 6. andar
36-9716 • 36-9742 • 32-4349

Ministério das Minas e Energia
COMISSÃO NACIONAL DE ENERGIA NUCLEAR
EDITAL
CNEN Nº 01/76

Faço público que a Comissão Nacional de Energia Nuclear, de acordo com a Lei nº 4 118 de 27 de agosto de 1962 e seu Regulamento, Decreto nº 51 726 de 19 de fevereiro de 1963 e o item 23 da Resolução 3/65, declara aberta as inscrições para a redistribuição das cotas de minérios no segundo semestre de 1976.
Serão redistribuidas 860,000 toneladas de BERILO; 4.550 toneladas de PIROCLORO, 5 000 toneladas de ESPODUMENIO/LEPIDOLITA/PETALITA, 500 toneladas de BADDELEYTA e CALDASITO cada uma e, vinculadas à demanda interna, 500 toneladas de AMBLIGONITA.
A redistribuição será feita, levando-se em conta os seguintes requisitos
a) — Grau de beneficiamento ou elaboração de minério,
b) — Reserva das jazidas
As firmas interessadas deverão dar entrada no Protocolo Geral da CNEN até o dia 5 de julho de 1976, do requerimento acompanhado com documentos habeis que possibilitem a este Órgão a redistribuição de cotas, segundo os criterios estabelecidos
Rio de Janeiro, 15 de junho de 1976
J. R. de Andrade Ramos
Membro da C. D. no exercicio da Presidência

"Se alguém merecia o nome de Mister Jazz, êsse alguém era Louis Armstrong," Duke Ellington. A história do Jazz, seus maiores valores, Louis Armstrong, o dixie e os "blues," seus ritmos preferidos, no Suplemento Especial sobre cinema e música, que o Jornal **O ESTADO DE S. PAULO** publicará dia 3 de Julho, em comemoração do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos.

na Mesbla

A MODA DOS JOVENS ELEGANTES

Veja o charme desta Camiseta Suedine com silk-screen na frente. Motivos da Independência dos Estados Unidos. A última pedida na moda atual. Na Mesbla: Apenas..... 79,

Camisão em Crepe Indiano Xadrez. Mangas compridas, gola colarinho, dois bolsos com lapela abotoada e preguinha. Fica um charme com a calça cigarrette. Na Mesbla: Apenas..... 199,

Não perca esta oportunidade muito elegante da Mesbla: Calça tipo Cigarrette, passantes largos, dois bolsos laterais bordados e zíper. A bainha você pode usar de duas maneiras: virada ou não. Na Mesbla: Apenas..... 269,

CPM/1.094

CARTÃO DE CRÉDITO ESPECIAL Mesbla

Mesbla
A LOJA QUE TEM PRAZER EM SERVIR.

CENTRO - R. 24 de Maio, 141 PINHEIROS - R. Butantã, 68 LAPA - R. 12 de Outubro, 230
STO. ANDRE - Pça. do Carmo, 35 CAMPINAS - Av. Dr. Campos Salles, 727 MARÍLIA - R. Nove de Julho, 1001

Os poetas fazem depoimentos e os ilustram com versos de métrica popular

"Nordeste: Cordel, Repente e Canção"

Tânia Quaresma conta que é mineira, tem 26 anos e, já aos 17, começou a trabalhar como fotógrafa profissional num jornal de São Paulo, onde ficou apenas um ano. Passou depois a produzir como free-lancer mas certa vez, fotografando no interior de Minas para uma revista, também de São Paulo, concluiu que não lhe bastava a imagem parada. "Eu queria mesmo era movimento, e resolvi fazer câmera, cinema".

O primeiro resultado dessa inquietação e de um curso mal feito de operadora de câmera na Alemanha, foi o documentário "Nordeste: Cordel, Repente, Canção", que será exibido amanhã, às 22 e 30, em sessão especial na sala Portinari do cine Belas Artes. Com 68 minutos de duração, o filme tem direção de fotografia de Lucio Kodato, som direto a cargo de Antonio César e direção de produção de Francisco Ramalho Juniro. "Filmamos tudo o que tínhamos previsto informa Tânia Quaresma, que voltou do Nordeste com três horas de material rodado e, no total, 30 horas de som. Para seu projeto a diretora teve o apoio de Campanha de Defesa do Folclore, que lhe adiantou 150 mil cruzeiros, da Embrafilme, que lhe emprestou cem mil cruzeiros em forma de "avanço de distribuição", e mais 120 mil da Vasp, "sem burocracias exageradas".

Rigorosamente um documentário sobre o cordel nordestino, o filme de Tânia Quaresma não deixa de ser a obra de uma fotógrafa, visto representar um retrato, movimentado e detalhado dessa forma de arte popular nordestina, em vias de extinguir-se. O valor do filme é, assim, mais sociológico que propriamente cinematográfico. Toda a sua trilha sonora — registrada num LP lançado comercialmente — documenta formas de versejar gravados em som direto na voz de cantadores e repentistas que Tânia Quaresma foi conhecendo em sua longa viagem Nordeste a dentro. "Corcel, Repente, Canção" já laureado obteve o premio revelação "Air France" de cinema, representou o Brasil num festival de filmes de diretoras nos Estados Unidos e foi exibido no Mercado de Filmes do recém-terminado Festival de Cannes.

Toda a preocupação de Tânia Quaresma foi em dissecar o mundo e as circunstâncias que envolvem a produção do folheto de cordel nordestiretora vai colhendo depoimentos que se caracterizam pela espontaneidade dos entrevistados. Os poetas tanto relatam suas experiências quanto as ilustram com formas de versos nordestinos ou cantados muitos deles reproduzidos no disco que acompanhou o filme. O cordel, fica-se sabendo pelo folheto de Delarme Monteiro, utilizado para a divulgação do filme, são "livros populares/Numa linguagem modesta Pendurados num cordão/Como bandeiras de festa".

Nos sextetos do poeta, Tânia Quaresma, que ele chama de "mulher espetacular", soube arrancar com jeito "todo passado do poeta popular". Numa descrição de roteiro dela ele informa: "Ela não pára num canto/E prá baixo e prá cima/Filmou Recife e Olinda/E foi filmar em Bezerros/Prá conhecer novo clima". Depois informa que ela filmou em Sertania, "Vitória de Santo Antão/Era São José do Egito/E logo seguiu então/Saindo de Pernambuco/Para outra região". Em seguida Tânia Quaresma "Partiu para o Ceará/Chegou lá filmou no Crato/E também no Juazeiro/Onde o japonês Kodato/Da estátua de Padrinho-/Tirou bonito retrato" (O "padrinho" a que Delarme Monteiro se refere é o padre Cícero Romão Batista, de JUAZEIRO do Ceará). O poeta conclui que "Assim, leitor, o cordel/Sempre ficará lembrado/E jamais pode cair/O folhetinho rimado/Que prá todo nordestino/Tem um bonito passado".

Para o lançamento do filme em São Paulo, a diretora e sua equipe trouxeram alguns dos improvisadores registrados na tela e no disco. O cego Oliveira, Manuel José, Diniz Vitorino e Silveira, além dos garotos Caju, de 12 anos, e Castanha, de 7, alguns dos artistas trazidos a São Paulo, cantam "romances", embolada, martelo agalopado, martelo alagoano, gemedeira, e histórias de cordel muito populares no Nordeste, como a "Canonização de Padre Cícero" e o "Grande Debate de Lampião com São Pedro".

Quatro diretores refutam Williams

CIDADE DO MEXICO — "O cinema político não pode conticonstituir uma forma de arte e, portanto, a política não deve intervir no cinema". Esta afirmação do dramaturgo Tennesses Williams, feita recentemente em Cannes, valeu-lhe ontem a classificação de "absurdo e torpe", aplicada pelos diretores Costa-Gavras, Joseph Losey, Sérgio Leone e John Huston, no curso de uma entrevista à imprensa na Cidade do México. Os cineastas estão no México para participar de um debate na televisão em torno do cinema comercial.

Segundo Huston, a declaração de Williams é absurda porque, a princípio, todo filme se reveste de forma política, de ver que implica situações sociais tratadas de maneira particular. Sérgio Leone fez referências ao cinema realista e se deteve no neorealismo, época em que não havia grandes estrelas. "Em todas essas etapas sempre se fez um cinema de tintura política, resultado da problemática que apresentava". Leone fez elogios aos prêmios distribuídos no cinema, mas foi contestado por seus colegas, que os consideram fúteis e banais.

Os quatro diretores concordaram, contudo, em que há dois tipos de filmes: os internacionais e os locais, nos quais prevalece sempre o interesse comercial. "O cinema comercial é uma espécie de estrelismo e, atualmente, as estrelas não chegam a doze", disse John Huston.

INSTITUTO EDUCACIONAL LUZWELL

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

VESTIBULAR

O Instituto Educacional Luzwell de Ensino Superior comunica que estão abertas as inscrições ao Vestibular para o Ingresso a Faculdade abertas as inscrições ao Vestibular para o Ingresso a Faculdade abertas as inscrições ao Vestibular para o Ingresso a Faculdade de Administração de Empresas (curso noturno) - OBS: Opcionalmente voce poderá ser um administrador e Técnico de Nível Superior em Processamento de Dados.
Autorizada pelo Decreto Lei nº 71.023, com processo de reconhecimento nº 16.597/75.

— INSCRIÇÕES ATÉ 30/06/1976
- 160 VAGAS
- EXAMES: DE 5 A 8/07/1976

HORÁRIOS PARA INFORMAÇÕES:
De 2as. AS 5as. Feiras — das 7h30 min. às horas.
As 6as feiras das 7h30 min. às 15 horas

Av. Chibaras nos. 74/84 - Próximo ao Largo de Moema. Telefone: 542-1611 PABX

PINTURAS YPIRANGA

Iniciou os serviços de jateamento de areia e aplicação de tintas especiais em tanques localizados nas instalações industriais da:

ALBA S.A.

INDÚSTRIAS QUÍMICAS

EM CUBATÃO/SP

PINTURAS YPIRANGA
Alto Padrão de Serviços
Rua Maranhão Nº 654
— São Paulo — SP.

PABX — 67-0591 — 67-4959
67-2857 — 67-0394
67-6865 — 66-0657
66-9615 — 66-0336
67-1428 — 66-5686

FURNAS
CENTRAIS ELÉTRICAS S A
SUBSIDIÁRIA DA ELETROBRÁS

CONSTRUÇÃO DE 344 CASAS NA VILA RESIDENCIAL DE MAMBUCABA, DA CENTRAL NUCLEAR ALMIRANTE ÁLVARO ALBERTO, NA PRAIA DE MAMBUCABA, MUNICÍPIO DE PARATI – RIO DE JANEIRO
CPC-180.76

1 FURNAS – CENTRAIS ELÉTRICAS S.A. comunica as empresas interessadas e devidamente inscritas, em seu cadastro, que receberá até as 17.00 horas do dia 27 de julho de 1976 na Diretoria de Contratos e Suprimentos, a documentação de pré-seleção para a execução das obras em epígrafe.

2 As instruções para pré-seleção estarão à disposição dos interessados, a partir desta data, no seguinte endereço:

FURNAS – CENTRAIS ELÉTRICAS S.A.
Diretoria de Contratos e Suprimentos
Rua Real Grandeza nº 219 – 10º andar
Botafogo – Rio de Janeiro – RJ

3 Só poderão se qualificar as empresas com tradição neste gênero de obras e que, pela experiência em serviços de vulto comparável, organização, disponibilidade de pessoal qualificado e equipamento adequado, revelem capacidade para perfeita execução da obra projetada, no prazo estipulado nas instruções relativas à presente pré-seleção.

4 Furnas aceitará consórcios de no máximo duas firmas.

5 Serão condições necessárias para seleção, entre outras, as seguintes:

5.1 Patrimônio líquido mínimo de Cr$ 25.000.000,00 (vinte e cinco milhões de cruzeiros)

5.2 Faturamento mínimo de Cr$ 100.000.000,00 (cem milhões de cruzeiros) em 12 meses, comprovado no último balanço.

5.3 Estar com seu cadastro atualizado em FURNAS, na época da pré-seleção.

6 FURNAS levará em consideração a experiência recente da firma ou consórcio, na construção de conjuntos habitacionais semelhantes ao do presente edital, destacando as obras com predominância horizontal – residências ou apartamentos em prédios de no máximo 4 pavimentos – bem como seus prazos de execução.

7 A concorrência será de âmbito exclusivamente nacional, sendo vedada a participação de empresas estrangeiras.

8 As empresas selecionadas deverão apresentar propostas até as 10:00 horas do dia 02 de setembro de 1976, quando as mesmas serão abertas no auditório do Escritório Central de Furnas.

9 No dia 11 de outubro de 1976 será dada ciência da decisão final no endereço mencionado no item 2.

765-407

"Comprei meu primeiro Hi-Fi no Raul Duarte. meu filho comprou um stereo, minha neta esta comprando um quadrifonico".
Preços de pai pra filho

Raul Duarte 7 de abril, 296
36-4670 e 36-3003
amplificadores, caixas, tapes

CANTONEIRAS PERFURADAS
(PATENTEADAS)
• PRATELEIRAS
• BALCÕES
• MESAS
• ANDARES SUPERIORES
• DISPLAYS DE PROPAGANDA, etc.
METALÚRGICA CENTRAL LTDA.
R. DOS ANDRADAS, 1155 - 13.º ANDAR
S/ 1302 - FONE 21-2786 - PORTO ALEGRE - R.S.
Representante: C. W. NEIS

APOSENTADORIA
PENSÃO • PECÚLIO
Tudo num só plano: MFM
MONTEPIO da Família Militar
a partir de 42,00

Promonte

Já pensou?

Av. São Luiz, 50 - 12º. andar - conjunto 122-A
Fones: 256-9141 e 257-0756

FERMASA
MAQUINAS E EQUIPAMENTOS S.A.

Comunica suas novas instalações industriais
à AV. BRASIL, 49901 - Km - 50
CAMPO GRANDE - Rio de Janeiro - RJ.
passando a operar pelo
PABX - 394-0611
e caixa postal
10.098 (agência Campo Grande)
tendo sido mantido o endereço
telegráfico «FERJARO»

maio

Ministro das Comunicações visita Furukawa Industrial S.A. Produtos Elétricos e Farid Surugi S.A.

O Exmo. Sr. Ministro das Comunicações Comandante Euclides Quandt de Oliveira esteve em Curitiba, em visita oficial.

Seu programa de inaugurações e visitas estendeu-se à Cidade Industrial de Curitiba. Ali percorreu as obras da futura sede da Furukawa Industrial S.A. Produtos Elétricos.

A Furukawa é uma emprêsa que possui aprimorada tecnologia no campo das comunicações. As instalações, já em fase adiantada, estão sendo construídas pela Farid Surugi S.A. e vão abrigar a fábrica de cabos telefônicos numa área de 23.701 m^2.

Trabalhando com avançado know-how internacional e com os mais modernos equipamentos do Brasil, já na primeira etapa de funcionamento sua produção atingirá 120.000 km/veia. Trazendo muitos benefícios ao nosso mercado.

Reprovação no Itamaraty revela a crise do ensino

De Sucursal de BRASÍLIA

Quinhentos candidatos inscreveram-se em 1976 para o exame de vestibular do Instituto Rio Branco, preparatório à carreira diplomática; realizada a metade das provas, a chamada "fase inicial", apnas 25 daqueles 500 iniciais estão habilitados a continuar os exames. Os demais foram eliminados. Esse alto número de reprovação pode ser entendido como um excessivo rigor na correção das provas, mas funcionários credenciados do Itamaraty afirmam que não há critérios rigorosos: há, é grande número de candidatos despreparados, razão da estrutura educacional brasileira.

Nenhum dos vestibulares às Universidades brasileiras apresentam resultados tão chocantes: na metade do exame apenas cinco por cento dos inscritos inicialmente podem prosseguir nas provas. E a responsável pela eliminação de tantos candidatos é quase sempre, a prova de Português. Uma prova simples, embora corrigida por critérios subjetivos, é apresentada ao candidato, exigindo dele um bom estilo redacional, objetividade, organização mental, pertinencia ao tema e, finalmente, correção ortográfica.

Este ano a prova de Português teve apenas duas questões: o desenvolvimento em 450 a 600 palavras do tema "A lingua como fator de unidade nacional" e a redução de um texto de Alvaro Lins que traça um paralelo entre as idéias de Rio Branco e Nabuco com relação ao panamericanismo. A prova explicava que não era necessário um conhecimento específico da matéria para a redação, mas, tão simplesmente, coordenação na confecção do texto, organização mental de desenvolvimento do tema e correção gramatical. Mesmo assim, mais de vinte zeros foram atribuidos a candidatos.

O diplomata e professor Ademar Bahadian — corrigiu as provas de Português juntamente com o catedrático Rocha Lima, do Colégio Pedro II — frisa que o "zero" atribuído a mais de vinte candidatos não foi exagero. Nessas provas, disse, não havia "rigorosamente nada de aproveitavel, demonstrando que os candidatos se apresentaram como franco-atiradores, imaginando que o vestibular do Itamaraty depende também de sorte, quando isso não ocorre". "

Segundo Bahadian, a grande maioria dos candidatos escrevia tão mal que representava uma surpresa encontrar uma redação com bom desenvolvimento: começo, meio e fim bem ordenados. Para ele, "Gramática ainda se pode aprender, mas logicismo de pensamento só pode ser adquirido após longo aprendizado, que começa no ensino médio". Apesar disso, há exemplos claros do despreparo dos candidatos também com relação à gramática. Um deles insistiu várias vezes em grosseiro erro de concordância, usando a expressão "houveram casos" e "houveram problemas".

O assessor de imprensa do Itamaraty, ministro Guy Brandão, admite que as provas de Português são avaliadas com algum rigor, mas ressalva que a carreira diplomática exige do candidato grande preparo com relação ao conhecimento da linguagem. "Uma palavra, uma vírgula, um ponto, em diplomacia, tem uma importância vital. Uma palavra mal colocada em uma mensagem pode comprometer um país internacionalmente. Daí, a necessidade de admitir somente candidatos preparados. Daí a fama que o Itamaraty tem de ser uma das Chancelarias mais bem dotadas do mundo".

Um diplomata assinala que o Itamaraty busca encontrar "pessoas normais" para preencher os seus quadros. Mas essas "pessoas normais", como demonstra a própria seleção, terminam por ser consideradas excepcionais. Essa excepcionalidade — no bom sentido — é explicada por Ademar Bahadian:

"Uma pesquisa do mestre Antonio Housaiss comprovou há pouco tempo que o vocabulário de grande faixa dos estudantes brasileiros é bastante restrito. Esse fenômeno é geral. E sua origem está nas deficiências do ensino médio, quando o aluno não é levado a raciocinar e desenvolver seu pensamento por escrito. Ninguém sabe redigir. Há uma mentalidade muito influenciada pela era do audio-visual, da televisão, dos quadrinhos de múltipla escolha do vestibular".

Apesar de todo este rigor e de toda a "excepcionalidade" dos candidatos aprovados, nota-se que o exame vestibular do Instituto Rio Branco não elimina todos os incapazes. Há tempos, tornou-se comentário jocoso na Casa a troca de "gama de interesses" por "gana de interesses" em um documento do Ministério das Relações Exteriores. Durante a visita do chanceler da Guatemala, há duas semanas, o comunicado conjunto preparado pelo Itamaraty falou na "tragédia que se abateu sobre aquele país". E o discurso de Azeredo da Silveira para o chanceler colombiano Lievano Aguirre, na semana passada, usou o termo "Descortinio" em lugar de "descortino".

Esses detalhes, entretanto, passam até despercebidos dos professores que corrigem as provas dos candidatos ao Instituto Rio Branco. O responsável pela correção da prova de História do Brasil afirmou que não conseguiu, sequer, ler certos trechos da dissertação dos candidatos, tal a má qualidade do ordenamento das idéias. E na redução do texto sobre as idéias de Rio Branco e Nabuco quanto ao Panamericanismo, certos candidatos terminaram trocando as idéias de um pelas do outro, demonstrando, além do mais, total despreparo para um entendimento básico de um texto escrito.

Esses absurdos — se já são comuns na prova de português — são mais acentuados ainda nas provas de língua estrangeira. Os candidatos ao Rio Branco fazem provas de Inglês e Francês e apenas uma delas será eliminatória (isto é, nota superior a 50). Essas provas também eliminam muitos candidatos e Bahadian explica: "Se a maioria tem dificuldade de escrever em Português, o que dizer de redigir em outra língua".

Brandão acentua que uma Chancelaria sólida e importante "exige, acima de tudo, um nível qualitativo excelente de seus integrantes". Um diplomata lembra os efeitos negativos que a redução do grau de dificuldade nas provas causou à Chancelaria alemã quando, há anos, o nível teve de ser abrandado para atrair mais candidatos à carreira diplomática.

Hoje, no Brasil, 80 por cento dos diplomatas em atividade são ex-alunos do Instituto Rio Branco, criado em 1946 e completando agora, portanto, 30 anos de funcionamento. O atual diretor do Instituto, ministro Sérgio Bath, é o primeiro ex-aluno a ocupar o cargo.

Essa esperança — ser aluno da mais seletiva escola brasileira — esvaiu-se este ano para 475 dos 500 inscritos. Dos 25 que passaram nas provas iniciais, mais alguns serão eliminados na segunda fase, que consta de rigoroso exame físico e psíquico. Posteriormente, os que permanecerem, farão provas escritas de Geografia, História Mundial e Direito, a partir do 19 de julho. Esses últimos exames, no entanto, são meramente classificatórios.

O centro de melhor aproveitamento este ano foi o Rio de Janeiro, onde se inscreveram 86 candidatos e passaram 14; em Brasília, se inscreveram 108 e passaram quatro; em São Paulo, para 184 inscritos passaram apenas cinco. Nas demais capitais onde foi realizado o concurso, passaram dois em Porto Alegre e nenhum no Recife, Belo Horizonte e Salvador.

Em trinta anos de Instituto Rio Branco, a tradição de reprovação maciça foi sempre mantida, embora o índice de 1976 seja o maior de toda a história do Instituto. O total de vagas oferecidas foi preenchido — apenas — em 1946 (30 vagas); em 1960 (15 vagas, excepcionalmente); e em 1966 (30 vagas). Nos demais anos, a porcentagem de aprovação sempre girou entre 5 e 12 por cento dos inscritos inicialmente. Em 1962, houve duas provas, e, naquele ano, o Instituto teve a maior turma de sua história, com 42 alunos. Nos últimos sete anos, apenas em dois houve índice de aprovação superior a 10 por cento, em 1971 e 1974.

Em 1976, com a eliminação de mais alguns candidatos no exame físico-psíquico, será diminuida a porcentagem de 5 por cento, que ocorreu apenas em dois anos, 1963 e 1970.

Mas 1976 também foi recordista em número absoluto de candidatos: 500. Antes disso, houve 364 em 1967. O grande número de candidatos desse ano é consequência, segundo porta-voz do Itamaraty, da grande propaganda da imprensa, o que nem sempre ocorria nos outros anos. Essa grande propaganda do Instituto Rio Branco teve outra consequência: Atraiu grande número de "paraquedistas" (candidatos sem chance, na gíria universitária).

Fontes do Itamaraty asseguram que a Chancelaria brasileira não modificará os seus critérios de seleção de alunos para ampliar o quadro diplomático. Reconhecem que o grande avanço da diplomacia brasileira e a inauguração recente de muitas embaixadas — notadamente do Oriente médio e na Africa — exigem mais e melhores diplomatas, mas esses novos funcionários devem ser tão bem preparados quanto os antigos.

Um recurso diferente foi utilizado no ano passado, para preencher rapidamente cargos por ocupar: em exame direto, onde os aprovados já foram acolhidos no cargo de terceiro-secretário (inicial do Itamaraty), sem passar pelos dois anos de formação do Instituto Rio Branco. Esse exame, entretanto, foi mais rigoroso ainda.

Houve anos em que os resultados foram mais chocantes que o deste ano, com apenas dez ou doze candidatos aprovados e vinte vagas sem serem preenchidas. Isso, no entanto, não assusta o Itamaraty. Entendem os seus funcionários categorizados que o que deve mudar não é o critério de seleção da casa, mas o próprio ensino brasileiro.

"Se há uma faixa imensamente grande da população sem cultura de fundo, sem saber escrever, isto não é culpa do Itamaraty, que não pode sofrer as consequências dessa falha nacional. Nós pretendemos rapazes e moças que tenham uma cultura geral boa e saibam usar corretamente a nossa língua e uma outra

Missão nigeriana vem a SP

De Sucursal de BRASILIA

Chega amanhã a São Paulo, uma missão comercial da Nigéria composcomposta de 26 empresários, entre eles quatro mulheres, com o objetivo de dinamizar o comércio entre os dois países e identificar os setores nos quais é possível estabelecer "jointVentures" com firmas brasileiras.

A missão, chefiada pelo presidente da Associação de Câmaras de Comércio, Industria, Minas e Agricultura da Nigéria deverá permanecer duas semanas em São Paulo e Rio de Janeiro em contatos com o empresariado brasileiro, visittBrasília, para conversações na área governamental.

"As negociações com o Lóide Brasileiro para o estabelecimento de uma linha direta e regular de navegação entre Santos e Lagos, já concluídas — o Primeiro navio deverá partir de Santos durante a estada da missão no Brasil — deverá dar um impulso considerável no intercâmbio comercial entre os dois países", informou a embaixada da Nigéria em Brasília.

Material de construção, equipamento agrícola e industrial e automóveis são alguns dos produtos brasileiros que interessam particularmente à Nigéria. Por outro lado, negociações estão em andamento entre a Petrobrás e a Companhia de Petróleo da Nigéria no sentido de aumentar as compras brasileiras deste produto. Desta maneira o intercâmbio comercial entre os dois países, que atingiu 100 milhões de dólares em 1975, poderá aumentar bastante nos próximos anos.

A missão da Nigéria deverá estudar, também, as possibilidades de estabelecer "joint-ventures" com firmas brasileiras.O plano de desenvolvimento desse país visa adotá-lo de uma infraestrutura industrial bem como de um complexo de obras de cunho social nos setores da saúde, educação, transporte e comunicações. Empresas brasileiras que já adquiriram uma boa tecnologia nesses setores, poderão cooperar, de maneira ampla, nos projetos desse plano.

OUTRAS MISSÕES

Durante o mês de julho duas outras missões nigerianas deverão visitar o Brasil, numa demonstração clara da importância cada vez maior do relacionamento entre os dois países, comentou a embaixada da Nigéria em Brasília. A primeira, chefiada por José Adeogun, presidente do Conselho de Desenvolvimento da Capital Federal — orgão governamental encarregado de traçar planos para a construção de uma nova capital no país deverá chegar a Brasília no próximo dia 5.

Ainda no mês de julho, visita o Brasil o prefeito de Lagos, capital da Nigéria, que tendo ultrapassado os dois milhões de habitantes, já começa a apresentar os problemas das grandes metrópoles. "São justamente estes problemas de Lagos que levaram o governo nigeriano a decidir a construção de uma nova capital, mais ao norte do país".

"O prefeito de Lagos, J. Smith, pretende percorrer São Paulo e Rio de Janeiro, com o objetivo de estudar as soluções brasileiras para as condições vigentes nos grandes centros

CUBILLOS

— Em cerimônia tipicamente militar, foi velado ontem em Brasília o corpo do embaixador do Chile, vice-almirante Herman Cubillos Leiva, falecido anteontem após longa enfermidade. No final da tarde, foi rezada missa de corpo presente na igreja Nossa Senhora do Pérpetuo Socorro do Lago e, a seguir, o corpo foi levado para o Rio de Janeiro, de onde segue hoje cedo para Santiago.

Cubillos faleceu no hospital das Forças Armadas e seu corpo foi levado até a igreja por um grupo de almirantes, à frente o ministro da Marinha, Geraldo de Azevedo Henning. Após a missa, o corpo foi entregue ao Exército, que o transportou em carro de combate até a base aérea de Brasília. A partir daí a Aeronáutica prestou as honras militares de estilo ao embaixador falecido.

Compareceram ontem ao velório os ministros Azeredo da Silveira, das Relações Exetreior1Exteriores, Hugo de Abreu, chefe da Casa Militar e representante do presidente da República, Silvio Frota, do Exército, e Euclides Quandt de Oliveira, das Comunicações, além de quase todos os embaixadores acreditados em Brasília.

LIVRE-SE

do
CÂNCER GINECOLÓGICO
Procurando o
SERVIÇO DE DETECÇÃO GINECOLÓGICA
da
FUNDAÇÃO ANTONIO PRUDENTE
Rua Prof. Antonio Prudente, 211.
Exames gratuitos — Atendimento rápido, das 7,30 às 9 horas.
Diariamente

na Mesbla
TODA A LINHA
Firestone
EM 30
PAGAMENTOS SEM ACRÉSCIMO

Férias tranquilas começam com a segurança do seu carro. Na Mesbla toda a Linha de Pneus Firestone está ao seu alcance pelos melhores preços. Aproveite! Verifique os pneus de seu carro ainda hoje. Faça seus caminhos seguros nestas férias. Passe antes pela Mesbla.

Pneus para VW. Apenas 195, ou em 3 pagamentos sem acréscimo de 65,
COLOCAÇÃO GRÁTIS

CPM/1.097

Firestone
Mesbla
A LOJA QUE TEM PRAZER EM SERVIR.

CENTRO - R. 24 de Maio, 141 PINHEIROS - R. Butantã, 68 LAPA - R. 12 de Outubro, 230
STO. ANDRÉ - Pça. do Carmo, 35 CAMPINAS - Av. Dr. Campos Salles, 727 MARÍLIA - R. Nove de Julho, 1001

Os Classificados de
"O ESTADO DE S. PAULO"
São Eficientes

Geisel faz a entrega definitiva da Imigrantes

Seis anos depois de iniciadas as obras e após uma inauguração parcial do trecho do Planalto, a rodovia dos Imigrantes será aberta ao tráfego amanhã, em toda sua extensão. Não é uma inauguração — insistem em dizer os assessores do secretário dos Transportes — mas apenas a entrega de ua obra pronta ao público.

Qualquer que seja o nome dado a cerimônia, o presidente Geisel estará presente, vindo especialmente de Brasília para tal acontecimento, embora sua agenda explorar o fato politicemente e o MDB tente neutralizar essa possibilidade lembrando que a obrigação do governo é realizar obras, a grande dúvida continua sendo a reação da Baixada Santista à mais arrojada rodovia já construída no País.

Ao lado dos que temem a invasão de cidades despreparadas quer no setor viário, quer em serviços básicos, há os que acreditam no revigoramento da economia local, principalmente decorrente do turismo, proporcionado pela ligação mais rápida e fácil com a Capital.

Entre os arenistas da Baixada, o entusiasmo é total diante da vinda de Geisel, pela primeira vez, a Santos. Para o vereador situacionista Roberto Mehana Khamis, essa visita é a "ultima esperança da Arena para conseguir votos no pleito municipal de novembro". Mehana, que faz oposição ao atual prefeito nomeado, Antonio Manoel de Carvalho — apesar de serem do mesmo partido — não acredita que os candidatos situacionistas da região tenham condições de por si apenas, conseguir maioria dos votos.

Enquanto a Arena encara a Imigrantes como uma realização do governo, capaz de conquistar eleitores, os emedebistas locais estão tranquilos: Noé de Carvalho, líder da oposição, reconhece que a Arena deve explorar o fato politicamente, mas diz que o povo não vai se impressionar:

"O eleitor está consciente de que a Imigran tes foi construída com o dinheiro de todos nós. É um esforço de todos e, por isso, rodovia também é do MDB. Depois, fazer uma obra é dever de todos os governos. Por isso, nada vai prejudicar o MDB, politicamente. A oposição não foi convidada para o ato inaugural, mas deseja boas vindas ao presidente Geisel, representante máximo da Nação".

Segundo Noé de Carvalho a Imigrantes mais do que realização de um governo, é resultado do trabalho santista:

"Santos pagou muito mais por essa obra do que qualquer outro município, por meio do pedágio. Assim, não deve haver exploração política em torno da rodovia, como não houve durante sua construção".

PROGRAMA

A chegada de Geisel está prevista para as 9 e 30 de amanhã, na Ala Aérea 435, no Guarujá: às 9 e 50, desembarque no cais de Santos; às 10 horas, chegada à Prefeitura Santista, onde será recebido pelo governador Paulo Egydio. Ali concederá audiências a estudantes, trabalhadores e empresários. Os estudantes vão pedir a criação da primeira universidade de Santos.

As 11 horas, a comitiva presidencial deixará a Prefeitura, indo para a Imigrantes; às 12 horas, seguirá para São Paulo; às 12 e 45, chegada ao aeroporto de Congonhas, onde ficará cinco minutos, retornando depois a Brasília.

Todo o percurso do presidente será isolado ao tráfego, sob pena de multas e guinchamento. Na Prefeitura de Santos não haverá expediente pela manhã. A orientação dos clubes de lojistas é de que os sócios liberem seus empregados, para recepcionar o presidente na praça Mauá.

Na rodovia dos Imigrantes, a Orquestra Sinfônica de Santos e o Coral Lírico apresentarão peças musicais: "Fausto" de Gounoud; "Alvorada Amazônica", de Oswaldo Orsini; "Batuque", de Lourenço Fernandes, e "Alvorada de Lo Schiavo" de Carlos Gomes. Na chegada do prede sidente, será cantado o sidente, será cantado o sidente, será cantado o sidente, será cantado o hino à rodovia dos Imigrantes, de Mário Albanese e Jorge Lemos, com música de Cyro Pereira. No final, "Jesus Alegria dos Homens", de Bach.

No quilometro 55 — Raiz da Serra — foram instalados seis palanques pintados de branco. O presidencial tem cerca de 10 metros de comprimento, com tapetes vermelhos. Todo o local — uma área de refúgio — está sendo enfeitado com vasos de plantas, trazidos por oito empresas especializadas em paisagismo. Serão necessários doze caminhões para transportar as folhagens.

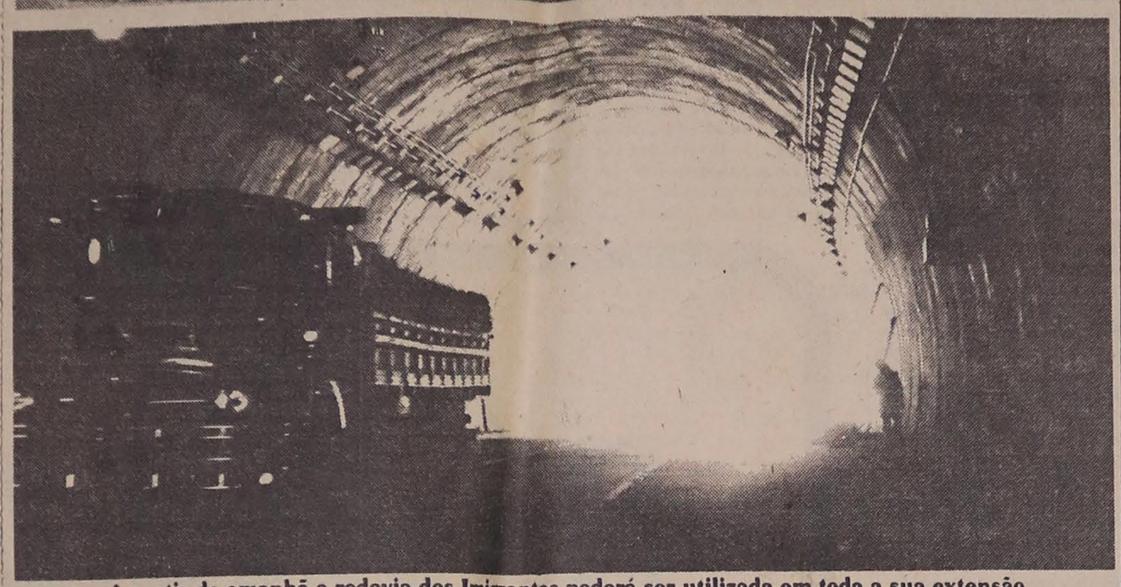
Desde quinta-feira, os operários se dedicam a limpar a rodovia dos Imigrantes, com água e grandes aspiradores de pó, e a dar os últimos retoques (pintura nas defensas, contenção nas encostas). Naquele dia, as empreiteiras garantiam que 99 por cento do necessário já estavam prontos. E que o um por cento restante dependia apenas de bom tempo.

Até ontem, era mais fácil encontrar jornalistas na estrada do que operários. A maior parte dos trabalhadores foi levada para outras obras das empreiteiras, em outras cidades. A rodovia, que já chegou a empregar cem mil operários, mobiliza agora cerca de 1.500. Na Cetenco, o engenheiro Severino Junqueira Reis de Andrade acredita, que, desse total, apenas metade aceitará as transferências propostas para outras cidades. Todas as empreiteiras garantem que não haverá desemprego, enquanto os prefeitos da região esperam absorver essa mão-de-obra, que andou muito rara enquanto a Imigrantes (que oferecia melhores salários) foi construída.

As obras no Planalto começaram em 1970. Esse trecho com 30,5 quilômetros foi aberto ao tráfego em janeiro de 1.974, com duas pistas de quatro faixas cada uma, interligadas à a Anchieta no quilômetro 40. Na serra, há 11 túneis, num total de 3.830 metros, e 20 viadutos (3.200 metros). O maior túnel tem 1.210 metros. Ali, aparentemente, o unico problema vai ser o barulho um único veículo tipo utilitário, trafegando a 40 quilômetros por hora, produz o ruído de um avião. Na Baixada, a Imigrantes corta um trecho de mangue, de 6 mil metros. Nesse pedaço, os viadutos balançam com o trânsito.

O custo total da rodovia foi de 4,5 bilhões de cruzeiros. Na pista ascendente, as obras de contenção das encostas e paisagismo prosseguirão por mais um ano, segundo a Dersa.

Para a companhia, a rodovia dos Imigrantes é das mais seguras do mundo, reunindo equipamentos sofisticados, dificilmente vistos no exterior. Tem 200 fones de emergência e, no túnel maior TV em circuito interno, semáforos, extintores, janela de emergência e ventiladores. O sistema de ventilação será acionado eletronicamente, quando a quantidade de monóxido de carbono alcançar níveis perigosos.



A partir de amanhã a rodovia dos Imigrantes poderá ser utilizada em toda a sua extensão.

Quantos mortos, ainda uma dúvida

Uma perua, fugindo da enchente, virou no Rio Passareúva, no alto da serra e rolou 400 metros, matando seus nove ocupantes. As peças do veícu- lo só foram encontradas em Cubatão. No dia 4 de janeiro de 1975, uma barreira caiu — também devido as chuvas — matando quatro operarios. Outro morreu eletrocutado, enquanto um topógrafo teve um fim inesperado e triste: mesmo abrigado sob um caminhão (ele descansava sem capacete), uma pedra atingiu-lhe a cabeça e matou-o.

Afinal, quantos morreram para construir a rodovia? A Dersa afirma não ter levantamentos objetivos, limitando-se a dizer que foram poucos os mortos e acidentados, "bem menos do que se poderia esperar, num empreendimento tão arrojado"! Alguns peo-esfalam em 12 mortos em dois anos, só na serra; outros, em oito mortos em quatro anos. Alguns mencionam 15 mortos em quatro anos. Para o engenheiro Pérsio Porto, responsável pelo Departamento de Obras de Arte na serra, o número de acidentes na imigrantes foi bem menor do que o registrado em outras rodovias do mesmo porte no exterior.

"A média internacional é de um morto em cada quilômetro aberto de túnel. Na imigrantes, houve duas mortes em quatro quilômetros de túnel, no trecho 6. Assim mesmo, foram dois casos inesperados, que independeram das obras: o operário atingido por um raio e o topógrafo por uma pedra, embaixo do caminhão.

Também o episódio da perua que virou no rio Passareúva não pode ser atribuído diretamente á rodovia, segundo os engenheiros da Dersa. Eles explicam: "Nós proibimos o tráfego de veículos no rio, e os ocupantes da perua desobedeceram. Quem fugiu da enchente a pé nada sofreu".

Alcides João Vieira, feitor frentista com 33 anos de idade, e quatro anos na imigrantes, viu oito colegas morrerem. Diz ter ficado trsite, mas nunca teve medo de arriscar a vida. Não reclama dos perigos que enfrentou, mas sim da comida das empreiteiras "que era muito ruim no começo, agora melhorou". Também não guarda saudades dos primeiros tempos de abertura na serra, "onde era muito difícil entrar e sair". Outros, como José, trabalhador braçal, só têm uma queixa: a solidão, a saudade da mulher ou da namorada, que nem mesmo as televiso-es, as quadras de esportes e os salários maiores das empreiteiras conseguiram preencher.

Indistintamente, para todos, foi muito duro construir a imigrantes." Subir uma escada com 600 degraus para fazer um muro de arrimo foi terrível na primeira vez, deu vontade de desistir. Depois, virou rotina"-conta o engenheiro Severino Junqueira Reis de Andrade, da Cetenco.

Enquanto o engenheiro Luís Fernando Godoy de Souza descreve a sensação de subir nas torres das obras — "como se a gente voasse, igual a um passarinho" — a maioria dos peões encara a subida nos morros e descidas nos abismos como tarefas sem grande emoção. Medo mesmo eles têm das cobras, já surpreendidas nos acampamentos, e de onças, até agora nunca vistas. Poucos operários apegaram-se ao serviço e a prova disso é o número reduzido deles que permaneceram na obra desde o começo: em cada 20, que trabalhavam quinta-feira nos retoques finais da estrada, 19 ali estavam há cerca de um mês, no máximo dois.

Para esses trabalhadores, a rodovia foi e ainda é importante, mas poucos sabem explicar por que. Vagamente, falam em "facilitar o caminho da praia". Para quase todos, a rodovia foi e ainda é apenas sinônimo de muito trabalho. Reconhecem que os salários das empreiteiras são bem maiores do que eles receberiam em qualquer parte do País. (Um feitor ganha, em média, 2.500 cruzeiros por mês: um frentista, 1.200 cruzeiros, além da comida).

"A gente não paga comida, nem casa, mas também não tem onde gastar". Cansados, no domingo, poucos aceitam a condução grátis das empreiteiras, para se divertirem em São Bernardo. Preferem se espreguiçar sob as árvores a fazer horas extras. Quase todos alimentam o mesmo sonho: comprar um carro, aprender a dirigir e andar na rodovia que construiram". Depois, vender o carro e continuar conhecendo o País, trabalhando em construções".

Entre os técnicos, nota-se o orgulho de ter participado da obra. Ciúme e rivalidade, uma corrida para se construir melhor e primeiro cada trecho. O apego é tão grande, que o engenheiro Luiz Fernando Godoy de Souza, que veio da obra de Ilha Solteira, sai de sua casa no aeroporto para passear na Imigrantes nos dias de isto é muito bonito, aos domingos, cheio de passarinhos, que o trabalho ruidoso nos dias da semana espanta".

Para os engenheiros, todos os sacrifícios do começo foram compensados. Fazer concretagem na neblina, sair do serviço às 6 da tarde, por um caminho tão ruim que não se chegava em casa antes das 2 da madrugada. Hoje, esse mesmo trajeto é feito em apenas meia hora.

"Nós chegávamos em casa às 2 da manhã, muitas vezes tínhamos que sair de novo na hora seguinte para voltar à Imigrantes às 7 horas. Nem sempre chegávamos os carros atolavam nos dias de chuva, só indo a pé".

Baixada teme o impacto da obra

"As previsões para o próximo domingo são estarrecedoras. A Imigrantes vai asfixiar o sistema viário de Santos. O prefeito Antônio Manoel de Carvalho foi alertado sobre isso, em diversas reuniões com a Dersa, prefeitos e pela imprensa. Nem assim tomou providências para receber a pista ascendente da Imigrantes a não ser placas de orientação ao turista". (Noé de Carvalho, líder do MDB em Santos).

"Santos se acomodará à nova realidade. Não há previsão de caos. É claro que haverá algumas dificuldades, mas serão as mesmas que enfrentamos nas temporadas, atualmente. Vivemos razoàvelmente bem com a população atual (400 mil habitantes). Se tivermos um milhão, é lógico que a falta de infra-estrutura trará alguns problemas, mas sem características de caos". (José Lopes dos Santos, presidente da Prodesan).

Entretanto, a maioria dos prefeitos e técnicos da Baixada Santista teme a Imigrantes, não só pelos congestionamentos viários urbanos que a rodovia trará, como também pelo saneamento básico (muito precário na região), abastecimento, assistência médica e até especulação imobiliária, esta já sentida em grandes proporções.

Jorge Bierrenbach Senra, de São Vicente, e Leopoldo Vandelinde, de Praia Grande, são os prefeitos mais preocupados. Embora reconheçam que o governo estadual anunciou obras importantes de água e esgoto, estas só começarão a funcionar a partir de 1977. Até lá, São Vicente continuará com apenas 16 por cento de area atendida por saneamento e Praia Grande sem nenhum metro instalado de sistema de esgotos.

Em São Vicente, o prefeito conseguiu do governo estadual (e pretende conseguir mais) importantes acessos viarios para atender à nova rodovia. Foram pavimentadas cerca de 20 ruas, nas quais dificilmente o município teria condições financeiras de executar melhoramentos. Em Santos, a Prodesan nega que o Executivo não esteja se preparando, embora as obras mencionadas sejam a médio e longo prazo.

O arquiteto Roberto Machado de Almeida, da Prodesan, diz que Santos depende de um financiamento do governo para reurbanização das avenidas da praia (o acesso à Imigrantes será pela orla, ao contrário da Anchieta, feito pelo túnel Ferreira Martins, no centro da cidade). Também para a sinalização a Prefeitura pretende conseguir auxílio da Dersa, embora o emplacamento seja dentro do perímetro urbano. O projeto de sinalização foi feito em fevereiro, prevendo 28 cruzamentos-chaves.

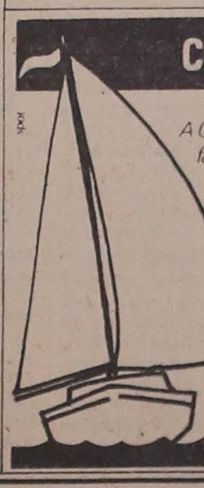
Enquanto isso, em São Vicente, a Prefeitura montou quatro núcleos comunitários para adaptar os moradores da classe C, atingidos pela rodovia. A estrada valorizou seus imóveis até cinco vezes seu preço normal, apesar de muitas serem precárias casas de madeira. Agora, esses barracos coexistem com os acessos pavimentados da Imigrantes, enquanto a população, acostumada à vida tranquila, quase sem automóveis, enfrenta os riscos de uma via expressa. Por sua vez, o prefeito Bierrenbach acredita que essa valorização elevará o nível social e, consequentemente, urbanístico daqueles bairros periféricos. Os antigos moradores vão preferir vender suas casa e morar mais longe, no seu entender.

Para o diretor do Erplan — Escritório Regional de Planejamento, do governo estadual — a rodovia significa também a abertura de nova possibilidade econômica para a Baixada. Isso porque a região está baseada apenas numa movimentação turística e depende inteiramente do porto para sobreviver (70 por cento dos moradores estão vinculados ao cais). A estrada poderá trazer a terceira alternativa: a de prestação de serviços de alto nível.

Outras alternativas apontadas pelos técnicos Santos se converteria em cidade universitária, pelas facilidades de acesso (já tem 16 cursos funcionando): pelo mesmo motivo, todos os municípios da Baixada se tornariam cidades — dormitórios. Entretanto, segundo o Erplan, essa última possibilidade — trabalhar em São Paulo ou no ABC e morar no Litoral — foi reduzida sensivelmente, ficando restrita às classes mais poderosas, diante da alta dos combustiveis.

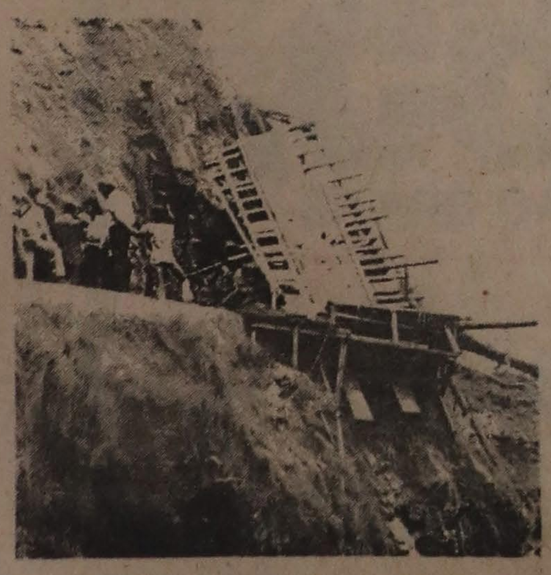
tosse
bronquite
rouquidão
XAROPE
SÃO JOÃO
ALIVIO RÁPIDO
PROD DO LAB
ALVIM e FREITAS
S A

CURSO DE VELA



A Carbrasmar, o mais tradicional fabricante de lanchas, iates e veleiros do Brasil, está promovendo um Curso de Vela.
O Curso de Vela Carbrasmar terá a duração de um mês, com aulas teóricas e práticas.
Informações e inscrições na Carbrasmar - Via Anchieta, 1558, Saúde, São Paulo ou pelos telefones 273-3204 e 63-6427.

Dois aviões dos EUA, a primeira carga



Dois aviões bombardeiros procedentes dos Estados Unidos e consignados ao Ministério da Aeronáutica, que se encontram no porto de Santos desmontados, serão provavelmente os primeiros volumes a serem transportados pela rodovia dos Imigrantes, marcando assim a abertura dos transportes pesados do porto para o Planalto. Os aviões pesam 23 toneladas, têm 2,50 metros de altura e 8,80 metros de largura. Essas dimensões estão acima da capacidade dos túneis da Anchieta.

Seu transporte somente será possível pela Imigrantes, onde as bocas dos túneis são maiores.

Esse fato mostra a importância da nova rodovia, como um corredor de transportes para o porto de Santos. A via Anchieta, além de encontrar-se há anos saturada, também não permite a passagem de certas cargas.

O deslocamento das aeronaves não tem data marcada, mas sabe-se que elas ficarão estacionadas no viaduto da via Anchieta que faz ligação com a pista da Imigrantes em Cubatão.

Todas as pessoas ligadas às atividades portuárias em Santos têm consciência da importância da Imigrantes para a Baixada Santista e para a economia do país, mas ainda desconhecem como a rodovia seria utilizada. Um engenheiro ligado à planificação urbana esclarece que a Imigrantes, como um corredor de transportes, deverá ter o tráfego livre para qualquer veículo, obedecendo-se às limitações de tolerância por eixo, como se faz na Anchieta.

Para as empresas transportadoras, haverá mais economia de combustível, redução no tempo da viagem e o veículo sofrerá menos desgaste. Os jornais dizem que as rampas são mais suaves, e isso trara benefícios para o transporte" — explica José Casciatori, da Transportadora Bandeirantes. Os caminhões que levam cargas do porto de Santos para o Planalto consomem cerca de um litro de óleo em cada quilômetro, para uma carreta de 25 toneladas.

Nas áreas planas, o consumo é de um litro para 2,7 quilômetros.

AVISO

Tomada de Preços nº 11/76

A Caixa Econômica Federal — Filial São Paulo, dá ciência aos interessados que se acha aberta Tomada de Preços para construção de prédio para a Agência Santana, à Rua Voluntários da Pátria, nºs 1502 a 1530, nesta Capital, sob regime de empreitada global, nas condições abaixo:

1 - HABILITAÇÃO PRELIMINAR - As firmas interessadas deverão habilitar-se junto à Comissão Permanente de Compras e Contratações, desta Filial, até o dia 14-07-76;

2 - DOCUMENTAÇÃO - Para habilitação, é necessário que a firma comprove:
2.1 - personalidade jurídica;
2.2 - capacidade técnica mediante declaração que ateste o cumprimento de obrigações da mesma natureza;
2.3 - capacidade financeira, mediante elementos do Edital, inclusive que possui capital social de Cr$ 870.000,00;
2.4 - ter feito caução de Cr$ 21.600,00, em espécie ou ORTNs.

3 - PROPOSTAS - As propostas das frimas habilitadas pela C.P.C. desta Filial, serão recebidas até as 10,00 horas do dia 03-08-76.

4 - EDITAL E MAIORES DETALHES - Poderão ser obtidos na C.P.C., à Rua Floriano Peixoto, nº 50, 1º andar, Capital.

São Paulo, 27 de junho de 1976.

AUDITÓRIO

A MÚSICA DE LUIZ LEVY

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

A casa em que nasci e vivi durante vinte e sete anos, na rua São Vicente de Paulo (emplacada erroneamente "Paula"..., bairro de Santa Cecília, se defrontava com amplo palacete da família Levy. Recordo em minha extrema juventude ouvir peças pianísticas, executadas por alguém que nunca cheguei a conhecer pessoalmente. Somente agora fiquei sabendo tratar-se de Luiz Henrique Levy, nascido a 8 de agosto de 1861, falecendo também a 8 de agosto de 1935. Era seu irmão o notável Alexandre Levy (1864-1892), cuja lamentável e prematura morte roubou ao Brasil uma das mais seguras vocações musicais de nossa história, co-fundador do nosso nacionalismo artístico.

Ao contrário de Alexandre, Luiz Levy possuía temperamento alegre e jovial, não se dedicando com exclusividade à composição e ao piano, muito embora fosse pianista exímio. Durante décadas dirigiu a Casa Levy, centro, ponto de encontro das personalidades musicais da Paulicéia. Foi também filatelista apaixonado, fundador da primeira publicação especializada sobre a matéria no Brasil, o Jornal Filatélico. Foi Luiz Levy o primeiro instrutor de seu irmão Alexandre. Compunha com facilidade, absoluto desembaraço, mas sua música permanecia imersa no arquivo da família, não cuidasse "Chantecler" de dedicar-lhe todo um microssulco estéreo (2-08-404-072), pela pianista Eudoxia de Barros, com excelente fatura gráfica e bem informativa contracapa do musicólogo Mozart de Araújo, autoridade de nossa história musical.

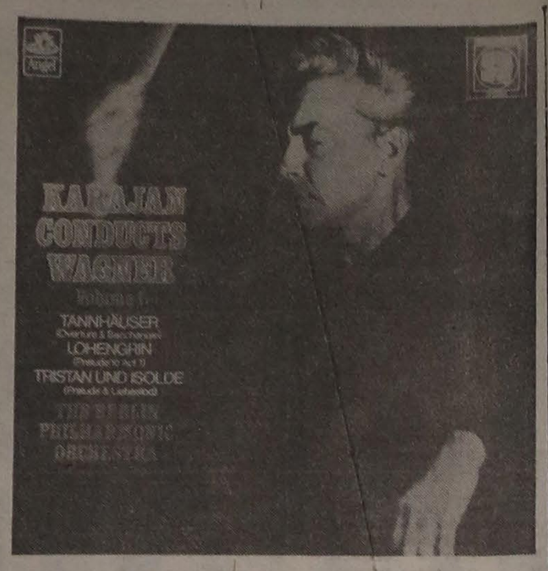
Esse disco é importante e significativo por mais de um título. Tão agrilhoados à multipropaganda de um insuportável ufanismo progressista nos encontramos por obra e mercê dos maciços meios de comunicação massificada, que olvidamos com surpreendente e alarmante facilidade os que vieram antes, muito fazendo com humildade e boa fé no aprimoramento de nossa sensibilidade. Em vez de olhar pra frente, por que não o fazemos em miradas retrospectivas? Que sabemos do séc. XIX, daquele período do romântico por excelencia, que presidiu tanto o miniaturismo schubertiano e chumanniano quanto o gigantismo de Wagner, as delicadas fragrâncias de Chabrier ou Fauré, as recriações poemáticas de Berlioz, Liszt ou Richard Strauss? Está claro que tudo isso conhecemos, porque provém da Europa. Mas nossa música ainda reserva muita coisa boa. Tínhamos que ser epígonos das correntes estéticas do Ocidente. A influência, a imitação, resultam inescapáveis, como se verifica no repertório inscrito por Eudóxia de Barros em duas faces de microssulco: "Tango Burlesco", op. 28; "Diálogo", op. 26; "Barcarola", op. 10; "Valsa Brilhante", op. 30; "Primeira Rapsódia Brasileira", op. 17; "Habanera" op. 31; "Serenata", op. 16; "Poudrée (4a. Gavota), op. 23; "3a. Gavota", op. 24; "Valsa Lenta", op. 22; "2a. Rapsódia Brasileira", op. 29. Tudo isto é parte de uma obra vasta e variada, da qual não se suspeitava sequer da existência, excetuadas as pessoas chegadas à família Levy. Essa música é toda romântica, "fin-de-siécle", oscilando entre o apego inspiracional à música européia de Schumann, Liszt, Mendelssohn, os modelos franceses, sem faltar linda paráfrase do popular Tango de Albeniz, na "Habanera"; uma Valsa de Durand, a propósito da homônima "Valsa Brilhante"; e, mui caracteristicamente, a Segunda Rapsódia Brasileira leva o subtítulo "Lisztiana", homenagem ao mestre de "Mazeppa".

Mas em Luiz Levy estavam presentes conotações nacionalistas e brasileiras, que o piano forte lhe permitia inscrever e realizar. Fê-lo, é óbvio, pela maneira corrente em sua época, ou seja, de forma decorativa, superficial, saloneira, mas nem por isso menos evocativa e bela. É um mergulho no passado, um saudoso e bem oportuno repensar dos saraus aristocráticos de antigamente, naquelas mansões solarengas, tão cheias de poesia, beleza, encanto, hoje demolidas em prol desses horrendos caixotes de cimento armado, que se denominam apartamentos, sem distinção nem individuação de personalidade. Se a música de Luiz Levy não colima altos vôos inspiracionais e criativos, não menos verdade é que sempre se reveste de bom-gosto e apurada forma. A interprete captou à maravilha a mensagem textual. Eudóxia de Barros prova que a versatilidade é seu forte. O mesmo cérebro que faz imperar uma técnica de aço ponteagudo nas tremendas percussões, os titânicos martelamentos da Sonata de Bartók ou os colossais crescendos do Segundo Concerto de Guarnieri, sabe também transmitir aos dedos as meigas vibrações de um "cantabile", em tranquilos guirlandas de semicolcheias ou trinados cadenciais de uma romântica página esmaecida no lento perpassar das horas, dias, meses, anos. Como escreveu Mozart de Araujo, esse trabalho magnífico de reconstituição de uma fase de nosso passado aumenta o coletivo débito perante essa impar artista se chama Eudoxia de Barros.

O lançamento do disco foi ocasião de coquetel na Bruno Blois (11.6.19h.). No gênero, nada de melhor se realizou até hoje em São Paulo, em primeiro lugar porque os indesejáveis sicofantas da música e da fonografia brilharam pela ausência... poluição a menos! Para citar apenas alguns exemplos de pessoas de significativa e dignificante presença, lá estavam Cecília Levy, filha do compositor, e demais componentes da família; elementos da gravadora Chantecler, como Braz Baccarin, diretor de repertório, Ronaldo, da divulgação para imprensa; doutor Carlos González, comentarista de clássicos no DP; doutor Francisco Amaral Melo, notável apreciador da literatura pianística; Francisco Malheiros, Inspetor do Banco Central, "connoisseur" de irrecusável gabarito; compositor e professor Sérgio Vasconcellos Correa e família; pianistas Sebastian Benda, Edith Kielgast, Olegs Kuznecsov; organista Orlando Retroz; Dr. Antonio Borba, engenheiro e "connoisseur"; Roberto Tibiriçá, pianista, assistente de produção da RGE-Fermata; d. Antonietta, mãe de Eudóxia, pessoas da família, etc. etc.

OSUSP

Pelo visto, a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo ainda se encontra a meio-caminho de sua efetivação numérico-instrumental. Já era mais que tempo de funcionar ao nível de Sinfônica, em vez do habitual parêntese ("Secção de Cordas"). Nessa qualidade apresentou-se (10.6) no Anfiteatro de Convenções e Congressos, sob regência de Camargo Guarnieri, inaugurando o concerto pelo "Andante para Cordas" de Alexandre Levy (1864-1892), seguido pelo Concerto em dó maior, de Joseph Haydn, no qual o violoncelista Antonio Lauro Del Claro mais uma vez demonstrou pleno domínio interpretativo, ao mesmo tempo transmitindo tudo quanto a secura das notas não consegue significar: um retrato de corpo inteiro do espírito alegre, bem-humorado do compositor, como se verifica no tema inicial do "Allegro molto", uma das felizes inspirações criativas haydnianas. Por outro parte, o sucesso triunfal alcançado pela execução deveu-se à colaboração orquestral irrepreensível.



A 2a. parte foi destinada à lindíssima, terna e melodiosa Serenata em dó maior, op. 48, de Tchaicovsky, uma das absolutas obras-primas da literatura para orquestra de cordas. "Performance" caracterizada por muito desnecessário vigor de acentuações, pouca sutileza e poesia nula. Guarnieri pouco ou nada serve em obras desse caráter ao mesmo tempo lírico e virtuosístico, muito embora aos arcos não faltassem segurança e unanimidade de ataque. Bisada a Valsa.

Excelentes Notas de Programa, assinadas pelo Redator Musical da OSUSP, Cécil Braga e Chaves, em sóbria, convincente, elogiável apresentação gráfica cujo extremo contraste envergonha o Teatro Municipal, com aquela infame ficha de cartolina, que o senhor Maurice Vaneau impinge a guisa de programa. Por sinal, isto não vai ficar assim! Mandarei ao prefeito os dois edificantes e colidentes exemplos!...

WAGNER

A maior parte dos recentes lançamentos fonográficos Angel/Odeon foi capitulada nesta coluna. Chegou o momento de referir o Volume I de "Karajan conductos Wagner" (Quadraphonic System, 03CBX-305), no qual o famoso e controverso regente comanda a Orquestra Filarmônica de Berlim na Abertura e Música de Venusberg, da ópera "Tannhauser"; Prelúdio ao I ato de "Lohengrin"; Prelúdio e Morte de Amor, de "Tristão e Isolda". Depreende-se estar em curso uma antologia dos fragmentos sinfônicos wagnerianos, frequentados com assiduidade muito mais no passado do que atualmente, quando o gosto dos auditórios se volta preferencialmente mais para o barroco e a expressão absoluta da música, por palavras outras: Vivaldi e Bach, Handel e Mozart, Beethoven e Brahms, eclipsaram Wagner, num ato de flagrante injustiça, porquanto o mago de Bayreuth nunca deixa de ofertar torrentes de expressividade e beleza inefável, principalmente nas microestrias dessa quadrifônica e superlativa gravação, na qual se conjugam de forma ideal a maravilha dos Filarmônicos de Berlim, a pujança sonora e um equilíbrio interpretativo de impossível superação. Na música de Venusberg intervêm as vozes femininas do Coro da **Deutsche Oper**, preparadas por Walter Hagen-Groll. Tais vozes personificam serenas, bacantes, náiades, no quadro pagão da mansão de Venus, envolvida por voluptuoso e irresistível rodopio sonoro, como somente Wagner poderia realizar. **Em Lohengrin**, a orquestra desenvolve imenso arco dinâmico dos pianíssimos violinos ao esplendoroso forte apoteótico, a pouco e pouco esmorecendo, para retornar aos arcos no registro agudo.

Perante suntuosidade tamanha, as palavras se tornam balbucios...

SIBELIUS

Tanto Brenno Rossi quanto Bruno Blois acolhem nas lojas da 24 de Maio uma considerável cópia de importações fonográficas, cujos astronômicos preços não detém a voracidade dos bem-dotados e pensantes compradores. Por paradoxal que possa parecer, quanto mais elevada a taxa de compra, maior a corrida dos fregueses. Meu relacionamento com Bruno Blois sempre foi excelente. Data de trinta anos, quando ele era simples funcionário da Casa Sotero. Por isso, nenhuma surpresa nem parcialidade feroz, menos ainda interesseira... E' que na Bruno Blois o acolhimento é cem por cento. A gente sente-se em casa, e vai escolhendo, pesquisando desinibidamente. Nem por outro motivo o movimento vendável é intenso, quase diria incrível. Três dias após a chegada de uma remessa, já o estoque se reduz a menos da metade; e sempre tive sorte superna de não me defrontar com um certo senhor Jota Jota de Moraes, cujas seródias preferências vanguardistas vão para a loja concorrente... Mas aí entram aversões, idiossincrasias irredutíveis... Como dizia, a recente chegada de um lote **Philips-Deutsche Grammophon** trouxe coisas notáveis, como o oratório sacro-militar de Vivaldi "Juditha Triumphans", um album de Karajan, dedicado aos mestres da Segunda Escola de Viena, quartetos vocais de Schubert, o habitual dilúvio beethoveniano, um indescritível recital de canções espanholas antigas e modernas, no qual a mezzo-soprano Teresa Berganza, acompanhada ao piano por seu marido Felix Lavilla, se excede a si mesma em grau de absoluta superlatividade; e Sibelius.

Se o leitor comunga com Virgil Thompson, para quem Sibelius é "vulgar, self-indulgent and provincial beyond all description", então será melhor passar adiante. Caso contrário, notemos que emerge do firmamento regencial europeu um intérprete de primeira grandeza da obra musical do gigante de Jarvenpaa, finlandês como ele, vencedor do I Concurso de Regência Herbert von Karajan 1969. Chama-se Okko Kamu, responsável por uma notável edição da 2a. Sinfonia, com os **Berliner Philarmoniker** (DG 2530 021, ed. original alemã). Na contracapa desse disco constam interessantes fragmentos de uma entrevista, na qual o maestro estima "necessário fazer alguma coisa para o gênio de Sibelius. Queria que o senso "íntimo" de sua música e de toda a música se tornassem "falantes". Há muitas coisas absconsas. Particularmente nos compositores que mais estimo, e que dizem quanto têm a dizer com um mínimo de meios. O gênio ama a simplicidade".

Okko Kamu surge-nos agora com um novo disco (DG 2530 426), contendo o poema sinfônico **En Saga** e a Terceira Sinfonia (dó maior, op. 52), pela Orquestra Sinfônica da Rádio de Helsink. Muito embora não faltem boas gravações — Boult, Beecham, De Sabata, Dorati, Van Beinum, Ormandy, para **En Saga**; Watanabe, Kajanus, Maazel, Collins, para a Sinfonia — ardi de curiosidade perante a nova chapa... Que revelação estupenda! É claro que tudo tresandava Finlândia, menos, é claro, a gravadora de Hanover! Mas o ponto não é este; antes, porém, a qualidade musical. Para começo de diálogo, a orquestra de Helsinki pareceu-me soberba, principalmente o capítulo das cordas, base do sinfonismo sibeliano. Ouçamos p. ex. o tema "staccato" e rebatido nos violoncelos, logo ao início de **En Saga**; os sibilantes arpejos **sul ponticello** dos violinos, que outorgam uma qualidade misteriosa quase satânica, sinistra, e premonitória ao monumental **Ton-Dichtung**; a endiabrada perfeição rítmica no **Presto con fuoco** pre-conclusivo, encaudado a lindíssimo solo de clarinete, planando em delicados sforzandi das cordas; os recitativos no **Allegro moderato** e **Andantino con moto quasi allegretto** da Sinfonia, duma pureza expressiva digna de Haydn ou Mozart. Ademais, a regência de Okko Kamu reçuma absolutamente estreme de distorções pedestres, idiossincráticas ou personalistas; e tem o condão de reabilitar duas obras notáveis por seu poder de caracterização, personalidade, síntese e comunicatividade. Não é mais possível que Sibelius seja apenas autor de "Finlândia", o Concerto para violino, "O Cisne de Tuonela", e a Segunda Sinfonia. Este novo disco recomenda-se sem restrições, e com o máximo empenho: uma revelação autêntica de arte.

O ETERNO CULTO DA INCOMPETÊNCIA

Ao "Trabuco" de Vicente Leporace foi enviada a certa do teor seguinte:

Ouvi minutos atrás sua leitura das declarações do governador Paulo Egydio, sobre a calamidade pública, representada pela desnutrição que leva à doença e suas péssimas consequências sanitárias. Mas há outra espécie de calamidade, que é pública e principalmente administrativa, traduzida pelo culto da incompetência e a nomeação de ineptos e inescrupulosos para altos postos da Administração do Estado.

No caso da música erudita, é o caso do contrato datado de 28 de maio último, publicado em breve relatório pelo Diário Oficial de 1.o de junho, sendo contratante a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia e contratado o "maestro" Diogo de Assis Pacheco para "prestação de serviços profissionais de natureza técnica, nos termos do inciso II do artigo 1.o da Lei n.o 500/74", pelos quais perceberá quatrocentos e oitenta mil cruzeiros... por quanto tempo? O Diário Oficial não esclarece, mas presume-se por um ano, a partir da vigência, o que dará 40 mil cruzeiros mensais, importância que não ganham médicos, engenheiros, advogados, professores, cientistas e profissionais do mais alto gabarito, que dedicaram ao serviço público estadual a mais ativa parte de suas existências durante trinta e cinco — e até mais! — ininterruptos anos de serviço.

É sumamente repugnante para mim personalizar críticas, quando elas envolvem caráter e comportamento humano. Por esse motivo, parece-me dispensável dizer quem é Diogo Pacheco. Basta perguntar a qualquer pessoa medianamente enfronhada na vida artística de São Paulo, e que possua boa memória.

É também constrangedor que o referendo da proposta de contratação provenha do governador, conforme autorização SCCT-643/76.

Ponto final.

Mangueira flutuante avisa sobre perigo de poluição

Uma firma britânica que participará de uma missão comercial ao Brasil em julho, organizada pelo Conselho de Desenvolvimento do Norte da Inglaterra, vai promover uma mangueira flutuante, que além de evitar derramamento de petróleo produz também um sinal visível de advertência.

A mangueira, chamada Saflote, tem duas estruturas: a interna serve para a transferência do petróleo em circunstâncias normais, e a externa proporciona a segurança. No caso de uma falha no envoltório interno (mesmo a melhor mangueira pode sofrer desgaste), o petróleo derramado é contido pela mangueira externa, que também aumenta num volume 35 por cento maior do que o normal, acusando a necessidade de substituição.

O fabricante do produto, que é a Divisão Marítima e de Petróleo da Dunlop Limited, estará representado na missão por seu gerente de vendas de exportação, sr. A. J. Hardcastle, que espera visitar os clientes em potencial nas indústrias petrolífera e de dragagem, e ver os agentes da firma. O sr. Hardcastle vai promover também mangueiras Selflote feitas em diâmetros de até 0,91 centímetros, usadas como linhas de flutuação entre bóias de ancoragem e petroleiros.

Além de mangueiras de sucção e descarregamento de petróleo de grande diâmetro, para carregamento e descarregamento de petroleiros em alto mar, a firma também produz mangueiras flutuantes de dragagem. O sr. Hardcastle espera interessar a indústria brasileira do setor nas mangueiras flexíveis Dredgeflote, que já estão sendo usadas com êxito na Venezuela para a transferência de refugos de dragas para pontos de descarregamento. Essas unidades estão à venda com diâmetros internos de até 0,91 centímetros. (BNS)

DOMINGO DO Diario Popular NOS DOMÍNIOS DA

FILATELIA

ANGELO ZIONI

AEROFILATELIA NO BRASIL

6-7-42 — A "OMTA" em Pouso Alegre

Nada de especial deve ser acrescentado sobre o que escrevemos quanto à OMTA — Organização Mineira de Taxis Aéreos que aceitava correspondência levada à empresa depois de pago o porte comum no correio local (Note-se que, por vezes, os agentes, de acordo com a regulamentação postal, aplicavam, além do anulador comum, um carimbo indicador de que a correspondência, carimbada, havia sido devolvida ao portador: EP (entregue ao portador).

Assim, a pouca correspondência levada pelo avião "Nova Filadélfia" (3 K.) para Pouso Alegre como a mais reduzida, ainda (2,6 K.) para Belo Horizonte somente será reconhecida pelas carimbagens comuns dos correios aliás quase sempre muito mal aplicadas nas agências postais.

8-8-42 — "OMTA" — Belo Horizonte — São Lourenço

Em linhas gerais procedeu-se do mesmo modo, para a linha a São Lourenço, inaugurada em 8-8. Nessa ocasião a "OMTA" somente funcionava ligando a capital mineira a Teófilo Otoni, Pouso Alegre a São Lourenço, e, segundo anúncio então publicado, a empresa, sediada à rua Espírito Santo 509, recebia passageiros e encomendas.

CIVISMO EM CAMPO GRANDE: DEI ASAS PARA O BRASIL

Em plena guerra, as necessidades que em todos os campos se faziam sentir entusiasmavam a população e, no setor aeronáutico foram dignas de menção as campanhas em prol da criação de uma mentalidade aeronáutica entre a juventude, a luta pela melhoria da aeronáutica. Assim, dentre as muitas campanhas, deve-se mencionar o trabalho de jovens e entusiastas filatelistas militares que, exercendo as funções na guarnição de Campo Grande, Mato Grosso, aproveitavam dos momentos de lazer para difundir a filatelia. Foi assim que o núcleo filatélico local, graças aos trabalhos de então jovens tenentes e capitães como Luiz Gonzaga Valença de Mesquita organizaram a campanha "DEI ASAS PARA O BRASIL" quando levantaram importancias de vulto destinadas à aquisição de aviões para os aeroclubes do Brasil, onde se forjavam os pilotos do amanhã.

Nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 1942, no Bar Bom Jardim, foi realizado o grande leilão organizado pelo NÚCLEO FILATÉLICO DE CAMPO GRANDE, em prol da aviação nacional.

Além de 400 lotes de peças filatélicas foram leiloados outros 100 lotes constantes de terrenos, animais, jóias etc., ofertados pela população.

O resultado importou em Cr$ antigos 45.444,80, quantia que foi entregue ao então ministro da Aeronáutica, dr. Salgado Filho.

No dia 27-9-1942 foi usado, pelos correios da cidade, a pedido do referido NÚCLEO, um carimbo de borracha aplicado em azul e comemorativo da realização, aplicado ainda em 1.000 sobrecartas editadas pelo Núcleo e vendidas à razão de 5 cruzeiros da época o exemplar.

Conhecem-se cartas que apresentam um carimbo (além do comemorativo) idêntico ao postal, com a legenda "EU DEI ASAS (sic) AO BRASIL" em uma linha, no qual, no entanto, não aparece a legenda "DR Correios e Telégrafos".

27-10 — Mais uma vez a "NAB" — Para Belém.

Em 27 de outubro de 1942 partia do Rio de Janeiro o avião da NAB que inaugurava a linha Rio de Janeiro-Belém via Belo Horizonte, Lapa, Carolina.

Preparados os carimbos, não foram eles usados porquanto, publicada entre-tempo a Portaria 860 de 28-9-42, dos correios, referente ao uso de carimbos comemorativos, e não tendo a empresa solicitado em tempo hábil a competente autorização para o uso, toda a correspondência assim carimbada foi recusada. Isso não obstante, muitos são os aerogramas que, carimbados com bastante antecedência, foram postados e transportados normalmente.

A volta de Belém deu-se em 28-10-42.

SELOS DE TODO O MUNDO

ARGENTINA

12.6 — Profilatelia argentina: aves (13 p. guacamaio) e (7 p. urraca); flores (20 p. begônia) e (40 p. cardo). Selos c/ sobretaxa de 50%.

19.6 — Dia da Armada ($ 12 — goleta "Rio de la Plata).

ÁUSTRIA

14.5 — Campeonato (11.o) Mundial de boliche: 4 xelins (3,25).

BÉLGICA

3.5 — 25.o aniversário do Concurso Rainha Isabel: 14-6 fr.

10.5 — série "Europa/76): 6,50 (10,0) cesto de vime; 14 fr. (3,0) pote de barro;

10.5 — Congresso Internacional da IRU — International Road Union: 14 fr. (3,0): caminhão na estrada;

24.5 — centenário do nascimento da rainha Isabel: 14 fr. (3,0) efígie;

14.6 — 15.o aniversário do Aeroclube da Bélgica: bloco de [illegible] da Bélgica: bloco Bleriot, [illegible] avião [illegible] Jan Olieslagers e emblema do AC;

21.6 — propaganda dos cavalos de tração de raça das Ardenas: parelha macho e fêmea: 5 fr.

2.6 — na segunda quinzena de junho: aerogramas em 4 modelos com selagem de 14 fr. (avião Boeing 727) variando cada vez, de acordo com o regimento sobre precedência linguística.

1.7 — bilhetes-postais de 5 fr. emitidos em dezembro de 1975 por ocasião da Themabelga (já por nós descritos neste jornal).

20.9 — inauguração do setor 1 do metrô de Bruxelas: 6,50 fr.

CHIPRE

5.7 — 21.o Jogos Olímpicos de Montreal: 20-60-100 mils: emblema;

5.7 — bicentenário dos Estados Unidos: 100 m. (ef. de Washington).

GRÉCIA

10.5.76 — Gliptica (arte de gravar em pedras preciosas) da era minoica em Creta: 2 dr. (3,0) leão atacando um touro; 4,50dr. (3,0) aves aquáticas em vôo; 7dr. (2,0) touro ferido; 8,50dr. (2,0) cabeça de Silene; 11dr. 0,6) vaca dando de mamar.

IRLANDA

30.8.76 — Arte contemporânea irlandesa: "A armadilha de lagostas" de Paul Henriy: 15p. (2,0).

ISRAEL

2.6 — Camping — 1,50 L. desenho simbólico.

22.6 — Jogos Olímpicos de Montreal; 1,60 (salto em altura); 2,40 (natação); 4,40 (ginástica ornamental).

22.6 — emissão de emergência: estrela de Davi: 2,45 L.

ITÁLIA

21.5 — Turismo: 150L. (castelo de [illegible]); 150L. (Forio, ilha de Ischia); 150L (Vale d'Itria: casas "trulli") — 15.0 de cada.

IUGOSLÁVIA

15.5 — Inauguração ferrovia Belgrado-Bar: 3,20d. (1,0) composição sobre viaduto; (8d. (0,3): composição sobre viaduto (2.o tipo).

25.5 — fauna (Dia da Juventude): 1,20 (1,0) libélula; 2, lod. (1,0) caracol; 3,20d. (1,0) sardinha; 5d. (0,5) rã verde; 6 d. (0,5) marreco; 8d. (0,2) rato moscado.

29.5 — centenario natalício do poeta e político croata Vladimir Nazor: 1,20d. (1,0).

22.6 — promoção do artesanato de potes e jarros d'água: 6 selos.

SELOS ERRADOS

Em nossa mania de ler tudo quanto é revista filatélica, vamos apontando algumas anotações para os amigos. Hoje, para os colecionadores de "selos errados" (também há disso, não é verdade, Heinz Lehfeld?...) apontamos, de uma revista italiana cujo nome nos escapou, penitenciando-nos da falta:

* **DAMUS PATIMUSQUE**

Sobejamente conhecido o erro dos guianos de 1851/56 (que bom tê-los, Lehfeld!), que deve ser corrigido para "damus petimusque...", passamos para o

* **ERRO LITÚRGICO**

dos selos da Guiné Espanhola (365) na qual o sacerdote mostra o "manípulo" erradamente colocado no braço direito. Essa peça dos paramentos teria livrado o desenhista da reprimenda caso o selo tivesse aparecido mais modernamente. O "manípulo" foi abolido há alguns anos apenas, com a nova liturgia da Igreja Católica.

* **PADRE VAZ BARBUDO**

aparece erroneamente no selo da então Índia Portuguesa 408; posteriormente o barbeiro funcionou como se vê no selo n.o 474...

ORLÂNDIA-AVANHANDAVA

Realiza-se, de 9 a 11 de julho, em Orlândia, a 1.a Exposição Filatélica promovida pela Municipalidade local.

Durante o certame será realizado mais um SIMPOSIO de estudos, promovido pela ABRAJOF, entidade que reune os que, na imprensa, se dedicam à divulgação da filatelia. Esse simpósio será realizado dia 11, pela manhã, de acordo com este programa:

10/7 — saída de São Paulo em onibus especialmente fretado, com pernoite em Ribeirão Preto (Pálace Hotel);

11/7 — saída de Ribeirão Preto para Orlândia — simpósio — almoço: churrasco oferecido pela Prefeitura local e à tarde, volta a São Paulo.

Para os familiares dos participantes ao Simpósio, durante os trabalhos deste, será proporcionada uma visita à cidade e à Indústria de Arroz Brejeiro.

Circular pormenorizada já foi enviada às entidades filatélicas, uma vez que o convite, para o passeio, é extensivo aos filatelistas, sendo apenas reservado aos associados da Abrajof a participação ao Simpósio, que terá a seguinte ordem-do-dia:

Categoria de associados; registro profissional de jornalistas e Previdência Social; Abrajof e a Federação Brasileira de Filatelia.

Informações detalhadas podem ser obtidas com os srs. Profi. (fone: 239-3618) e Angelo Zioni (fone: 240-0783).

ENCONTRO FILATÉLICO NO SALTO DO AVANHANDAVA

Promovido pela Diretoria Regional de Bauru, da ECT, realizar-se-á mais um encontro mensal de filatelistas, desta feito unindo a filatelia ao lazer.

Os apreciadores da pesca deixarão por um dia albuns e selos e terão a oportunidade de passar um dia agradável, entre companheiros de filatelismo, em Barbosa, perto da Cachoeira do Avanhandava.

Dia 12 de julho vindouro o correio vai lançar seis selos destinados a promover a ictiologia brasileira, e a Diretoria Regional de Bauru, prosseguindo na campanha filatelia, programou, para a data, mais um de seus interessantes encontros-de-filatelia.

Nesses encontros reunem-se filatelistas da região-sede da jornada e ali têm a oportunidade de ouvir uma palestra, de discutir assuntos de interesse filatelico geral, realizar trocas, enquanto outros se iniciam no colecionismo.

ILHA DO SALDO DE AVANHANDAVA

Dentro desse espírito em 17.7 o encontro será realizado na jurisdição da cidade de Barbosa, na Ilha do Salto de Avanhandava, rio Tietê, na sede de campo da Sociedade Esportiva de Pesca Salto do Avanhandava. Desta feita, no entanto, o Encontro, realizado pela DR de Bauru (da ECT), contará com a participação da DR de S. José do Rio Preto, pois a localização da reunião se encontra em ponto divisório da jurisdição das duas regionais.

PROGRAMAÇÃO FILATÉLICA

Durante o encontro será usado um carimbo postal comemorativo que ostentará a indicação das duas citadas regionais.

Além do carimbo serão organizadas MALAS POSTAIS destinadas a Barbosa e iniciadas em diversas cidades do Estado: São Paulo, Bauru, São José do Rio Preto e, tendo em vista algumas disposições ainda em suspenso à espera de confirmação, convidamos os interessados a se dirigirem à Empresa Brasileira de Correios e Telegrafos — Diretoria Regional de Bauru — a/c sr. Dorival Nogueira — 17100 Bauru-SP.

FILATELIA PAULISTA

20-4 — inauguração da Agencia Filatélica de Bauru;
25-4 — encontro de filatelistas em Jaú — 135 participantes de diversas cidades — carimbo comemorativo;
1/2-5 — 1.a Mostra Filatelica de Promissão, na Biblioteca Municipal;
6/8-5 — 2.a Mostra Filatélica Rotariana em Araçatuba; carimbo;
17-5 — Jornada Filatelica em Bauru;
??-?? — fundação do Clube Filatélico "Guarda Mirim de Avaré, com diretoria formada de guardas-mirin, professores e militares;
30-5 — encontro de filatelistas em Botucatu — mensagem do dr. Antonio Gabriel Marão (pres. Academia Botucatuense de Letras) — carimbo comemorativo; 140 participantes;
31-5 — cadastramento mensal na DR de Bauru: novos 199, somando, até esta data, 2.626 filatelistas cadastrados no correio de Bauru (para toda a circunscrição jurisdicional de Bauru).
19-6 — lançamento festivo do selo "Industria cinematográfica Brasileira, em Marília;
26-6 — encontro filatélico em Cafelândia para o 8.o aniversário da criação do Lions local — carimbo;
26-6 — encontro filatelico em Guararapes — carimbo comemorativo;

PROGRAMAÇÃO DA DR-BRU

A Regional de Bauru (DR-BRU) já programou estes encontros de filatelistas, com palestras, trocas, compras-e-vendas, distribuição de trofeus às caravanas de procedência mais longinqua, filatelista de menor idade, idem mais idoso, etc. — palestras, teses sobre divulgação da filatelia na região — uso de carimbos comemorativos em cada encontro:

17-7 — Barbosa (Salto Avanhandava);
31.7/1.8 — Bauru;
29.8 — Garça;
25.9 — Avaré;
31.10 — Tupã;
28.11 — Lucelia
19.12 — Promissão

MALAS ESPECIAIS

A DR-BRU está programando a criação de malas especiais por ocasião do encontro de Barbosa, com partidas de várias cidades.

LENDO E ANOTANDO

ACABOU-SE A PRISAO

Na França era crime capitulado no Código Penal e na legislação postal utilizar selos já aproveitados para selar novamente as cartas. Hoje, porém, o crime permanece mas a penalidade foi modificada: em lugar de multa e prisão entre 10 dias a seis meses e multa de 300 a 3.000 francos, apenas multa, por contravenção, entre 60 e 400 francos. De crime e delito contra a paz pública, passou-se a simples contravenção.

VELHOS, OS CULPADOS

A modificação da legislação francesa sobre o uso de selos já carimbados para selar a correspondencia tornou-se uma necessidade social: o "crime", segundo a fonte de onde tiramos a noticia, não somente tinha uma pena desproporcional quanto ao delito em si, como, em geral a própria autoridade deixava de agir... a grande maioria dos culpados era constituida de pessoas idosas cuja atuação "criminosa" era facilmente compreensivel.

CORREIO DA CORTE

Não se trata, aqui, das famosas carinabens "Correio da Corte" indicadoras do correio na cidade de Rio de Janeiro, então denominada, ordinariamente "a Côrte", mas do serviço postal sediado, na Inglaterra, em palacios e outros locais de residência ou de estadia do monarca.

A revista filatelica inglesa The Stamp Magazine publicou um resumo do trabalho que, sobre o assunto, foi divulgado pelo Museu Postal Nacional de Londres, com nomes dos agentes, carimbos, relação das agencias etc.

QUANTOS SELOS EXISTEM?

Há um filatelista espanhol que se dedica a estudos interessantes sobre o número de selos existentes no mundo. Selos-tipo, evidentemente, e não o total das tiragens. É José María Cuairan, que vem fazendo o trabalho beneditino desde 1942.

Entre 1942 e 1966 seus estudos acusam um acréscimo de 74.854 selos, sendo o total, em 1966, de 156.001 selos.

Interessante é notar-se que o sr. Cuairan, temático religioso dos mais conhecidos, apresenta estatisticas por continente, subdividindo as emissões por "tipos": aéreos, blocos ordinários e blocos aéreos, selos de franquia etc. etc.

FILIGRANOSCOPIO ELETRICO

O progresso técnico também se fas sentir na filatelia e hoje são muitos os colecionadores que não mais procuram identificar as "filigranas" através do prosaico pires de galalite negro (ou sucedâneos) com benzina pura, mas que se utilizam de aparelhos eletricos verdadeiros detectores.

Entre esses aparelhos, o PHILATECTOR ("electric watermark detector) que não exige a colocação do selo em fundos especiais, nem que o selo fique virado... Custa cerca de 6 libras esterlinas.

EVOCANDO FATOS E HOMENS

NO COLÉGIO COMERCIAL MUNICIPAL DE S. PAULO — TOCANTE CERIMÔNIA CIVICA

LUIS SARTORELLI BOVO

Registramos hoje, em nossa coluna, um acontecimento auspicioso: a posse da nova diretoria do Centro Civico do Colégio Comercial Municipal de São Paulo, educandário dirigido pelo ilustre prof. Waldemar Vieira Murat Júnior. Na abertura da cerimonia do importante ato civico, o diretor do estabelecimento aludido proferiu sugestiva oração, revestida de fé e de esperança, esperança na juventude e sobretudo, nos destinos da terra brasileira.

Em seguida, o prof. Azaury Peixoto Jatobá, orientador do Centro Civico, procedeu à leitura do termo de posse da nova diretoria, assim redigido:

"A 14,30 hs. do dia 19 de junho de 1976, no auditório do Colégio Comercial Municipal de São Paulo, sito à rua Voluntários da Pátria n.o 777, Santana, Capital, sob a presidência do sr. Diretor do Estabelecimento, prof. Waldemar Vieira Murat Júnior, toma posse neste ato a Diretoria do Centro Civico Escolar, eleita no pleito realizado a 31 de março de 1976. Ficam devidamente empossados os representantes da chapa VISAO e a partir deste instante investidos das atribuições concernentes dos respectivos cargos, os seguintes alunos: presidente.Atila Denys; vice-presidente: Maria José Vignola Sarno; primeiro-secretário, Edieléia Vieira Cortez; segundo secretário, Cibele Trezlia; primeiro tesoureiro: Irio Facchinato; segundo tesoureiro: Gisele Heloisa Cunha; orador: Ivan Kowaleski Figueira de Barros; primeiro suplente: Vânia Maria Baldini; segundo suplente: Maria do Carmo Petraglia; terceiro suplente: Lizarda Fátima Fernandes Vieira; quarto suplente: Clodomiro Brás de Castro.

Os alunos ora empossados se propõem a zelar pela concretização dos objetivos do Centro Civico Escolar, determinados pelo artigo 32, do Decreto Federal 68.065/71 e de acordo com o Decreto 869/69 que determina: "a) centralizar no âmbito escolar as atividades de Educação Moral e Civica; b) cooperar na formação e aperfeiçoamento do caráter do educando; c) irradiar na comunidade local e escolar os fins a que se propõe a Educação Moral e Civica. Imbuidos deste espirito, comprometem-se à defesa da dignidade da pessoa humana, dos princípios democráticos, do Amor à Pátria Brasileira, da preservação do espirito cristão, das tradições histórico-culturais, da formação civica e do aprimoramento fisico-mental do jovem e sua integração na comunidade".

Logo após o ato de posse, o presidente do Centro Civico, Atila Denys, fez uso da palavra manifestando na oportunidade o desejo de um trabalho proficuo, útil e proveitoso e que envidará esforços no sentido de dinamizar as melhores iniciativas, tendo em vista o bem comum.

NOME DO CENTRO CIVICO

Em nome do Centro Civico discursou o aluno Ivan Kowaleski Figueira de Barros. Em seu vibrante discurso, uma afirmação de fé e de otimismo, disse:

"É com alegria e satisfação que anotamos este acontecimento importante na existência do nosso colégio. O seu Centro Civico retoma suas atividades com a posse de uma nova diretoria. Após um elevado combate eleitoral, no qual todos puderam expor suas idéias e programas, a nossa chapa recolheu a preferência esmagadora do Colégio. Por conseguinte, hoje, ao nos transformarmos em representantes de todos os alunos, sentimos uma responsabilidade maior a pesar sobre nossos ombros.

Cabe-nos principalmente uma função, que eu diria histórica. Ao atuar dentro das novas condições sociais criadas pela Revolução de 1964, torna-se necessário redifundir o papel e atuação das entidades estudantis. Como órgãos capazes de captar o seu pensamento e as suas necessidades, postulando mediante o diálogo e o entendimento franco e aberto com a direção do Colégio, as medidas que possam levar os estudantes a uma vivência responsável, sadia e construtiva, criando na vida estudantil as premissas básicas do que deve ser o fundamento da sociedade brasileira: trabalho e solidariedade, fundidos no amor à Pátria e ao próximo.

E este um caminho difícil, pois que pouco desbravado, em virtude de preconceitos e desconfianças que cercam as atividades de centros estudantis, motivado pelo seu desvirtuamento em passado, que não o nosso. O apoio que recebemos da direção do Colégio e dos professores ao nosso Centro Civico, nas facilidades que tivemos para a realização das eleições, nos dá a medida da visão diferente e nova, que orienta, não só aos senhores professores, mas a nós, alunos.

E nesta unidade de objetivos superiores que repousa a certeza de que levaremos a contento a tarefa que hoje nos é transmitida.

Queremos fazer do nosso Centro Civico o ponto de encontro de todos os alunos deste Colégio para que, convivendo neste recinto, durante horas, no correr de vários anos, não saiamos daqui como estranhos, indiferentes ao destino de cada um e desconhecendo todos os ideais maiores que nos devem unir sob o mesmo pavilhão Verde-Amarelo na construção de uma Pátria que deverá ser a soma do trabalho, da dedicação, do esforço e do amor de todos. Somemos desde já.

Queremos fazer do nosso Centro Civico, uma Casa, onde alunos e professores se irmanem no estudo e na solução dos problemas que surgem no dia a dia, como exigência maior do desenvolvimento do nosso País.

Queremos, enfim, que o nosso Centro Civico seja mais um fator de elevação do nome do nosso Colégio, do qual possamos ter, alunos e professores, um orgulho cada vez maior.

Estamos certos de que esta é também a esperança dos senhores professores, da nossa direção e de nossos pais que com suas presenças neste ato, querem testemunhar o início de um novo capítulo da vida estudantil do nosso Colégio.

A todos, o nosso agradecimento e a nossa promessa de não decepcioná-los, se com sua ajuda pudermos contar".

CREDO DOS BRASILEIROS

No transcurso da cerimônia, o jogral do Colégio apresentou o "Credo dos Brasileiros", bonita página cívica, de autoria do Prof. Linneu Gonçalves Bragão.

"Cremos em Deus e na Pátria,
Cremos no amor
e na justiça.
Cremos na tradição,
na luta do presente
e na afirmação do futuro.
Cremos no sorriso promissor
da infância.
No entusiasmo da mocidade
e na experiência da velhice.
Cremos na razão,
no triunfo da virtude sobre
o mal,
na esperança frente à descrença.
Cremos na cultura,
no civismo,
no trabalho
e na continuidade da Pátria.
Cremos na lei,
no direito,
na família,
e no aperfeiçoamento do homem e dos povos.
Cremos no Brasil
jamais conquistador de outras nações,
mas amigo do entendimento
justo e cristão entre os povos.
Cremos na ambição legítima
que constrói a prosperidade.
Cremos na diplomacia
Como o diálogo civilizado entre as nações.
Cremos no primado do espiritual sobre o material
e na vitória final da paz sobre a guerra.
Cremos que todos os povos,
como o brasileiro já admite,
afirmarão que toda vitória
pela guerra
é também derrota
porque humilha a criatura
humana.
Cremos que a violência, qual
irresistível vendaval,
derruba o templo,
a cultura,
os tribunais,
porém o homem tudo reconstruirá,
testemunhando a glória de Deus.
Cremos no Brasil do labor,
da esperança
e da fé.
Cremos, Senhor Deus
do começo e do fim,
da vida e da morte,
que realmente cremos.

CONGRATULAÇÕES

Vimos sensibilizados que o Colégio Comercial Municipal de São Paulo não descura as práticas civicas. Procura inundir no espirito dos discentes um amor civico sadio, sincero e imperecível, preparando-os, adequadamente, para o exercicio tranquilo da cidadania. Com razão fundada apresentamos as nossas congratulações ao diretor do estabelecimento, Prof. Waldemar Vieira Murat Júnior. Congratulamo-nos, ainda, com todos aqueles que prestigiam os atos cívicos, tão responsáveis pela formação de uma Pátria cada vez mais robusta em seus valores morais e, sobretudo, mais respeitada no Concerto universal.

Nota: Retomaremos as nossas entrevistas sobre Tiradentes, iniciadas com os alunos do Centro Cívico do Liceu Coração de Jesus, domingo, dia 4 de julho.

Conforme reproduz a foto, alunos do Colégio Comercial Municipal de São Paulo desfilam por ocasião da abertura das últimas Olimpíadas promovidas pela Prefeitura. Esse desfile contou com a participação atuante dos alunos do Centro Cívico

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DAS FINANÇAS

Departamento de Rendas Mobiliárias

TAXAS DE LICENÇA

O Departamento de Rendas Mobiliárias da Secretaria das Finanças do Município de São Paulo alerta os Senhores Contribuintes da taxa de licença para localização, funcionamento e instalação de atividades comerciais, industriais, profissionais, de prestação de serviços e similares — exceção feita aos feirantes e aos casos de diversões públicas — bem assim da taxa de licença para publicidade, nos casos de incidência anual, nos termos da Tabela IV, anexa à Portaria n.o 246, de 17 de dezembro de 1975, que no próximo dia 30 de junho expira o prazo para recolhimento dos referidos tributos.

Assim, todos os contribuintes que ainda não efetuaram os pagamentos devidos, deverão regularizar sua situação até aquela data, pois a partir de 1.o de julho os recolhimentos serão acrescidos das multas previstas na legislação em vigor, além das demais penalidades cabíveis.

Atracam hoje em Santos navios da Marinha de Guerra

Sob o comando do vice-almirante Roberto Mário Monnerat, comandante-chefe da Esquadra, chega hoje ao porto de Santos uma Força do Grupo-Tarefa da Marinha de Guerra Brasileira, com cerca de setenta e seis alunos da Escola de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha, que participarão de uma viagem de adestramento, embarcados nos contratorpedeiros "Marcílio Dias", "Maranhão", "Mato Grosso", "Santa Catarina" e "Paraná". Do porto de Santos, os navios seguirão com destino à costa do Nordeste brasileira, onde realizarão manobras militares rumando depois para o porto de São Salvador.

CONSÓRCIO CARRO-TRAILER: UMA SOLUÇÃO PARA TURISMO

Os turistas brasileiros serão favorecidos por uma feliz coincidência. Quase ao mesmo tempo em que o governo tomou medidas visando restringir o número das viagens de passeio ao exterior, estipulando o depósito prévio de Cr$ 12 mil, uma empresa revendedora de veículos em São Paulo, a Cia. Pereira Barretto de Automóveis, lança um consórcio inédito no País: os ecotistas poderão tirar, todos os meses, um carro grande e um trailer.

Esta parece ser a solução perfeita para o problema do turismo nacional, prejudicado pelas altas diárias cobradas pela maioria dos hotéis de uma melhor categoria. Com a possibilidade de adquirir um trailer por baixas prestações mensais, como propõe David Neves da Silva, gerente de vendas da Pereira Barretto, o turista brasileiro, mesmo da classe média, terá acesso aos principais pontos turísticos do País, com uma despesa total bem menor.

"Como uma revendedora de muita experiência no mercado automobilístico brasileiro — explica David — acreditamos que este possa ser um bom caminho para o mercado do turismo interno. Na verdade, o lançamento do consórcio carro-trailer deu-se antes da divulgação da nova lei que obriga o depósito dos Cr$ 12 mil para países que não sejam Argentina, Uruguai e Paraguai. Foi realmente uma feliz coincidência e isso nos deixa mais contentes. Lançamos um bom negócio para o turista, para o País, que economizará divisas e para a nossa empresa, é claro."

Logo após a divulgação publicitária do novo consórcio (um Opala e um trailer com capacidade para uma família média), os interessados começaram a aparecer em busca dessa nova fórmula, que irá salvar as férias de muita gente, segundo David. As vantagens de um trailer são evidentemente: o turista com mulher e dois ou três filhos poderá levá-los já nestas férias de julho, se for premiado nos sorteios ou der o lance suficiente, a qualquer das mais procuradas paisagens do País ou, ainda, aos campings espalhados por vários Estados.

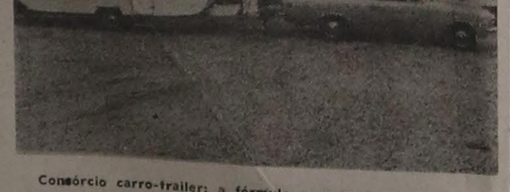
"Gostamos de ser pioneiros — diz David Neves da Silva, da Pereira Barretto. E essa idéia do consórcio carro-trailer é pioneira. E as mensalidades estão ao alcance de qualquer família de renda média as mensalidades de participação no consórcio foram estipuladas e, Cr$ 2.023,00.

A Cia. Pereira Barretto está no mercado de veículos em São Paulo há 10 anos e é uma das cinco maiores revendedoras General Motors do País (também irá vender caminhões Diesel da GM) e seu presidente José David Pereira Barretto, é um dos homens que contribuiu decisamente para a implantação do centro campestre do SESC, onde ocupa o cargo de vice-presidente.

Sua empresa tem se destacado por constantes promoções. Há pouco tempo ofereceu aos compradores dos automóveis da linha GM, um jogo de malas para viagem, que teve aceitação entre o público. Agora, pensando na criançada, vai presenteá-los com bicicletas.

A idéia está aí. Talvez agora o Brasil seja realmente descoberto e resolva em parte seu problema de evasão de divisas.

David Neves da Silva, o gerente geral de vendas da Cia. Pereira Barreto



Consórcio carro-trailer: a fórmula para conhecer o Brasil

ESCOLA, ESTAÇÃO PRIMEIRA.

Primeira no ensino da propaganda, muito antes dos cursos de comunicação. Primeira na orientação dos estudantes, muito mais formativa que generalista. Primeira no aproveitamento profissional, muito maior do que se poderia esperar: 81% dos seus ex-alunos são publicitários.

Seu nome diz da trajetória percorrida. Escola de Propaganda de São Paulo. Escola Superior de Propaganda de São Paulo. Escola Superior de Propaganda e Marketing. Seus nomes, desde ontem aos dias de hoje. Indicando um curso livre, um curso de nível universitário, uma faculdade-padrão reconhecida em termos nacionais.

A Escola Superior de Propaganda e Marketing está completando 25 anos. De ensino, é claro, mas principalmente de participação na vida publicitária do país. Nesse quarto de século, por ela passaram nomes dos mais expressivos da propaganda brasileira. Como alunos, como professores, como diretores. Afirmando em plenitude uma idéia vitoriosa.

No 25º aniversário da Escola Superior de Propaganda e Marketing, a revista "Propaganda" tem a satisfação de homenageá-la com uma edição especial. Mais que isso, uma edição-documento. É que todos nós, anunciantes, agências, veículos, fornecedores, queremos retribuir um pouco do muito que dela recebemos. Por isso planejamos essa comemoração, que desejamos seja tão histórica quanto a contribuição da Escola. Para milhares de publicitários sua estação primeira.

Data de fechamento: 12 de julho
Entrega de material: 15 de julho

Propaganda

CASA LUONGO — 1925 1975 — 50 ANOS — RUA DIREITA, 89 — FONE, 35-4562 - SÃO PAULO

VENDERÁ Quartas e Sábados — 3.000.000,00 — EM 3 SÉRIES — Inteiro: 120,00 - Trinca: 360,00

Entregamos a domicílio na capital. Enviamos para todo o Brasil mediante cheque VISADO

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Cr$ 1.700.000,00

1334.ª Extração — PLANO 123

Prêmio	Bilhete	Valor
1.º PRÊMIO	56904	1.700.000,00 — MAIS 2.100,00 — MINAS GERAIS
2.º PRÊMIO	18721	200.000,00 — SÃO PAULO
3.º PRÊMIO	60326	80.000,00 — SÃO PAULO
4.º PRÊMIO	54970	70.000,00 — SÃO PAULO
5.º PRÊMIO	04749	60.000,00 — RIO G. DO SUL

0
0265 ... 2.000,00
0326 ... 1.500,00
0469 ... 1.500,00
0496 ... 1.500,00
0649 ... 1.700,00
0694 ... 1.700,00
0706 ... 2.200,00
0904 ... 2.100,00
0946 ... 1.500,00
0964 ... 1.700,00

1
1904 ... 2.100,00

2
2904 ... 2.100,00

3
3904 ... 2.100,00

4
4069 ... 1.500,00
4096 ... 1.500,00
4105 ... 2.200,00
4609 ... 1.500,00
4690 ... 1.500,00
4740 ... 600,00
4741 ... 600,00
4742 ... 600,00
4743 ... 600,00
4744 ... 800,00
4745 ... 600,00
4746 ... 600,00
4747 ... 600,00
4748 ... 600,00
4749 ... 5.º Prêmio
4750 ... 600,00
4751 ... 600,00
4752 ... 600,00
4753 ... 600,00
4754 ... 800,00
4755 ... 600,00
4756 ... 600,00
4757 ... 600,00
4758 ... 600,00
4904 ... 2.100,00
4906 ... 1.700,00
4917 ... 2.000,00
4960 ... 1.500,00
4970 ... 1.500,00

5
5904 ... 2.100,00

6
6049 ... 2.300,00
6094 ... 2.300,00
6409 ... 2.100,00
6490 ... 2.100,00
6904 ... 8.100,00
6940 ... 2.100,00

7
7904 ... 2.100,00

8
8721 ... 1.500,00
8904 ... 2.100,00

9
9046 ... 1.500,00
9064 ... 1.700,00
9406 ... 1.700,00
9460 ... 1.500,00
9604 ... 1.700,00
9640 ... 1.500,00
9904 ... 2.100,00

10
10326 ... 1.500,00
10469 ... 1.500,00
10496 ... 1.500,00
10649 ... 1.700,00
10694 ... 1.700,00
10904 ... 2.100,00
10946 ... 1.500,00
10964 ... 1.700,00

11
11904 ... 2.100,00

12
12904 ... 2.100,00

13
13460 ... 2.000,00
13904 ... 2.100,00

14
14069 ... 1.500,00
14096 ... 1.500,00
14609 ... 1.500,00
14690 ... 1.500,00
14749 ... 1.500,00
14904 ... 2.100,00
14906 ... 1.700,00
14960 ... 1.500,00
14970 ... 1.500,00

15
15904 ... 2.100,00
15958 ... 2.000,00

16
16049 ... 2.300,00
16094 ... 2.300,00
16409 ... 2.100,00
16490 ... 2.100,00
16904 ... 8.100,00
16940 ... 2.100,00

17
17904 ... 2.100,00

18
18712 ... 600,00
18713 ... 600,00
18714 ... 800,00
18715 ... 600,00
18716 ... 600,00
18717 ... 600,00
18718 ... 600,00
18719 ... 600,00
18720 ... 600,00
18721 ... 2.º Prêmio
18722 ... 600,00
18723 ... 600,00
18724 ... 800,00
18725 ... 500,00
18726 ... 800,00
18727 ... 600,00
18728 ... 600,00
18729 ... 600,00
18730 ... 600,00
18904 ... 2.100,00

19
19046 ... 1.500,00
19064 ... 1.700,00
19406 ... 1.700,00
19460 ... 1.500,00
19604 ... 1.700,00
19640 ... 1.500,00
19904 ... 2.100,00

20
20326 ... 1.500,00
20469 ... 1.500,00
20496 ... 1.500,00
20649 ... 1.700,00
20694 ... 1.700,00
20904 ... 2.100,00
20946 ... 1.500,00
20964 ... 1.700,00

21
21904 ... 2.100,00

22
22904 ... 2.100,00

23
23904 ... 2.100,00

24
24069 ... 1.500,00
24096 ... 1.500,00
24609 ... 1.500,00
24690 ... 1.500,00
24700 ... 2.000,00
24749 ... 1.500,00
24904 ... 2.100,00
24906 ... 1.700,00
24960 ... 1.500,00
24970 ... 1.500,00

25
25875 ... 13.300,00
25904 ... 2.100,00

26
26049 ... 2.300,00
26094 ... 2.300,00
26409 ... 2.100,00
26490 ... 2.100,00
26904 ... 8.100,00
26940 ... 2.100,00

27
27904 ... 2.200,00
27904 ... 2.100,00

28
28721 ... 1.500,00
28904 ... 2.100,00

29
29046 ... 1.500,00
29064 ... 1.700,00
29406 ... 1.700,00
29460 ... 1.500,00
29604 ... 1.700,00
29640 ... 1.500,00
29904 ... 2.100,00

30
30326 ... 1.500,00
30469 ... 1.500,00
30496 ... 1.500,00
30649 ... 1.700,00
30694 ... 1.700,00
30904 ... 2.100,00
30946 ... 1.500,00
30964 ... 1.700,00

31
31904 ... 2.100,00

32
32904 ... 2.100,00

33
33904 ... 2.100,00

34
34069 ... 1.500,00
34096 ... 1.500,00
34609 ... 1.500,00
34690 ... 1.500,00
34749 ... 1.500,00
34904 ... 2.100,00
34906 ... 1.700,00
34960 ... 1.500,00
34970 ... 1.500,00

35
35904 ... 2.100,00

36
36049 ... 2.300,00
36094 ... 2.300,00
36409 ... 2.100,00
36490 ... 2.100,00
36904 ... 8.100,00
36940 ... 2.100,00

37
37904 ... 2.100,00

38
38721 ... 1.500,00
38904 ... 2.100,00

39
39046 ... 1.500,00
39064 ... 1.700,00
39406 ... 1.700,00
39460 ... 1.500,00
39604 ... 1.700,00
39640 ... 1.500,00
39773 ... 2.000,00
39904 ... 2.100,00

40
40326 ... 1.500,00
40469 ... 1.500,00
40496 ... 1.500,00
40559 ... 2.000,00
40649 ... 1.700,00
40694 ... 1.700,00
40904 ... 2.100,00
40946 ... 1.500,00
40964 ... 1.700,00

41
41904 ... 2.100,00

42
42904 ... 2.100,00

43
43877 ... 2.000,00
43904 ... 2.100,00

44
44069 ... 1.500,00
44096 ... 1.500,00
44609 ... 1.500,00
44690 ... 1.500,00
44749 ... 1.500,00
44904 ... 2.100,00
44906 ... 1.700,00
44960 ... 1.500,00
44970 ... 1.500,00

45
45904 ... 2.100,00

46
46049 ... 2.300,00
46094 ... 2.300,00
46409 ... 2.100,00
46490 ... 2.100,00
46904 ... 8.100,00
46940 ... 2.100,00

47
47904 ... 2.100,00

48
48721 ... 1.500,00
48904 ... 2.100,00

49
49046 ... 1.500,00
49064 ... 1.700,00
49179 ... 2.000,00
49315 ... 2.000,00
49406 ... 1.700,00
49460 ... 1.500,00
49604 ... 1.700,00
49640 ... 1.500,00
49904 ... 2.100,00

50
50326 ... 1.500,00
50469 ... 1.500,00
50496 ... 1.500,00
50649 ... 1.700,00
50694 ... 1.700,00
50904 ... 2.100,00
50946 ... 1.500,00
50964 ... 1.700,00

51
51904 ... 2.100,00

52
52904 ... 2.100,00

53
53904 ... 2.100,00

54
54069 ... 1.500,00
54096 ... 1.500,00
54609 ... 1.500,00
54690 ... 1.500,00
54749 ... 1.500,00
54904 ... 2.100,00
54906 ... 1.700,00
54960 ... 1.500,00
54961 ... 600,00
54962 ... 600,00
54963 ... 600,00
54964 ... 800,00
54965 ... 600,00
54966 ... 600,00
54967 ... 600,00
54968 ... 600,00
54969 ... 600,00
54970 ... 4.º Prêmio
54971 ... 600,00
54972 ... 600,00
54973 ... 600,00
54974 ... 800,00
54975 ... 600,00
54976 ... 600,00
54977 ... 600,00
54978 ... 600,00
54979 ... 600,00

55
55904 ... 2.100,00

56
56049 ... 2.300,00
56094 ... 2.300,00
56409 ... 2.100,00
56490 ... 2.100,00
56895 ... 1.500,00
56896 ... 1.500,00
56897 ... 1.500,00
56898 ... 1.500,00
56899 ... 1.500,00
56900 ... 1.500,00
56901 ... 1.500,00
56902 ... 1.500,00
56903 ... 1.500,00
56904 ... 1.º Prêmio
56905 ... 1.500,00
56906 ... 1.500,00
56907 ... 1.500,00
56908 ... 1.500,00
56909 ... 1.500,00
56910 ... 1.500,00
56911 ... 1.500,00
56912 ... 1.500,00
56913 ... 1.500,00
56940 ... 2.100,00

57
57904 ... 2.100,00

58
58721 ... 1.500,00
58803 ... 2.200,00
58904 ... 2.100,00

59
59046 ... 1.500,00
59064 ... 1.700,00
59406 ... 1.700,00
59460 ... 1.500,00
59604 ... 1.700,00
59640 ... 1.500,00
59904 ... 2.100,00

60
60317 ... 600,00
60318 ... 600,00
60319 ... 600,00
60320 ... 600,00
60321 ... 800,00
60322 ... 600,00
60323 ... 600,00
60324 ... 800,00
60325 ... 600,00
60326 ... 3.º Prêmio
60327 ... 600,00
60328 ... 600,00
60329 ... 600,00
60330 ... 600,00
60331 ... 600,00
60332 ... 600,00
60333 ... 600,00
60334 ... 800,00
60335 ... 600,00
60469 ... 1.500,00
60496 ... 1.500,00
60649 ... 1.700,00
60694 ... 1.700,00
60904 ... 2.100,00
60946 ... 1.500,00
60964 ... 1.700,00

61
61435 ... 2.000,00
61904 ... 2.100,00

62
62904 ... 2.100,00

63
63904 ... 2.100,00

64
64069 ... 1.500,00
64096 ... 1.500,00
64146 ... 2.000,00
64520 ... 2.000,00
64609 ... 1.500,00
64690 ... 1.500,00
64749 ... 1.500,00
64904 ... 2.100,00
64906 ... 1.700,00
64960 ... 1.500,00
64970 ... 1.500,00

65
65904 ... 2.100,00

66
66049 ... 2.300,00
66094 ... 2.300,00
66409 ... 2.100,00
66446 ... 2.000,00
66490 ... 2.100,00
66904 ... 8.100,00
66940 ... 2.100,00

67
67904 ... 2.100,00

68
68576 ... 2.000,00
68721 ... 1.500,00
68904 ... 2.100,00

69
69046 ... 1.500,00
69064 ... 1.700,00
69406 ... 1.700,00
69460 ... 1.500,00
69604 ... 1.700,00
69640 ... 1.500,00
69904 ... 2.100,00

Os demais bilhetes terminados com

as centenas	049 - 094	têm	Cr$ 800,00
as centenas	326 - 409 - 490 - 721 - 749 - 940 - 970	têm	Cr$ 600,00
as dezenas	01 - 02 - 03 - 05 - 06 - 07 - 21 - 26 - 49 - 70	têm	Cr$ 200,00
a unidade	4	têm	Cr$ 200,00

GEISEL INAUGURA AMANHÃ RODOVIA DOS IMIGRANTES

Acompanhado de três ministros, estará amanhã em Santos o presidente Ernesto Geisel, o qual vai inaugurar a pista ascendente da Rodovia dos Imigrantes e participar de outros atos na Baixada Santista.

A chegada da comitiva presidencial está prevista para as 9,30 horas, na base aérea de Santos — Vicente de Carvalho, onde será recebida pelo governador Paulo Egydio Martins e pelo comandante do Primeiro Distrito Naval, vice-almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, e demais autoridades.

Logo após seu desembarque, o chefe da Nação assinará convênio entre o INPS e os portuários, que visa a um melhor atendimento para a classe e depois manterá contatos com a políticos locais, quando receberá em audiência o prefeito de Santos e de cinco municípios da região. Desde 1942 esta é a primeira vez que um presidente da República visita a cidade de Braz Cubas.

Por volta das 11 horas e 30 minutos, a comitiva presidencial de que fazem parte os ministros Arnaldo Prieto, do Trabalho; Dirceu Nogueira, dos Transportes, e Nascimento e Silva, da Previdência Social, seguirá para o entrocamento da Rodovia Manoel da Nóbrega com Imigrantes, onde o secretário paulista dos Transportes, Thomaz Magalhães, a estará esperando. A seguir,dar-se-á a solenidade de abertura do tráfego da pista Santos-São Paulo da mais moderna rodovia do País, devendo na ocasião falar o governador Paulo Egydio e o secretário Thomaz Magalhães.

Durante a solenidade, a Orquestra Sinfônica de Santos executará um programa musical, incluindo o Hino da Imigrantes. Apresentará, também, trechos de Fausto, a sinfonia Alvorada Amazônica, Batuque, Alvorada (da ópera Lo Schiavo) e Jesus, Alegria dos Homens, sob a regência do maestro Bruno Roccella.

ESTABILIDADE PELO FGTS: FIESP CONTRA O PROJETO

A FIESP — Federação das Indústrias do Estado de São Paulo manifestou-se pela rejeição no Congresso Nacional, do projeto de lei n.o 538, de 1975 — de autoria do deputado Odacir Klein que "assegura ao empregado estabilidade com mais de 10 anos de serviço, mesmo que este seja optante do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço", com a alteração dos artigos 492 e 497 da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

A posição da FIESP está fundamentada em estudo elaborado pelo seu departamento jurídico: na última reunião plenária da entidade, o diretor daquele departamento, sr. Wilson de Souza Batalha, apresentou as conclusões: "O projeto, sem embargo dos melhores propósitos que teriam conduzido sua apresentação, viria se convertido em lei, a constituir mais uma fonte de desemprego". E acentua: "Poderia criar os mais complexos e intrincados problemas aos meios laboriais".

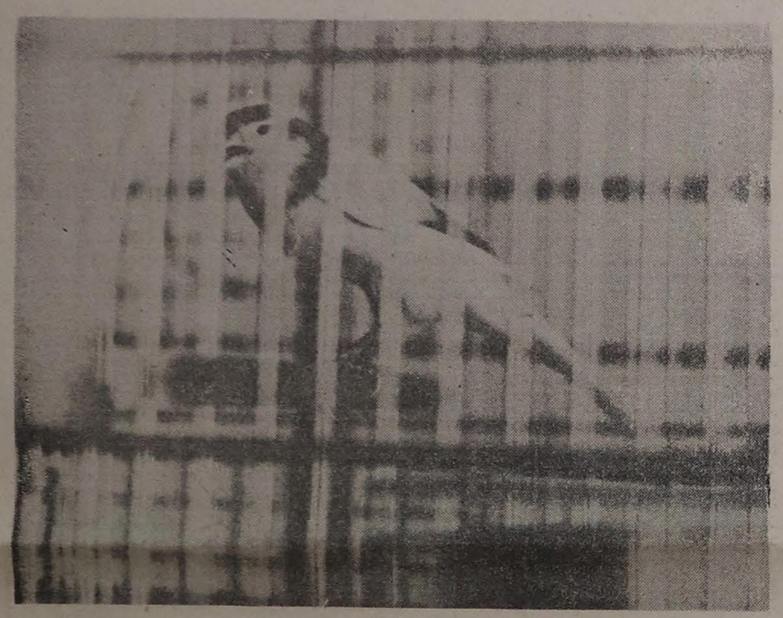
— Os dois institutos indenizatórios (Estabilidade e FGTS), se diferenciam tanto sob o aspecto formal quanto sob o ontológico. Embora ambos coexistam em nossa legislação social, não se confundem e não podem ser aplicados simultâneamente — diz o estudo da FIESP.

O projeto já foi aprovado pela Comissão de Trabalho e Legislação Social da Câmara dos Deputados (por nove votos a quatro) o que motivou o análise por parte da entidade empresarial.

O estudo do Departamento Jurídico que detalha todos os itens da proposição, sublinha o voto do próprio relator, deputado Raimundo Parente, que se opôs à aprovação:

— O parecer do sr. Raimundo Parente — diz a FIESP — está com a razão na sua parte conclusiva quando assinala "os institutos da Estabilidade e do FGTS não podem ter aplicação simultânea".

O Departamento Jurídico da entidade concluiu também que "é palpável o entrechoque e incongruência da fusão dos dois institutos — estabilitário e indenizatório —. O projeto, seja sob o aspecto jurídico ou sob o aspecto econômico e social, não se recomenda à aprovação esperando-se que venha a ser rejeitado".



Desta exposição de canários Roller sairão os melhores espécimes para concorrer ao Campeonato Bandeirante

EXPOSIÇÃO DE CANÁRIOS DE COR NA PRAÇA FRANKLIN ROOSEVELT

O Clube dos Criadores de Canários de Cor, em colaboração com a Secretaria do Turismo e Fomento da Prefeitura de São Paulo, está promovendo na sala Portinari, na praça Franklin Roosevelt, uma exposição e campeonato regional de canários "Roller". Desta competição serão escolhidos os melhores espécimes que irão concorrer no Campeonato Bandeirantes.

Os canários são originários das Ilhas Canárias; o primitivo era de cor verde, e atualmente somam aproximadamente 315 cores, através de mutações e cruzamentos, efetuados pelos próprios criadores. A vida útil de um canário é de aproximadamente 15 anos e somente no primeiro ano de vida pode participar de campeonatos e se tornar campeão mundial.

A EXPOSIÇAO

Uma mostra ao público, com entrada franca, é realizada todos os anos pelo Clube dos Criadores de Canários de Cor (CCCC), objetivando a difusão dessa raça que para o visitante, além de mostrar as belezas de harmonia oferecidas pelos canários de cor, mostram também os trabalhos efetuados pelos criadores no aperfeiçoamento da espécie.

Esta exposição estará aberta ao público até o próximo dia 4, durante a qual os visitantes interessados, poderão adquirir algumas espécies com o preço a partir de 150 cruzeiros; a exposição só é feita quando os canários atingem o auge de sua forma, o que se dá com aproximadamente um ano de vida.

O CAMPEONATO

Para um canário brasileiro se tornar campeão mundial, deverá passar por vários outros campeonatos. Além do campeonato regional que está se realizando, existe o Campeonato Bandeirante que se realizará no Parque da Água Branca, de 5 a 8 de julho. Após este torneio os melhores classificados, participarão da última fase que será o campeonato brasileiro em Curitiba, de 9 a 19 de julho, para daí então seguirem para o Uruguai, atual sede do Campeonato Mundial de Canários de Cor.

No último Campeonato Mundial, realizado no Chile, uma nomenclatura oficial, com 318 nomes específicos para as cores, foi instituída, sendo a cada ano acrescidas novas espécies, resultado dos constantes cruzamentos realizados pelo criadores.

O critério de avaliação usado pelos juízes nos campeonados, consiste em apuração da pigmentação, plumagem, tamanho, forma, elegância e apresentação. Para o juiz Luís Cláudio da Gama e Silva, também criador do Rio de Janeiro, não se pode saber a quem pertence o pássaro, pois isso poderia influenciar na análise.

O Brasil é campeão mundial de canários de cor por 15 anos consecutivos, existindo dois torneios mundiais, devido ao ciclo de criação de um hemisfério para outro serem diferentes. No caso do hemisfério Sul, este ciclo vai de julho a dezembro e para o hemisfério norte de janeiro a julho. Este é o principal motivo pelo qual todos os campeonatos se realizam durante o mês de julho, época em que os pássaros estão na plenitude de suas formas.

CRIAÇAO

Segundo Henrique Raphael Tafner, presidente do CCCC, a criação de canários é fácil, principalmente com a existência de clube especializado, onde todos os associados podem concorrer aos campeonatos e talvez tornarem-se campeões mundiais de ornitologia. A alimentação de um canário Roller, consiste em alpiste, aveia, nigia e contachantina, sendo este último, um preparado vitamínico, fazendo com que o canário mude de cor, passando do amarelo para o vermelho na época da troca das penas.

Alguns canários são realmente caros devido à sua raridade, como o "Yorkshire" inglês, que pode custar mais um mil cruzeiros. Estes são canários grandes atingindo até o comprimento de 23 centímetros, quando os comuns não passam de 15 centímetros.

BOLSA DE ESTUDO PARA TRABALHADOR

Estão abertas na SECRETARIA DE RELAÇÕES DO TRABALHO, e nos Sindicatos Profissionais do Estado, inscrições para concessão de bolsas de estudo reembolsáveis, destinadas a estudantes de curso superior, sindicalizados, ou seus dependentes. As bolsas serão concedidas nos termos do Programa de Bolsas de Estudos Reembolsáveis do Governo do Estado, através da SECRETARIA DE RELAÇÕES DO TRABALHO e com recursos da CAIXA ECONÔMICA DO ESTADO. Os interessados deverão procurar o seu sindicato ou à SECRETARIA DE ESTADO DE RELAÇÕES DO TRABALHO, à Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 319, térreo. No Interior, além do Sindicato, os interessados poderão procurar os serviços Regionais da SRT, sediadas nas sedes Regionais Administrativas do Estado — Prazo para as inscrições: 30 de junho.

Caderneta de Poupança DELFIN

INFORMA

DEVOLUÇÃO DE BENEFÍCIO FISCAL AOS MUTUÁRIOS DA DELFIN S.A. CRÉDITO IMOBILIÁRIO, ADQUIRENTES DE IMÓVEIS PELO S.F.H

No período de 01-07-76 a 20-07-76, no horário das 9:00 às 18:00 horas, estaremos à disposição dos senhores mutuários da Delfin S. A. Crédito Imobiliário, para a entrega do Certificado de Crédito relativo ao Benefício Fiscal concedido aos adquirentes de imóveis pelo Sistema Financeiro da Habitação, correspondente a 12% do valor das prestações pagas no ano de 1975

O Certificado de Crédito deverá ser endossado pelo próprio mutuário

Os que não efetuarem o endosso, perderão o direito ao benefício concedido pelo Decreto Lei n.º 1358 / 74, alterado pelo Decreto Lei n.º 1431/75, restituindo-se o Certificado de Crédito à Secretaria da Receita Federal

Os mutuários deverão procurar seus Certificados e carnês na Agência de sua escolha, conforme assinalaram no formulário de "Atualização de Endereço"

Para qualquer esclarecimento adicional, favor telefonar para 287-3270 ou 289-1136 Setor de Cobrança.

Divisão de Benefícios Fiscais

DELFIN S.A. Crédito Imobiliário

ATENÇAO

TELESP COMUNICA:

ALERTA A TODOS OS ASSINANTES: PAGUE TODO E QUALQUER SERVIÇO PRESTADO PELA TELESP SOMENTE NA REDE BANCÁRIA

A Telecomunicações de São Paulo S. A. — TELESP, comunica a todos os assinantes que não mantém cobradores, nem cobra nada diretamente. Todo e qualquer serviço prestado por esta empresa é cobrado através da conta telefônica e deve ser pago na rede bancária.

Atenção: se você receber a visita de elementos que dizem pertencer à TELESP, tentando extorquir-lhe dinheiro para a instalação de telefones, extensões, fiscalização ou qualquer outro motivo, embora apresentem identidade e recibos desta empresa, por favor, anote o nome, o número da identidade, a chapa do carro em que viajam e ligue imediatamente para o nosso Departamento de Segurança, telefone 577-0777.

E não pague nada a ninguém.

NOTÍCIAS EM DESTAQUE

VICTOR PALADINO

O sociólogo Gilberto Freire lamentou ontem a decadência das casas de café no Brasil, ao observar o fechamento de muitas dessas lojas em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. O sociólogo pernambucano disse ainda que ninguém deve deixar essas casas morrer no Brasil, observando que não há convivência melhor do que num café: "Ela é fecunda, excitante, estimulante, no plano cultural, intelectual e político". Realmente é uma pena, eu acho que o sociólogo está certo. **Na falta destas casas o melhor é ficar com as pastelarias e caldos de cana.**

— o O o —

Agora a SABESP cobrará mais caro o preço da água. Vai subir 20 por cento. Ainda bem que o produto não chega nas casas através da energia do combustível, ou melhor dizendo, da gasolina.

— o O o —

"O que é política? Política é o que o senador Teotônio Vilela faz como ninguém". Declaração feita pelo ministro da Previdência Social, Nascimento e Silva, durante a reunião do simpósio **O Homem e o Campo**, promovido pela Fundação Milton Campos.

— o O o —

Comenta-se que estão sendo estudadas na Embratur novas modalidades de restrição ao turismo externo, para substituir o decreto dos 12 mil cruzeiros. **Uma delas seria limitar, com extremo rigor, o que o comprista pode trazer de fora.**

— o O o —

Noticiou-se que o MDB solicitou ao ministro Ney Braga que providencie a liberação, ao menos, das peças teatrais que o Governo, com a mão da censura, proibiu.

— o O o —

O expediente do recesso branco será novamente posto em prática na Câmara, desta vez no segundo semestre, quando os deputados dos dois partidos estarão empenhados na campanha eleitoral para as eleições de novembro. Em agosto, as lideranças da ARENA e do MDB vão reunir-se com o presidente da Câmara, deputado Célio Borja, para preparar o calendário de funcionamento do plenário.

— o O o —

Ao que se comenta, até o momento dois temas prometem motivar debates e movimentar as sessões da Câmara no segundo semestre: ***a Reforma do Judiciário e a Lei das Sociedades Anônimas.***

— o O o —

"O Brasil perdeu um valoroso cidadão que dedicou sua vida à profissão de militar, com honra e patriotismo". Foi o comentário feito pelo presidente do Senado, Magalhães Pinto, lamentando a morte do general Carlos Luiz Guedes. Disse ainda que o general, por ter sabido compreender as responsabilidades de seu Estado, Minas Gerais, para com o Brasil, incorporou-se nos idos de 1963 e 1964 àqueles que desejavam modificar a situação brasileira, mesmo que para isso fosse necessário fazer eclodir um movimento armado.

— o O o —

O deputado Salin Curiati, da ARENA, disse à coluna que esta semana voltará a se movimentar no sentido de que os laboratórios reduzam os custos das embalagens de medicamentos, tornando-as menos luxuosas a fim de que possam vender mais barato os remédios. Disse ainda que tem em sua poder estudos que poderão servir de subsídio para as autoridades examinarem melhor o assunto — acentuou.

— o O o —

Alguns políticos comentavam ontem num restaurante da capital que o consumo per capita de vinho no Brasil mal chega aos dois litros por ano, quando os argentinos, por exemplo, bebem 90 litros. Os produtores gaúchos prepararam uma campanha nacional para diminuir a diferença.

— o O o —

Muito concorrida a solenidade de ontem à noite, na Câmara Municipal de Atibaia, quando o presidente do BANESPA, Murilo Macedo, recebeu daquela edilidade o título de **Cidadão Atibaiano.**

— o O o —

"Serei mantido no meu cargo, pois meu mandato vai ser prorrogado pelo honrado presidente Ernesto Geisel". Foi o que disse o prefeito de Volta Redonda, Nélson Gonçalves, ao afirmar que seu secretariado já está fazendo projetos para dois anos depois de sua gestão. Políticos locais não sabem se o prefeito está informado de mais ou de menos.

JUSTIFICADAS ESPERANÇAS

Temos redobrados motivos para acreditar que a auto-suficiência em petróleo passou a ser um objetivo cuja consecução se tornou próxima, devendo registrar-se "no máximo até 1985". O espaço de tempo a ser coberto naturalmente parece muito longo para quem, como nós brasileiros, vive a angustiante crise resultante do dispêndio de divisas com a importação desse produto essencial, mas é preciso colocar, no outro prato da balança, as previsões derrotistas de quantos desacreditavam da possibilidade de sua existência, em termos práticos, no território nacional.

Para tornar ainda mais claras e atraentes as cores do quadro que ora se delineia em futuro próximo, é preciso acentuar que essa auto-suficiência deverá ser conseguida através dos trabalhos da PETROBRÁS e não das empresas que se propõem a operar aqui, sob contrato de risco. Isso virá fortalecer os argumentos dos que defendiam e continuam defendendo a tese da desnecessidade daqueles contratos, até hoje não firmados.

Os dados obtidos recentemente através de pessoa realmente credenciada do Ministério das Minas e Energia referem-se particularmente ao campo de Namorado, na bacia de Campos, mas sabe-se também que o campo de Garoupa, cujo poço pioneiro tem a produção média de 4.400 barris/dia possui área máxima de 20 quilômetros quadrados, o que amplia de muito suas possibilidades. São índices dos mais animadores e só se pode esperar que, com base neles, a grande companhia brasileira intensifique, cada vez mais, seus trabalhos, procurando tornar mais próxima a data de nossa emancipação nesse setor.

Acreditamos que o conhecimento de informações como essas, obtidas das mais diversas fontes, levaram as grandes empresas multinacionais que operam no ramo da exploração e comercialização do petróleo a tomar súbito e cada vez mais intenso interesse em vir trabalhar no Brasil, mas não devemos esquecer de que todo o esforço pioneiro foi levado a cabo pela PETROBRÁS, a cuja existência devemos, sem sombra de dúvida, as justificadas esperanças de agora.

Tempo houve em que essas esperanças eram consideradas elocubrações de visionários e não faltavam Mr. Links para fornecer opiniões em sentido contrário, procurando nos desencorajar. A luta em favor da continuação do esforço visando encontrar o "ouro negro" no Brasil e conservá-lo sob o controle do nosso governo e não de empresas estrangeiras foi longa e dura, não estando ainda terminada. A experiência mundial não nos permite alimentar ilusões a respeito nem iludir-nos com aparências e manobras hábeis de especialistas internacionais do mais alto nível.

De agora em diante, ela se tornará ainda mais intensa e ardilosa, pois o petróleo irá jorrar em maior quantidade aguçando as ambições dos que mantêm nas mãos o controle mundial desse produto cuja importância econômica e militar ninguém mais, de boa fé, tem o direito de ignorar.

CORRESPONDENTES

ARENA E MDB MEDEM AS SUAS POSSIBILIDADES PARA O PLEITO

BRASÍLIA — Para os dirigentes da Arena o general Geisel resolveu participar da campanha eleitoral do partido nos primeiros dias de fevereiro deste ano, no lançamento do Programa Nacional de Alimentação e Nutrição, quando se sabe que o ato era do Governo e também da Arena. "Nós caminhamos juntos" — disse o presidente.

Desde então o chefe do Governo, em seus contatos no Palácio do Planalto e nos seus pronunciamentos pelas várias regiões do País não tem deixado de falar na Arena, nas eleições municipais e na sua expectativa — ou reivindicação — de vitória maciça, no número de votos e no número de prefeitos e vereadores eleitos.

Mais incisivo que no lançamento do PRONAM, o presidente da República, ao entregar milhares de títulos definitivos de propriedades de terras em Marechal Rondon, no Paraná, deixou claro que a vitória da Arena a 15 de novembro será meta fundamental para o futuro político do País.

Em São Paulo, na Bahia, no Rio Grande do Sul, no Espírito Santo, em Minas, o presidente tem reiterado seu apoio ao partido e sua recomendação para que a vitória seja alcançada. E continuará assim até o dia do pleito.

Na Arena e entre alguns governadores, nota-se, claramente, que há preocupação diante da posição assumida pelo general Geisel, que já deu dimensão maior a que o pleito municipal deve ter.

Para o governador mineiro Aureliano Chaves, por exemplo, o pleito municipal não define com tanta clareza a situação nacional, como ocorreria numa eleição para governador, senador e deputado federal. Mas admite que o chefe do Governo possui maior horizonte visual, acima do seu, o que justificaria a colocação do problema em nível de interesse político nacional.

Entre os líderes do MDB a colocação não é muito diferente da externada pelo governador de Minas. Entende a oposição que a 15 de novembro estará em jogo apenas uma pequena parcela de poder e, portanto, não há razão para tanto pânico de um lado e de outro.

Alguns emedebistas acham, inclusive, que a aflição com que a Arena e o Governo se lançam nesta campanha não pode ser sincera. Se vitória oposicionista acontecer, só ocorrerá nos municípios não-cativos. A Arena (e o Governo) — ou vice versa — retém os municípios de maior peso político-eleitoral, as capitais, sem contar os incluídos na área de segurança e os considerados estâncias hidrominerais.

Apesar disso, o governo continua firme na campanha.

O general Geisel, a cada visita, torna-se mais popular, mais prestigiado, o que pode ajudar eleitoralmente o partido. A tal ponto que o deputado Herbert Levy chegou a afirmar que a situação do presidente da República é muito melhor que a da Arena.

"Se conseguirmos transferir para a Arena este prestígio, tudo vai ficar mais fácil — disse o deputado paulista.

Para alcançar tal prestígio a Arena espera contar não só com a ação político-eleitoral do chefe da Nação (e seu presidente de fato), mas dos ministros, dos governadores e de seus próprios líderes e dirigentes de todos os níveis. Será preciso transformar em atos efetivos o "slogan" de que o Governo é Arena e a Arena é Governo.

O MDB coloca mais um dado contra sua campanha: a ARP — Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República. Os diretores do órgão negam caráter político-eleitoral às suas atividades, mas não deixam de admitir que a ARP poderá orientar a campanha arenista quando das viagens do general Geisel nos Estados, possivelmente a partir de julho.

Sem condições de agir como nos pleitos anteriores, nos quais a principal bandeira era a de divulgar as obras governamentais, a Arena será substituída, nesta tarefa, pela ARP. A assessoria está divulgando o que a administração já fez, está fazendo e pretende fazer, para concluir que "este é um País que vai para a frente". Se o objetivo da ARP é mostrar à opinião pública o desenvolvimento integrado do País, o da Arena é o de utilizar os mesmos dados para ganhar as eleições.

Os ministros de Estado também estão sendo mobilizados. Nei Braga esteve presente à convenção arenista de Curitiba e neste fim de semana está na cidade paranaense de Cascavel, local que lhe traz velhas recordações, da sua campanha para o Governo do Estado. Lutando contra os gigantes da época, lutou e ganhou e agora está lutando pela Arena.

O ministro Alisson Paulinelli, da Agricultura, acha que ao cumprir o programa do Governo para o setor primário está ajudando a Arena. Ao contrário do ano passado, o ministro Paulinelli já passou a pedir votos para a Arena, e sempre que pode viaja em companhia de políticos arenistas, aliando problemas agrícolas à questão política. Na bancada mineira seu nome tem sido comentado como um possível aspirante à sucessão de Aureliano Chaves.

"O BNH não vai ser mais cabo eleitoral do MDB — disse recentemente o ministro do Interior, Rangel Reis, que não esconde seu empenho na campanha arenista. Nas suas viagens, o ministro tem procurado conjugar os esforços oficiais com os dos parlamentares arenistas na solução dos problemas específicos de cada área. Rangel Reis acha que não existe resvalo de ética na sua atuação política.

FLASHES

Em ofício enviado ao presidente da República, o sr. Pinheiro Júnior, primeiro suplente da bancada estadual da ARENA e presidente da União dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo, fez apelo no sentido de que seja eliminada a desigualdade observada no aumento concedido aos servidores públicos federais, estaduais e municipais em relação aos assalariados em geral, regidos pela CLT. Lembra o antigo parlamentar situacionista, no memorial da USPESP ao chefe da Nação, que a 1.o de maio foi concedido aumento geral de salário à base de 44%, que corresponde ao aumento do custo-de-vida no último ano, quando os servidores públicos receberam aumento de apenas 30%, ficando com um salário que constitui um desestímulo, o que leva muitos antigos funcionários a desistirem dos cargos passando para a empresa privada.

✦

O senador Franco Montoro participou ontem de uma concentração regional emedebista em Ribeirão Preto, e hoje, juntamente com o senador Orestes Quércia, parlamentares e outros líderes oposicionistas, participará de outra concentração do partido em Orlândia.

✦

O XI curso de informação política da ARENA paulista terá prosseguimento amanhã, no plenário do Tribunal de Contas do Município, com uma conferência do deputado federal Murilo Badaró, sobre o tema "Partidos Políticos". Deverão ainda participar do curso o senador Jarbas Passarinho e os deputados Nélson Marchezan, Marco Antônio Maciel e Célio Borja, presidente da Câmara Federal.

✦

Para o deputado Salvador Julianelli, da bancada federal da ARENA, e ex-presidente do partido em São Paulo, "a aprovação da Lei Falcão, com um maciço comparecimento dos senadores e deputados arenistas, provou que a agremiação situacionista está coesa, forte e atuante". Lembrou que, no caso, não se chegou a utilizar do dispositivo da fidelidade partidária, uma vez que os parlamentares situacionistas obedeceram plenamente ao comando partidário.

Sobre as perspectivas eleitorais em São Paulo, afirmou o deputado Julianelli: "A época é dos técnicos e não tecnocratas, e os técnicos em política são os políticos. Felizmente, os quadros da ARENA são ricos de homens capazes e atuantes. O que é necessário é que todas as áreas políticas entendam a convocação do presidente Geisel, que evidentemente não se dirige apenas ao seu partido, mas a todos aqueles que exerciam a vida pública. Assim, os que entendem a política como ação, luta e dinamismo, não devem e não podem ter qualquer pessimismo".

PREFEITOS ADEREM À ARENA NO MARANHÃO

MACEIÓ — Mesmo desmentindo que "não quer esmagar o MDB, em Alagoas", o governador Divaldo Suruagy conseguiu que o terceiro prefeito da oposição no interior do Estado renunciasse ao seu partido e se filiasse à Arena. Antes, já tinha conseguido os prefeitos de Joaquim Gomes e Tanque D'Arca, enquanto que o de Novo Lino, Cícero Batista, não veio para o partido do governador porque a Arena do Município não o aceitou.

Fontes do palácio informam, que no início do mês de julho outro prefeito do MBD passará para a Arena, que é o do município de Porto Calvo — a 108 km de Maceió, o sr. Pedro Alves de Oliveira (a maior expressão eleitoral da cidade). Pode também ocorrer o mesmo com o prefeito de Coqueiro Seco. Se confirmar a saída dos cinco prefeitos emedebistas, o partido ficará restrito a 11 prefeitos dos 94 municípios de Alagoas.

Para os correligionários de Suruagy, a vinda do prefeito de São Luiz do Quitunde para a Arena pode levar o governador de Alagoas a quebrar um "velho tabu" na política alagoana de que governador não faz prefeito em sua terra natal. E recentemente, Suruagy chegou a confidenciar que se tivesse mais três prefeitos do MDB das cidades de União dos Palmares, Afrânio Vergetti e Arapiraca, a Arena elegeria quase todos os prefeitos.

Sabe-se que Divaldo Suruagy vai tentar quebrar o recorde do ex-governador Lamenha Filho (o primeiro chefe do Executivo estadual, indicado pela Revolução de 64) que na eleição para prefeito chegou a eleger 83 por cento dos chefes da municipalidade interiorana. Seu sucessor o ex-governador Afrânio Lages, terminou por ser um governo técnico perdendo para o MDB as principais cidades do interior de Alagoas, tais como: Arapiraca, União dos Palmares, Penedo, Rio Largo e Pilar (onde Afrânio Lages nasceu).

VALLE NEGA DEMISSÕES DE FUNCIONÁRIOS NO RJ

BRASÍLIA — O deputado Álvaro Valle (ARENA-RJ) contestou boatos segundo os quais o governo fluminense estaria promovendo demissões, consideradas necessárias a um revigoramento da ARENA, debilitada em consequência de uma administração claudicante. O Governo da fusão, segundo os boatos, estaria propiciando ao MDB um avanço eleitoral considerável em relação ao partido situacionista.

Segundo o sr. Álvaro Valle, o que ocorre no Rio de Janeiro é exatamente o contrário. O quadro político-eleitoral está mudando. Agora é a vez da ARENA, cuja vitória nas próximas eleições será vigorosa, salientou.

O sr. Álvaro Valle concluiu dizendo que "segundo pesquisas disponíveis, o MDB do Rio vem descendo a plano inclinado e sem freios. Caiu de 53 por cento para 36 por cento, enquanto a ARENA subiu de 10 para 25 por cento. Se forem válidas as pesquisas, a eleições para a Câmara de Vereadores pode apresentar resultados surpreendentes favoráveis à ARENA".

CAMPANHA ARENISTA NO ESTADO DE GOIÁS

GOIÂNIA — Dando a entender que receberá nesse sentido orientação do presidente Geisel, com quem esteve no começo da semana, o governador de Goiás, Irapuan Costa Júnior, anunciou que a próxima campanha eleitoral da Arena deverá contar com a participação de todas as principais lideranças do partido. E fez uma menção especial aos ex-governadores Otávio Lage e Leonino Caiado, aquele já abordado pelo sr. Irapuan Costa Júnior sobre a necessidade de sua participação.

Por seu turno, o presidente do diretório regional da Arena, sr. Hélio de Brito, aproveitou sua viagem a Brasília, onde participa do simpósio promovido pela Fundação "Milton Campos", para contatos junto ao comando nacional do partido, principalmente sobre o apoio que o diretório vai necessitar para concretizar uma ampla mobilização durante a próxima campanha.

"Dessa todos deverão participar."

Com essa curta frase o governador Irapuan Costa Júnior explicou o sentido do seu encontro de anteontem com o ex-governador Otávio Lage. A reunião se realizou na fazenda do ex-governador, no município de Goianésia, dela participando ainda as principais lideranças arenistas que seguem a orientação do ex-governador, como o deputado federal Jarmund Nasser e os deputados estaduais Genésio de Barros e Tércio Caldas.

O sr. Irapuan Costa Júnior considerou proveitoso seu encontro com o sr. Otávio Lage e anunciou que outras reuniões serão realizadas entre ambos, visando a instrumentar a campanha eleitoral da Arena dos melhores apelos para a atração da simpatia do eleitorado. Também o ex-governador Leonino Caiado vai ser procurado pelo sr. Irapuan Costa Júnior nos próximos dias, pois, conforme a expressão do governador, "ninguém vai poder ficar de fora".

No seu encontro com o presidente da República, na última terça-feira, o governador de Goiás afirmou que a Arena poderá, neste Estado, conquistar o mínimo de 70 por cento das Prefeituras, sendo a situação, se não igual à de 1972, quando o partido elegeu 196 dos 216 prefeitos, pelo menos bem superior à de 1974, quando o MDB conseguiu a maioria absoluta dos votos no pleito majoritário para o Senado da República. O candidato emedebista, Lázaro Barboza, teve uma frente de 102 mil votos sobre o candidato arenista, Manoel dos Reis.

PARTIDOS

MDB SELECIONA CANDIDATOS À CÂMARA

Em sua reunião de amanhã, às 10 horas, a comissão executiva do MDB deverá concluir a análise dos nomes indicados pelos diretórios distritais, apreciando ainda outras indicações, em seu trabalho de elaboração da chapa com que o partido concorrerá às eleições para a Câmara Municipal de São Paulo.

Observa-se que o maior problema encontrado pela agremiação oposicionista é justamente a apreciação de nomes indicados pelos diretórios distritais, pois alguns desses órgãos praticamente não funcionam, existindo na verdade, apenas em função daqueles que o formam, exatamente para se indicarem candidatos, embora sem as mínimas condições eleitorais. Isso é o que já ficou provado em outros pleitos, levando agora a executiva emedebistas a fixar critérios que contornem esse problema, sem retirar o prestígio que procura dar às bases partidárias, de forma a que, nas futuras campanhas eleitorais os diretórios distritais e mesmo os municipais sejam estruturados de modo a representar legitimamente a oposição em suas respectivas regiões, indicando para candidatos, obrigatoriamente, nomes à altura da responsabilidade de um vereador paulistano.

As dificuldades observadas na análise de todos os nomes de pretendentes à inclusão na chapa levou o deputado Rui Codo, da bancada federal oposicionista, a sugerir que o partido constitua uma comissão permanente de escolha de candidatos. Entende o parlamentar emedebista que tal medida se torna indispensável, a fim de que a direção partidária, ao enfrentar o problema, como agora, já tenha em mãos amplos dados a respeito daqueles que pretendem concorrer a postos eletivos. "Seria — frisou o deputado Rui Codo — a única forma de garantir ao partido a escolha dos melhores candidatos, baseando-se em dados que seriam fornecidos por uma comissão isenta de interesses pessoais, à qual caberiam informações, inclusive, sobre a vida pregressa de cada um, suas qualidades intelectuais ou de trabalhos já prestados à coletividade. Como se trata de uma comissão permanente, seus membros poderiam, também, fazer convites a personalidades que se destacam em atividade de interesse coletivo, a fim que viessem a participar da atividade partidária e somar seus esforços ao trabalho que procurar realizar o MDB".

Lembrou o parlamentar oposicionista que, agora, com quase 200 pretendentes a apenas 63 vagas na chapa de candidatos nesta Capital, teria o MDB oportunidade de elaborar uma lista que refletisse, não só eleitoralmente, mas também em termos de capacidade para o bom exercício do mandato, uma chapa ideal. "Mesmo assim, estamos confiantes no árduo trabalho que terá a comissão executiva regional, no que conta com o apoio de todos os companheiros interessados em cooperar no êxito de sua missão" — concluiu.

Além da reunião de amanhã, a executiva emedebista voltará a reunir-se dia 5, quando deverá concluir a formação da chapa que submeterá à convenção partidária a ser realizada no dia 10.

LEMBO: ESTADO ATIVO MAS DENTRO DA LEI

O presidente da ARENA paulista, sr. Cláudio Lembo, diverge da posição adotada pelo governador Aureliano Chaves, de Minas e do senador Dinart Mariz, sobre a conveniência, se preciso, de um governo forte.

A propósito, assim se manifestou o dirigente do partido do Governo em São Paulo: "É preciso que se mantenha em pleno curso o proceso de desenvolvimento político instaurado pelo presidente Geisel. Ele nos levará, seguramente, ao retorno às nossas mais significativas tradições".

Prosseguindo, afirmou o sr. Cláudio Lembo: "Por outro lado, é indiscutível que hoje, para a manutenção da própria democracia, é necessário que a sociedade conte com um Estado ativo. Este, porém, deverá atuar dentro dos parâmetros fixados pela lei. Tudo mais são vozes de mau agouro, e eu não me considero cassandra".

PREVISÕES

Comentando o resultado de pesquisas de opinião pública, segundo as quais teria caído o prestígio do prefeito Olavo Setúbal, o sr. Cláudio Lembo explicou o fato, na presente circunstância, com a seguinte argumentação: "A eventual queda de prestígio dos ocupantes de cargos no Poder Executivo é fenômeno absolutamente normal, quando nós examinamos, em termos globais, o atual momento de transformação que vive o Brasil. Ontem éramos uma sociedade rural, hoje os núcleos urbanos concentram a mais ponderável parcela da população do País. Ora, a violenta migração interna, que conduz a ruptura de estruturas culturais e sociais, psicologicamente leva a população a um estado de tensão, que se reflete em todos os atos da vida urbana e, por via de consequência, na pessoa dos ocupantes de cargos do Executivo, nos três níveis, ou seja, federal, estadual e municipal. Por outro lado, a rápida industrialização do País, iniciada por volta de 1930, mas somente intensificada após 1964, permitiu-nos romper antigos preconceitos no campo econômico, ampliando nossos mercados, mas, concomitantemente, criou novos e árduos desafios para o Governo e seus integrantes. Este desafio — como o da superpopulação e do trânsito urbanos nos grandes centros, por exemplo —, são enfrentados, mas a solução dos problemas que existem em seu bojo exige atitudes e posicionamentos que, apesar de buscarem providências de interesse coletivo, não satisfazem imediatamente os interesses individuais. A par de todas estas questões, temos ainda pela frente uma máquina burocrática tradicional, montada para uma sociedade agrária que, em face à urbanização, perdeu muito de sua eficiência.

Tais fatos recaem, por sua vez, também sobre os figurados ocupantes do Executivo que, assim, passam, igualmente, a suportar a carga de uma deficência estrutural a que não deram causa. Tudo isto deve-se somar, ainda, a um fato comprovado pelos cientistas políticos, como Huntingyon, e sentido por nós brasileiros, ou seja, de que o desenvolvimento econômico aumenta as desigualdades e estas geram tensões, que vai recair, ainda uma vez, sobre as figuras dos responsáveis pelos executivos. Finalmente, alguns fatos episódicos, mas dramáticos, também originários de falhas do passado, como as últimas enchentes nas duas maiores cidades brasileiras, também recaem sobre a figura dos representantes do Executivo".

Concluindo, afirmou o dirigente da ARENA em São Paulo: "Ora, a partir desta análise superficial de alguns dados que informam a presente situação da sociedade brasileira, chegamos a uma única conclusão: os ocupantes de cargos do executivo estão suportando uma pesada carga, que atingiu as proporções atuais, sem que houvesse por parte deles nenhuma participação. Pode-se, assim, dizer que hoje, face a todos os problemas que enfrenta e procura solucionar, o Executivo transformou-se em um poder que exige de seus integrantes uma certa dose de heroismo. Fácil é contestar. Construir, em tempos de transformação, é tarefa que requer sólida têmpera. Assim, pois, os resultados de pesquisas não representarem nada de excepcional, indicando apenas os tempos de desafios que estamos vivendo e superando. Outros países, com estruturas sociais e econômicas mais antigas que as nossas, sucumbiram em situações idênticas. Nós, porém, graças aos executivos que aí temos, continuamos, sem crises profundas, nossa caminhada histórica, e vamos implantando o processo de desenvolvimento político do presidente Geisel".

CÂMARA MUNICIPAL

SUGESTÕES PARA ECONOMIA DE GASOLINA

Discorrendo sobre a necessidade de medidas destinadas à economia de gasolina, o vereador José Bustamante (MDB) lembrou a conveniência do estudo da proposta feita pela entidade representativa dos postos distribuidores no sentido de que estes deixassem de funcionar aos domingos. Lembrou também o edil emedebista que na Alemanha o problema foi contornado com o fechamento dos postos de gasolina às 19 horas, com o que concordariam também os proprietários de postos, onde à noite, se sucedem os assaltos.

FUNCIONALISMO

Em nome da ARENA, o vereador Naylor de Oliveira, líder da bancada situacionista, justificou moção, pela qual a Câmara Municipal manifesta seu integral apoio às telefonistas da Prefeitura, que pleiteiam o enquadramento na referência 12, uma vez que a classe foi omitida na promulgação das leis 8.183/74 e 8.184/74, que reclassificou o funcionalismo municipal.

Por seu turno, o vereador Brasil Vita, líder da bancada do prefeito, comunicou que já na semana entrante o DAMU deverá iniciar as primeiras publicações referentes a promoções por tempo de serviço para quase 2.000 servidores, já aprovadas pelo Executivo municipal, de acordo com projeto acolhido pela Câmara Municipal.

Ao tratar do assunto, o vereador Luiz Peixoto (ARENA) advertiu sobre a necessidade de uma rigorosa fiscalização sobre a contagem de tempo a ser procedida em relação a servidores, afim de evitar injustiças. Citou, como exemplo, denuncia chegada ao seu conhecimento, sobre promoção de motorista municipal com menos tempo que outro, que ainda não foi promovido.